



**RON RHODES**

**Por que Ruins  
Coisas ACONTECEM  
SE DEUS E BOM**

**Por que Coisas Ruins Acontecem se  
Deus é Bom**

*Ron Rhodes*

CPAD



<a href="#">Dedicatória</a> .....	4
<a href="#">Agradecimentos</a> .....	5
<a href="#">Um Exame Austero da Realidade</a> .....	6
<a href="#">1 O Mal Prova que Deus não Existe?</a> .....	21
<a href="#">2 O Mal Prova que Deus não É Bom?</a> .....	43
<a href="#">3 O Mal Prova que Deus É Finito?</a> .....	68
<a href="#">4 Por que Deus não Elimina o Mal imediatamente?</a> .....	94
<a href="#">5 O Problema do Livre-Arbítrio</a> .....	106
<a href="#">7 A Disciplina Divina e o Sofrimento</a> .....	145
<a href="#">8 Deus Pode Extrair o Bem do Mal?</a> .....	159
<a href="#">9 A Escola do Sofrimento</a> .....	171
<a href="#">10 Quando Deus Diz: "Não!"</a> .....	183
<a href="#">11 Parte do Problema: Crenças Mal-Orientadas</a> .....	195
<a href="#">12 O Mal É uma Ilusão?</a> .....	209
<a href="#">13 O Mal Está todo em nossa Mente?</a> .....	223
<a href="#">14 A Reencarnação e o Problema do Mal</a> .....	237
<a href="#">15 O Paraíso Restaurado</a> .....	252
<a href="#">Epílogo</a> .....	272
<a href="#">Apêndice Justiça no Fim</a> .....	273
<a href="#">Notas</a> .....	284
<a href="#">Bibliografia</a> .....	303

## **Dedicatória**

Este livro é dedicado a Tusabe, uma jovem irmã em Cristo do Congo Ocidental.

Nossa família, por alguns anos, fez doações mensais para uma organização missionária que alimentava e educava crianças ao redor do mundo.

Tusabe é o nome da jovem que apadrinhamos.

Não faz muito tempo, fomos informados pela organização missionária sobre a intensificação das guerras tribais naquela área, as quais dizimaram muitas pessoas, inclusive famílias inteiras. Algumas pessoas tiveram de fugir para outras áreas do país a fim de salvar suas vidas.

Os missionários não tiveram escolha senão se retirar da área.

Hoje, não sabemos se Tusabe ainda está na terra ou no céu. Guardamos os retratos e as cartas que nos enviou e continuamos a orar por ela.

Creemos que ela está nas mãos de Deus.

Esperamos encontrá-la, um dia, na cidade eterna do céu, onde a matança insensata e outras formas de maldade serão coisas de um longínquo passado distante.

## **Agradecimentos**

Kerri, David e Kylie

Vocês são um tesouro e uma bênção para mim. É uma alegria servir no Reino lado a lado com vocês. Este livro não teria sido escrito sem o amor e o infinito apoio que vocês me deram. Louvado seja o Senhor por ser tão bom comigo e por ter me dado essa família maravilhosa!

## Introdução

### Um Exame Austero da Realidade

*A vida, às vezes, pode ser cruel.*

No início de 1999, a tragédia atingiu nossa família. Gary, meu irmão caçula, ligou-me para dizer que Greg, o filho mais velho de Paul, fora atropelado por um carro e tivera morte instantânea. Ele tentava atravessar uma auto-estrada e, após atravessar uma das pistas, pulou sobre o obstáculo que separava as duas pistas e ficou face a face com um carro em alta velocidade, que o acertou em cheio. Ele foi arremessado trezentos metros adiante, e mais dois outros carros passaram sobre ele. Não consigo nem imaginar o que Paul, meu irmão, sentiu ao ir ao necrotério identificar seu primogênito.

Liguei imediatamente para Paul. Como gostaria de estar com ele e sua família — mas isso era impossível, pois eu estava ao sul da Califórnia, e ele em Corpus Christi, Texas. Ele chorou ao telefone, mas esforçou-se para que as palavras saíssem; afinal tudo isso acabara de acontecer. Poucos momentos antes, Greg estava vivo e bem — consciente e desfrutando a vida —, mas agora ele se fora desta vida terrena para sempre. Paul encontrava-se entorpecido pela rapidez com que tudo isso acontecera.

Peguei o próximo voo da Califórnia para o Texas. Quando cheguei à casa de Paul, ele abraçou-me por um longo tempo. Eu gostaria muito de

ter palavras para fazer com que sua dor desaparecesse, mas não existiam tais palavras. Apenas abraçamo-nos e, naquele momento, dissemos tudo que precisava ser dito.

Falar no funeral de Greg foi uma das coisas mais difíceis que fiz na vida. O que eu poderia dizer para tornar as coisas mais fáceis? Minha mensagem principal foi que quando não entendemos por que certas coisas acontecem na vida, devemos nos apoiar nas coisas que entendemos. Mencionei que *devemos* entender que Deus ama todos nós e, com certeza, Ele amou o Greg e, certamente, nos ajudaria a superar essa horrível tragédia; mas que também devemos lembrar que, um dia, todos os cristãos estarão reunidos para nunca mais se separar. Um dia, a morte será coisa do passado.

Após o serviço funerário, a pergunta que parecia não abandonar a mente dos presentes era: por que coisas ruins como essas acontecem? É a mesma pergunta que as pessoas têm feito durante muito tempo quando são atingidas por tragédias. *Por Que Coisas Ruins Acontecem com Pessoas Boas?* E o que pensamos sobre Deus quando essas coisas acontecem?



George Barna, perito em pesquisa de opinião pública, há pouco tempo, foi encarregado de questionar as pessoas sobre o que perguntariam a Deus se tivessem oportunidade de assim fazê-lo. Por uma esmagadora margem de vantagem, a pergunta mais recorrente foi: Por que há tanto sofrimento no mundo?<sup>1</sup> Tenho quase certeza que em algum momento a maioria dos leitores deste livro já fez essa pergunta.

A maioria das pessoas costuma a debater-se com essa questão quando enfrentam o sofrimento individual. Sei que, às vezes, isso é verdade em relação a mim. Nossas palavras tendem a ter um foco muito estreito, não por que estamos cegos em relação ao sofrimento alheio, mas por estarmos tão vividamente atentos a *nossas próprias* dores e sofrimentos.

Quando iniciei a pesquisa para este livro, entretanto, minha perspectiva ampliou-se de maneira considerável. Em minha leitura diária, deparei-me com um exemplo após outro de como muitos seres humanos já sofreram horríveis atrocidades inclusive, os cristãos. Observei por mais dolorosa que a situação tenha sido para minha família, outras sofreram catástrofes ainda piores.

Você lembra o que estava fazendo em 11 de setembro? Suponho que sim. Eu estava com minha esposa em meu quarto, no sul da Califórnia, quando, logo depois das 7 horas nosso telefone tocou. Isso nunca é um bom sinal, pois as pessoas raramente nos ligam tão cedo. Atendi ao telefone, e uma amiga perguntou-me: "Você ligou sua televisão hoje de manhã?" Eu disse: "Não. O que está acontecendo?" Ela contou-nos o que acontecera, e, imediatamente, liguei a televisão apenas para assistir, horrorizado, um acontecimento que tirou 2749 vidas. Mais tarde meditei sobre a terrível tristeza e dor que as esposas, os filhos, os parentes e os amigos devem ter sentido por seus entes queridos, esmagados no colapso das Torres Gêmeas. Eu *estivera* naqueles edifícios. Que horror inimaginável deve ter sido. Muitos, até mesmo, pensaram sobre onde Deus estava em 11 de setembro.

Relembro os quatorze adolescentes (a maioria deles cristãos) e um professor que, de maneira cruel, foram mortos, em abril de 1999, na escola



de ensino médio Columbine, em Littleton, Colorado. Nosso pensamento finito não pode entender como um Deus amoroso e generoso pode permitir que tais coisas ocorram. Mas essas coisas *acontecem* — e as pessoas boas não estão isentas de sofrer tragédias.

Essa semana, no noticiário *20/20*, assisti à entrevista de Barbara Walters com Christopher Reeve. Ele falava sobre como, de maneira literal, ficar paralisado afetou todo seu corpo — mesmo em atividades que consideramos óbvias, como ir ao banheiro. A Srta. Walters comentou como, em um Instante, toda a vida de Reeve mudou. Em um momento, ele estava perfeitamente saudável, cavalgando seu cavalo como já fizera centenas de vezes antes. No instante seguinte, seu cavalo parou de repente e o arremessou — ele ficou paralisado e nunca mais foi o mesmo. Até onde sei, Reeve é um bom homem, no entanto, teve de passar por esse imenso sofrimento.

Durante o tempo em que escrevia este livro, deparei-me com um relatório da *Associated Press*, sobre um grupo de pessoas composto de alunos do ensino médio, que correm pelos campos — jovens saudáveis — que se reuniu ao lado de uma estrada para orar. Enquanto oravam, um carro atropelou o grupo, matando um e ferindo os outros.<sup>2</sup> Fico angustiado quando penso nos pais daquele rapaz que foi atropelado e morto enquanto orava ao Deus vivo. *Por que Deus permitiu que isso acontecesse?*

É claro, isso foi um acidente. Mas a história está cheia de exemplos de maldade *intencional*. John Wenham, em seu livro *The Enigma of Evil* (O Enigma do Mal), lamenta o fato de que cada era contenha exemplos de desumanidades cometidas pelo homem contra o próprio homem: "A Espanha teve a Inquisição; a Grã-Bretanha, o comércio de escravos no Atlântico; a Alemanha, as câmaras de gás; a Rússia, os campos de

trabalhos forçados da Sibéria".<sup>3</sup> William Lane Craig sugere que uma maneira poderosa de demonstrar a desumanidade do homem contra o homem é ler um livro como a *History of Torture (História da Tortura)*, de Roberto P. Mannix, ou fazer uma visita paga a um castelo medieval e verificar algumas das mais terríveis invenções usadas para infligir dor aos prisioneiros.<sup>4</sup>

*This Way for the Gas, Ladies and Gentlemen* (Senhoras e Senhores, Este é o Caminho da Câmara de Gás), de Tadeusz Borowski, foi o livro mais perturbador que já li sobre relatos de sofrimentos infligidos ao ser humano. Esse livro conta, em detalhes, alguns dos horríveis eventos ligados ao Holocausto. Ele narra sobre como os líderes nazistas separavam famílias à força, ficavam indiferentes às doenças maciças e, até mesmo, injetavam os germes da febre tifóide e da malária nas pessoas. Eles forçavam as mulheres a fazer sexo imoral e não permitiam que tivessem privacidade na latrina. Mataram milhões de judeus em câmaras de gás e, depois, apinhavam seus corpos em trens que fediam a suor e excrementos. Guardas matavam pessoas torcendo-lhes o pescoço, fuzilavam menininhas e forçavam os prisioneiros a assumir um duplo papel — de carrasco e de vítima. Os nazistas extraíam os dentes de ouro dos mortos, como também faziam abajures, de pele humana; jóias, de ossos; e sabão, de outros restos.<sup>5</sup> Tais atos revelam claramente a total e penetrante depravação do coração humano.

Em nossos dias, a bomba de nitrogênio lança uma grande sombra sobre as pessoas deste pequeno planeta. E, hoje, as pessoas, cada vez mais, cogitam o impensável — a possibilidade de os terroristas pôr as mãos nessas bombas poderosíssimas. *Deus está zelando por nós, controlando e guiando a história humana?*

Além de todo sofrimento gerado pela desumanidade do homem contra o homem, há ainda a grande quantidade de desastres naturais que ocorrem em nosso mundo. Essas calamidades naturais, como terremotos, furacões, tornados e inundações, matam inúmeras pessoas e destroem comunidades inteiras. Doenças horríveis como câncer, leucemia, poliomielite e varíola que arrebatam milhares de vidas todos os anos — isso para não mencionar a AIDS, a praga que logo devastará a África. Defeitos congênitos como distrofia muscular e paralisia cerebral que incapacitam uma incontável quantidade de pessoas. Crianças que se afogam. Pessoas que perecem em incêndios florestais. Os desastres acontecem sem aviso. Em questão de instantes, podemos ser atingidos por dores inconsoláveis.<sup>6</sup> Certa vez, H. G. Wells comentou que Deus parece ser "um eterno ausente na hora de precisão".<sup>7</sup>



O sofrimento do ser humano não é novidade. Ele parece ser uma realidade sempre presente na raça humana. Em Jó 5.7 registra-se o seguinte:

“Mas o homem nasce para o trabalho, como as faíscas das brasas se levantam para voar”. Em Jó 14.1 afirma-se: "O homem, nascido da mulher, é de bem poucos dias e cheio de inquietação”.

Há muito tempo, coisas ruins têm acontecido a pessoas boas, até mesmo com as pessoas de Deus dos tempos bíblicos. Quem pode esquecer o horrível sofrimento de Jó (ele perdeu a família e suas posses)? Davi, que

estava para se tornar rei de Israel, por anos a fio, foi caçado e perseguido pelo ciumento e furioso Saul (1 Sm 20.33; 21.10; 23.8). A esposa de Oséias foi infiel (Os 1.2; 2.2,4). José foi tratado de maneira cruel por seus irmãos e vendido como escravo (Gn 37.27,28). João Batista, a mando da enteada de Herodes, foi decapitado (Mt 14.6-10). Paulo, inúmeras vezes, foi jogado na prisão, sofreu naufrágio, foi açoitado e deixado para morto e muito mais (2 Co 11.25).

Às vezes, os cristãos chegam a pensar que quem obedece a Deus e procura ser um bom cristão não passará por sofrimentos horríveis. Entretanto, se coisas ruins aconteceram com Jó, João Batista e o apóstolo Paulo, com certeza elas podem acontecer com os bons cristãos. Li a respeito de um líder cristão que estava andando de trenó e, em alta velocidade, entrou em uma cerca de arame farpado que não viu. No mesmo instante ele foi decapitado. Li sobre um pastor que entrou em seu carro e deu marcha a ré em direção à rua — passando sobre seu filho, ainda menino, matando-o no local. Li sobre uma cristã que testemunhou o atropelamento do marido e do filho que foram mortos por um carro. *Os cristãos não estão isentos de horríveis tragédias.*<sup>8</sup>

Nem as crianças estão isentas do sofrimento. Peter Kreeft conta-nos a tocante história de um menino que tem uma doença rara e, por isso, vive dentro de uma bolha de plástico esterilizada:

Nenhum toque, pois um simples germe pode matá-lo. Tudo é feito por intermédio da bolha, toda comunicação, recreação e ensino. Por fim, ele estava prestes a morrer. Como de qualquer maneira estava condenado, pediu para tocar a mão de seu pai —

seu pai, que o amou e esteve com ele a vida toda. Nesse toque havia amor e dor inexprimíveis!<sup>9</sup>

E, em nosso país, o que dizer a respeito das inúmeras vítimas inocentes de crimes? No museu do FBI, em Washington, D.C., "O Relógio do Crime", que apresenta a frequência estatística com que ocorrem diversos crimes, ocupa local de destaque. De acordo com esse relógio:

Nos Estados Unidos, uma pessoa, a cada 33,9 minutos é morta; a cada 5,8 minutos, raptada com uso de violência; a cada 34,6 segundos, vítima de ataque violento; a cada 22,1 segundos, vítima de crime violento; a cada 1,3 minuto, vítima de roubo; a cada 15,4 segundos, vítima de arrombamento seguido de roubo; a cada 4,5 segundos, vítima de furto; e a cada 3,1 segundos, há crime contra a propriedade.<sup>10</sup>

Além disso, em nosso mundo, inúmeras pessoas boas estão experimentando em seu coração o que chamamos de dor espiritual. Cornelius Plantinga Jr., filósofo cristão, explica:

Os seres humanos solícitos e atenciosos sofrem a angústia do envelhecimento. Eles têm um aguçado senso do fluxo unilateral do tempo que carrega com ele os tesouros, e as oportunidades, e a juventude que aparentemente não voltam mais... ainda que caminhemos pelo vale da morte apenas uma vez, passamos nossa vida no vale da sombra da morte.<sup>11</sup>

A dor física, a dor emocional e a dor existencial — todas elas são espinhos sempre presentes em nossa vida. Basta esperar o tempo suficiente, e todos serão ferroados por elas de uma maneira ou de outra.



Paul W. Powell, pensador cristão, disse, certa vez, que "o tormento não é um penetra na arena de nossa vida; ele tem assento reservado nela".<sup>12</sup> Penso, fundamentado em muitos anos de experiência pessoal, que Powell está certo!

Iniciei este livro, intencionalmente, a partir de um exame austero da realidade. Sei que isso é meio difícil de ser absorvido. No entanto, precisamos entender de maneira realista por que tantas pessoas acreditam que o problema do mal apresenta um sério desafio para a fé cristã. Ronald Nash, teólogo cristão, é quase ingênuo ao afirmar:

Todo filósofo que conheço acredita que o mais sério desafio para o teísmo [crença em um Deus pessoal] foi, é e continuará a ser o problema do mal. Compartilho a visão de que o mais sério obstáculo intelectual que se coloca entre muitas pessoas e a fé é a incerteza sobre a existência do mal.<sup>13</sup>

O problema do mal, posto de maneira simples, é este:

De duas uma, ou Deus quer abolir o mal, e não pode; ou Ele pode, mas não quer fazê-lo; ou Ele não pode ou Ele não quer. Se Ele quer, mas não pode, ele é impotente. Se Ele pode, mas não

quer, logo Ele é perverso. No entanto, se Deus *quer e pode* abolir o mal, então como o mal ocorre no mundo?<sup>14</sup>

Na tentativa de lidar com esse problema, as pessoas levantaram uma extensa gama de soluções, a maioria delas, de uma maneira ou outra, é insatisfatória. Por exemplo, algumas modificaram o conceito de que Deus é Todo-poderoso. Elas argumentam que Deus, na verdade, é bom, Ele, porém, simplesmente não é poderoso o suficiente para levantar-se contra o mal que está em nosso mundo. Esse ponto de vista é conhecido como deísmo finito e foi popularizado pelo livro *When Bad Things Happen to Good People* (Quando Coisas ruins Acontecem com Pessoas Boas), de Rabbi Kushner.

Outras pessoas mudaram o conceito de que Deus é totalmente bom. Elas argumentam que, na verdade, Deus faz algumas coisas boas, mas Ele não é *totalmente* bom. Ele faz coisas que, de nosso ponto de vista, parecem más — incluindo coisas como permitir que criancinhas sejam atropeladas por carros ou maltratadas pelos pais. Se um assassino em série mata uma família no Texas, visto que essa tragédia ocorreu pela vontade de Deus, deduz-se então que isso só pode significar que Ele não é totalmente bom.

Outros mudaram o próprio conceito de mal. Por exemplo, pessoas associadas às ciências da mente (seitas) concluem que o mal é apenas uma ilusão. Ele não existe de verdade. É apenas uma percepção errônea da mente finita.

Outros interpretam o problema do mal por meio da malha de reencarnação e carma. Conforme esse ponto de vista, se a pessoa faz boas coisas nesta vida, ela renascerá em uma condição melhor na próxima vida. Se a pessoa faz coisas más nesta vida, ela renascerá em uma condição pior

na próxima vida. Esse ponto de vista é comum entre os seguidores do hinduísmo e da Nova Era. Assim, o sofrimento da pessoa, idealmente, por meio de multidões de existências, diminui mais e mais nas vidas subseqüentes.

Ainda outros, em especial os que pertencem aos círculos da Nova Era, crêem que criamos nossa própria realidade por meio do poder da mente. Podemos criar nossa própria realidade ao usar técnicas como a visualização, e a afirmação positiva. Se tivermos uma realidade negativa (má), isso ocorre apenas por que nossa mente criou essa condição. Para suprimir tal condição, devemos usar nossa mente para criar uma realidade mais positiva. Portanto, por exemplo, as pessoas que morreram nas Torres Gêmeas criaram, de alguma maneira, essa realidade ruim. Em contraste, o sucesso financeiro de Bill Gates aconteceu por que ele criou essa realidade.

Ao longo deste livro, dedicar-me-ei a essas e outras explicações errôneas sobre o problema do mal. Também fornecerei o que acredito ser a perspectiva bíblica para essa questão.

PODEMOS LER RECENTE  
IS ESTOS

Percebi que caminho em um terreno perigoso ao sugerir que, de um ponto de vista cristão, o problema do mal possa fazer sentido para alguém.

Um professor do Seminário Dallas Theological (em que estudei de 1980 a 1986) costumava dizer: "Como jovens teólogos, um de nossos problemas é tentar desvendar o inescrutável".<sup>15</sup> O fato é que muito do que



Deus faz em nosso mundo é e *continuará sendo* inescrutável para nossa mente finita. Nunca saberemos por que algumas coisas ruins acontecem neste universo. Alguns caminhos de Deus continuarão a ser um mistério para nós. Deus afirmou em Isaías 55.8,9:

Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.

Em Romanos 11.33,34 no mesmo teor o apóstolo Paulo ponderou: "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis *são* os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Porque quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?"

Essa é uma das principais lições que tiramos do livro de Jó. Deus nunca explicou a Jó por que Ele permitiu que coisas ruins acontecessem no mundo. A principal lição que Jó aprendeu com Deus é que, independentemente do que aconteça — até mesmo se o sofrimento e a dor do ser humano não fizerem sentido para a pessoa —, devemos, em tudo, confiar em Deus (Jó 13.15). Jó aprendeu que os caminhos de Deus são inescrutáveis, mas também aprendeu a confiar totalmente em Deus, e Ele o abençoou por essa fé.

Um dia, quando formos para o céu, as coisas se tornarão claras para nós. Jay Kesler concorda: "Quando formos para o céu, o primeiro som que ouviremos na boca das pessoas será: 'Ahhhh... Agora eu sei!'"

Agora eu entendo o porquê daquilo. Agora, aos meus olhos, tudo faz sentido, esse panorama de eventos que outrora fora tão misterioso".<sup>16</sup> Chuck Swindoll, cuja igreja fica na mesma rua onde moro, em Frisco, Texas, reflete:

Tudo, inclusive as tragédias e as calamidades e as angústias, a doença e a enfermidade, e o que denominamos de morte prematura, e as terríveis deformidades e defeitos de nascimento e doenças congênitas colaboram para o bem. Tudo será revelado e veremos que os planos de Deus estavam certos.<sup>17</sup>

No momento, da forma como se apresenta, não vemos toda a tapeçaria da vida. De nosso limitado ponto de vista, só podemos ver um fio da tapeçaria de cada vez. E não compreendemos como todos os distintos fios podem ser tecidos juntos. Assim como Jó preciso aprender a confiar em Deus a despeito das coisas que não entendo totalmente.

No entanto, à medida que não posso "desvendar o inescrutável", creio que Deus quer que estejamos totalmente atentos a todas as percepções que a Bíblia nos proporciona sobre essa questão. Podemos sentir que a Bíblia não revela o suficiente sobre essa questão. Contudo, o que a Bíblia revela é significativo e nos dá boas razões para confiar em Deus e em seus propósitos. Quanto mais entendermos o que as Escrituras revelam sobre esse assunto, mais nossa fé encontrará amparo para que possamos confiar em Deus, mesmo com tudo que não entendemos.



Helmut Thielicke, famoso pastor e teólogo alemão, depois de uma extensa excursão através dos Estados Unidos, perguntaram-lhe sobre qual era a maior deficiência que viu entre os cristãos norte-americanos. Ele, quase ingenuamente, replicou: "Eles têm uma visão inadequada do sofrimento".<sup>18</sup>

Meu objetivo neste livro é examinar algumas das mais espinhosas questões sobre o mal e o sofrimento do ponto de vista cristão. Quero fornecer uma visão adequada do sofrimento, fiel ao testemunho bíblico.

Abordo esse assunto com certo temor, pois sei que um tratamento apropriado, provavelmente, requereria um tomo com doze volumes, não apenas um livro de tamanho mediano. As abordagens abreviadas sempre correm o risco de ser superficiais. No entanto, não tenho o tempo nem os recursos necessários para escrever um tomo de doze volumes e, mesmo que eu o fizesse, duvido muito que você gostaria de disponibilizar o tempo necessário para lê-lo. (E, de qualquer maneira, hoje quem dispõe de recursos para comprar um tomo de doze volumes?)

O livro que você está em suas mãos contém um sumário da sabedoria sobre essa questão que respiguei nas Escrituras. Minha oração é que este livro lhe proporcione uma âncora para que, quando você encarar a dor e o sofrimento, sua fé em Deus não seja abalada.

Ao longo deste livro, menciono o fato de que abordo o assunto de vários ângulos distintos. Às vezes, escrevo como teólogo, resumindo e avaliando as posições de uma perspectiva teológica e bíblica. Outras vezes, escrevo como filósofo, chamando atenção para a solidez e a fragilidade

filosófica de várias opiniões sobre o problema do mal. Em outras ainda, escrevo como pastor, ou talvez como amigo, que compartilha conselhos sinceros para ajudá-lo a passar a dor e a batalhar com aquilo, que todos nós, encaramos na vida cotidiana. (Ao final da maioria dos capítulos há uma seção intitulada: "Curando nosso coração", em que forneço reconfortantes percepções da Escritura.) Na verdade, esses três ângulos por meio dos quais escrevo — o teológico, o filosófico e o pastoral — estão intimamente relacionados, a fim de que o mais benéfico conselho pastoral esteja firmado nos fundamentos da boa teologia e da sólida filosofia.

Você notará que este livro tem quinze capítulos. O exame do problema do mal não é o mesmo que olhar, por meio de um telescópio como um simples item. É como se olhássemos em um caleidoscópio, pois esse problema tem múltiplas facetas, em vários e distintos aspectos da realidade que de alguma maneira estão relacionados com essa complexa questão. De momento, estamos conversados; creio que você estará apto para ver como tudo isso se relaciona com a grande conjuntura do problema do mal. Muitos destes capítulos podem justapor-se, mas apenas na extensão necessária para preservar a fluência lógica do pensamento entre cada capítulo.

Dito isso, iniciemos nossa jornada. Primeira parada — As coisas ruins sempre o levam a questionar se Deus realmente existe?

## Capítulo I

### O Mal Prova que Deus não Existe?

No ano passado, assisti ao filme *A Walk to Remember* (*Um Passeio Inesquecível*). No filme, Jamie Sullivan (a principal personagem cristã, interpretada por Mandy Moore), aparece dialogando com o desordeiro Landon Carter (interpretado por Shane West). Como se fosse aberta em relação à fé que professa, ela pergunta a Landon se ele acredita em Deus. Ele, usando linguagem blasfema, diz alguma coisa como: "Não, tem muita coisa acontecendo no mundo!"

Aparentemente, muitas pessoas vêem maldades, sem sentido e desnecessárias, ocorrendo no mundo e concluem que Deus não existe. Ou talvez, quem sabe em alguma outra época, *existiu* um Deus, mas é provável que agora Ele esteja morto. Alvin Plantinga diz assim: "Muitos crêem que a existência do mal (ou, pelo menos, o mal na quantidade e variedade que encontramos hoje) torna a crença em Deus sem fundamento e racionalmente inaceitável".<sup>1</sup> Os teólogos William Hamilton e Thomas Altizer concluíram, sem rodeios, que Deus está morto. Outros crêem que se existe um Deus, Ele, com certeza, não tem razões morais o suficiente para permitir que essas maldades horríveis ocorram.

Assim, o problema do mal representa o conflito entre três realidades: o *poder de Deus*, a *benevolência de Deus* e a *presença do mal no mundo*. O bom senso nos diz que as três não podem ser verdadeiras ao

mesmo tempo.<sup>2</sup> A solução do problema do mal envolve modificar uma ou mais dessas três opções: *limitar o poder de Deus, limitar a benevolência de Deus* ou *modificar a existência do mal* (como, por exemplo, chamá-lo de ilusão).<sup>3</sup>

Caso Deus não afirmasse sua própria bondade, com certeza, seria mais fácil explicar a existência do mal. No entanto, Deus *afirma* ser bom. Se Deus tivesse poder limitado e fosse incapaz de opor-se ao mal, então seria mais fácil explicar a existência do mal. Entretanto, Deus *afirma* ser Todo-poderoso. Se o mal fosse apenas uma ilusão logo o problema, de fato, não existiria. Contudo, o mal *não é* uma ilusão, é dolorosamente real.<sup>4</sup>

Hoje, enfrentamos a realidade do *mal moral* (que é cometido por agentes morais independentes, incluindo coisas como a guerra, o crime, a crueldade, o conflito de classes, a discriminação, a escravidão, a limpeza étnica, homens-bomba e outras injustiças) e do *mal natural* (que inclui terremoto, enchentes, furacões e outros equivalentes). Deus é bom e Todo-Poderoso e, apesar disso, o mal existe. Em razão de o mal existir e de não poder ser conciliado com um Deus bom e Todo-Poderoso, muitas pessoas escolhem simplesmente a total rejeição da crença em Deus.

David Hume, H. G. Wells e Bertrand Russel, proeminentes pensadores, pertencem a esse grupo.<sup>5</sup> Hume, de maneira sucinta, defendeu isso quando escreveu sobre Deus: "Ele quer evitar o mal, mas não é capaz? Então, Ele é impotente. Ele é capaz, mas não quer fazer isso? Então, ele é sádico. Ele é capaz e quer: então por que motivo o mal existe?"<sup>6</sup> Se *existe* um Deus — Ele tem de ser totalmente bom e Todo-Poderoso —, assim há questionamentos quanto às atrocidades, como as que Hitler cometeu, o assassinato de seis milhões de judeus, que nunca deveriam ter acontecido.

Os cristãos, com certeza, concordam o que Hitler fez com os judeus foi um horrendo e inescrupuloso crime. Mas a categorização das ações de Hitler como mal faz surgir um importante ponto filosófico. Conforme muitos pensadores observam, se alguém afirma que o mal existe no mundo, primeiro, deve perguntar-se *qual o critério adotado* para julgar que alguma coisa é má.<sup>7</sup> Como é possível julgar que determinadas coisas são boas ou más? Por qual padrão moral de devem avaliar pessoas e eventos? Robert Morey, apologista cristão, explica desta maneira:

Como você reconhece o mal quando o vê? Por meio de que processo você reconhece o mal? [...] Minha visão — como Sócrates, muito tempo atrás, já demonstrou — é a seguinte: para fazer a distinção entre indivíduos bons e maus deve-se ter um [padrão] universal ou absoluto. Uma vez que se admita isso, então, o resultado final diz que, sem um ponto de referência infinito para o 'bem', a pessoa não pode identificar o bem nem o mal. Apenas Deus pode esgotar o significado ilimitado de bem. Portanto, sem a existência de Deus, não há 'mal' nem 'bem' em um sentido absoluto, pois tudo é relativo. O problema do mal não nega a existência de Deus. Na verdade, ele a exige.<sup>8</sup>

O ponto, portanto, é que é impossível distinguir o mal do bem, a menos que se tenha um ponto de referência ilimitado do que é absolutamente bom.<sup>9</sup> Caso contrário, seria como alguém que estivesse em um bote no mar, em uma noite encoberta e sem bússola — quer dizer, não haveria como distinguir entre o norte e o sul. Deus é nosso ponto de referência para distinguir entre o mal e o bem.



Embora os cristãos reconheçam que o problema do mal é visto por alguns como um argumento racional contra a existência de Deus, eles sugerem que os argumentos *a favor da* existência de Deus têm muito mais peso e valor do que os *contra*.<sup>10</sup> E a realidade do mal, que é obviamente problemática, entretanto, é vista como compatível em relação a visão de mundo cristã (como este livro demonstrará).

Os cristãos, portanto, argumentam que não se pode focar a atenção sobre um único e restrito aspecto da evidência (como a existência do mal), mas deve-se considerar todo o conjunto de evidências — inclusive os vários argumentos que, ao longo dos séculos, foram sugeridos a favor da existência de Deus.<sup>11</sup>

*1. O argumento cosmológico.* Esse argumento diz que cada efeito tem uma causa adequada. O universo é um "efeito". A razão determina que o que quer que tenha causado o universo deve ser maior que o universo. Essa causa é Deus (e Ele mesmo é a Primeira Causa não-causada). Como Hebreus 3.4 afirma: "Porque toda casa é edificada por alguém, mas o que edificou todas as *coisas é Deus*".

*2. O argumento teológico.* Esse argumento destaca a óbvia intencionalidade e complexidade do planejamento do mundo. Se encontrássemos um relógio na areia, poderíamos assumir que alguém criou o relógio, pois, obviamente, as partes não poderiam se unir sozinhas. O



perfeito planejamento do universo, de maneira similar, indica um Planejador, e Ele é Deus.

3. *O argumento ontológico.* Esse argumento diz que a maioria dos seres humanos tem a idéia inata do mais perfeito ser. De onde vem essa idéia? Não do homem, pois ele é um ser imperfeito. Algum ser perfeito (Deus) deve ter plantado essa idéia no homem. Não é possível conceber a não-existência de Deus, pois, desse modo, ninguém poderia conceber a existência de um ser ainda maior. Portanto, de fato, Deus deve existir.

4. *O argumento moral.* Esse argumento diz que todo ser humano tem um senso inato de "dever" ou obrigação moral. De onde vem isso? Deve vir de Deus. A existência de uma lei moral em nosso coração exige a existência de um Legislador (veja Rm 1.19-32).

5. *O argumento antropológico.* Esse argumento diz que o homem tem personalidade (razão, emoção e desejo). Uma vez que isso é *pessoal*, não pode se derivar do *impessoal*, deve haver uma causa pessoal — e essa causa pessoal é Deus (veja Gn 1.26,27).

Algumas pessoas, obviamente, mesmo quando a par de alguns desses argumentos, ainda rejeitam a crença em Deus. Talvez, João Calvino, o reformador, estivesse certo quando disse que as pessoas não-regeneradas vêem, de forma nebulosa, essas evidências de Deus no universo. Apenas “quando a pessoa põe os “óculos” da fé e da crença na Bíblia é que as evidências da existência de Deus entram no foco claro e tornam-se convincentes.

Os cristãos, se Calvino estiver correto, fazem bem em oferecer não apenas evidências da existência de Deus, como também evidências que demonstram a confiabilidade da Bíblia. Estou convencido de que se acrescentarmos aos argumentos filosóficos acima o incrível suporte

histórico e arqueológico para a confiabilidade da Bíblia, o embasamento histórico de Jesus Cristo (inclusive a ressurreição), e destacarmos a exatidão das profecias bíblicas e o testemunho de inúmeros cristãos ao longo dos séculos, teremos um argumento bastante forte para provar a existência de Deus a qualquer pessoa sensata.<sup>12</sup>



O inverso planejado por Jesus é como uma casa projetada por um arquiteto. Assim como só a presença do cupim não refuta a existência do arquiteto, também a presença do pecado e do mal no universo não refuta a existência do arquiteto *divino*. Antes de adotar essa linha de pensamento, no entanto, precisamos de um breve desvio para direcionar a questão. O que é o mal? A analogia do arquiteto, depois que respondermos essa questão de maneira apropriada, se tornará um método útil para compreender Deus e Seu relacionamento com este universo caído.

O que é o mal? De uma perspectiva filosófica, o mal não auto-existente; mas na verdade, ele é a perversão de algo que já existe. O mal é a ausência ou privação de alguma coisa boa. Só há devastação florestal, por exemplo, enquanto existirem árvores. A queda de um dente apenas pode acontecer se houver dente. A ferrugem em um carro, a carcaça decadente, olhos cegos e ouvidos surdos ilustram o mesmo ponto. O mal existe como perversão de alguma coisa boa; ele é a privação e não tem essência *em si* mesmo.<sup>13</sup> Norman Geisler declara: "O mal é como um fermento em um braço ou um buraco de traça em uma vestimenta. Ele

apenas existe no outro, mas não por si mesmo".<sup>14</sup> William Dembski, importante teórico que defende o projeto inteligente, explica desta maneira:

O mal sempre é um parasita do bem. Na verdade, todas nossas palavras para definir o mal pressupõem que um bem foi pervertido. Impureza pressupõe pureza, improbidade pressupõe probidade, desvio pressupõe caminho (i.e., uma *via*) de onde partimos, o pecado [...] pressupõe um alvo errado, e assim por diante.<sup>15</sup>

Na verdade, podemos ser um pouco mais precisos. O mal envolve a ausência de algo bom que *deveria* estar lá. Quando o bem que deveria estar em alguma coisa não está ali, isso é o mal. Por exemplo, a saúde deve estar no corpo humano, mas algumas vezes, as pessoas têm câncer. Isso é o mal. O ouvir procede do ouvido, mas algumas vezes, as pessoas ficam surdas. Isso é o mal. A visão deve estar no olho, mas algumas vezes, as pessoas ficam cegas. Isso é o mal. Observe, em contraste, que a árvore em meu gramado da frente não pode ver, no entanto, isso *não é* o mal, porque nunca se esperou que minha árvore enxergasse. Do mesmo modo, se meu nariz não tem uma verruga, isso não é o mal, porque, para começar, nunca se supôs que meu nariz deveria ter uma verruga. Portanto, o mal envolve a ausência de alguma coisa boa que deveria estar ali, como a visão nos olhos, o escutar no ouvido ou a saúde no corpo.<sup>16</sup>

Posso ilustrar esse significado de mal com muitos eventos da vida real. Por exemplo, quando o ex presidente Ronald Reagan, que sofria do mal de Alzheimer, não podia mais lembrar certas coisas, isso era o mal,

porque algo bom que deveria estar lá (a memória), não estava ali. Quando um homem sucumbe à pornografia e volta seus olhos para ela, isso é o mal, porque algo bom que deveria ser verdade (sua pureza pessoal), não estava ali. Quando um ciclista que faz trilhas nas montanhas do sul da Califórnia é atacado e morto por um leão montanhês, isso é o mal, porque algo bom que deveria estar com o ciclista (a vida), não estava ali. Em larga escala, quando os aviões dos terroristas voaram para dentro das Torres Gêmeas, isso é o mal porque algo bom que deveria estar lá (a vida nos seres humanos e a integridade estrutural dos edifícios), não estava ali. *O mal é a perversão ou privação de alguma coisa boa que deveria estar presente.*

Isso me traz de volta ao ponto inicial que queria provar. Quando Deus, como o Arquiteto divino, originariamente, criou o universo, ele era, de todas as maneiras possíveis, perfeitamente bom. Na verdade, Gênesis 1.31 nos relata: "E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom". Nada estava errado. Não havia mal. Não havia no universo a situação em que se pudesse dizer que algo bom deveria estar lá, mas não estava ali. Tudo era bom.

Hoje, no entanto nem tudo é bom. Na verdade, existe agora uma grande quantidade de mal no universo que, um dia, foi inteiramente bom. Isso só pode significar uma coisa. Aconteceu algo terrível entre aquele momento e agora, para causar tamanha mudança. Ocorreu uma colossal perversão do bem. Assim como uma casa pode sofrer uma invasão maciça de cupins, o universo sofreu uma invasão maciça de pecado.

Jimmy H. Davis e Harry L. Põe, em seu livro *Designer Universe: Intelligent Design and the Existence of God* (Planejador do Universo: o Projeto Inteligente e a Existência de Deus), sugere que a existência do mal

no universo não desmente a existência de Deus, como também a existência de cupim na casa não desmente a existência do arquiteto: O fato de que a feiúra, o tormento, a morte, a dor, o sofrimento e o caos estejam presentes no mundo não são argumentos que desmintam o Planejador. Uma infestação de cupim não prova que a casa não teve um arquiteto. O vandalismo não prova que a casa não teve um arquiteto. O incêndio culposo não prova que a casa não teve um arquiteto. Proprietários descuidados que não pintam nem retiram o lixo não provam que a casa não teve arquiteto. Esses assuntos apenas levantam questões sobre a situação da casa *desde que foi construída.*"

Teologicamente, a Bíblia é clara quanto ao fato de que Deus existe e de que Ele criou o universo de modo totalmente bom. A Bíblia também é clara em relação ao fato de que as coisas mudaram de maneira radical desde que Deus criou o mundo. Mais adiante neste livro, falarei mais sobre a queda do homem e o problema do pecado. Na atual conjuntura, é suficiente notar que, devido ao pecado, as coisas agora não são mais como foram criadas para ser. O projeto original de Deus foi corrompido por um intruso -- o pecado. O universo bom de Deus, já não é mais bom.

DEUS É MORTO

Em vista do exposto acima, parece uma completa insensatez sugerir que Deus esteja morto apenas por que constatamos a presença de certas formas de mal no mundo. Desde a queda do homem, Deus tem atuado neste mundo. Os teólogos, Gordon R. Lewis e Bruce A. Demarest fizeram uma perspicaz observação em relação a isso:

Se Altizer e Hamilton [teólogos que afirmaram que Deus está morto] tivessem vivido na época do Dilúvio, poderiam concluir que Deus morrera naquela época. No entanto, Deus, com seu julgamento justo sobre o incorrigível mal e a incomparável graça concedida a Noé e sua família, estava lá. Se eles, como Davi, o ungido do Senhor, fossem perseguidos pelo rei Saul, eles poderiam ter pensado que Deus estava morto. No entanto, Deus estava lá e, no devido tempo, Davi tornou-se rei. Já que nenhum de nós estava presente quando as nações de Israel e Judá foram levadas para o cativeiro, poderíamos pensar que Deus estava morto. No entanto, Deus estava lá com seu justo julgamento sobre o mal, independentemente de todas as pessoas que participaram desses episódios históricos, e ele estava lá em graça, enviando profeta após profeta para chamar seu povo de volta à significativa comunhão e serviço.<sup>18</sup>

Embora possamos ser tentados a pensar que Deus não está no controle ou que Ele não está envolvido com nossa vida, a realidade é que Ele sempre está conosco, operando nos bastidores para realizar seus propósitos soberanos, permanecendo o tempo todo perfeitamente bom, justo, reto e santo. Ao final da história da humanidade, quando estivermos com Deus no céu, sem dúvida, todos nos deleitaremos na magnificência Dele ao realizar Seus propósitos em um planeta caído sem fazer concessão alguma nem comprometer qualquer um de Seus perfeitos atributos. Mesmo que, no presente, algumas de Suas ações nos sejam incompreensíveis (o que não é muito diferente da criança que não compreende como seus pais permitem coisas tão terríveis quanto uma visita ao dentista). Da mesma maneira que os pais humanos agem de acordo com uma sabedoria maior do que as crianças o fazem, Deus atua conforme uma sabedoria infinitamente maior do que nós o fazemos.



Ao contrário da idéia de que Deus está morto ou inativo entre seu povo, 1 Bíblia, com freqüência, refere-se a Deus como o "Deus vivente" (Dt 5.26;

1 Sm 17.26,36; Sl 84.2). Isto está relatado em uma de minhas passagens favoritas do Antigo Testamento: Em Daniel 6 relata-se quando o profeta foi lançado aos leões.

Daniel era desprezado pelos líderes do governo, embora o rei Dario gostasse dele. Esses homens desprezíveis criam artimanhas para que o rei assinasse um edito irrevogável que decretava que, durante os trinta dias seguintes, nenhum homem poderia orar a qualquer deus ou homem além de Dario. O destemido Daniel continuou com suas orações feitas, três vezes ao dia ao dia, ao seu Deus, o único Deus. Daniel, ao ser descoberto pelos líderes governamentais que maquinaram esse plano, foi lançado na cova dos leões para ali passar a noite. Dario, devido à natureza irrevogável do decreto, não pode intervir, mas o rei exorta Daniel: "O teu Deus, a quem tu continuamente serves, ele te livrará" (Dn 6.16).

E, de manhã cedo, o rei correu à cova dos leões e gritou: "Daniel, servo do Deus vivo! Dar-se-ia o caso que o teu Deus, a quem tu continuamente serves, tenha podido livrar-te dos leões?" Daniel então afirmou que o Deus vivo realmente o resgatara. O rei rapidamente tirou Daniel da cova dos leões e emitiu um decreto em que todas as pessoas de seu reino poderiam temer e reverenciar o Deus de Daniel por que Ele é o

"Deus vivo" que permanece para sempre e opera sinais e maravilhas (Dn 6.19-27).

R.T. France em seu breve, mas maravilhoso, livro *The Living God* (O Deus Vivo), explica como os antigos viam Deus:

Eles viam a mão deste Deus vivo intervir, em resposta à oração de seu povo, operando milagres, convertendo milhares de pessoas, abrindo portas de prisões, ressuscitando os mortos, guiando seus mensageiros até pessoas e lugares que eles nunca haviam imaginado, supervisionando toda a operação e cada parte nela para que, ao final, fosse realizado seu propósito. Assim será que era de admirar que orassem constantemente não por alguma vaga generalidade, mas com pedidos específicos e ousados? Para eles, Deus era real e estava vivo.

Mas quem é este Deus vivo entre nós? Em virtude da existência do mal no mundo, o qual compele os incrédulos a levantar falsas acusações contra Deus, é melhor lembrarmos como Deus realmente é.



O amor não é apenas uma característica de Deus. Ele é a personificação do amor (1 Jo 4.8), O amor permeia seu Ser. E o amor de Deus não depende da amabilidade dos objetos (seres humanos). Deus nos ama apesar de termos caído em pecado (Jo 3.16). Deus ama o pecador, apesar de Ele odiar o pecado.

É importante lembrarmos disso, em especial nos momentos em que somos severamente advertidos por nossas faltas. Sentimo-nos, às vezes, culpados e indignos do amor de Deus. Na verdade, devemos sentir-nos



como vermes diante de Deus devido a nossa maldade pessoal. No entanto, esse sentimento não está arraigado nos sentimentos de Deus para conosco. Ele nos ama mesmo quando não merecemos ser amados.

DEUS      O SENHOR

A Escritura conta-nos que Deus está presente em todos os lugares (Sl 139.7,8; veja também 1 Rs 8.27; 2 Cr 2.6; Jr 23.23,24; At 17.27,28). É reconfortante sabermos que não importa para onde vamos, nunca escaparemos da presença de nosso amado Deus. Ele, como Bom Pastor de suas ovelhas, jamais deixará seus filhos sozinhos (Sl 23). Sempre conheceremos a bênção de andar com Ele em todas as provações e circunstâncias da vida.

DEUS      SANTO      RECREAR      DEUS

A santidade de Deus não apenas significa que Ele está totalmente separado de todo mal, mas também que Ele é absolutamente reto (Lv 19.2). Ele é total e plenamente puro. Deus está separado de tudo que é moralmente imperfeito. As Escrituras põem grande ênfase sobre os atributos de Deus:

- Quem é como tu [...] glorificado em santidade (Êx 15.11).
- Não há santo como é o Senhor (1 Sm 2.2).
- O Senhor, nosso Deus, é santo (Sl 99.9).
- Santo e tremendo é o seu nome (Sl 111.9).

- Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos (Is 6.3).
- Porque só tu és santo (Ap 15.4).

Um desdobramento destes versículos diz que se quisermos ser companheiros de Deus, devemos considerar seriamente a santidade pessoal. Caminhar em companheirismo diário com Ele, obrigatoriamente, envolve viver da maneira como Deus se agrada. Deus não pode ser companheiro daqueles que se envolvem com o pecado.

Deus é excepcionalmente reto (diferente do conceito de Deus em algumas outras religiões mundiais). Lemos: "Ah! Senhor, Deus de Israel, justo és" (Ed 9.15); "Justo serias, ó Senhor" (Jr 12.1); "Porque o Senhor é justo e ama a justiça" (Sl 11.7); "Ele ama a justiça e o juízo" (Sl 33.5); "Justiça e juízo são a base do teu trono" (Sl 89.14).

Dizer que Deus é justo, significa que Ele aplica seus padrões de retidão com justiça e equidade. Não há parcialidade ou deslealdade no modo como Deus lida com as pessoas (Sl 3.5, Rm 3.26). O Antigo e Novo Testamento proclamam, de maneira enfática, a imparcialidade de Deus (veja, por exemplo, Gn 18.25; Jo 17.25; Hb 6.10). O fato de Deus ser justo é um conforto e também uma advertência. É confortante para aqueles que sofreram abusos. Eles podem descansar seguros de que, no final, Deus consertará todos os erros. No entanto, é uma advertência para aqueles que pensam que não serão punidos pelo mal que praticam. No final, a justiça prevalecerá! (Vide apêndice)



Deus demonstra compaixão carinhosa por seu povo. Em Salmos 103.13, pode-se ler: "Como um pai se compadece de *seus* filhos, *assim* o Senhor se compadece daqueles que o temem". Em Salmos 135.14, diz: "Pois o Senhor julgará o seu povo e se arrependerá em atenção aos seus servos". Salmos 34.18 relata-nos: "Perto *está* o Senhor dos que têm o coração quebrantado e salva os contritos de espírito". Em Isaías 49.15, Deus proclama: "Pode uma mulher esquecer-se tanto do *filho* que cria, que se não compadeça *dele*, do filho do seu ventre? Mas ainda que esta se esquecesse, eu, todavia, me não esquecerei de ti".

Quando Deus precisa disciplinar seus filhos desobedientes, Ele sempre é compassivo depois que a disciplina é exercida. Deus afirma: "E será que, depois de os haver arrancado, tornarei, e me compadecerei deles, e os farei tornar cada um à sua herança e cada um à sua terra" (Jr 12.15; veja também Is 54.7,8). Observe que, em si mesma, a disciplina de Deus é um sinal do amor e da compaixão dEle, pois por amar tanto seus filhos, Ele não permite que firam a si mesmos ao permanecer em pecado (Hb 12.6).

Podemos ter um vislumbre de primeira mão da compaixão de Deus ao observar a vida de Cristo. Quando testificamos Jesus, testificamos o coração de Deus. (Jesus mesmo disse que quando vemos Jesus, vemos o Pai — Jo 14.9.) Há, no NT, inúmeros exemplos da compaixão de Jesus. Rememore que Jesus, após passar um tempo sozinho em um barco, foi para terra firme e, ao ver uma grande multidão, foi "possuído de íntima compaixão para com ela, curou os seus enfermos" (Mt 14.14). Mais tarde, uma multidão de quatro mil pessoas ficou faminta enquanto escutavam os ensinamentos de Jesus. Ele chamou seus discípulos e disse-lhes: "Tenho compaixão da multidão, porque já está comigo há três dias e não tem o que

comer, e não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleça no caminho" (Mt 15.32). Depois, Jesus multiplicou sete filões de pães e alguns pequenos peixes para que todos tivessem abundância de alimento para comer (vv. 35-39).

Mais tarde, quando dois homens cegos suplicam pela misericórdia de Jesus, Ele não precisou ser coagido para ajudá-los. "Então, Jesus, movido de íntima compaixão, tocou-lhes nos olhos, e logo viram; e eles o seguiram" (Mt 20.34).

A misericórdia e compaixão admiráveis de Jesus incitam esta exortação do escritor de Hebreus:

Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém *um* que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno (Hb 4.15,16).

Em qualquer momento, em que você for tentado a inquirir sobre a benevolência e compaixão de Deus, reflita sobre o Jesus do Evangelho, pois isso lhe dará um retrato exato do coração de Deus. No Evangelho, ao observar a compaixão de Jesus, vemos a compaixão de Deus em ação.

Quer dizer que, graças à compaixão de Deus, você nunca sofrerá na vida? Não, não quer dizer isso. Isso é óbvio, as páginas da Bíblia estão repletas de exemplos de sofrimento. O apóstolo Paulo é um bom exemplo. Ele é um homem que serviu a Deus em tempo integral e que tinha conhecimento vivido da compaixão do Deus a quem servia. No entanto, lemos isto em 2Coríntios 11.24-27:

Recebi dos judeus cinco quarentenas *de açoites* menos um; três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri

naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; em viagens, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da *minha* nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos; em trabalhos e fadiga, em vigílias, muitas vezes, em fome e sede, em jejum, muitas vezes, em frio e nudez.

Coisas ruins *realmente* acontecem para pessoas boas. No entanto, durante todo o tempo difícil, Deus está caminhando lado a lado conosco enquanto prosseguimos com dificuldade em nosso caminho em direção ao céu. Deus não nos isenta *do* sofrimento, mas Ele sempre está conosco *em* nosso sofrimento, como estava na fornalha ardente (Dn 3) e na cova dos leões (Dn 6).

## DEUS SOBERANO

Soberania divina significa que Deus é o absoluto Regente do universo. Ele pode utilizar vários meios para alcançar seus fins, e Ele sempre está no controle.<sup>20</sup> Não pode acontecer nada neste universo que esteja fora de seu desígnio. Todas as formas de existência estão no âmbito de seu absoluto domínio.

O texto de Salmos 50.1 refere-se a Deus como o Poderoso que "falou e chamou a terra desde o nascimento do sol até ao seu ocaso". O Salmo 66.7 afirma que "Ele domina eternamente pelo seu poder". O Salmo 93.1, assegura-nos que "o Senhor reina" e "se revestiu e cingiu de fortaleza". Em Jó afirmou para Deus: "Bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido" (Jo 42.2). Em Isaías

40.15 diz-nos que, por comparação, "as nações são consideradas por ele como a gota de um balde e como o pó miúdo das balanças; eis que lança por aí as ilhas como a uma coisa pequeníssima". Na verdade: "Todas as nações são como nada perante ele" (Is 40.17). Deus afirmou: "O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade" (Is 46.10). Deus nos assegura: "Como pensei, assim sucederá; e, como determinei, assim se efetuará" (Is 14.24). Deus é "o bem-aventurado e único poderoso Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores" (1 Tm 6.15). Em Provérbios 16.9 relata-nos: "O coração do homem considera o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos". Em Provérbios 19.21 declara: "Muitos propósitos há no coração do homem, mas o conselho do Senhor permanecerá". Em Provérbios 21.30, lemos: "Não há sabedoria, nem inteligência, nem conselho contra o Senhor". Em Eclesiastes 7.13 instrui-nos: "Atenta para a obra de Deus; porque quem poderá endireitar o que ele fez torto?". Em Lamentações 3.37 afirma-se: "Quem é aquele que diz, e assim acontece, quando o Senhor o não mande?"

James Montgomery Boice, em seu excelente livro *The Sovereign God* (O Deus Soberano), fala sobre as várias maneiras por meio das quais Deus, nos tempos bíblicos, mostrou seu controle soberano:

Deus mostrou sua soberania sobre a natureza ao dividir as águas do mar Vermelho para que os filhos de Israel pudessem atravessar do Egito para o deserto e, depois, ao fazer retornar as águas a fim de destruir os soldados egípcios que os perseguiram. Ele mostrou sua soberania ao mandar alimento para dar sustento ao povo enquanto atravessavam o deserto. Em outra ocasião, Ele mandou codornizes ao campo para que tivessem carne. Deus dividiu as águas do rio Jordão para que as pessoas pudessem atravessar em direção a Canaã. Ele fez cair as muralhas de

Jerico. Na época de Josué, Ele fez com que o sol permanecesse em Gibeão para que Israel tivesse força para obter uma vitória total sobre seus inimigos em fuga. A soberania de Deus, na época de Jesus, foi vista quando alimentou de quatro a cinco mil pessoas com alguns pequenos pães e peixes, na cura de doentes e ressuscitando de mortos. Por fim, manifestou-se nos eventos ligados à crucificação e ressurreição de Cristo.<sup>21</sup>

O que a soberania de Deus significa para mim e você em relação a nossa luta com as "coisas ruins"? Podemos ter certeza de que todas essas coisas estão sujeitas a Deus e de que nada pode nos atingir, a menos que Deus, em sua sabedoria, assim permita. Quando Ele permite que isso aconteça, podemos ter certeza de que o faz para o nosso bem.<sup>22</sup> Recomendo que, qualquer pessoa que duvide de que Deus tenha habilidade para, de maneira soberana, entremear os eventos de nossa vida diária para nosso bem maior, leia o livro de Ester, na Bíblia. Nesse livro, encontramos a soberania, a providência e inflexibilidade de Deus operando, nos bastidores, em favor de seu povo. Ele faz o mesmo para nós. Muitas vezes, ainda que não percebamos, Deus está operando. Jerry Bridges concorda:

De nossa perspectiva limitada, nossa vida é marcada por uma série de contingências sem-fim. Percebemos, com frequência, que, em vez de agir como havíamos planejado, estamos reagindo devido a uma reviravolta inesperada dos eventos. Fazemos planos, porém, com frequência, somos obrigados a mudar esses planos. Entretanto, com Deus não há contingências. Nossa inesperada mudança forçada de planos faz parte do plano dEle. Deus nunca é surpreendido; nunca é pego desprevenido; nunca é frustrado por desfechos inesperados. Deus faz conforme seu deleite, e o que o deleita sempre é para sua glória e nosso bem.<sup>23</sup>

O mais difícil para nós é que Deus não nos senta e explica: "Está bem, escutem, permitirei, nesta próxima semana, que alguma coisa ruim aconteça, mas eu estou no controle, e a finalidade desse evento é para alcançar algo muito bom. Portanto, não se preocupe com isso. Está tudo bem". Deus, com certeza, não se sentou e explicou para Jó por que este sofria de maneira tão horrível. Judy Salisbury oferece esta explicação:

É como se Deus estivesse dizendo a Jó: "Jó, isso é muito grande, muito maior do que você. Isso tem que ver com meu plano eterno. Jó, você é temporal e pensa dessa maneira. Eu sou infinito, você é finito" — e, Jó, se eu começasse a lhe explicar isso, você não poderia lidar com esse assunto. Não lhe darei todas as respostas, mas saiba isso — nenhuma folha cai no chão sem que eu saiba. Portanto você não acha que estou muito mais preocupado com aqueles que ostentam minha imagem?<sup>24</sup>

Foi-nos dado a mim e a você o privilégio de por meio da leitura do livro de Jó investigar o contexto da vida desse homem. No entanto, *não* estamos aptos a investigar o contexto e discernir os misteriosos caminhos pelos quais Deus opera em nossa vida. Por isso, temos de confiar nEle. Usualmente, não estamos cientes da razão pela qual Deus planeja nossas circunstâncias da maneira que faz. Contudo, podemos sempre ter certeza de que em seu coração a busca de nosso maior benefício é uma constante.

Penso que Chuck Swindoll está correto quando diz: "A soberania de Deus alivia minha ansiedade. Ela não afasta minhas questões. Ela afasta minha ansiedade. Quando me apoio nisso, sinto-me liberto da preocupação".<sup>25</sup> Na verdade, ele afirma: "A soberania de Deus, liberta-me da necessidade de entendimento. Não preciso ter todas as respostas. Acho fácil, em momentos críticos, dizer a certos indivíduos: 'Você sabe, eu não sei. Não posso deslindar o plano total do Senhor nisso tudo'".<sup>26</sup>





Sei que alguns de meus leitores suportaram sofrimentos significativos e foram tentados a concluir que Deus não existe, ou que, talvez, Ele não se importa. Neste capítulo, espero tê-los convencido do contrário.

Por favor, permita-me lhes oferecer uma verdade que sempre me ajudou quando a vida me baqueava: quando você não entender por que algumas coisas aconteceram em sua vida, esse é o momento de se apoiar nas coisas que compreende. Mencionei esse princípio anteriormente, quando contei sobre o tributo para meu sobrinho Greg em seu funeral. Esse é um princípio poderoso e útil.

Eis aqui algumas verdades que foram colocadas neste capítulo e nas quais você pode querer se apoiar:

- Os argumentos a favor da existência de Deus são muito mais convincentes e persuasivos do que os contra sua existência. Até mesmo uma casa com cupins tem um arquiteto.

- Deus é um Deus vivo que caminha com você em meio a qualquer circunstância que encontre (veja Dn 6.19-27).

- Deus ama o que não merece seu amor — inclusive você e eu (1 Jo 4.8). Tente, com os olhos da mente, imaginar você descansando nos braços amorosos de Deus.

- Deus está presente em todos os lugares. Ele está com você em todos os momentos, quer você tenha consciência da presença dEle quer não (S1139.7,8).

- Deus é justo. Caso alguém o tenha tratado de maneira injusta, confie no fato de que, no final,

- Deus corrigirá todos os erros (Gn 18.25).

- Deus é compassivo e tem sentimentos carinhosos por você. Quando estiver tentado a duvidar da compaixão de Deus, reflita sobre o Jesus do Evangelho, pois isso lhe dará um retrato exato do coração de Deus.

Deus é soberano. Nada pode nos atingir, a menos que Deus, em sua sabedoria o permita. Mesmo quando você não entende por que certas coisas acontecem, pode ter certeza de que Deus está no controle.

## Capítulo 2

### O Mal Prova que Deus não É Bom?

Certa vez Blaise Pascal disse que o destino de Deus é ser eternamente mal compreendido.<sup>1</sup> Isso, com certeza, é verdade quando surge o problema do mal. Algumas pessoas compreendem tão mal a Deus que chegam a concluir que Ele não é absolutamente bom; ao menos, não da forma que concebíamos ser seu caráter. Alguém já disse assim: "Como o mal pode ser compatível com a idéia de um Deus que é ativo no comando deste mundo? Há calamidades naturais: incêndios, terremotos e inundações. No passado, estas coisas foram chamadas 'atos de Deus'".<sup>2</sup>

Deus é totalmente bom? Reflita sobre esses dois casos de pessoas que não abraçam a tradicional compreensão da bondade de Deus. A seguir, veja o que a Bíblia diz sobre a questão.



Gordon Clark, proeminente teólogo cristão, lidou com o problema do mal de uma tal forma que, subentende-se, a bondade de Deus foi redefinida.<sup>3</sup> Clark é bastante conhecido nos círculos teológicos como calvinista<sup>4</sup> fervoroso que, de modo determinista, crê que os atos de Deus

são a causa de tudo o que acontece no universo, inclusive os atos individuais dos seres humanos. Assumindo que esta premissa é verdadeira, conclui-se que, na verdade, os seres humanos não têm livre arbítrio.<sup>5</sup> Clark escreve: "O livre arbítrio não apenas é fútil, mas falso. Com certeza, se a Bíblia é a Palavra de Deus, o livre arbítrio é falso, pois a Bíblia, consistentemente, nega o livre arbítrio".<sup>6</sup> O desejo de Deus controla, absoluta e soberanamente, todas as coisas — inclusive os seres humanos.

Embora sustente que tudo o que Deus faz é bom, Clark afirma: "Declaro, intencional e sinceramente, que se um homem se embriaga e mata sua família, é porquê Deus assim o quis". Igualmente, era desejo do Pai que Jesus fosse crucificado no madeiro destinado aos criminosos.<sup>7</sup> Clark, portanto, no mínimo, entende a bondade de Deus de modo bem diferente da maioria dos cristãos. Millard Erickson, teólogo, resume a posição de Clark desta maneira:

O que quer que aconteça é causado por Deus. O que é causado por Deus é bom. O que quer que aconteça é bom.<sup>8</sup>

Clark faz distinção entre o *desejo normativo* e o *desejo expresso* de Deus. Ele diz que o desejo normativo está relacionado aos comandos de Deus na Bíblia, como os Dez Mandamentos. O desejo expresso relaciona-se a todos os eventos que Deus decreta ou causa no universo. "Pode parecer estranho, em um primeiro momento, que Deus decreta atos imorais, porém a Bíblia mostra que Ele o fez".<sup>9</sup> Segundo Clark aponta, a Bíblia registra que Deus mandou os profetas mentirem (2 Cr 18.20 e 21). O significado final desse conceito é que Deus é a causa do pecado:

Sem dúvida, essa visão certamente torna Deus a causa do pecado. Deus é a causa última de tudo. Não existe absolutamente nada independente dEle. Apenas Ele é o ser eterno. Apenas Ele é onipotente. Apenas Ele é soberano.<sup>10</sup>

Clark não quer dizer que o próprio Deus *comete* pecado, mas que Ele decreta que os *seres humanos* pequem. Logo, o pecado que os seres humanos cometerão passa a ser uma coisa certa. Clark, no entanto, diz que Deus não é responsável pelos pecados dos seres humanos. A responsabilidade repousa diretamente sobre os ombros dos homens.<sup>11</sup> O pecado envolve a transgressão da lei de Deus, mas é dito que Deus está acima de todas as leis: "Não há lei superior a Deus que o proíba de decretar atos pecaminosos. Para haver pecado, pressupõe-se que haja uma lei, pois o pecado é a ausência da lei".<sup>12</sup> Deus, portanto, é o Criador divino e tem direitos ilimitados. Ninguém está acima dEle, ninguém pode puni-lo e ninguém pode responsabilizá-lo.<sup>13</sup>

O homem é responsável, pois Deus o chama a prestar contas; o homem é responsável, pois o poder supremo pode puni-lo por desobediência. Deus, ao contrário, não pode ser responsabilizado pela simples razão de que não há poder superior ao dEle; nenhum ser maior pode responsabilizá-lo; ninguém pode puni-lo; não há ninguém para quem Deus seja responsável; não há leis que Ele possa desobedecer.<sup>14</sup>

Em vista do exposto acima, parece claro que, da perspectiva de Gordon Clark, coisas ruins acontecem para pessoas boas porque *Deus decretou que assim fosse*. Isso significa que meu sobrinho Greg foi violentamente atropelado e morto por um carro em alta velocidade apenas por que Deus assim o decretou. Em conseqüência, meu irmão Paul sofreu inconsolável pesar simplesmente pela vontade de Deus. E esta visão sustenta, ainda, que Deus é bom.



Um dos mais controversos aspectos da visão muçumana de Deus, cujo nome é Alá, relaciona-se à sua absoluta soberania. O Alcorão nos conta:

"Deus tem poder sobre todas as coisas" (Sura 3.165). Na visão mulçumana, Deus causa tanto o bem quanto o mal. Deus pode guiar o homem para a retidão ou liderá-lo para o mal. Afirma-se, em umas das vinte passagens do Alcorão, que Alá lidera o homem desviado. Abdiyah Akbar Abdul-Haqq faz esta observação: "Mesmo que uma pessoa deseje a orientação de Deus, ela não pode fazer isso sem a anterior escolha de Deus a favor de sua livre escolha".<sup>15</sup> Tudo que acontece no universo, seja bom ou mal, é predeterminado pelo imutável decreto de Alá. Os mulçumanos acreditam que nossos pensamentos, palavras e atos (bons e maus) foram previstos, predeterminados e decretados por toda eternidade. Assim, Alá é descrito de várias maneiras como o Destruidor, o Acusador, o Tirano ou o Altivo.<sup>16</sup> Al-Ghazzali, teólogo mulçumano, expõe da seguinte maneira:

Ele deseja, também, a incredulidade do incrédulo e a descrença do pecaminoso e, sem esse desejo, não poderia haver nem incredulidade nem descrença. Tudo que fazemos é determinado por Seu desejo: o que Ele não deseja não acontece. Se alguém perguntar por que Deus não deseja que os homens acreditem, respondemos: 'Não temos o direito de questionar os desejos ou atos de Deus. Ele é totalmente livre para desejar e para fazer o que lhe agrada'. Ao criar incrédulos, deseja que permaneçam dessa maneira; ao fazer serpentes, escorpiões e porcos, deseja, em suma, que tudo isso seja mal, Deus tem sábias finalidades em vista que não necessitamos conhecer.<sup>17</sup>

Risaleh-i-Barkhawi, outro teólogo muçumano, chega a ponto de dizer:

Ele [Deus] não apenas pode fazer qualquer coisa como, na verdade, é o único que pode fazer qualquer coisa. Quando um homem escreve, foi Alá quem criou em sua mente o desejo de escrever. Alá, ao mesmo tempo, dá a capacidade de escrever, como também realiza o movimento da mão e da caneta e é responsável pelo aparecimento da escrita no papel. Apenas Alá é ativo, todas as outras coisas são passivas.<sup>18</sup>

Portanto, há uma forte tendência de determinismo e mesmo fatalismo no islã. Ouvimos com frequência, entre os muçumanos, esta afirmação: "*Im shallah* — como Deus quiser".<sup>19</sup> Esse forte senso de fatalismo pode levar a ações irresponsáveis. Bruce McDowell e Anees Zaka contaram que em Teerã, capital iraniana, há apartamentos cujas janelas são baixas. Delas, muitas crianças já caíram e perderam suas vidas; nenhuma providência foi tomada — estas mortes de inocentes crianças são o desejo de Alá.<sup>20</sup> Portanto, o fatalismo também conduz a uma diminuição do senso de responsabilidade moral. John Gilchrist resume a maneira de pensar do muçumano desta maneira: "Se ninguém pode resistir [ao desejo soberano de Alá], então, por que a luta pelo progresso pessoal? Simplesmente, aceite o que você tem à disposição, pois, na realidade, o desejo de Deus se realizará".<sup>21</sup> Essa atitude permeia a mentalidade de muitos muçumanos.

Alguns muçumanos tentam explicar essa contradição em Alá (causar o bem e o mal), referindo-se não à *natureza* de Deus, mas sim ao



seu *desejo*. Entretanto, tal explicação não parece muito satisfatória, uma vez que as ações se originam de um desejo deveras enraizado na natureza da pessoa. Ou, como Norman Geisler e Abdul Saleeb, apologistas cristãos, expressam essa idéia: "A água salgada não brota de um rio de água doce".<sup>111</sup>

Não é possível deixar de perceber que o Alá do Alcorão parece agir de maneira arbitrária. Ele pode escolher o bem, ou, facilmente, preferir o mal. Ele pode escolher a misericórdia, ou, sem esforço, optar pela crueldade. Ele pode escolher o ódio e preterir o amor. Isso fica evidente, mais do que em qualquer outro lugar, em Sura 11.118-19: "Se o Senhor assim desejasse, Ele poderia fazer com que todos os homens tivessem a mesma religião [...], mas foi assim que Ele os criou; para cumprir a palavra do Senhor: em verdade, encherei todo o inferno com gênios e homens". Em outras palavras, Alá fez algumas pessoas acreditarem em outras religiões (falsas) pelo mero propósito de povoar o inferno.

A despeito da forte ênfase na soberania de Deus, o Alcorão também ensina que os seres humanos serão moralmente responsabilizados pelo mal que fizerem. Alá os julgará no Dia do Julgamento. Não se explica, de maneira adequada, como os seres humanos serão responsabilizados por aquilo que Alá arbitrária e soberanamente decretou para toda a eternidade, mas os mulçumanos, todavia, crêem nisso.

O Alcorão ensina que Alá ocupa-se tanto do mal quanto do bem; logo, não surpreende o fato de não sugerir em nenhum momento que Alá é santo. O Alcorão parece enfatizar mais o poder de Alá do que sua pureza; sua onipotência mais do que sua santidade. Isso é totalmente distinto em

relação ao Deus da Bíblia, pois o atributo central de Jeová é a santidade (Ex3.5;1Pe1.16).

## RESPOSTA AOS DESAFIOS DA BENEVOLENCIA ACIMA DE DEUS

Precisamos formar opinião sobre o que alguém pode chamar de triplo dilema — isto é: Deus é Todo-poderoso; Deus é totalmente bom; mesmo assim, o mal existe. No entanto, a solução não pode ser encontrada por meio do comprometer ou redefinir a benevolência de Deus.

A Bíblia ensina que o nosso Deus é totalmente bom e tem um propósito ao permitir que o mal exista — pelo menos, quanto ao aspecto temporal. O espaço que separa a eternidade passada da eternidade futura é o minúsculo ponto no tempo em que os seres humanos vivem sobre a terra temporal. Durante esse ínfimo ponto, Deus permite (não de maneira determinista) o mal para que alguns bens eternos sejam alcançados.

Até o fim deste livro, tratarei dos propósitos específicos para os quais Deus permite o mal. Nesse momento, responderemos segundo a Bíblia às visões de Gordon Clark e do islamismo.

## O DEUS EXCEPCIONALMENTE BOM

A Bíblia destaca a absoluta unidade do caráter moral de Deus de forma enfática. Por *unidade*, não quero dizer que Deus é bom e mau, misericordioso e perverso. Deus é *excepcionalmente* bom, justo e reto. O

Deus da Bíblia abomina o mal, não cria o mal moral nem leva o homem a desviar-se.

Os apologistas cristãos notaram que, conforme os ensinamentos do Islamismo, Deus não é bom *em essência*, mas é apenas *chamado* bom só por que Ele *faz* o bem. Ele é designado por suas ações. Obviamente, essa maneira de pensar é decisivamente falha. Uma vez que chamamos a Deus bom por que Ele faz o bem, então devemos chamá-lo mau por que faz o mal? Essa conclusão parece inevitável.<sup>23</sup>

Ademais, se Deus faz o mal, isso não revela algo sobre sua natureza? O efeito não se assemelha à causa? Como Tomás de Aquino salientou, uma pessoa não pode causar algo que não possui.<sup>24</sup> Dificilmente, à luz dessa explanação, podemos deixar de concluir que o mal é parte da natureza de Alá.

Ao contrário, a Bíblia é clara ao dizer que o bem e o mal não podem originar-se de uma única essência (Deus). Deus é luz, e "e não há nele treva nenhuma" (1 Jó 1.5); compare com Habacuque 1.13; Mateus 5.48. A passagem de 1 João 1.5, em particular, é mais enfática no grego quando traduzida de forma literal, quer dizer: "E não há escuridão nele *de maneira alguma*". João não poderia ter dito isso de forma mais vigorosa.

O profeta Isaías assim adverte: "Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal!" (Is 5.20). Dizer que o bem e o mal se originam da mesma essência de Deus é o mesmo que dizer que o mal é bem, e o bem é mal. As Escrituras são enfáticas quando afirmam que Deus é *totalmente* bom:

Oh! Quão grande é a tua bondade, que guardaste para os que te temem, e que tu mostraste àqueles que em ti confiam na presença dos filhos dos homens! (Sl 31.19);

Provai e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele confia (Sl 34.8);

Bom e reto é o Senhor; pelo que ensinará o caminho aos pecadores (Sl 25.8);

Porque o Senhor é bom, e eterna, a sua misericórdia; e a sua verdade estende-se de geração a geração (Sl 100.5);

Louvai ao Senhor! Louvai ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua benignidade é para sempre (Sl 106.1);

O Senhor é bom, uma fortaleza no dia da angústia, e conhece os que confiam nele (Na 1.7).

No capítulo anterior, tratamos brevemente sobre alguns dos atributos de Deus, a retidão e a santidade. Sem repetir o que foi dito anteriormente, observe, nos versículos a seguir, como esses atributos contrastam com a visão de Deus do islamismo:

Porque o Senhor é justo e ama a justiça; o seu rosto está voltado para os retos (Sl 11.7);

Ele ama a justiça e o juízo; a terra está cheia da bondade do Senhor (Sl 33.5);

Justiça e juízo *são* a base do teu trono; misericórdia e verdade vão adiante do teu rosto (Sl 89.14);

Justo serias, ó Senhor (Jr 12.1a);

Quem é como tu, glorificado em santidade (Êx 15.11);

Não há santo como é o Senhor;

porque não há outro fora de ti; e rocha nenhuma há como o nosso Deus (1 Sm 2.2);

Exaltai ao Senhor, nosso Deus, e adorai-o no seu santo monte, porque o Senhor, nosso Deus, é santo (Sl 99.9);

Redenção enviou ao seu povo;

ordenou o seu concerto para sempre; santo e tremendo é o seu nome (Sl 111.9);

E clamavam uns para os outros, dizendo:

Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória (Is 6.3);

Quem te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o teu nome?

Porque só tu és santo; por isso, todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos (Ap 15.4).

De acordo com o Alcorão, os atributos primários de Alá são a transcendência e a soberania. Embora a Bíblia retrate Deus como trans-

cedente e soberano, o atributo primordial de Deus, que permeia toda a Bíblia, é a santidade. Deus nunca faz *nada* que, de qualquer maneira, viole Sua santidade intrínseca.



Recordaremos o capítulo anterior, em que se afirmou que Deus é soberano no sentido de que Ele governa o universo, controla todas as coisas E é o Senhor de tudo. Nada do que acontecer neste mundo estará fora de seu controle. Todas as formas de existência estão no escopo de seu domínio absoluto (Sl 50.1; 66.7; 93.1; Is 40.15; 1 Tm 6.15).

As Escrituras, ao contrário das visões de Gordon Clark e do islamismo, também retratam o homem como possuidor de livre arbítrio (Gn 3.1-7); arbítrio esse que não é controlado, de maneira determinista, por nenhuma força externa (como, por exemplo, Deus). Certamente, é inescrutável para o entendimento finito do homem *como* a soberania divina e o livre arbítrio do ser humano possam ser verdadeiros. No entanto, essas duas doutrinas são ensinadas nas Escrituras. Na verdade, elas são vistas lado a lado em um único versículo. Por exemplo, em Atos 2.23, lemos sobre o Cristo crucificado: "A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos". Aqui vemos, lado a lado, a *soberania divina* ("pelo determinado conselho e presciência de Deus") e o *livre arbítrio do*

*ser humano* ("tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos").

Também, em Atos 13.48, vemos as duas doutrinas: "E os gentios, ouvindo *isto*, alegraram-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna". A soberania de Deus é clara ("todos quantos estavam ordenados para a vida eterna"), como também o livre arbítrio do homem ("creram").

Nas Escrituras, há numerosos indícios de que o ser humano tem livre arbítrio. Em Mateus 23.37, Jesus fala aos judeus que o haviam rejeitado; "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, *e tu não quiseste*" (grifo do autor). Cristo (Deus) tenta afetosamente trazer esses judeus para perto dEle, mas por expressão dessa vontade (sem coerção de Deus), eles escolhem não ser trazidos para perto dEle.

Da mesma forma, em Gênesis, vemos o livre arbítrio do homem retratado por meio do pecado de Adão e Eva. Depois que eles se rebelaram, ao comer o fruto proibido, Deus foi ao jardim e perguntou-lhes: "Por que *fizeste* isso?" (Gn 3.13, grifo do autor) Adão e Eva não podiam devolver a responsabilidade a Deus e dizer: "O Senhor decretou que assim fizessemos". Eles eram culpados de seu ato de rebelião contra o Senhor.

A questão sobre a soberania divina e a autonomia do ser humano não é algo fácil de conciliar. Algumas pessoas sugeriram que a soberania divina e o livre arbítrio do ser humano são como trilhos de trem paralelos que, nas Escrituras, correm lado a lado. Os trilhos nunca se juntam deste lado da eternidade. Quando entrarmos no esplendor do céu, sem dúvida,

teremos completo entendimento dessas doutrinas bíblicas. Agora, como em um espelho, temos apenas um pobre reflexo do que veremos de maneira clara (2 Co 13.12).

A.W. Tozer fornece-nos essa bem conhecida, mas muito útil ilustração em relação ao modo como a soberania divina e o livre arbítrio do ser humano podem ser, ao mesmo tempo, verdadeiros:

Um transatlântico parte de Nova York com destino a Liverpool. Sua destinação foi determinada pelas autoridades apropriadas. Ninguém pode mudar isso. Esse é um débil retrato da soberania.

A bordo do navio, há um grande número de passageiros. Eles não estão acorrentados e, tampouco, seus movimentos foram determinados por decreto. Eles são totalmente livres para se mover de acordo com seu desejo. Eles comem, dormem, descansam no convés, lêem, conversam da forma que lhes agrada; mas tudo isso enquanto o grande navio os leva direto para um porto pré-determinado.

A autonomia e a soberania estão presentes aqui, e uma não contradiz a outra. Acredito que o mesmo acontece com a autonomia do homem e a soberania de Deus. O poderoso navio do projeto soberano de Deus segue resolutamente o curso sobre o mar da história. Deus, tranquilo e desimpedido, segue direto para o cumprimento daqueles propósitos divinos que Ele designou em Cristo Jesus antes que o mundo existisse. Não sabemos tudo que está incluído nesses propósitos, mas foi-nos revelado o suficiente



para suprir nossa compreensão com um grande esboço das coisas por vir e dar-nos real esperança e firme segurança quanto ao bem-estar futuro.<sup>25</sup>

Considerando esta exposição, devemos concluir que Gordon Clark e o islamismo estão absolutamente incorretos ao afirmar que Deus, de forma determinista, causa o mal. Não acredito, nem por um instante, que Deus levou um homem a embriagar-se e matar toda a família a tiros. Antes, o homem usou seu livre arbítrio de maneira deturpada, violando por completo um dos Dez Mandamentos (Êx 20.13) e, além disso, ofendeu a Deus com esse ato atarrador (Ef 4.30).



Encontro, ocasionalmente, pessoas que argumentam que a própria Bíblia afirma que Deus criou o mal ou, de alguma maneira, está envolvido com o mal. Em Isaías 45.7, por exemplo, Deus afirmou: "Eu formo a luz e crio as trevas; eu faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas essas coisas". Em Provérbios 16.4, lemos: "O Senhor fez todas as coisas para os seus próprios fins e até ao ímpio, para o dia do mal". Em Êxodo 4.21 lemos que Deus endureceu o coração do Faraó. A passagem de Romanos 9.13, diz que Deus aborrece Esaú (e aborrecer é algo malévolos). O que significam esses versículos? Eles realmente ensinam que Deus está envolvido com o mal? Examinemos mais de perto.

**Isaiás 45.7.** Nesse versículo, Deus afirmou: "Eu formo a luz e crio as trevas; eu faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas essas coisas". A palavra hebraica para desastre, nesse versículo, não significa "mal moral". Na verdade, a lingüística hebraica diz-nos que, de qualquer maneira, essa palavra não precisa ter qualquer conotação moral.<sup>26</sup> Ela pode, perfeitamente, referir-se às pragas que Deus, por meio de Moisés, infligiu aos egípcios. As pragas não eram moralmente más. Deus planejou essas calamidades para trazer os egípcios ao arrependimento. Deus, como Juiz da terra, de maneira reta e justa pode infligir tais pragas sobre os seres humanos pecadores sem que Seu caráter seja impugnado e sem acusações de que Ele é mau. Por certo, tais pragas podem parecer maldades a quem as experimenta; porém, essas pessoas estavam sofrendo a dívida da justiça. Norman Geisler acrescenta esta percepção:

A Bíblia é clara em relação ao fato de que Deus é moralmente perfeito (cf. Dt 32.4; Mt 5.48) e que é impossível que Ele peque (Hb 6.18). Ao mesmo tempo, sua justiça absoluta exige que Ele puna o pecado. Esse julgamento acontece na forma temporal e eterna (Mt 25.41; Ap 20.11-15). Na forma temporal, a execução da justiça de Deus, às vezes, é chamada de "mal", pois ela parece má àqueles que a experimentam (cf. Hb12.11).<sup>27</sup>

Mais uma vez, em relação a Deus, não há mal *moral*. No caso dos egípcios, Deus estava meramente trazendo justo julgamento sobre os impenitentes pecadores. O bem final — o livramento dos israelitas que

foram escravizados pelos egípcios — era o resultado desse julgamento de Deus.

**Provérbios 16.4.** Nesse versículo, lemos: "O Senhor fez todas as coisas para os seus próprios fins e até ao ímpio, para o dia do mal". Isso não quer dizer especificamente que Deus criou certas pessoas pecaminosas com o único propósito de destruí-las ou enviá-las para o inferno. As Escrituras nos asseguram que Deus não quer que *ninguém* pereça (2 Pe 3.9, grifo do autor) e que Deus ama toda a humanidade (Jó 3.16). Deus "quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade" (1 Tm 2.4). O preço da redenção que Cristo pagou na cruz está disponível para todos (1 Jó 2.2). Esses versículos nos fornecem um importante pano de fundo para a interpretação apropriada de Provérbios 16.4, pois, se há algo a aprender com esses versículos, é que Deus cuida de todas as pessoas e as ama.

*The Expositor's Bible Commentary* aponta que a intenção inicial da passagem é mostrar que, por fim, a justiça será proporcional às ações humanas:

Deus, em sua soberania, garante que tudo na vida receba a devida retribuição [...] O ponto é que Deus assegura que as conseqüências correspondem às ações de cada um — certamente, o pecaminoso para o dia da calamidade. Na ordem de Deus, há a justa retribuição para cada ato, cada ato acarreta uma resposta ou conseqüência.<sup>28</sup>

C.F. Keil e F. Delitzsch, intérpretes do AT, acrescentam que quando essa conseqüência vem sobre o pecaminoso, isso fará com que a santidade de Deus seja "manifestada na merecida punição e, dessa maneira, faz com que a maldade seja uma forma de manifestar sua glória".<sup>29</sup> Como esse dia será aterrador e solene!

**Êxodo 4.21.** Nesse versículo, somos informados de que Deus endureceu o coração de Faraó. O texto da Escritura, de maneira mais extensa, afirma, por dez vezes, que Faraó endureceu seu próprio coração (Êx 7.13,14, 22; 8.15,19 32; 9.7,34 35; 13.15), e, por dez vezes, que Deus endureceu o coração do faraó (Êx 4.21; 7.3; 9.12; 10.1,20, 27; 11.10; 14.4,8,17). Faraó endureceu o próprio coração sete vezes antes que Deus o fizesse, embora tudo isso seja precedido pelo vaticínio de que Deus faria isso.

De acordo com toda a Escritura, Deus endurece pela mesma razão que demonstra misericórdia. Se o homem aceitara misericórdia de Deus, Ele a concederá. Mas se o homem não a aceitar, endurecendo seu coração, o Senhor, ao julgá-lo, apenas demonstra ser justo e reto. A misericórdia é o resultado de uma atitude reta; o endurecimento é o resultado da teimosia ou da atitude errada em relação a Deus. É como a argila e a cera no sol. Os mesmos raios solares endurecem um e amolecem o outro. A responsabilidade quanto ao tipo de reação é do material, não do sol. Os estudiosos sugerem que o perigo de resistir a Deus é que Ele, por fim, entrega-nos aos nossos próprios desejos (Rm 1.24-28).

**Romanos 9.13.** Nesse versículo, lemos que Deus aborrece Esaú. Conforme o contexto, a palavra "aborrecer" não pode ser considerada como se Deus tivesse a emoção humana de rejeitar, desdenhar e ter um

desejo de vingança contra Esaú. Deus não tinha emoções psicológicas negativas que se acendiam contra Esaú. Antes, a palavra deveria ser entendida como o *o* é no idioma hebreu — uma palavra que significa "amar menos" (compare com Gn 29.30-33):

Em Lucas 14.26, ganhamos percepções dessa palavra quando Jesus afirma: "Se alguém vier a mim e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo". Essas palavras não transmitem o sentimento de ódio, de aborrecimento. Não se esqueça que, conforme a ética de Jesus, não temos a prerrogativa de *aborrecer* ninguém. Devemos amar até mesmo nossos inimigos (Lc 6.27). O quinto mandamento também nos instrui: "Honra a teu pai e a tua mãe" (Êx 20.12), esse mandamento é repetido no Novo Testamento (Ef 6.1-3; Cl 3.20). Jesus, com certeza, não instruiu seus seguidores a desobedecer a lei santa de Deus. Antes, a palavra *aborrecer* transmite claramente a idéia de "amar menos". Em outras palavras, devemos amar a Jesus mais do que amamos aos nossos pais.

Nesse caso, devemos parafrasear Romanos 9.13 dessa maneira: "Em comparação com meu grande amor por Jacó, meu sentimento por Esaú, a quem 'amo menos', pode se *parecer* com rejeição". O propósito soberano de Deus para seu povo referia-se apenas a Jacó e seus descendentes.

Devemos concluir que Deus não está envolvido, nem nunca esteve, em qualquer ato mal. Os atos de Deus sempre estão em perfeita harmonia com Sua natureza santa, reta e justa.

## DEUS E O ESPÍRITO DA MENTIRA

Gordon Clark sugeriu que, na época do Antigo Testamento, Deus compeliu os profetas a mentir. Todavia, acredito que isso é uma distorção do cenário bíblico. Não esqueçamos que a Bíblia proíbe a mentira (Êx 20.16). A mentira é pecado (Sl 59.12), uma abominação para Deus (Pv 12.22). Em Números 23.19 afirma que "Deus não é homem, para que minta". A concepção de Clark viola o espírito dessa passagem.

Em 2 Coríntios 18.20,21 Deus *permite* a ação de um "espírito de mentira". Entretanto, há uma distinção entre o que Deus *infunde* e o que Ele *permite*. Deus, por exemplo, permite que Adão peque no jardim do Éden, mas Ele não o infunde a fazer isso. Deus permite que Lúcifer se rebelde contra Ele, mas não o impele a isso. Deus permite que Ananias e Safira mintam para Pedro, mas Ele não os leva a fazê-lo. Do mesmo modo, Deus permite a atividade de um espírito de mentira, mas Ele não infunde isso. Além disso, o caráter de Deus não pode ser contestado.

## CURTISSO CORTE

Se eu pensasse que Deus terminantemente causasse todas as coisas ruins em minha vida, seria tremendamente difícil sentir-me íntimo dEle. Quanto mais penso sobre isso, mais rejeito essa idéia. Não posso imaginar a dor que causaria a meu irmão Paul se lhe dissesse: "Bem, Paul, deve ter sido o desejo de Deus que Greg fosse atropelado por um carro em alta velocidade, ser arremessado trezentos metros adiante e depois, mais dois

outros carros passarem sobre ele. Mas apesar disso, acho que você deveria confiar em Deus". Acredito que seria biblicamente mais preciso reconhecer que, embora Deus seja totalmente soberano, Ele também permite que façamos escolhas, e a grande quantidade do mal que recai sobre nós é consequência das escolhas equivocadas. Posteriormente, trataremos mais sobre este assunto.

Caro amigo, da próxima vez que a vida lhe der um forte golpe, por favor, não sucumba à tentação de duvidar da bondade de Deus. Essa atitude apenas lhe causaria mais dor e sofrimento. A bondade de Deus é verdadeiramente abundante (Sl 31.19), e Ele quer apenas seu bem maior. Ele o ama e deseja cuidar de você em todas as dores.

Meu melhor conselho para você, fundamentado em anos de experiência, é começar a memorizar algumas passagens-chave sobre a bondade de Deus. Minhas passagens favoritas são Salmos 34.8; Salmos 100.5; Salmos 106.1 e Naum 1.7. Abra sua Bíblia e deixe esses versículos confortarem sua alma. Enquanto reflete sobre a bondade de Deus, ofereça louvores a Ele por todas as coisas boas que, não obstante, existem em sua vida. Digo isso por que, quando sofremos, tendemos focar apenas as coisas negativas. Ao trazer à mente as coisas boas que permanecem em nossa vida e meditar sobre elas, podemos transformar nossas atitudes e pôr nosso sofrimento em uma perspectiva adequada. É possível fazer isso lembrando da máxima áurea: o sofrimento pode nos ajudar a manter o mundo, e o que nele há, tornando-o mais atraente para nós. Podemos conjecturar que, sem o sofrimento, as pessoas estariam totalmente satisfeitas com este mundo e não procurariam por nada mais. As pessoas não procurariam ser

merecedoras do lar eterno nem seriam impelidas a se preparar para a eternidade.

Acredito que Deus quer que saibamos que esta vida não é tudo o que existe. Os poucos anos que passamos neste planeta servem de preparação para toda eternidade. Esta terra não é o nosso verdadeiro lar. Como cristãos, somos apenas "peregrinos" e "hóspedes" que passam por aqui (1 Pe 2.11). Estamos em nosso caminho para outro país — um país *celestial* (Hb 13.14). Um país pelo qual os antigos santos ansiavam:

Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas, mas, vendo-as de longe, e crendo nelas, e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra. Porque os que isso dizem claramente mostram que buscam uma pátria. E se, na verdade, se lembrassem daquela de onde haviam saído, teriam oportunidade de tornar. Mas, agora, desejam uma melhor, isto é, a celestial. Pelo que também Deus não se envergonha deles, de se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade (Hb 11.13-16).

Esses indivíduos têm uma perspectiva divina, e quando deparam-se com o sofrimento, sua perspectiva eterna os ajuda a suportá-lo e a prosseguir caminho. Faríamos bem em imitá-los e manter nosso olhar fixo no futuro, direcionado para a eternidade. Joseph Stowell aponta-nos a direção correta:

A eternidade é o assunto principal. O céu deve tornar-se nosso primeiro e último ponto de referência. Fomos feitos para ele;



fomos redimidos para lá habitar e estamos em nosso caminho para alcançá-lo. O sucesso em alcançá-lo depende de vermos e respondermos agora à luz do porvir. Tudo o que temos, o que somos e o que acumulamos deve ser visto como recurso por meio do qual podemos influenciar e abalar o outro mundo. Até mesmo nossas tragédias devem ser vistas como eventos que nos trazem ganho eterno.<sup>30</sup>

Para manter nosso olhar focado na eternidade, devemos nos deleitar com passagens da Bíblia, como Apocalipse 21.3-5:

E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o Tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas. E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve, porque estas palavras são verdadeiras e fiéis.

Se vivermos pensando que esta vida é tudo que existe, com certeza ficaremos facilmente desencorajados. No entanto, se temos certeza do estado de bem-aventurança eterna que nos aguarda, como também o que fazemos na terra conta para a eternidade, então estaremos cheios do vento divino que impulsiona nosso veleiro terrestre, o qual nos capacita a enfrentar qualquer condição do mar que possa estar a nossa frente. Se tiver-

mos certeza de que a morte — o momento da passagem desta vida para a que teremos com Cristo no céu — é realmente um ganho, então não oscilaremos quando, nesta terra que ora estamos de passagem, as coisas saírem erradas. Não sucumbamos à tentação de duvidar da bondade de Deus. Antes, perceberemos que o sofrimento do presente não é nada se comparado com a glória celeste que nos será revelada (Rm 8.18).

A vida de Hermann Lange ilustra, de maneira perfeita, o que estou falando. Lange era um jovem pregador alemão que permaneceu entre os cristãos que se manifestavam contra a perseguição de Adolf Hitler ao Evangelho. Lange, como muitos outros, foi preso, interrogado, julgado como criminoso e condenado a morrer por fuzilamento. Ele, em vez de questionar a bondade de Deus, manteve o olhar firmemente focado na eternidade. Em seu último dia de vida, escreveu uma carta de despedida para seus pais:

Quando esta carta chegar às suas mãos, não estarei mais entre os vivos. Aquilo que por muitos meses ocupou constantemente nossos pensamentos, nunca nos deixando livres para divagar sobre outros assuntos, está agora para acontecer. Se vocês me perguntarem como estou por dentro, posso apenas responder: primeiro, estou com ânimo jubiloso e, segundo, estou com muita esperança. Em relação ao primeiro sentimento, significa que hoje termina todo sofrimento e toda aflição terrestre para mim — e "Deus limpará de [meus] olhos toda lágrima". Que consolação, que maravilhosa força emana da fé em Cristo que nos precedeu na morte. Coloquei minha fé nEle e hoje, neste dia

marcante, minha fé está mais firme do que nunca [...] E em relação ao segundo sentimento [a esperança], esse dia representa o mais magnífico momento de minha vida! Tudo que fiz, tudo pelo que lutei e concluí até agora, no fundo foi direcionado para esse objetivo, cuja barreira transporei hoje. "As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam" (1 Co 2.9) Até nosso próximo encontro lá em cima, na presença do Pai das Luzes, seu jovial, Hermann.31

## Capítulo 3

### O Mal Prova que Deus É Finito?

A palavra *finito* significa "o que tem um fim, um limite".<sup>1</sup> Algumas pessoas quando consideram o problema do mal, concluem que Deus tem poder limitado, que Ele deve ser finito. Elas sugerem que Deus quer acabar com o problema do mal (o que quer dizer que Ele é bom), mas Ele, simplesmente, não tem poder para tal. Essa visão de que Deus tem poder limitado é conhecida nos círculos teológicos como deísmo finito.

Neste capítulo, de maneira resumida, abordaremos três manifestações modernas de deísmo finito: (1) a visão de Rabbi Harold Kushner, a saber, de que Deus é bom, porém não é Todo-poderoso; (2) a visão do processo teológico que defende que Deus ainda está em crescimento e não tem o controle soberano do universo, embora tente "atraí-lo" à sua bondade; e (3) a visão do teísmo aberto que defende que Deus é finito em seu conhecimento do futuro e, portanto, não sabe se o bem subjugará o mal. Em contraposição a essas visões, apresentarei evidências bíblicas de que Deus é Todo-poderoso e onisciente, como também demonstrarei por que um deus finito é indigno de ser adorado.



Rabbi Kushner, no início da década de 1980, popularizou o deísmo finito por meio de seu livro, um êxito de vendas, *When Bad Things Happen to Good People* (Quando Coisas Ruins Acontecem com Pessoas Boas). O próprio Kushner encontrou-se face a face com o problema do mal devido à morte prematura de seu filho:

Acredito que segui o caminho de Deus e fiz obras conforme sua vontade. Como isso pôde acontecer com minha família? Se Deus existisse, Ele seria minimamente justo, isso para não mencionar o fato de Ele ser amoroso e perdoador. Então, como Ele poderia fazer isso comigo? E mesmo que eu esteja convicto de que mereci essa punição por algum pecado de negligência ou orgulho do qual não estivesse ciente, qual o fundamento para que Aaron [meu filho] sofresse?<sup>2</sup>

Kushner concluiu que Deus simplesmente não controla algumas coisas. Deus é bom, mas Ele não tem poder suficiente para realizar todas as coisas boas que quer. Em suma, Deus é finito.<sup>3</sup> "Deus quer que os justos tenham uma vida serena e feliz, mas algumas vezes, até mesmo Ele não pode realizar isso. É muito difícil para Deus preservar as vítimas inocentes da crueldade e do caos que requerem seus direitos sobre elas".<sup>4</sup>

Então, Kushner sugeriu que Deus é limitado pelas leis da natureza e pela realidade da autonomia moral do ser humano.<sup>5</sup> Ele lamenta que até

mesmo Deus tenha momentos difíceis para "limitar os danos causados pelo mal".<sup>6</sup> Como exemplo, ele cita o holocausto. Esse foi um evento horrível e, com certeza, Deus queria dar fim a esse episódio. No entanto, Ele simplesmente não tinha força bastante para se colocar contra isso. Deus não pôde, sequer, aliviar Jó de suas aflições.



Outra forma de deísmo finito é o processo teológico. Esse sistema teológico, defendido por pensadores como Alfred North Whitehead, Charles Hartshorne e John Cobb, envolve uma visão altamente filosófica de Deus.

O processo teológico não é para quem tem coração frágil. Todavia, a razão pela qual esta corrente tem exercido grande influência merece um breve exame.<sup>7</sup> Para facilitar as coisas, transcrevi os principais (e difíceis) ensinamentos do processo teológico para uma linguagem acessível:

1. Toda realidade está em constante mutação. Ela está sempre em *processo*.
2. Tudo no universo está relacionado a todas as outras coisas e as influências. Nada existe isoladamente. Nada é uma "ilha".

3. Ao reagir à idéia de que Deus é transcendente (acima e além do universo), os defensores do processo teológico acreditam que Deus está relacionado, de maneira íntima, com o universo. Na verdade, o universo é visto como o corpo de Deus. Dizem que todas as coisas acontecem "em Deus". Deus está organicamente relacionado com toda a realidade. Ele é Interdependente do mundo. E Deus, como o resto do universo, é caracterizado mais pelo processo e mudança do que pela estabilidade e integridade.<sup>8</sup>
4. Deus não exerce soberania sobre o mundo. Ele não é um ser controlador ou coercivo. Antes, Ele simplesmente tenta "atrair" o mundo para a direção positiva. Ele se empenha para persuadir o mundo em direção ao bem e para inspirar o ser humano em direção à melhor ação. Ele é a grande dinâmica por trás da evolução.<sup>9</sup>
5. Deus não é onipotente. Ele não pode alterar certas ocorrências na criação. Como citamos acima, Ele opera de maneira interdependente com a criação, não coagindo o ser humano para realizar seus desejos, mas tentando atraí-los para pôr em prática as metas que Ele determinou para eles.<sup>10</sup>
6. O ser humano tem liberdade para resistir à tentativa de Deus de atraí-lo. Eles podem escolher não corresponder à persuasão divina, conforme estabelecida por Deus em sua proposta.<sup>11</sup> Logo, a atividade divina envolve riscos.<sup>12</sup> Não há garantia de que Deus será bem-sucedido.

7. Como Deus não tem o controle absoluto e apenas atrai e influencia as pessoas, o problema do mal é facilmente resolvido. John Cobb, teólogo do processo, comenta que "uma vez que Deus não está no controle total dos eventos do mundo, a ocorrência do mal genuíno não é incompatível com a bondade de Deus em relação a todas as criaturas".<sup>13</sup>
8. Deus não é onisciente (conhecedor de tudo). O futuro está aberto de maneira radical, pois Deus não está nos guiando em direção a um fim predeterminado. Deus não pode prever os eventos futuros inesperados. Ele conhece apenas o que *pode* ser conhecido (abrangendo todo o passado até o momento presente). No entanto, o conhecimento dEle continua a se desenvolver, como também os eventos futuros imprevisíveis que acontecerão. A cada momento, um novo evento imprevisto acontece, e nesse momento, e apenas nesse momento, Deus tem conhecimento dEle.
9. Deus está no processo de crescimento e desenvolvimento. Ele cresce como resultado de um relacionamento pessoal, como também dos eventos que acontecem na terra. Deus é movido pelos acontecimentos que têm lugar neste planeta. Ele pode ser enriquecido ou enfraquecido pelo que Ele encontra aqui. Deus, por exemplo, abateu-se com o Holocausto e deplorou o fato de Hitler e seus seguidores nazistas, assassinos impiedosos, escolhessem ignorar seu chamariz em direção às coisas positivas.



Com certeza, há mais no processo teológico, mas isso mostra que o Deus em processo é finito de várias maneiras.



O teísmo aberto, assim conhecido nos círculos teológicos, primo atheado do processo teológico, é uma visão mais recente.<sup>14</sup> O teísmo aberto assim como o processo teológico, postula que Deus não tem presciência completa do futuro. As coisas más que os seres humanos fazem surpreendem a Deus, assim como a nós. Deus sabe o que é possível saber, o que inclui todos os eventos do passado e do presente. No entanto, para Deus, não é possível saber de maneira infalível os futuros atos autônomos dos seres humanos.<sup>15</sup> John Sanders, teísta aberto, escreveu: "Apesar do conhecimento de Deus ser conforme à realidade na qual Ele conhece tudo que pode ser conhecido, os atos futuros de criaturas livres ainda não são realidade e, portanto, não há nada para ser conhecido sobre elas".<sup>16</sup>

Portanto, Deus corre riscos, pois Ele não tem conhecimento total do futuro.<sup>17</sup> Deus, no entanto, pode predizer com exatidão o que os seres humanos podem fazer, pois Ele conhece o caráter das pessoas envolvidas nas ações.<sup>18</sup>

Não é de surpreender, que os teístas abertos também arguam que a soberania de Deus é limitada. Greg Boyd, teísta aberto, diz que Deus

"escolheu deixar alguma parte do futuro aberto às possibilidades, permitindo que seja resolvida pela decisão de agentes livres".<sup>19</sup>

Desse ponto de vista, portanto, devemos concluir que muito do mal que emergiu em nosso mundo (1) não foi previsto por Deus e (2) foi causado por agentes livres sobre os quais Deus não tinha controle soberano. Isso pode incluir eventos como o assassinio de milhões de judeus cometido por Hitler no Holocausto e os vôos terroristas arremetidos contras as Torres Gêmeas.

Outro ponto significativo, mencionado em relação ao teísmo aberto, é a visão de que Deus, em algum sentido, é um ser temporal. Como Deus comanda atos em um mundo temporal (um mundo em que há tempo, com "antes" e "depois"), o próprio Deus é um ser temporal que está sujeito a mudanças.<sup>20</sup> O argumento pode ser resumido desta maneira: "1) Deus está relacionado a um mundo em mudança. 2) O que quer que esteja relacionado com um mundo em mudança está sujeito a mudanças. 3) Portanto, Deus está sujeito a mudanças".<sup>21</sup>

O ateísmo aberto vê a encarnação como um perfeito exemplo da temporalidade de Deus. Afinal de contas, Deus tornou-se um ser humano na encarnação. Como os seres humanos são temporais, Deus torna-se um ser temporal na encarnação. Além disso, Deus está sujeito ao tempo. Como os eventos imprevisíveis do mundo — ou seja, com o passar do tempo — Deus pode ser surpreendido quando ocorre algum evento horrível. De acordo com esse ponto de vista, é perfeitamente factível que Deus não tivesse idéia de que os terroristas do Al Qaeda voariam nas Torres

Gêmeas, em 11 de setembro. Cada detalhe desse ato terrorista pegou Deus de surpresa, como também a todos os cidadãos dos Estados Unidos.

Há muito mais a dizer sobre o teísmo aberto. Contudo, esse resumo é suficiente para mostrar seu conceito de Deus finito.



O cristianismo histórico tradicional sempre proclamou o ensino bíblico de que Deus é infinito e de que o universo é contingente, pois depende dEle até para existir. Se Deus é finito, então Ele mesmo é um ser contingente, que depende de alguém ou alguma coisa maior para existir.<sup>22</sup> Tal Deus não é digno de nossa adoração.

Esse Deus finito também não é digno de nossa confiança, uma vez que não temos certeza de que Ele poderá vencer o mal no futuro. Por exemplo, não temos garantia de que o mundo sobreviverá nos próximos vinte anos. Não temos garantia de que os terroristas não tomarão conta de todo o planeta e infligirão o horror sobre ele; de que uma praga horrível como a AIDS não eliminará toda a humanidade; ou que Satanás e sua horda de demônios serão impedidos de, no futuro, infligir grande dano (mesmo letal) sobre os cristãos. John Wenham, estudioso bíblico, sugere que o conceito de Deus finito "afeta profundamente a vida diária dos cristãos, pois isso significa que não podemos nos voltar para Ele, confiantes em seu poder de intervir, se assim Ele desejar fazer; não podemos encarregá-lo de nada".<sup>23</sup>

A finidade de Rabbi Kushner fracassa ao considerar que o tempo de Deus é igual ao do ser humano. O fato de Deus não ter derrotado o mal *hoje*, não significa que Ele não o eliminará *no futuro* (2 Pe 3.7-12; Ap 21— 22). Seria falta de visão concluir que Deus tem poder limitado apenas por que alguma coisa ruim aconteceu hoje. Deus tem motivos para permitir que alguma coisa ruim aconteça hoje, razões sobre as quais não sabemos nada e as quais Deus usa para trazer algo muito melhor no futuro. Observei, em algum ponto anterior deste livro, que quando chegarmos ao céu, diremos: "Ah! Agora eu sei!", e que entenderemos por que Deus permitiu que certas coisas acontecessem.

Claramente a finidade vai contra o testemunho bíblico sobre Deus. As Escrituras, ao contrário do Deus impotente de Rabbi Kushner, retratam Deus como sendo o onipotente — O Todo-poderoso. Ele tem o poder de fazer tudo que quiser e desejar. A Escritura declara 56 vezes que Deus é Todo-poderoso (Ap 19.6).<sup>24</sup> Deus tem força abundante (Sl 114.5) e tem grande e incomparável poder (2 Cr 20.6; Ef 1.19-21). Ninguém pode deter a mão de Deus (Dn 4.35). Ninguém pode mudar Deus (Is 43.13); igualmente, nada ou ninguém O poderá deter (Is 14.27). Nada é impossível para Deus (Mt 19.26; Mc 10.27; Lc 1.37); como também nada é muito difícil para Ele (Gn 18.14; Jr 32.17,27). O Todo-Poderoso reina (Ap 19.6) e, um dia, Ele derrotará todo o mal.

Além disso, Deus, ao contrário da visão de Rabbi Kushner, não é limitado pela natureza nem está sujeito a suas leis. As leis da natureza são meras observações da uniformidade ou constância da natureza — constância essa que o próprio Deus construiu no universo. Essas leis

descrevem a maneira como a natureza se comporta quando seu curso não é afetado por um poder superior. Mas nosso Deus onipotente não está impedido, nem no mais ínfimo grau, de agir no mundo se assim desejar.

As Escrituras nos dizem que Deus é o Sustentador e Governador do universo (At 14.16,17; 17.24-28). A Bíblia descreve que Jesus sustenta "todas as coisas pela palavra do seu poder" (Hb 1.3) e é quem sustenta "todas as coisas" (Cl 1.17). O que do ponto de vista humano é chamado "leis da natureza", na realidade, nada mais é do que o poder normal de Deus de sustentar o cosmos em ação! Pragmaticamente: *Deus não é limitado pelas leis da natureza — Ele controla as leis da natureza.*

Em relação ao mencionado no livro do Rabbi Kushner, há mais um ponto que é preciso mencionar. Certa vez, perguntaram a R.C. Sproul: "Por que coisas ruins acontecem com pessoas boas?" Sua resposta foi breve e sem rodeios: "Ainda não encontrei nenhuma pessoa boa, portanto não sei responder".<sup>25</sup> É claro, Sproul não está negando que algumas pessoas são mais virtuosas do que outras, mas se refere a um ponto teológico muito importante, a saber, que cada um de nós caiu em pecado e todos sofrem os efeitos dessa queda (Is 53.5,6; Rm 3.23; 5.12). Fariamos melhor ao ter em mente que o pecado é o maior culpado quando se trata de entender por que coisas ruins acontecem às pessoas. Posteriormente, discutiremos mais sobre isso neste livro.



A seguir, fornecerei resumos das dez críticas mais significativas que mostram a fragilidade do processo teológico e do teísmo aberto.

**1. O que aconteceria ao Deus do processo teológico se o mundo não existisse?** Sem o mundo (o corpo de Deus) com o qual Deus, de maneira interdependente, interage e no qual se desenvolve, o que aconteceria com seu Ser? Esse Deus parece depender da criação. Como Millard Erickson, teólogo, explica: "A dependência em relação ao processo do mundo compromete muito seriamente a dimensão absoluta e ilimitada de Deus. A Bíblia retrata Deus envolvido com o mundo, como também o retrata antecipando a criação e com uma posição independente".<sup>26</sup> O processo teológico solapa a absoluta transcendência de Deus ao tornar a criação essencialmente necessária a sua existência.

Também é de surpreender como isso se relaciona com a segunda lei da termodinâmica. Essa lei diz que em um sistema isolado (um sistema como nosso universo, que nem perde nem ganha energia fora de si mesmo) o curso natural das coisas se degenera. O universo está tornando-se caótico, não evoluindo. Isaac Asimov, cientista, observou que essa lei basicamente significa que o universo está cada vez mais desordenado e tende ao caos. Limpe uma sala e logo ela fica bagunçada de novo. Limpe a cozinha e observe quão depressa ela fica em desordem de novo. "É tão difícil manter casas, máquinas e nosso próprio corpo em perfeito funcionamento; no entanto, é tão fácil deixar que se deteriorem. Na verdade, se não fizermos nada, todas as coisas se deterioram, colapsam, sucumbem, se desgastam, todas por si mesmas — e é disso que trata a segunda lei".<sup>27</sup> O que isso diz a respeito do Deus do processo teológico?

Acima de tudo, se o mundo é o "corpo" de Deus, e se Deus e o mundo são interdependentes, o próprio Deus é objeto da segunda lei da termodinâmica? Ele também está cada vez mais desordenado e tende ao "caos"?

**2. Deus pode interagir com o mundo (e com os seres humanos) sem haver mudança na essência de sua natureza.** A Bíblia, ao contrário do processo teológico e do teísmo aberto, é clara ao afirmar que Deus, em sua natureza essencial, é imutável (invariável). Em Malaquias 3.6, Deus afirma: "Porque eu, o Senhor, não mudo". Em Salmos 102.25-27 lemos a respeito de Deus: "Desde a antigüidade fundaste a terra; e os céus são obra das tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás; todos eles, como uma veste, envelhecerão; como roupa os mudarás, e ficarão mudados. Mas tu és o mesmo, e os teus anos nunca terão fim". Em Tiago 1.17 encontramos: "Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação".

A Escritura também é clara sobre o plano eterno de Deus que são imutáveis. Em Salmos 33.11, lemos: "O conselho do Senhor permanece para sempre; os intentos do seu coração, de geração em geração". Deus afirma:

"Que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antigüidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade" (Is 46.10). Em Hebreus 6.17, lemos sobre "a imutabilidade do seu conselho".

A despeito de ser imutável em sua natureza essencial e propósitos eternos, Deus *pode* e se *envolve* nos relacionamentos mutáveis do mundo.

Algumas vezes, o processo teológico e o teísmo aberto falam sobre a tendência atual dos teístas (como eu) como se não acreditássemos que Deus, pessoalmente, interage com o mundo, porém eles estão errados. Na verdade, a corrente teísta atual acredita que embora Deus seja imutável em seus *atributos*, Ele é enriquecido relacionalmente por suas *interações* com o mundo. Norman Geisler explica isso desta maneira:

Deus, na realidade, é imutável em sua natureza, mas mutável apenas em sua atividade. Por exemplo, Deus age em fúria quando há prevalência da rejeição do homem, e Ele age em misericórdia quando essa condição é transformada pelo arrependimento. Mas em ambos os casos, há uma consistência imutável em sua natureza sagrada e amorosa. A diferença em atividade não é sinal de uma mudança nos atributos de Deus. Ela apenas indica mais uma mudança na criatura, o recipiente da atividade de Deus, e essa atividade está totalmente em concordância com sua natureza imutável.<sup>28</sup>

Embora Deus seja imutável em termos de absoluta deidade, Ele é um Ser pessoal com quem é possível estabelecer um relacionamento pessoal e prazeroso. A pessoa é um ser consciente — que pensa, sente, propõe e conduz essas propostas à ação. A pessoa se engaja em relacionamento ativo com os outros. Você pode falar com uma pessoa e obter resposta dela. Você pode partilhar sentimentos e idéias com ela. Pode argüir com ela, amá-la e, até mesmo, odiá-la, se assim escolher fazer. Com certeza, **DEUS**, por essa definição, deve ser concebido como uma



pessoa. Afinal de contas, Deus é um ser consciente que pensa, sente e propõe — e Ele conduz esses propósitos à ação. Ele se engaja em relacionamentos com os outros. Você pode conversar com Deus e obter respostas dEle.

A Bíblia retrata Deus como aquEle Pai pessoal e amoroso a quem podemos chamar: "Aba" (Rm 8.15). *Aba* é um termo aramaico que transmite grande intimidade e o qual pode ser livremente traduzido por "papai". Ele também é o "Pai de toda consolação" de todos os crentes (2 Co 1.3). As Escrituras, com frequência, também o descrevem como o ser compassivo que responde às petições pessoais de seu povo. (Alguns bons exemplos podem ser encontrados em Êx 3.7,8; Jó 34.28; Sl 81.10; 91.14,15; e Fp 4.6,7.) Ainda assim, o tempo todo, a essência da natureza de Deus é imutável.

**3. Deus é transcendente e também imanente.** A expressão teológica "a transcendência de Deus" refere-se à separação de Deus do universo criado e da humanidade. O termo "imanência de Deus" refere-se à atividade de Deus presente na criação e na história humana (ainda que o tempo todo permaneça distinto da criação). Enquanto o processo teológico e o teísmo aberto, com frequência, caracterizam falsamente a visão do cristianismo histórico de Deus como transcendente radical, o Deus da Bíblia sempre foi visto como transcendente e imanente, muito acima de sua criação, mas ao mesmo tempo, intimamente envolvido com suas criaturas.

Há abundância de versículos no Antigo e Novo Testamento que falam sobre a transcendência de Deus. Por exemplo, em 1 Reis 8.27, Salomão diz: "Mas na verdade, habitaria Deus na terra? Eis que os céus e

até o céu dos céus te não poderiam conter, quanto menos esta casa que eu tenho edificado". Em Salmos 113.5,6, o salmista pergunta: "Quem é como o Senhor, nosso Deus, que habita nas alturas; que se curva para ver *o que está* nos céus e na terra".

Da mesma maneira, muitos versículos da Escritura falam sobre a imanência de Deus. Em Êxodo 29.45,46, Deus afirma: "E habitarei no meio dos filhos de Israel e lhes serei por Deus, e saberão que eu *sou* o Senhor, seu Deus, que os tenho tirado da terra do Egito, para habitar no meio deles". Em Deuteronômio 47 diz: "Porque, que gente *há tão* grande, que tenha deuses *tão* chegados como o Senhor, nosso Deus, todas as *vezes* que o chamamos?"

Alguns versículos da Bíblia ensinam a respeito da transcendência e da imanência de Deus. Por exemplo, Deuteronômio 4.39, diz: "Pelo que hoje saberás e refletirás no teu coração que só o Senhor é Deus em cima no céu e embaixo na terra; nenhum outro há". Em Isaías 57.15 afirma: "Porque assim diz o Alto e o Sublime, que habita na eternidade e cujo nome é Santo: Em um alto e santo lugar habito e também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e para vivificar o coração dos contritos". Em Jeremias 23.23,24, lemos: "Sou eu apenas Deus de perto, diz o Senhor, e não também Deus de longe? Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? — diz o Senhor. *Porventura*, não encho eu os céus e a terra? diz o Senhor".

Fica claro, que Deus está acima e além da criação, contudo, Ele está ativo no meio da criação. Deus, ao contrário do que diz o processo teológico e o teísmo aberto, é transcendente e imanente.

**4. Deus é onisciente (tudo sabe).** Deus sabe todas as coisas, reais e possíveis (Mt 11.21 -23). Ele sabe todas as coisas passadas (Is 41.22), presentes (Hb 4.13) e futuras (Is 46.10). E, devido ao fato de que Ele sabe todas as coisas, seu conhecimento não pode crescer ou decrescer. Salmos 147.5 afirma que o entendimento de Deus "é infinito". O conhecimento de Deus é infinito (Sl 33.13,15; 139.11,12; 147.5; Pv 15.3; Is 40.14; 46.10; At 15.16-18; Hb 4.13; 1 Jó 3.20). Além disso, ao contrário do que o processo teológico e o teísmo aberto argumentam, a saber, de que Deus não conhece eventos futuros incertos até que estes ocorram, a Escritura é clara ao afirmar que Deus, de forma simultânea, conhece todas as coisas — passadas, presentes e futuras.

Numerosos exemplos bíblicos mostram que Deus sabe o que as decisões do livre arbítrio do ser humano ocasionarão. Um exemplo está em João 13.38, em que Jesus anuncia a Pedro que, antes que o galo cante, ele o negará três vezes. Observe a especificidade da predição de Jesus. Ele não disse que Pedro negaria Jesus "poucas vezes" ou "muitas vezes", nem mesmo disse duas ou quatro vezes, mas exatamente três vezes. É espantoso que Jesus possa ser tão específico, se Deus (e, portanto, Jesus) ignora quais serão as ações resultantes do livre arbítrio do ser humano. É claro, os fatos se desenrolaram da maneira exata como Jesus previu. Jesus também sabia que a decisão do livre arbítrio de Judas faria com que ele o traísse (Jó 13.18,19). Esse não era um mero palpite formal da parte de Jesus. Este, em sua onisciência, sabia o que Judas pretendia fazer. O texto bíblico não dá indicação de que Jesus estava fazendo uma suposição fundamentado no caráter de Judas.

Observe que, em relação a esses eventos, a presciência de Deus não significa que Deus os *causou*, como se Pedro e Judas não tivessem escolhido. Lewis Sperry Chafer, teólogo, expõe esse episódio desta maneira:

Se a questão for se o agente moral tem autonomia para agir de maneira distinta da que Deus previu que ele faria, pode-se respondê-la ao dizer que o desejo do ser humano, devido a seu inerente livre arbítrio, é capaz de escolher o contrário do previsto por Deus; porém, ele não fará isso. Se ele o fizesse, essa seria a coisa que Deus preveria. A previsibilidade divina não é coerciva; ela meramente sabe qual será a escolha do ser humano.<sup>29</sup>

Além disso, embora Deus tenha ciência total de quais serão os atos do livre arbítrio do ser humano (inclusive os atos maus), sua presciência não está acidentalmente relacionada a esses eventos. Deus, no entanto, não é responsável pelos atos maus cometidos pelos agentes que têm livre arbítrio.

**5. Por que Deus conhece completamente o futuro suas profecias de futuro são acuradas e corretas.** Se Deus, conforme o teísmo aberto argumenta, não tem conhecimento das decisões futuras que serão tomadas pelos agentes por meio do livre arbítrio, então na melhor das hipóteses, as profecias são duvidosas. Além disso, muitas profecias anunciadas nas Escrituras envolvem ou relatam futuras decisões que serão tomadas por agentes que fazem uso do livre arbítrio. Há muitos exemplos dessas ocorrências. Por exemplo, em Zacarias 11.12 profetiza-se que Jesus será traído por

trinta moedas de prata, e essa profecia foi cumprida na pessoa de Judas (Mt 26.15). No entanto, o que aconteceria se Judas resolvesse não trair Jesus? E se ele mudasse seu coração no último minuto? A profecia não seria cumprida.

Também é relatada a profecia do nascimento de Jesus em Belém (Mq 5.2; veja também Mt 2.6). O que aconteceria se José, devido à gravidez de Maria, decidisse não ir a Belém para participar do censo obrigatório conforme ordenado por César Augusto (Lc 2.1)? A profecia não se cumpriria, já que Jesus não nasceria em Belém.

A Escritura, ao contrário do teísmo aberto, é clara ao dizer que Deus tem conhecimento *completo* do futuro, e, portanto, suas profecias de futuro são acuradas e precisas. De acordo com o livro de Isaías, a habilidade de Deus de predizer o futuro é uma das coisas que o distingue de todos os falsos deuses. Deus proclamou:

E quem chamará como eu, e anunciará isso, e o porá em ordem perante mim, desde que ordenei um povo eterno? Este que anuncie as coisas futuras e as que ainda hão de vir (Is 44.7).

Não vos assombreis, nem temais; porventura, desde então, não vo-lo fiz ouvir e não vo-lo anunciei? Porque vós sois as minhas testemunhas. Há outro Deus além de mim? Não! Não há outra Rocha que eu conheça (Is 44.8).

Anunciai, e chegai-vos, e tomai conselho todos juntos; quem fez ouvir isso desde a antigüidade? Quem, desde então, o anun-

ciou? Porventura, não sou eu, o Senhor? E não há outro Deus senão eu; Deus justo e Salvador, não há fora de mim (Is 45.21).

As primeiras coisas, desde a antigüidade, as anunciei; sim, pronunciou-as a minha boca, e eu as fiz ouvir; apressadamente as fiz, e passaram (Is 48.3).

Por isso, to anunciei desde então e to fiz ouvir antes que acontecesse, para que não dissesses: O meu ídolo fez estas coisas, ou a minha imagem de escultura, ou a minha imagem de fundição as mandou (Is 48.5).

**6. Deus é eterno, não-temporal.** Ao contrário do processo teológico e do teísmo aberto que argumentam que Deus é um ser temporal, a Bíblia ensina que Deus transcende todo o tempo. Ele está acima do tempo-espaco do universo. Ele sempre existiu como ser eterno, Deus é o Rei eterno (1 Tm 1.17), o único imortal (6.16). Deus é o "Alfa e o Ômega" (Ap 1.8), "o primeiro e [...] o último" (veja Is 44.6; 48.12) e "de eternidade a eternidade" (Sl 90.2). Ele vive para sempre desde a antigüidade (Sl 41.13; 102.12,27; Is 57.15). Devido ao fato de Deus transcender o tempo — porque Ele está acima do tempo —, Ele pode ver o passado, o presente e o futuro em um único ato intuitivo. "O conhecimento de Deus sobre todas as coisas é do ponto de vista da eternidade. Assim, para Ele, passado, presente e futuro estão todos incluídos em um sempre-presente 'agora'".<sup>30</sup> A total extensão panorâmica da história completa do ser humano — passado, presente e futuro — repousa diante do onisciente olhar de Deus.

Entretanto, o simples fato de que Deus está *além* do tempo não significa que Ele não pode agir *no* tempo. "O Deus teísta pode estar além

do tempo e ainda agir em um mundo temporal".<sup>31</sup> Deus, conforme a perspectiva bíblica, age no reino do tempo, porém a partir do reino da eternidade. Deus é eterno, mas Ele faz coisas temporais. Os atos de Deus acontecem no tempo, mas seus atributos permanecem além do tempo.<sup>32</sup>

**7. Deus não se torna temporal na encarnação.** A encarnação é o evento em que Jesus — a segunda pessoa da Trindade — tomou a forma humana carnal. O argumento do teísmo aberto, a saber, de que a encarnação significa que Deus tornou-se temporal é fundamentado em uma total má compreensão do que acontece na encarnação, pois ontologicamente,<sup>33</sup> o divino não se transforma em humano. A natureza divina não se converte em uma natureza humana. Por favor, permita-me ser um pouco teológico quanto a esse ponto.

Para entender de maneira apropriada a encarnação, devemos elucidar o que significa a palavra *natureza*. Essa palavra é, comumente, usada para designar os elementos divinos ou humanos na pessoa de Cristo. Em outras palavras, o termo *natureza*, quando usado em relação à divindade de Cristo, refere-se a tudo que pertence à deidade, inclusive todos os atributos de deidade. O termo *natureza*, quando usado em relação à humanidade de Cristo, refere-se a tudo que pertence ao ser humano, inclusive todos os atributos de humanidade. Outra maneira de definir natureza é aquela que se refere "à somatória de todas as qualidades essenciais da coisa que a tornam o que é".<sup>34</sup>

Antes da encarnação, Jesus era uma pessoa com uma natureza (a natureza divina). Na encarnação, Jesus era ainda uma pessoa, mas agora Ele tinha duas naturezas — a natureza divina e uma (distinta) natureza

humana. Devo enfatizar que Cristo, por meio da encarnação, tinha tanto a natureza divina quanto a humana, mas Ele era uma só pessoa — como é indicado pelo uso consistente que fazia de "eu", "me" e "meu" em relação a si mesmo. Jesus nunca usou os pronomes "nós", "nos" ou "nosso" para se referir a sua pessoa divina-humana. Nem a natureza divina de Cristo jamais conversou com sua natureza humana.

Embora os atributos da natureza do Cristo encarnado nunca serem atribuídas à outra, os atributos de ambas as naturezas estão apropriadamente atribuídas a sua pessoa. Ele era finito e, também infinito, fraco e onipoten-li, crescia em conhecimento e era onisciente, limitado a estar em um lugar por um tempo e onipresente. Na encarnação, a pessoa de Cristo é participante dos atributos de ambas as naturezas, portanto isso pode ser afirmado em relação a qualquer das naturezas — divina ou humana —, como também, da pessoa una.

Como duas naturezas distintas — uma finita e outra infinita — poderiam coexistir em uma pessoa? Ou, como Robert Gromacki formula esse questionamento: "Uma natureza não poderia ser dominada pela outra? Cada uma dessas naturezas não teria de abandonar algumas de suas qualidades a fim de que pudesse coexistir ao lado da outra? Jesus Cristo poderia verdadeiramente ser Deus e, ao mesmo tempo, verdadeiramente homem?"<sup>35</sup>

A Igreja Primitiva não entendia como essas naturezas incompatíveis poderiam incorporar-se em uma pessoa sem que uma ou outra perdesse algumas de suas características essenciais. A discussão que resultou dessa confusão, entretanto, levou à afirmação ortodoxa de que as



duas naturezas estavam unidas sem se misturar e sem perder seus atributos essenciais, como também que as duas naturezas mantinham suas identidades separadas sem haver transferência de nenhuma propriedade ou atributo de uma natureza para outra.<sup>36</sup> Robert Lightner, teólogo, explica:

Na união da divindade e da humanidade em Cristo, cada uma das naturezas mantém seus próprios atributos. A deidade não permeia a humanidade, nem a humanidade é absorvida na deidade. As duas naturezas mantêm sua identidade completa mesmo estando juntas, em uma união pessoal. Cristo é, portanto, teantrópico (Deus-homem) em pessoa. Ao adotar a perfeita natureza humana não o fez menos Deus, e ao manter a deidade não o fez menos homem.<sup>37</sup>

A natureza divina e humana de Jesus não se misturam para formar uma terceira natureza composta. A natureza humana sempre se mantém humana, e a divina, sempre divina. "Tirar um único atributo da natureza divina de Deus destruiria sua deidade, como também tirar um único atributo de sua natureza humana resultaria na destruição de sua verdadeira humanidade. Por essa razão é que as duas naturezas de Cristo não podem perder nem transferir nenhum de seus atributos".<sup>38</sup>

Tudo isso conduz ao meu ponto de vista de que, ao contrário do que argumenta o teísmo aberto, a encarnação não constitui prova de que Deus se torna temporal por meio dela. De toda maneira, a natureza de Deus não muda com a encarnação. Antes, Jesus, como Deus eterno,

assume uma natureza adicional (a natureza humana) que sempre permanece distinta de sua natureza divina.

**8. Deus tem absoluta soberania sobre sua criação.** Em uma passagem anterior deste livro, observamos que Deus é soberano no sentido de que Ele governa o universo, controla todas as coisas, é o Senhor de tudo (veja Ef 1). Nada que acontece neste universo está fora do alcance de seu controle. Todas as formas de existência estão no âmbito de seu domínio absoluto (Sl 50.1; Sl 66.7; Sl 93.1; Is 40.15; 1 Tm 6.15).

Esse não é nem de longe o Deus do processo teológico que pretende apenas inspirar as pessoas em direção à bondade. O Deus bíblico tem controle soberano sobre o mundo, ao passo que o Deus do processo teológico meramente trabalha em cooperação com o mundo. O Deus bíblico independe do mundo, ao passo que o Deus do processo teológico é interdependente do mundo.<sup>39</sup> Há um mundo de distinções entre os dois!

**9. Por que Deus é soberano, suas promessas são dignas de confiança.** Se a visão do teísmo aberto é verdadeira — se Deus limita seu controle soberano e não tem ciência de nossas decisões futuras —, então não podemos nos fiar muito nas muitas promessas, que encontramos na Bíblia, feitas por Deus. Exatamente, por que Deus, ao contrário dessa visão, tem soberania absoluta e conhecimento total do futuro é que podemos confiar em suas promessas. Números 23.19 afirma: "Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa; porventura, diria ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria?" Josué, antes de sua morte em Idade avançada, declarou: "E eis aqui eu vou, hoje,

pelo caminho de toda a terra; e vós bem sabeis, com todo o vosso coração e com toda a vossa alma que nem uma só palavra caiu de todas as boas palavras que falou de vós o Senhor, vosso Deus; todas vos sobrevieram, nem delas caiu uma só palavra" (Js 23.14). Mais tarde, Salomão proclamou: "Bendito seja o Senhor, que deu repouso ao seu povo de Israel, segundo tudo o que disse; nem uma só palavra caiu de todas as suas boas palavras que falou pelo ministério de Moisés, seu servo" (1 Rs 8.56; veja Js 21.45).

**10. O processo teológico não oferece garantia de um mundo melhor.** Já me referi a isso, mas isso exige repetição. Deus, no processo teológico, não tem soberania nem conhecimento totais, portanto, não temos garantia de que Deus será bem sucedido em atrair a humanidade em direção da bondade. No teísmo aberto, Deus não sabe ao certo o que acontecerá no futuro e raramente intervém contra as escolhas dos agentes autônomos, portanto, não temos garantia da vitória final sobre o mal. Se eu acreditar no processo teológico ou no teísmo aberto, tenho de começar a ficar muito preocupado neste instante, pois ao que tudo indica, o nosso mundo submerge mais e mais fundo no pecado e na rebeldia contra Deus.



Como alguém conceberia voltar-se para o Deus do processo teológico ou do teísmo aberto quando as coisas em sua vida dão errado? Encaremos isso. Esse Deus é indigno de nossa adoração e confiança. Ele é

impotente diante da catástrofe. Não podemos esperar ajuda real dEle nos momentos em que enfrentamos problemas. Um Deus que não tem soberania total sobre os negócios dos homens dificilmente pode fazer com que todas as coisas cooperem para o bem daqueles que o amam (Rm 8.28).

A boa nova é que o Deus bíblico não é nada parecido com o Deus do processo teológico ou do teísmo aberto. O Deus bíblico é Todo-poderoso, onisciente e soberano sobre todos os negócios da humanidade. O Deus da Bíblia, definitivamente, pode fazer com que todas as coisas do mundo cooperem para o bem daqueles que o amam (Rm 8.28).

Walter Martin, meu antigo associado, costumava dizer: "Li o último capítulo da Bíblia e nós vencemos!" O ponto a que se referia é que nosso Deus soberano e onipotente dará um fim ao mal e estabelecerá seu perfeito Reino eterno. Você pode contar com isso. Não permita que nenhuma dúvida se instale em sua mente. No final, Deus fará com que todas as coisas cooperem para o bem de todos aqueles que o esperam, e estes, sem qualquer interrupção pela dor ou sofrimento, se deleitarão com Ele por toda a eternidade.

Nesse meio tempo, em seu curto tempo sobre a terra, sugiro que retenha em sua mente certas verdades bíblicas:

- Embora Deus seja transcendente, Ele também é imanente — e está neste momento aí, com você. Ele está ao seu lado a cada momento e todos os dias (veja Jr 23.23,24).
- Deus é onisciente (tudo conhece) e, portanto, está ciente de todas as nossas dores. Nada escapa a sua atenção (veja Sl

33.13-15; 139.11,12; 147.5).

- Deus é onipotente (Todo-poderoso) e, portanto, apto a trazer o livramento no tempo dEle, sempre perfeito (Sl 147.5; Mt 19.26)
- Deus é soberano e nada pode acontecer no universo que esteja fora do alcance de seu poder (Sl 93.1; 1 Tm 6.15).

Portanto, nenhuma circunstância pode atingi-lo a não ser que a soberania de Deus permita que isso ocorra, a fim de trazer algum bem maior.

Por que Deus é soberano, você pode confiar em suas promessas (Nm 23.19; Js 23.14).

## Capítulo 4

### Por que Deus não Elimina o Mal imediatamente?

Quando ateístas, agnósticos e cétricos falam sobre o problema do mal, eles afirmam que se, de fato, existisse um Deus, Ele deveria estar ocupado com a tarefa de eliminar o mal. Ele deveria livra-se de todo o mal agora — na verdade, Ele já deveria ter feito. Annie Besant (1847-1933), que representa esse ponto de vista, afirma:

Houve um acidente ferroviário, no qual um homem competente, arrimo de família, foi morto; nas mesmas circunstâncias, um devasso escapou. A explosão em uma mina matou o diligente provedor de uma família que executava seu árduo trabalho, e um bêbado vadio — cujas noites de orgias resultavam em manhãs de sono pesado — foi "providencialmente" salvo enquanto roncava preguiçosamente na cama, em casa. O homem, cuja vida é inestimável para a nação, perece na juventude, enquanto o aristocrata egoísta vive com boa disposição até idade avançada. O comerciante honesto e consciencioso se mantém com dificuldade fora do tribunal de falências, enquanto observa seu vizinho esperto e inescrupuloso acumular uma fortuna e escapar das malhas da lei pelo embuste.<sup>1</sup>

O argumento de Besant é que se, de fato, existe um Deus, Ele deveria envolver-se nos negócios da terra. Ele deveria se envolver *no agora*, assegurando que coisas ruins não aconteçam a pessoas boas. Ao mesmo tempo, Ele deveria se assegurar de que as pessoas más experimentassem dor e sofrimento. Ela argumenta que o fato de pessoas boas sofrerem e pessoas más prosperarem mina a crença no Deus do cristianismo.



O argumento de Besant é típico dos incrédulos, mas não é infundado. Para começar, apenas uma falsa dicotomia divide o ser humano em dois grupos: "pessoas boas" que não deveriam sofrer mal, e "pessoas más" que deveriam receber sua parcela de mal. A realidade bíblica é que todo ser humano é "mal" uma vez que todos pecaram. Com certeza, alguns são mais íntegros e virtuosos que outros, mas todos estão profundamente infectados pelo pecado — tão profundamente que nenhum de nós pode fazer nada para ser aprovado por Deus.

O pecado humano sempre aparece de modo claro diante da santidade de Deus. À luz da santidade dEle, a "sujeira" do pecado aparece como um claro cristal. Lembra-se do que aconteceu ao profeta Isaías? Ele era um homem íntegro. No entanto, quando observou Deus em sua infinita santidade, o pecado pessoal de Isaías foi focado de maneira clara, e ele

apenas pode dizer: "Ai de mim, que vou perecendo! Porque eu *sou* um homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de impuros lábios" (Is 6.5).

Em comparação a outro ser humano, podemos nos sair relativamente bem. Na verdade, a comparação com outro ser humano pode nos induzir a acreditar que nossa integridade é satisfatória e a pensar que merecemos que nos aconteçam coisas boas. No entanto, nosso padrão moral não deve basear-se em nenhum outro ser humano, mas em Deus. E quando nos comparamos a Deus, com sua infinita santidade e retidão, nosso pecado aparece em toda sua feiúra, e começamos a duvidar se, de alguma forma, merecemos algo de bom.

Billy Graham, certa vez, contou uma história que mostra como o pecado humano é aumentado à luz da santidade de Deus. Considere suas palavras:

Muitos anos atrás, eu estava para ser entrevistado, em casa, por um afamado programa de televisão, e, sabendo que a entrevista poderia ser transmitida em cadeia nacional, minha esposa tomou grande cuidado em verificar que tudo estivesse bonito. Ela havia passado o aspirador de pó, e espanado, e pôs em ordem toda a casa, e revisou a sala de estar, limpando-a com um pano fino, uma vez que era o lugar em que a entrevista seria filmada.

Quando o pessoal da filmagem chegou, com todas as câmeras e luzes, ela sentiu que tudo na sala encontrava-se como se fosse novinho em folha. Estávamos junto com o entrevistador no



lugar certo, quando, de repente, as luzes do equipamento televisivo foram acesas e vimos teias de aranha e poeira onde nunca as havíamos visto antes. De acordo com as palavras de minha esposa: "Aquela sala estava coberta de teias de aranha e poeira, algo que simplesmente não apareceu com a iluminação comum".

O ponto, obviamente, é que não importa quão bem limpemos nossa vida e pensemos que a temos toda em ordem, quando nos vemos à luz da Palavra de Deus, à luz da santidade de Deus, todas as teias de aranhas e toda a poeira aparecem.<sup>2</sup>

A passagem de Romanos 3.23 é bastante clara quando afirma: "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus". A palavra *destituídos* em grego, é uma palavra que indica uma ação contínua. Os seres humanos estão *perpetuamente* destituídos da glória de Deus. Aqui, a palavra *glória* refere-se não apenas ao esplendor de Deus, como também à manifestação visível de seus atributos, incluindo sua integridade, justiça e santidade. Os seres humanos são destituídos de Deus nessas e em outras áreas.

Depois, Paulo explicou: "Como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram" (Rm 5.12). Mesmo quando achamos que não estamos pecando, apenas enganamos a nós mesmos. Em Jeremias 17.9 lemos: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?" Aos olhos de Deus, até mesmo as ações de "justiça" dos homens estão paramentadas com imundice (Is 64.6). É

compreensível que 1 Jô 1.8 afirme: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós". O pecado é uma condição universal.

O pecado era universal mesmo entre os santos bíblicos. Noé embebedou-se (Gn 9.21). Abraão mentiu a respeito de sua esposa (Gn 20.2). Pedro, por três vezes, negou o Senhor (Lc 22.61). E o grande apóstolo Paulo lamentou: "Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" (Rm 7.24) Portanto, obviamente a divisão dos seres humanos em dois grupos — os bons e os maus — não tem fundamento bíblico.

Em vista de que todos somos pecadores (e fomos todos contaminados pelo pecado), seria sábio repensar a idéia de que Deus deve livrar-se imediatamente do pecado. Todos poderíamos morrer. Paul Little, apologista cristão, expõe:

Se hoje Deus erradicasse todo o mal, poderia fazer o serviço completo. Sua ação poderia incluir nossas mentiras e impurezas pessoais, nossa deficiência em amar e nosso malogro em fazer o bem. Suponha que Deus decreta que hoje, à meia-noite, todo mal será removido do universo — quem de nós ainda restaria aqui depois da meia-noite?

Eu ainda estaria aqui? Sem chance. Minha esposa e meus filhos ainda estariam aqui? Acho que não, mesmo que a submissão deles a Deus possa ser equiparada à de poucas pessoas. Billy Graham ainda estaria aqui? Tenho certeza de que ele diria para você não ficar na expectativa de

que Isso poderia acontecer. Chuck Swindoll ainda estaria aqui? Com certeza, ele apenas riria e balançaria a cabeça. *Constatação da realidade: nenhum de nós estaria aqui!*

Sejamos claros a respeito disso: criar um universo no qual Deus praticasse a justiça iminente e total teria um aspecto adverso, pois, dessa forma, não haveria nenhum ser humano que pudesse habitar o universo. Se não fosse pela cruz,<sup>4</sup> você e eu seríamos casos perdidos e desapareceríamos. *Fim do espetáculo!* Deus seria o único que restaria!<sup>5</sup> Afinal, cada um de nós cometeu *alguma maldade*, quer por permissão quer por omissão, seja por palavra, seja por obras, seja por pensamentos.<sup>6</sup> Em interesse da autopreservação, fico feliz em saber que Deus *não* elimina, de imediato, todo o mal!



O que aconteceria se Deus lidasse com o mal de outra forma: não extinguindo, de maneira instantânea, todos os seres humanos, mas apenas impedindo-os de pecar um momento antes que assim fizessem? Tal cenário seria possível?

Isso significaria que Deus, no momento exato, poderia parar o carro do motorista bêbado, evitando, desse modo, que ele batesse no ônibus cheio crianças em idade escolar. Até mesmo antes disso, Deus poderia ter evitado que o homem ficasse bêbado ou tê-lo em seu caminho para a loja

de bebida, a fim de que ele nem mesmo fosse tentado a embriagar-se mais tarde.

No momento exato, Deus poderia desviar a bala do futuro assassino para que a mulher, que estava sendo atacada, sobrevivesse incólume, ou quem sabe até de maneira providencial ter operado na mente desse homem para que ele nem sequer cogitasse em comprar uma arma. E mais, alguém pode argumentar que antes de tudo, Deus poderia ter interferido em seu coração a fim de exterminar alguma hostilidade subjacente que o faria querer atirar em alguém.

Até mesmo, pouco antes de o marido abusivo ofender com palavras a esposa, Deus poderia entorpecer sua boca, garganta e língua para que não pudesse dizer uma palavra sequer (pelo menos, até que se acalmasse). Ele retiraria o impedimento apenas quando o homem estivesse em um estado mental saudável. Alguém poderia também argumentar que Deus, de maneira providencial, poderia operar na vida do homem para que tivesse pais amorosos que lhe dessem uma educação saudável e que lhe fornecessem bons exemplos de relacionamento interpessoal. E essas possibilidades são intermináveis.

Você consegue perceber onde quero chegar? Enfim, esse cenário significaria que o ser humano não seria livre para fazer escolhas de longo alcance, e, se Deus impedisse todo mal antes que ele se manifestasse, nossa responsabilidade pessoal desapareceria. Até mesmo o mundo seria mais imprevisível, pois nunca saberíamos quando Deus se manifestaria inesperadamente, sem que pudéssemos prever, a fim de intervir nos negócios humanos. Tal mundo seria um caos.<sup>7</sup>

# DEUS TRABALHA N O CERRADÃO SUA OBRA

A Escritura deixa bem claro que Deus ainda não terminou sua obra. É um erro comum concluir que Deus não está lidando com o problema do mal, pois, definitivamente, Ele, no momento presente, ainda não tratou de uma vez por todas desse assunto. A conduta definitiva de Deus em relação ao mal ainda está no futuro (abordarei mais tarde, neste livro, o julgamento, o céu e o inferno). Peter Kreeft, filósofo cristão, sugere que "desde que a solução é futura, ela é ainda não está definida. Estamos na história, porém apenas o fim da história esclarecerá o resto dela; da mesma maneira como apenas a conclusão de um argumento esclarece por que aquelas premissas foram escolhidas".<sup>8</sup> Quando lemos um bom romance, muitas vezes não entendemos tudo o que está acontecendo na história até o fim do livro. Esse é o momento em que nossa perspectiva da história fica completa. É quando dizemos: "Ah, agora eu entendi!" Da mesma maneira, um dia no futuro, chegaremos ao último capítulo da história da humanidade e tudo ficará claro para nós. Kreeft explica:

Nesse dia, o mistério do sofrimento e o mais profundo mistério em relação ao pecado e sua origem, como também da morte, serão esclarecidos, não apenas em teoria, mas na prática; não apenas explicados, mas removidos. Deus juntará os pontos soltos da dilacerada tapeçaria da história, e essa trama, que hoje parece ser um entrelaçamento desvirtuado, surgirá como uma obra-prima de sabedoria e beleza.<sup>9</sup>

Robert Morey, da mesma maneira, sugere que Deus lida com o problema do mal de modo progressivo e que sua obra não estará concluída até o futuro Dia do Julgamento. Morey, ao dirigir-se a um ateuista, argumenta:

Você presume que Deus pode resolver o problema em apenas um único ato. Mas por que Ele não pode tratar do assunto do mal de uma maneira progressiva? Por que Ele tem a obrigação de tratar desse assunto de uma vez por todas? Será que Ele não pode lidar com isso do começo ao fim dos tempos, como nós conhecemos o tempo, e depois atingir o ápice no Dia do Julgamento? Você assume que a única maneira de Deus lidar com esse problema é por meio de um único ato. Essa é uma suposição errônea de sua parte. Não estou dizendo que o mal não existe mais. Digo que Deus resolverá o problema, em estágios.<sup>10</sup>

Tudo isso, é claro, fala da necessidade de haver fé agora. Visto que o crente sente-se confortável no corpo e afastado do Senhor (2 Co 5.8), ele deve viver neste mundo caído, pecaminoso e temporal pela fé, não pela vista (5.7). Focar apenas no que é visível leva a uma compreensão distorcida da dor e do sofrimento do ser humano. Tal perspectiva, conforme Salomão descreve em Eclesiastes, é uma reminiscência da existência humana "debaixo do sol", que resulta em falta de significação e em desespero (Ec 1.2,14; 2.1,11,15,17,19,21,23,26; 3.19; 4.4,7). Apenas ao focar nas realidades não-visíveis do reino espiritual e da glória futura

estaremos aptos para colocarmos a dor e o sofrimento na perspectiva apropriada.



Embora a última solução de Deus para o problema do mal esteja reservada para o futuro, Ele toma desde já, medidas para assegurar que o mal não fique totalmente desenfreado. Considere:

- Deus nos deu autoridades humanas para que possamos resistir à ilegalidade (Rm 13.1-7);
- Deus fundou a igreja para que seja uma luz em meio à escuridão, para fortalecer o povo de
- Deus e para, por meio do poder do Espírito Santo, ajudar a impedir o crescimento da perversidade no mundo (1 Tm 3.15; At 16.5);
- Deus nos deu a unidade familiar para estabilizar a sociedade (Pv 22.15; 23.13);

t Deus, por meio de sua Palavra, deu-nos um padrão moral para nos guiar e nos manter no caminho da retidão (S1119),<sup>11</sup>

- Deus prometeu um dia futuro de prestação de contas em que toda a humanidade enfrentará o Juiz divino (Hb 9.27). Para os cristãos, esse dia futuro funciona como um impedimento à prática de atos maus.



Esse pode ser um bom momento para que todos nós, por alguns minutos, meditemos sobre a maravilhosa paciência de Deus. Afinal, se não fosse por sua grande paciência, nenhum de nós estaria aqui. Todos já teríamos sido julgados e executados. Além de não nos julgar instantaneamente, Deus, de maneira paciente e misericordiosa, nos dá a oportunidade de receber o dom gratuito da salvação para que possamos viver para sempre com Ele no céu.

A paciência de Deus fica óbvia em muitas passagens bíblicas. É útil meditar sobre esses versículos, pelo fato de que eles não apenas nos ajudam a ver por que Deus não faz julgamento imediato de todo mal em nosso mundo, como também nos auxiliam a ser gratos por Deus não julgar sem demora *nossas* maldades. Eis aqui alguns de meus versículos favoritos:

- O Senhor é tardio em irar-se, mas grande em força (Nm 1.3a);



- Converti-vos ao Senhor, vosso Deus; porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em beneficência e se arrepende do mal (Jl 2.13);
- Mas tu, Senhor, és um Deus cheio de compaixão, e piedoso, e sofredor, e grande em benignidade e em verdade (Sl 86.15);
- Passando, pois, o Senhor perante a sua face, clamou: Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade (Êx 34.6);
- O Senhor é longânimo e grande em beneficência, que perdoa a iniquidade e a transgressão (Nm 14.18a);
- Por amor do meu nome, retardarei a minha ira e, *por amor* do meu louvor, me contarei para contigo, para que te não venha a cortar (Is 48.9);
- O Senhor não retarda a *sua* promessa, ainda que alguns *a* têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se (2 Pe 3.9).

## Capítulo 5

### O Problema do Livre-Arbítrio

A criação original era muito boa (Gn 1.31). Não existia o pecado, o mal, a dor e a morte. O edênico paraíso era perfeito! No entanto, hoje, o mundo está permeado pelo pecado, pelo mal e pela morte. Cornélio Plantinga explicou isso desta maneira: "O completo alcance da miséria humana, que se estende desde o desassossego e a alienação, passa pela degradação e culpa, e chega até as atrocidades que a televisão nos mostra todos os dias — tudo isso nos revela que as coisas na vida do ser humano não são como deveriam ser".<sup>1</sup> O que provocou tamanha mudança?

As Escrituras indicam que o declive para a humanidade surgiu quando Adão e Eva usaram seu livre arbítrio, que lhes fora concedido por Deus, para escolher a desobediência. Lúcifer e mais alguns anjos, antes do homem fazer mau uso do livre arbítrio, já haviam cometido este mesmo erro ao rebelarem-se contra Deus (Is 14.12-15; Ez 28.11-19; Ap 12.4). Depois, Lúcifer tentou Eva no jardim do Éden (Gn 3.1-7). O primeiro casal humano fez uma escolha errada, e os seres humanos, até hoje, sofrem por isso e continuam a fazer mau uso de seu livre arbítrio.

O livre arbítrio do homem pode provocar destruição de muitas maneiras. Por exemplo, a livre escolha de fumar cigarros pode trazer o mal de um câncer de pulmão para a vida de George assim como trazer mal também para outras pessoas. Por exemplo, o hábito de fumar pode

prejudicar a saúde de seus filhos e esposa. Da mesma maneira, o fato de George fumar na cama, no meio da noite, pode provocar um incêndio caso ele adormeça. Conseqüentemente, o fogo pode alcançar a casa dos vizinhos matando a todos. A fumaça desse incêndio pode causar em uma pessoa, que mora na mesma rua, uma crise de asma e conseqüentemente uma internação de um tratamento respiratório. Viu o desastre que o livre arbítrio de George provocou? E ele é apenas um homem simples. E, por todo o mundo, o livre arbítrio dos homens multiplica-se e torna-se o maior motivo das coisas ruins que acontecem para as pessoas.

Um teólogo compara nossas decisões e atos com ondulações em um açude. Cada ação que praticamos provoca uma onda. As decisões e ações de outras pessoas também provocam outras marolas. As ondulações chocam-se umas com as outras, afetando-se de várias maneiras. Em outras palavras, nossas ações afetam as ações de outras pessoas, como a pessoa asmática levada às pressas ao hospital foi afetada pelo incêndio causado pelo cigarro de George. As ondulações do passado — quer dizer, de nossos pais — afetam, com freqüência, nossas ações no presente. Por exemplo, a decisão de meu pai de mudar para o Texas, em 1970, acabou por influenciar minha decisão de desempenhar uma função no *Dallas Theological Seminary* (Seminário Teológico de Dallas). Assim como os seres angelicais — os bons e os maus (os demônios) — podem causar ondulações. A "ondulação" de Lúcifer, que foi a tentação de Eva, afetou a todos nós, pois agora estamos caídos no pecado.

O problema é que a maioria de nós nunca saberá ao certo a respeito das decisões tomadas e das ações realizadas por várias pessoas (e anjos) que causarão ondulações e afetarão a nossa vida. Devido a nossa grande

ignorância, não sabemos por que certas coisas nos acontecem. O carteiro não faz a menor idéia que o cachorro que o mordeu acabara de receber um tratamento brutal por parte de um menino que bateu a porta sobre sua cauda. É claro, que o cachorro estava totalmente inconsciente do fato de que a mãe do menino acabara de gritar com ele por ter esquecido de tirar o lixo, e o menino, com raiva, bateu a porta para desafogar seu ódio, não pretendendo atingir a cauda do cachorro. A mãe em geral, não grita com o menino por uma infração menor, mas pouco antes de tudo isso, ela recebera um telefonema zangado do marido, que havia sido despedido pelo chefe, o mesmo chefe com quem o conselho de diretores acabara de gritar. As coisas parecem totalmente arbitrarias, mas a verdade é que apenas ignoramos, o tempo todo, o que as causou. "Somos os herdeiros de um vasto e incompreensível cortejo de seres humanos, angelicais, e de agitações naturais em toda a história do qual sabemos quase nada, mas que, contudo, afeta nossa vida".<sup>2</sup> As pessoas geralmente perguntam: Por que essa coisa ruim específica aconteceu com aquela pessoa boa? O mal é o resultado do mau uso que alguém (ou um grupo de pessoas) faz do livre arbítrio!

Mesmos o mal natural — terremotos, tornados, inundações e outras catástrofes similares — está enraizado em um mau uso do livre arbítrio. Não devemos esquecer que vivemos em um mundo caído e, por isso, estamos sujeitos a desastres no mundo natural que não aconteceriam se, no início, o homem não tivesse se rebelado contra Deus (Rm 8.20-22).<sup>3</sup> Sid Litke comenta que os desastres naturais são parte de um mundo pecaminoso. Deus reduziu a perfeição da criação (do perfeito jardim do Éden) para equiparar-se ao estado espiritual daqueles que aqui vivem (Rm 8.20-22). Deus, de maneira graciosa, permitiu a existência de pessoas

sobre a terra (incentivando-as a se reproduzirem, desenvolverem governos e sistemas para lidar com os efeitos do pecado). Ele, graciosamente, protegeu a criação caída (providenciando o sol e a chuva para prover o alimento que sustenta a vida — Cl 1.17). No entanto, o efeito natural da criação caída é que até mesmo as coisas boas podem ter subprodutos ruins (a água pode afogar alguém; a gravidade pode matar alguém; o raio pode queimar e matar).<sup>4</sup>

O jardim do Éden não tinha desastres naturais ou morte até que Adão e Eva pecassem (veja Gn 1—3). As boas novas são que Deus porá um fim nos desastres naturais, na morte e em todo mal quando criar o novo céu e a nova terra (veja Ap 21.4).<sup>5</sup>



Algumas pessoas perguntam-se por que Deus não criou os seres humanos de tal maneira que fossem incapazes de pecar e, assim, ficarem livres de todo mal. No entanto, um cenário em que as pessoas nunca tivessem a possibilidade de pecar, exigiria que essas pessoas não fossem de todo humanas. Elas não teriam a capacidade de fazer escolhas e de amar com sinceridade. Tal cenário exigiria que Deus criasse robôs que agissem

apenas da maneira para a qual foram programados — como se fossem uma dessas bonecas falantes com uma corda atrás que dizem: "Eu te amo".<sup>6</sup> Paul Little, apologista, observa que tal como essa boneca nunca haveria uma palavra calorosa, nenhum conflito, nada seria dito ou feito que pudesse deixá-lo triste! No entanto, quem gostaria disso? Também não haveria nenhum amor. O amor é voluntário. Deus poderia ter-nos feito robôs, mas deixaríamos de ser homens. Aparentemente, Deus achou que valia a pena correr o risco de nos criar como somos".<sup>7</sup>

De maneira similar, Peter Kreeft observa que o amor é o maior valor no universo e que em um mundo de robôs esse amor não existiria, de maneira alguma. "O amor real — nosso amor por Deus e pelos outros — deve envolver uma escolha. Contudo, com a concessão dessa escolha vem a possibilidade de que as pessoas escolham odiar, em vez de amar".<sup>8</sup>

O amor não pode ser programado; ele deve ser uma expressão espontânea. A menos que os seres humanos possam livremente escolher não amar, não podem, de maneira voluntária, escolher amar. A possibilidade de um exige a do outro. Portanto, o amor não pode ser programado de maneira coerciva em uma pessoa.<sup>9</sup>

Deus queria que Adão e Eva e toda a humanidade demonstrassem amor por meio da livre escolha da obediência. Por isso, Deus deu aos seres humanos o livre arbítrio. Norman Geisler, meu amigo, está correto ao dizer que "o amor forçado é violação; e Deus não é um violentador divino. Ele não fará tudo que estiver ao alcance dEle para coagir seu amor".<sup>10</sup> Contudo, a livre escolha, conforme citado acima, sempre tem a possibilidade de uma escolha errada. Como J. B. Phillips, certa vez,

expressou isso da seguinte forma: "O mal é inerente ao arriscado dom do livre arbítrio".<sup>11</sup>



Considere que Deus simplesmente não pode fazer certas coisas.<sup>12</sup> Por exemplo, Deus não pode fazer círculos quadrados. Nem pode fazer quadrados redondos. Para Deus é impossível mentir, pois esse ato violaria sua natureza santa. Como também é impossível para Deus eliminar todo o mal sem acabar com o livre arbítrio. Devido ao fato do livre arbítrio ser necessário para a existência de um universo com moralidade — um universo que inclui a livre expressão do amor — Deus não pode eliminar o mal sem também acabar com esse bom e moral universo.<sup>13</sup>

A única maneira de Deus garantir que suas livres criaturas nunca fizessem escolhas errôneas seria adulterar, de alguma maneira, sua liberdade. Observei em um capítulo anterior que a cada hora alguém está para cometer um crime, e que Ele, de maneira sobrenatural e no momento exato, poderia desviar essa pessoa do crime e, assim, não adviria nenhum mal. Mas se esse fosse o caso, Deus estaria em tempo integral na função de desviar as pessoas de seu intento, promovendo praticamente bilhões de distrações por hora pelo mundo afora para evitar que qualquer mal aconteça.

Esse cenário não envolve a verdadeira liberdade. Além disso, a ação de Deus de distrair os seres humanos para que não cometam maldades, não cuida do mal que está no coração humano, a qual o impele a

praticar ações más. Portanto, na realidade, a distração não preveni o mal; apenas contém a exteriorização da maldade que já está presente no âmago do coração humano.

Isso resulta no seguinte: ou Deus concede o livre arbítrio aos seres humanos ou não. Se Ele lhes concede a autonomia, então eles devem manter a capacidade de, na verdade, *usar* essa autonomia, da maneira correta ou incorreta. Judy Salisbury acerta quando diz:

Ele não pode dar livre arbítrio aos seres humanos em algumas ocasiões e em outras não. Ele não pode criar agentes com liberdade moral e depois, sempre que se desviarem de seus desejos, segurar seus dedos, tornando-os robôs. Deus não pode criar seres com livre arbítrio e depois forçá-los a fazer escolhas corretas. Se esse fosse o caso, eles não poderiam ser agentes com liberdade moral que têm responsabilidade e capacidade para escolher louvar ou maldizer a Deus.<sup>14</sup>

DEUS H O RESPOSTAS DEC  
DECAS ESCOLHAS ARRABAS DOS  
DODCHS

Duvido muito que alguém afirme que a concessão divina do livre arbítrio ao ser humano seja uma coisa má. Você pode imaginar pessoas fazendo piquetes nas ruas, levando faixas com dizeres: "Abaixo a liberdade, Volta à escravidão"?<sup>15</sup> O livre arbítrio que Deus concedeu à



humanidade é um dom maravilhoso, mas como já disse, é um dom que acarreta riscos. O fato de que Deus nos deu o dom do livre arbítrio não significa que Ele é responsável pelo modo como *usamos* esse dom.

O plano de Deus, desde o início, trazia em si um potencial para o mal, a partir do momento em que conferiu a liberdade de escolha ao ser humano. No entanto, a verdadeira origem do mal é o resultado de como o homem direcionou seu desejo para longe de Deus e para perto de seu próprio desejo egoísta.<sup>16</sup> "Apesar de Deus ter criado a liberdade, são os seres humanos que realizam os atos de liberdade. Deus tornou o mal possível, as criaturas o tornaram real".<sup>17</sup> Desde que Adão e Eva, naquela primeira vez, no jardim do Éden, tornaram o mal um fato real, a natureza pecaminosa foi passada para todos os homens e mulheres (Rm 5.12; 1 Co 15.22) e é em virtude dessa natureza pecaminosa que ainda hoje continuamos a utilizar nosso livre arbítrio para tornar o mal real (Mc 7.20-23). Deus não é responsável pelas maldades cometidas pelo seres humanos.

Gordon R. Lewis e Bruce A. Demarest, teólogos, oferecem-nos uma ilustração desse ponto de vista na pessoa de Henry Ford: "Henry Ford é a causa final de todos os carros de marca Ford, devido ao fato de que não existiria nenhum deles, se ele não os tivesse inventado com a finalidade de proporcionar transporte para as pessoas. No entanto, ele, que poderia muito bem ter previsto os maus usos para seu invento, aparentemente, após uma espécie de análise de prós e contras, achou mais sábio inventá-los do que não fazê-lo".<sup>18</sup> Contudo, quando uma pessoa, que tomou um ou dois drinques a mais, pega seu carro e acaba provocando uma colisão e matando inocentes, Henry Ford não se torna por isso culpado de ter

cometido um crime. Por analogia, não podemos responsabilizar Deus por todo mal do mundo, apenas por que Ele deu livre arbítrio ao ser humano, pois foi o mau uso que a criatura fez desse dom que causou tamanho mal. Lewis e Demarest concluem:

Embora Deus não nos tenha contado, de maneira específica, por que escolheu criar o ser humano, achamos que em sua infinita sabedoria, levando em consideração todos os dados de seu conhecimento prévio onisciente, em uma espécie de previsão dos prós e contras, concluiu que era melhor criá-lo do que não. Podemos fazer uma analogia com os casais que, embora hesitem em trazer filhos para um mundo caído com todos os riscos e mal existentes, em sua maioria têm filhos.

Aparentemente, eles concluem que o inestimável valor de uma relação amorosa permanente com os filhos (e possivelmente netos) por toda sua vida excede de longe o peso da maldade.<sup>19</sup>



Deus não é pego de surpresa pelo fato de os seres humanos usarem a livre escolha, que Ele mesmo concedeu, para desobedecê-lo. Deus, em sua onisciência, sabia que isso poderia acontecer. Deus, em sua sabedoria, sabia que a temporária permissão para que houvesse mal no mundo, no fim, valeria a pena. CS. Lewis explica que Deus em sua onisciência "viu que Ele com um mundo de criaturas livres, embora estas tenham caído, poderia alcançar [...] uma felicidade mais profunda e um esplendor mais pleno do que qualquer mundo autômato [de robôs] permitiria".<sup>20</sup>

Conforme as coisas estão agora, certamente podemos dizer que nosso mundo presente não é o melhor dos mundos possíveis. No entanto, em concordância com os planos soberanos de Deus, esse é o melhor caminho *para* o melhor mundo possível:

Se Deus preservar a liberdade *e* derrotar o mal, então esse é o melhor caminho para fazer isso. A liberdade é preservada para que cada pessoa faça sua livre escolha e determine seu destino. O mal é superado, pois aqueles que rejeitam a Deus serão separados dos outros, e, desse modo, a decisão de todos é transformada em algo permanente. Aqueles que escolhem a Deus serão confirmados, e o pecado cessará. Aqueles que rejeitam a Deus ficarão em quarentena eterna e não poderão perturbar o mundo perfeito que se formou. O objetivo final de um mundo perfeito com criaturas livres terá sido conquistado. Contudo, o caminho para chegar lá exige que aqueles que abusaram de sua liberdade sejam banidos.<sup>21</sup>

Um dia, Deus *derrotará* completamente todo o mal. E, nesse glorioso dia, ninguém duvidará de que a existência do mal em um mundo de criaturas livres é compatível com a existência de um Deus que é totalmente bom e Todo-poderoso. Além disso, aqueles que entrarem na eternidade em consequência de terem crido na salvação em Cristo entenderão quão eficazmente Deus tratou o problema do mal.



Meus amigos, visto que uma quantidade considerável do sofrimento em nosso mundo está enraizado no uso errado do livre arbítrio, a sabedoria diz que devemos nos esforçar para fazer um uso inteligente desse dom. A maneira de fazer isso é alinhar nosso livre arbítrio, tanto quanto possível, com o que Deus revelou na Bíblia.

Quando dou aulas, geralmente uso metáforas a fim de demonstrar para os estudantes a importância decisiva da Bíblia em nossa vida.

A Bíblia é como um *livro de mão manufaturado* que nos instrui como conduzir nossa vida. Nossa vida se "despedaçará" se vivermos violando as instruções do Criador. Contudo, se seguirmos suas instruções, a conduziremos com a eficiência ideal.

A Bíblia também é um tipo de *óculos*. Não podemos ver de maneira clara sem eles. Podemos ver apenas uma realidade indistinta. Contudo, com esses óculos, enxergamos tudo. Se você quiser ver de forma clara seu caminho ao longo da vida, permita que a Palavra de Deus aponte o foco para você.

A Bíblia é uma *lâmpada*. Ela derrama luz em nossa vereda e nos ajuda a ver claramente nosso caminho (S1119.105): "Lâmpada para os meus pés é tua palavra e luz, para o meu caminho". Você quer ter um livre arbítrio esclarecido? Então, todos os dias, exponha-se à Palavra de Deus!

A Bíblia também é uma *âncora*. Exatamente como uma âncora impede o barco de flutuar para longe, a Bíblia é uma âncora para nossa vida. Ela nos impede de ser arrastados para longe quando uma onda de maré de adversidade surge em nossa vida.

Por fim, a Bíblia é *alimento*. Ela nos fornece alimento espiritual. Se não nos alimentarmos da Palavra de Deus, ficaremos subnutridos espiritualmente. A maneira de manter a saúde espiritual é beber, de maneira abundante, a Palavra de Deus.

A questão é que viver de acordo com a Bíblia vai de encontro ao que é melhor para nós. Em especial, é importante que dirijamos nosso livre arbítrio de acordo com a sabedoria que encontramos na Palavra de Deus. O livro de Provérbios é um dos que, de maneira especial, pode nos ajudar em relação a isso.

O livro de Provérbios é um "livro de sabedoria" e contém as máximas da sabedoria moral. Essas máximas foram engendradas para ajudar o jovem, no Israel da antigüidade, a adquirir habilidade mental para desenvolver uma vida sábia (inclusive, fazer sábias escolhas com o livre arbítrio que lhe foi conferido).

A maioria desses provérbios foi escrito por Salomão, o homem mais sábio que já existiu (1 Rs 3; 4.29-34). Salomão pronunciou uns três mil provérbios durante sua vida. Sua sabedoria é sem paralelo.

Uma vida sábia conforme a maneira de pensar de Salomão, em essência, era sinônimo de vida devota; assim, alguém que é devoto e justo em seu comportamento diário é sábio aos olhos de Deus. Por contraste, uma pessoa pecaminosa e iníqua é insensata. Na verdade, Salomão equipara a "vereda da sabedoria" com a "vereda da retidão", e o "caminho da insensatez" com o "caminho da perversidade" (Pv 2—4; 6.1-19).

Os lingüistas dizem que, no Antigo Testamento a principal palavra hebraica para *sabedoria* é *hokmah*. Ela, em geral, era usada para designar

a habilidade do artesão, do marinheiro, do cantor, dos administradores e dos conselheiros. *Hokmah* apontava para a experiência e a eficiência desses diversos trabalhadores no uso de suas habilidades em suas respectivas especialidades. Assim, de maneira similar, uma pessoa que possui *hokmah*, em sua vida espiritual e no relacionamento com Deus, é alguém que tem conhecimento e experiência em seguir o caminho de Deus. A sabedoria bíblica implica ter habilidade na arte de viver de modo devoto. Essa sabedoria, que prepara para a vida prática, tem um vasto alcance, ensinando aos estudantes como ser bem-sucedidos em casa, no trabalho, nas relações humanas, na forma como lida com o dinheiro, em relação à morte e à vida por vir e muito mais. No livro de Provérbios, o leitor aprende como pensar e agir de maneira sábia em todas essas áreas da vida.

A palavra *provérbio* significa literalmente "ser como", ou "ser comparado com". Portanto, um provérbio é uma forma de comunicar verdades por meio do uso de comparações ou figuras de linguagem. Os provérbios, de maneira memorável, cristalizam e condensam as experiências de Salomão e suas observações sobre a vida. A recompensa por "meditar" sobre essas máximas de sabedoria inclui a habilidade de fazer sábias escolhas.

Eis aqui, portanto, minha sugestão. O livro de Provérbios tem 31 capítulos. Se você ler um capítulo por dia, em um mês, terá lido todos. Isso significa que em apenas um mês você pode aprender com Salomão sobre a melhor maneira (o caminho mais sábio) para fazer uso de seu livre arbítrio em seu relacionamento familiar e de amizades, em sua atitude em relação ao dinheiro, em sua pureza sexual e muito mais. Por experiência

própria, posso dizer-lhe que fazer com seriedade esse exercício lhe trará ótimos dividendos em sua vida.

Por favor, permita-me aguçar seu apetite. A seguir, algumas das sabedorias de Salomão sobre algumas questões-chave da vida. Reserve alguns momentos para consultar esses versículos e, rapidamente verá quão relevante são para que, no futuro, você faça escolhas sábias.

***Seu relacionamento com Deus***

Provérbios 2.7,8; 3.5,6; 10.3,22,27; 14.26,31; 16.2,7; 17.3,5; 19.23; 20.27; 22.2; 28.25; 29.25.

***Como responder às pessoas que o tratam injustamente***

Provérbios 20.22; 24.17,18; 25.21,22.

***Sua família***

Provérbios 10.5; 13.24; 14.26; 18.22; 19.14,18; 20.7; 22.6,15; 23.13,14; 27.15,16; 28.7; 30.17; 31.10-31.

***Seus amigos***

Provérbios 3.27,28; 11.13; 12.26; 17.9,14,17; 18.24; 19.11; 20.3; 22.11; 25.17; 27.9,10.

***Pessoas que devem ser evitadas***

Provérbios 15.18; 16.28; 18.1; 20.19; 22.24,25; 23.6-8; 25.19,20'  
26.18,19,21.

***Sua pureza sexual***

Provérbios 5.3,7-14; 6.25,26,30-35; 7.6-27.

***A humildade necessária***

Provérbios 37; 16.18; 18.12; 22.4; 25.27; 26.12; 27.2.

***Seu trabalho***

Provérbios 6.6-9; 10.26; 15.19; 20.4; 21.25; 22.13; 24.30-34;  
26.16.

***Sua fala/linguagem***

Provérbios 10.19; 12.25; 16.24; 17.9,27; 18.8,13; 24.26; 25.11; 28  
23' 29 5' 31.8,9.

***Seu dinheiro***

Provérbios 8.18,21; 10.4,22; 11.1,4,24,25; 13.11; 14.23,31; 19.17;  
20.13,17; 21.5,17; 22.7,9,26,27; 23.21; 28.19,22,25,27.

*Aprenda isso: viva sabiamente e se livrará de muitas aflições!*



## Capítulo 6

### Satanás e o Sofrimento

Lembra-se das ondulações? No capítulo anterior, observei que um teólogo compara nossas escolhas e ações com ondulações em um açude. Todas nossas escolhas e ações causam movimentações na água. As decisões e ações de outras pessoas e seres angelicais (tanto os bons quanto os maus) também causam ondas nesse açude. As marolas chocam-se umas com as outras, afetando umas às outras de várias maneiras, tanto para o bem quanto para o mal.

Satanás e os espíritos demoníacos, que seguem sua liderança perversa, são implacáveis e enviam uma ondulação após outra sobre nós, cada uma delas engendrada, de maneira estratégica, para trazer para nossa vida tanta destruição quanto seja possível. Não há dúvida de que Satanás e os poderes das trevas, da perspectiva bíblica, são os responsáveis pela maioria dos sofrimentos que acontece no planeta Terra. Exatamente como dito anteriormente neste livro. Alguns sofrimentos ocorrem como resultado de *nosso* mau uso do livre arbítrio. Em outros casos, podemos sofrer em consequência do mau uso que *outros* fazem de seu livre arbítrio — quer sejam

seres humanos quer sejam seres demoníacos. A seguir, focarei sua atenção sobre Satanás e os demônios e iluminarei algumas maneiras específicas pelas quais eles geram sofrimento.



Embora Satanás tenha as limitações das criaturas, ele, todavia, é descrito, nas Escrituras, como um ser com extremo poder e capacidade de influência sobre o mundo. Ele é o "príncipe deste mundo" (Jó 12.31), "o deus deste século" (2 Co 4.4) e "o príncipe das potestades do ar" (Ef 2.2). Ele ilude a todos (Ap 12.9; 20.3). Ele tem poder no reino governamental (Mt 4.8,9; 2 Co 4.4), no reino físico (Lc 13.11,16; At 10.38), no reino angelical (Jd 9; Ef 6.11,12) e no reino eclesiástico (a igreja) (Ap 2.9, 3.9). É óbvio que os cristãos devem ter muita preocupação em relação a Satanás. Ele pode causar muito sofrimento!

Muitos estudiosos acreditam que Ezequiel 28 e Isaías 14 demonstram como Lúcifer, outrora um importante anjo que fez mau uso de seu livre arbítrio, ao rebelar-se contra Deus, teve seu nome mudado para Satanás. O Ser descrito em Ezequiel 28 é retratado como cheio de sabedoria e perfeita beleza, ele tinha o selo da perfeição (v. 12). Ele também é descrito como um ser que possuía a natureza de um querubim (que é um anjo, v. 14), que no início era sem culpa e sem falta (v. 15) e estava no monte santo de Deus (vv. 13 e 14), mas foi banido de lá e

lançado à terra (v. 16). Desde que tais coisas não podem ser referências a um mero ser humano, muitos acreditam que dizem respeito a Lúcifer.

Um teólogo sugeriu que Lúcifer, no primeiro momento de sua existência, despertou todo rodeado pela beleza e poder de sua sublime posição; rodeado por toda a magnificência que Deus lhe deu. Ele considerou-se superior, em sabedoria e beleza, a todas as outras criaturas. Só no próprio trono de Deus, ele viu que havia mais do que ele mesmo possuía [...] Talvez, antes de sua queda, pode-se dizer que ele ocupou o cargo de primeiro-ministro de Deus, possivelmente governando sobre o universo, e, com certeza, sobre este mundo.<sup>1</sup>

Outro texto nos informa que Lúcifer foi criado perfeito (Ez 28.12,15) e que se manteve perfeito em seu caminho "até que se achou iniquidade" nele (v. 15b). Qual era essa iniquidade? Lemos no versículo 17: "Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor". Parece que Lúcifer ficou tão impressionado com sua beleza, inteligência, poder e posição que começou a desejar para si mesmo a honra e a glória que pertencem apenas a Deus. O pecado que corrompeu Lúcifer foi o orgulho, gerado em seu interior. Isso parece ser confirmado por Is 14.12-17, que descreve as cinco afirmações de Lúcifer: "Eu quero", que traduziam seu orgulho, pois que estava cheio de si.

*"Eu subirei ao céu"* (Is 14.13): aparentemente, Lúcifer queria residir no céu e desejava ser equiparado ao próprio Deus.

*"Acima das estrelas de Deus, exaltarei o meu trono"*(Is 14.13): é possível que o termo "estrelas" faça referência aos anjos de Deus. Parece

que Lúcifer queria governar sobre o reino angelical com a mesma autoridade de Deus.

"*E, no monte da congregação, me assentarei, da banda dos lados do Norte*" (Is 14.13): em outra parte, a Escritura indica que o "monte da congregação" é uma referência ao centro do governo do reino de Deus (veja Is 2.2; Sl 48.2). A expressão, algumas vezes, é associada com o futuro governo terreno do Messias, em Jerusalém, durante o reino milenar. Portanto, podemos dizer que Satanás desejava tomar o lugar do Messias para governar os seres humanos.<sup>2</sup>

"*Subirei acima das mais altas nuvens*" (Is 14.14): na Bíblia, com frequência, as nuvens representam, de maneira metafórica, a glória de Deus (Êx 13.21; 40.28-34; Jó 37.15,16; Mt 26.64; Ap 14.14). Parece que Lúcifer procurava glória igual à do próprio Deus.

"*E serei semelhante ao Altíssimo*" (Is 14.14): a Escritura descreve Deus como possuidor do céu e da terra (Gn 14.18,19). Aparentemente, Lúcifer almejava a posição suprema do universo para si mesmo. "Satanás queria ser tão poderoso quanto Deus. Queria exercer a autoridade e o controle neste mundo que, por direito, pertence a Deus. Seu pecado foi um desafio direto ao poder e à autoridade de Deus".<sup>3</sup>

O legítimo julgamento de Deus sobre esse poderoso ser angelical foi: "Por terra te lancei" (Ez 28.17). Como resultado desse abominável pecado, Lúcifer foi banido do céu (Is 14.12). Ele tornou-se corrupto e seu nome foi mudado de Lúcifer ("estrela da manhã") para Satanás ("adversário"). Seu poder foi totalmente pervertido (Is 14.12,16,17).

A rebelião de Lúcifer representa o real início do pecado no universo —, precedendo a queda de Adão e Eva. O pecado se originou

quando Lúcifer fez a livre escolha de se rebelar contra o Criador — com total conhecimento das questões envolvidas nisso.

Evidentemente que um terço dos anjos fizeram a livre escolha de acompanhar Lúcifer em sua rebelião. Muitos estudiosos acreditam que os cinco primeiros versículos de Apocalipse 12 contêm a história resumida de Satanás. Possivelmente, Apocalipse 12.4 refere-se à queda dos anjos que seguiram Satanás: "E a sua [de Satanás] cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu e lançou-as sobre a terra".<sup>4</sup> A palavra *estrelas*, em Apocalipse 12.4, refere-se aos anjos, isso mostra que depois da rebelião de Lúcifer contra Deus, ele foi capaz de levar consigo um terço do reino angelical nessa rebelião. Quando ele pecou, não o fez sozinho, pois, aparentemente, conduziu uma maciça revolta angelical contra Deus.

Os demônios são muito leais ao seu Príncipe das trevas, Satanás. Na verdade, como Merrill Unger expõe isso, esses espíritos fizeram uma escolha irrevogável ao seguir Satanás, em vez de permanecer leais a seu Criador, tornaram-se irrecuperavelmente confirmados em perversidade e entregues à ilusão. Em conseqüência, eles estão em total concordância com seu príncipe e prestam-lhe prontos serviços em suas diversas categorias e posições de serviço em seu bem organizado reino do mal.<sup>5</sup>

Nas Escrituras, os demônios são retratados como seres maus e perniciosos. São designados como "espíritos imundos" (Mt 10.1, tradução do grego), "espíritos maus" (Lc 7.21) e "hostes espirituais da maldade" (Ef 6.12). Todos esses termos apontam para a natureza imoral dos demônios. Não é de surpreender, portanto, que muitas pessoas envolvidas com o oculto estejam envolvidas com a imoralidade.<sup>6</sup>

## OS NOMES DE SATANÁS

Ao longo das Escrituras os nomes usados por Satanás nos mostram o estrago que ele pode causar:

Satanás é chamado de *acusador de nossos irmãos* (Ap 12.10).

A versão grega desse versículo indica que acusar o povo de Deus é um trabalho contínuo, sempre em andamento, de Satanás. Ele nunca cessa. Esse versículo indica que Satanás acusa o povo de Deus "de dia e de noite". Thomas Ice e Robert Dean observam que Satanás opõe-se ao povo de Deus de duas maneiras. "Primeiro, ele faz ataques contra os crentes diante de Deus (Zc 3.1; Rm 8.33). Segundo, ele acusa os crentes na consciência deles mesmos".<sup>7</sup> Algumas das culpas emocionais que os crentes sofrem, estão enraizadas no trabalho de Satanás.

Satanás é chamado de nosso *Adversário* (1 Pe 5.8). Essa palavra indica que Satanás opõe-se a nós de todas as maneiras possíveis.

Satanás é chamado de *Belzebu* (Mt 12.24). Literalmente, essa palavra significa "senhor das moscas", trazendo consigo a idéia de "senhor da imundice". O demônio corrompe tudo que toca.

Sem dúvida, ele está por trás da depravação manifesta na pornografia que tenta não apenas incrédulos, mas também os crentes. O cativo da pornografia é uma forma medonha de sofrimento.

Satanás é chamado de *Diabo* (Mt 4.1).

Essa palavra traz a idéia de "adversário" tanto quanto a de "caluniador". O Diabo era, e é, o adversário de Cristo e de todos que seguem a Cristo. Satanás calunia Deus para o homem (Gn 3.1-7) e o homem para Deus (Jó 1.9; 2.4). O caluniador é uma pessoa que, com malícia, expressa falsos relatos que ofendem e prejudicam a reputação de outra pessoa.<sup>8</sup>

Satanás é chamado nosso *Inimigo* (Mt 13.39). Essa palavra deriva-se de uma raiz que significa "ódio". Isso caracteriza a atitude de Satanás — ele odeia tanto a Deus quanto a seus filhos.

Satanás é chamado *o Maligno* (1 Jó 5.19).

Ele é "o opositor de tudo que é bom e o promotor de tudo que é mal".<sup>9</sup> Na verdade, ele é a personificação do mal.

Satanás é chamado de *o Pai da mentira* (Jó 8.44).

Aqui, a palavra pai é usada metaforicamente para referir-se àquele que deu origem à família ou companhia de pessoas incentivadas por um caráter enganoso. Satanás foi o primeiro e maior mentiroso. Suas mentiras, sem dúvida, circundam o mundo das seitas e das falsas religiões que causaram incomensurável sofrimento entre muitas pessoas.

Satanás é chamado de *Homicida* (Jó 8.44).

Essa palavra, de maneira literal, significa "homem matador" (compare com 1 Jó 3.12,15). O ódio é o motivo que leva alguém a cometer assassinato. Satanás odeia tanto Deus quanto seus filhos, portanto, ele tem

um motivo genuíno para matar. Ray Stedman observa que devido ao fato de ele ser um mentiroso, a obra do Demônio é ludibriar e destruir. Nesse ponto, você tem a explicação para tudo que tem acontecido do começo ao fim da história da humanidade, todo o curso do relato sobre o homem... Quem o Demônio não consegue ludibriar, ele tenta destruir, e quem ele não consegue destruir, ele tenta ludibriar.<sup>10</sup>

Satanás é chamado de *deus deste século* (2 Co 4.4).

Obviamente, isso não quer dizer que Satanás é uma deidade. Isso apenas significa que este século é mau e que Satanás é seu "deus", no sentido de que ele é a cabeça. Satanás também está "por trás das falsas seitas e sistemas que abominaram a verdadeira igreja ao longo dos séculos".<sup>11</sup>

Satanás é chamado o *Príncipe deste mundo* (Jó 12.31; 14.30; 16.11).

A palavra-chave aqui é *mundo*. Essa palavra não se refere à terra física, mas à "vasta ordem ou sistema que Satanás promoveu de acordo com seus ideais, alvos e métodos".<sup>12</sup>

Satanás é comparado a um *Leão que ruga* (1 Pe 5.8,9). Essa vívida comparação descreve a força e a destrutibilidade de Satanás. Ele tenta mutilar os cristãos.

Satanás é chamado de *Tentador* (Mt 4.3).



Henry Thiessen, teólogo, diz que "esse nome indica seu propósito constante e diligente para induzir ao pecado. Ele apresenta as mais plausíveis desculpas e sugere as mais notáveis vantagens para pecar".<sup>13</sup>

Satanás é chamado de *Serpente* (Gn 3.1; Ap 12.9).

Essa palavra simboliza a origem do pecado no jardim do Éden, tanto quanto o efeito odioso e fatal do pecado. A serpente é caracterizada pela deslealdade, falsidade, veneno e mortalidade.

Desse breve levantamento de nomes, vemos que o propósito de Satanás é frustrar o plano de Deus em todas as áreas e de todas as maneiras possíveis. Satanás, para alcançar esse fim, fomenta um sistema mundial em que ele é a cabeça e que se mantém em oposição a Deus e suas regras para este universo. Nesse processo, ele causa vasto e incomensurável sofrimento para os seres humanos, em especial, os cristãos.



Agostinho chamou o demônio de *Simius Dei* — "o Imitador de Deus". Satanás é o maior adúlterador.<sup>14</sup> Ele imita Deus de muitas maneiras. "A principal tática que Satanás usa é atacar a Deus e, em geral, seu plano é oferecer um reino e um programa falsificado".<sup>15</sup> Isso é sugerido em 2 Coríntios 11.14 que faz referência a Satanás que aparece disfarçado como um "anjo de luz".

De que forma Satanás age como um "Imitador de Deus"? Observe o seguinte:

- Satanás tem sua própria *igreja* — a "sinagoga de Satanás" (Ap 2.9);
- Satanás tem seus próprios *ministros* — ministros das trevas que fazem falsos sermões (2 Co 11.4,5);
- Satanás tem seus próprios *sistemas teológicos*, chamados "doutrinas de demônios" (1 Tm 4.1; Ap 2.24);
- Seus ministros proclamam seu *evangelho* — "outro evangelho além do que *já* vos tenho anunciado" (Gl 1.8);
- Satanás tem seu próprio *trono* (Ap 13.2) e seus próprios *adoradores* (13.4);
- Satanás inspira *falsos Cristos e messias autoproclamados* (Mt 24.4,5);
- Satanás emprega *falsos professores* para produzir "heresias de perdição" (2 Pe 2.1);
- Satanás envia *falsos profetas* (Mt 24.11);

- Satanás apadrinha *falsos apóstolos* que imitam os verdadeiros apóstolos de Cristo (2 Co 11.13).

Um teólogo, em vista de tal imitação, concluiu que "o plano e propósito de Satanás foi, é e sempre será estabelecer um governo rival ao Reino de Deus. Ele promove um sistema em que ele é a cabeça e que se opõe a Deus e a seu governo no universo".<sup>16</sup>

Mais adiante no livro, mostrarei que uma fonte de sofrimento em meio aos seres humanos é a falsa crença, em especial aquela relacionada ao reino das seitas. Satanás ocupa-se com a promoção de doutrinas de demônios e falsos evangelhos por meio de seus falsos professores e profetas e sua obra como um "Imitador de Deus" já causou incalculável sofrimento em meio aos seres humanos.



A passagem de 2 Coríntios 4.4 indica que Satanás cega as mentes dos incrédulos para a verdade do evangelho. Essa passagem indica que Satanás inibe a capacidade de pensar ou de raciocinar apropriadamente dos incrédulos em relação aos assuntos espirituais.<sup>17</sup> Parece que uma das maneiras de Satanás fazer isso é levando as pessoas a pensar que qualquer caminho para o céu é tão aceitável quanto o outro. Em outras palavras, Satanás difunde a idéia de que a pessoa não precisa acreditar em Jesus Cristo como o único caminho para a salvação.

Satanás também tenta arrebatá-la Palavra de Deus do coração dos incrédulos quando eles a escutam (Lc 8.12). Os demônios, sob a liderança de Satanás, procuram disseminar falsos profetas (1 Jô 4.1-4) e voltar os homens à adoração de ídolos (veja Lv 17.7; Dt 32.17; Sl 106.36-38). Em suma, os anjos caídos fazem tudo que podem para disseminar o logro espiritual.

A Bíblia também retrata demônios infligindo doenças físicas nas pessoas (tal como mudez, Mt 9.33; cegueira, 12.22; e epilepsia, 17.15-18). Além disso, eles fazem de tudo para afligir as pessoas com desordens mentais (Mc 5.4,5; 9.22; Lc 8.27-29; 9.37-42), fazendo com que as pessoas fiquem autodestrutivas (Mc 5.5; Lc 9.42), como também é responsável pela morte de algumas pessoas (Ap 9.14-19).

Naturalmente, devemos ser cuidadosos ao notar que embora os demônios provoquem doenças físicas, as Escrituras fazem distinção entre doenças naturais e as causadas pelo demônio (Mt 4.24; Mc 1.32; Lc 7.21; 9.1; At 5.16). Millard J. Erickson, teólogo, observa que em numerosos casos de curas relatados na Bíblia não há menção aos demônios. "Em Mateus, por exemplo, não há menção a exorcismo de demônio no caso da cura do criado do centurião (8.5-13), na da mulher com uma hemorragia de mais de doze anos (9.19,20), dois cegos (9.27-30), do homem com a mão mirrada (12.9-14), daqueles que tocaram a orla da veste de Jesus (14.35,36)".<sup>18</sup>



Os anjos caídos também são bastante ativos em causar sofrimento em meio aos crentes de várias maneiras.

- Satanás tenta os crentes para que pequem (Ef 2.1-3,1 Ts 3.5);
- Satanás tenta os crentes para que mintam (At 5.3);
- Satanás tenta os crentes para que cometam atos de imoralidade sexual (1 Co 7.5);
- Satanás acusa e calunia os crentes de todas as maneiras que pode (1Ts 2.18);
- Satanás e os demônios procuram travar guerra contra os crentes e derrotá-los (Ef 6.11,12);
- Satanás dissemina pragas entre os crentes (Mt 13.38,39);
- Satanás incita as perseguições contra os crentes (Ap 2.10);
- Os demônios impedem as respostas às orações dos crentes (Dn 10.12-20);

- Satanás opõe-se aos cristãos com a ferocidade de um leão faminto (1 Pe 5.8);
- Satanás semeia a dúvida na mente dos crentes (Gn 3.1-5);
- Satanás semeia o orgulho espiritual no coração dos crentes (1 Tm 3.6);
- Satanás afasta os crentes "da simplicidade que há em Cristo" (2 Co 11.3);
- Os demônios instigam o ciúme e a facção entre os crentes (Tg 3.13-16);
- Os demônios separariam os crentes de Cristo, se pudessem (Rm 8.38);
- Os demônios trabalham com Satanás contra os crentes (Mt 25.41; Ef 6.12; Ap 12.7-12);



Li uma história sobre um bando de gansos que, no inverno, voava para o sul. Em seu caminho, um deles olhou para baixo e avistou um grupo de gansos domésticos no açude de uma fazenda. Ele notou que eles tinham

muitos grãos para comer, então resolveu descer para se juntar a eles. A comida era tão boa que decidiu ficar com os gansos domésticos até a primavera, quando seu bando voaria de novo para o norte.

Quando a primavera chegou, ele ouviu seu bando passando e voou para se juntar a eles. O ganso, no entanto, engordara e tinha dificuldade para voar. Assim, ele decidiu passar mais uma temporada na fazenda e juntar-se ao grupo em sua próxima migração de inverno.

No outono seguinte, quando seu antigo grupo voou em direção ao sul, o ganso bateu um pouco suas asas, mas ficou ali mesmo, comendo seu grão. E, no momento em que eles, mais uma vez, passaram sobre suas cabeças, o agora domesticado ganso nem os percebeu.<sup>19</sup> Isso ilustra o que pode acontecer com os cristãos no mundo. O cristão pode gradualmente conformar-se com o sistema mundano até perder a visão — perde, até mesmo, o interesse — em seu verdadeiro chamado e vida como cristão.

A palavra *mundo*, quando usada nas Escrituras, refere-se, com frequência, não ao planeta físico (Terra), mas a um sistema contra Deus, o qual é encabeçado por Satanás. Na verdade, em 1 João 5.19 diz que "todo o mundo está no maligno [Satanás]" (grifo do autor). Antes de sermos cristãos, você e eu seguimos os caminhos mundanos sem hesitação (Ef 2.2). No entanto, quando nos tornamos cristãos, ganhamos outro mestre — Jesus Cristo — que nos chama para ser separados do mundo. A Escritura retrata o mundo como sedutor. Ele sempre tenta distrair nossa atenção e devoção para longe de Deus (Rm 12.2; 1 Jó 2.15-17). Tenta eclipsar nossa visão das coisas celestiais. Tenta nos pegar em sutil armadilha e nos desviar. Por essa razão, o Novo Testamento instrui-nos a não amar o mundo ou qualquer coisa que nele há (1 Jó 2.15,16).

Inúmeras coisas no mundo apelam para nossa natureza pecaminosa. Se cedermos, nossa atenção é afastada de Deus, e podemos ser conduzidos ao sofrimento. Adotar o mundo e seus caminhos, inevitavelmente, conduz nossas afeições para longe de Deus. Não há território neutro.

Em meio às coisas do mundo que nos atraem para longe de Deus estão o dinheiro, os bens materiais, a fama, a carreira, o entretenimento, o prazer e muitas outras coisas. Nenhum desses itens é necessariamente errado ou mal em si mesmo. No entanto, quando usados de maneira errônea, têm o potencial para deslocar nossa atenção para longe de Cristo como nossa primeira prioridade. Nenhum desses itens pode efetivamente nos desviar para a teia mundana. Quando um inseto fica preso na teia, a aranha pode mover-se com facilidade para matá-lo. O sistema mundano é como a teia que poderia nos pôr em uma armadilha. A teia permite que Satanás entre em nossa vida e nos fira.



Outro sutil inimigo do cristão que pode contribuir para trazer grande sofrimento é a carne. A Bíblia usa o termo *carne* para descrever esta força dentro de nós que está em total rebelião contra Deus. No início, esta natureza pecaminosa não existia quando Deus criou o homem. Contudo, ele entrou em cena no momento em que Adão e Eva desobedeceram a Deus. Desde então todos os seres humanos nascem com uma natureza carnal ou pecaminosa que se rebela contra Deus.



As manifestações da carne incluem ódio, discórdia, ciúmes, ira, ambição egoísta, dissensões, parcialidade, inveja, embriaguez e coisas semelhantes (Gl 5.20,21). Esses tipos de coisas atrapalham muito nosso relacionamento com Deus.

É fundamental que você e eu entendamos que, quando nos tornamos cristãos, a carne ou nossa natureza pecaminosa não é descartada com a conversão. Ela permanece conosco até morrermos e irmos para o céu (ou até o Arrebatamento, o que vier primeiro). Até esse dia, a carne sempre está presente e atuante. J. Dwight Pentecost observa: "Todos vivemos em um corpo não-remido no meio de uma criação não-remida, com uma natureza não-remida em nós. Temos um Inimigo externo que nos oprime de maneira constante e um inimigo interno que sempre está presente em nós".<sup>20</sup> Essa é uma receita de sofrimento, se é que existe uma!



Talvez, o mais forte exemplo de dor e sofrimento imerecido seja Jó, um verdadeiro homem correto e devoto (Jó 1.1). Em um momento, tudo estava bem na vida de Jó; no momento seguinte, ele perdeu quase tudo — sua família, seus bens e sua saúde (1.6—2.10). Reflita nas duas revelações-chave dos dois primeiros capítulos de Jó que se relacionam com este nosso estudo.

Primeiro, Jó não tinha idéia de que sua vida era um campo de batalha espiritual entre Deus e Satanás. Ele estava cego para o fato de que seu sofrimento se devia a um ataque insidioso dos poderes das trevas,

ataque esse que significativamente foi permitido por Deus. Não devemos nos esquecer de que Jó não tinha diante de si o livro que nos dá um vislumbre do pano de fundo da batalha espiritual que deu origem a suas aflições. Warren Wiersbe observa:

Parecia que todas as calamidades na vida [de Jó] tinham uma perfeita explicação natural: os sabeus pegaram os bois e as jumentas; um fogo do céu (talvez, um raio) queimou o rebanho de ovelhas; os caldeus pegaram os camelos; e uma grande ventania (um furacão?) destruiu a casa de seu filho mais velho e matou todos os filhos de Jó. Contudo, Satanás estava por trás de todas essas ocorrências!<sup>21</sup>

O que aprendemos com isso é que certos sofrimentos que parecem ter uma explicação natural podem ter sido causados por um ataque satânico ou demoníaco. Obviamente, o problema é que temos uma perspectiva limitada e raramente sabemos se um combate espiritual é o pano de fundo para esses eventos ou não. Portanto, nossa melhor política é confiar e depender de Deus em todas as situações. Veja bem, nossas circunstâncias dolorosas podem estar ou não associadas a um ataque demoníaco. Mas Deus sempre sabe por que as coisas acontecem, e Ele sempre tem um bom propósito para permitir qualquer circunstância em nosso caminho. Portanto, mantenha sua confiança em Deus quer você esteja ciente de alguma batalha espiritual quer não.

A segunda revelação é que Satanás não é livre para fazer o que quiser. Satanás está sob controle. Deus traçou limites à sua volta além dos quais ele não tem liberdade para atuar (veja Jó 1.12; 2.6). Se não

existissem esses limites, você e eu, com certeza, poderíamos morrer neste momento, pois Satanás odeia Deus e seus filhos, e ele se deleitaria nos matando (veja Jó 8.44).

Em vista desses limites protetores, você não precisa gastar muito tempo se preocupando com ataques demoníacos. Antes, foque sua atenção em Deus, pois Ele é quem sempre estará no controle de todas as coisas no universo.



Os cristãos devem ser agradecidos pelo fato de Deus tomar providências para nos defender contra Satanás e seus anjos caídos. Isso significa que podemos controlar a quantidade de sofrimento que eles podem trazer para nossa vida. Nesta seção "Curando nosso coração", forneço oito perspectivas bíblicas a respeito de nossa defesa:

*1. Cada crente deve ser informado e, assim, alertado em relação aos ataques de Satanás (1 Pe 5.8). Para derrotar um inimigo, devemos saber o quanto pudermos a respeito dele — inclusive suas táticas. O apóstolo Paulo afirmou: "Porque não ignoramos os seus ardis" (2 Co 2.11). Encontramos todas as informações que precisamos sobre esse inimigo e suas táticas na Palavra de Deus.*

*Devemos adotar uma posição decisiva e firme contra Satanás. Em Tiago 4.7 diz: "Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós". Isso não significa resistir uma vez. Antes, significa que diariamente devemos nos manter*

firmes em nossa resistência contra o demônio. E quando fazemos isso, ele desistirá. Em Efésios 6.14 a Palavra nos aconselha a estar firmes contra o Diabo. Nós fazemos isso não por meio da nossa força, mas por intermédio da força de Cristo. Afinal de contas, foi Cristo que "despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e sobre eles triunfou na cruz" (Cl 2.15).

*2. Esteja consciente de que o poder da carne que opera na vida dos cristãos, de maneira efetiva, foi neutralizado por meio de nossa harmonia com a morte de Cristo para a redenção do pecado. A carne não tem mais o direito de reinar na vida dos crentes e seu poder em nossa vida é quebrado quando, pela fé, consideramos que isso é verdade (Rm 6.1-14).*

Conta-se a história de Handley Page, pioneiro da aviação, que, certa vez, durante suas viagens, pousou em uma área isolada. Sem que ele visse, um rato embarcou no aeroplano. Page, no percurso seguinte de seu voo, ouviu o repugnante som do roedor. Ao suspeitar disso, seu coração começou a bater forte enquanto ele imaginava o grande estrago que o bicho poderia fazer no frágil mecanismo que controlava seu aeroplano. Esse estrago poderia ser bastante difícil (e caro) para consertar. O que ele devia fazer? Ele lembrou-se de ter ouvido que ratos não sobrevivem em altas altitudes, então ele puxou a alavanca de comando. O aeroplano subiu mais e mais alto até que o próprio Page sentisse dificuldade para respirar. Ele escutou atentamente e, por fim, suspirou com alívio. O barulho do roedor tinha parado. Quando ele chegou ao seu destino, achou o rato morto atrás do assento do piloto!<sup>22</sup>

Muitas vezes, como filhos de Deus, somos infestados pelo pecado que corrói nossa vida apenas por que estamos vivendo em uma esfera espiritual muito baixa. Para derrotar o pecado, devemos mudar de mundo a fim de alcançar a esfera mais elevada, onde as coisas deste mundo não conseguem sobreviver. Em outras palavras, por meio da fé, precisamos confiar em nossa união espiritual com Cristo para quebrar o poder do pecado em nossa vida. Jesus nos dá a vitória. Mantenha seus olhos voltados para Ele! O fato de que precisamos andar no poder do Espírito Santo também está intimamente relacionado a isso (Gl 5.16). Andar no Espírito significa ter a atitude contínua de dependência do Espírito, e não de nossos recursos humanos. Ao andar na dependência do Espírito, o poder da carne se torna inoperante. No entanto, se andarmos de acordo com nosso poder, a carne, de fato, levará a melhor. Não caiamos nunca na insensatez de pensar que, apenas por que nos tornamos cristãos e desfrutamos de algumas "elevações" espirituais com o Senhor, estamos imunes aos pecados da carne. Nada poderia estar mais longe da verdade. O fato é que um verdadeiro cristão pode e comete pecados carnis. Além disso, andar no Espírito é um *dever*. Ao contrário, andar na carne o torna uma presa fácil para Satanás.

3. *Deus providenciou uma poderosa armadura espiritual para nossa defesa* (Ef 6.11-18). Cada peça dessa armadura é importante e tem sua própria finalidade. Mas você e eu devemos escolher vestir essa armadura. Deus não nos força a vesti-la. Veja a descrição que Paulo faz dessa armadura:

Revesti-vos de toda a *armadura de Deus*, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo; porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos *lugares* celestiais. Portanto, tomai toda a *armadura de Deus*, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos *lombos com a verdade*, e vestida a *couraça da justiça*, e calçados os pés na preparação do *evangelho da paz*; tomando sobretudo o *escudo da fé*, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o *capacete da salvação* e a *espada do Espírito*, que é a palavra de Deus, orando em todo tempo com toda oração e súplica no Espírito e vigiando nisso com toda perseverança e súplica por todos os santos (Ef 6.11-18; gritos do autor).

Sem vestir a armadura espiritual, você e eu não temos chance contra as forças das trevas. Mas com a armadura, a vitória é nossa. Não é complicado vestir essa armadura. Significa que nossa vida será caracterizada por retidão, obediência ao desejo de Deus e o uso efetivo da Palavra de Deus. Essas são as armas pelas quais derrotaremos o Diabo em nossas vidas e que nos deixará imune contra seus germes.<sup>23</sup>

4. *O efetivo uso da Palavra de Deus é de especial importância para a vitória espiritual.* Jesus usou a Palavra de Deus para derrotar o demônio

durante sua tentação no deserto (Mt 4). Devemos aprender a fazer o mesmo. Ray Stedman encoraja-nos:

É óbvio que quanto mais nos expomos às Escrituras, mais o Espírito pode usar essa poderosa armadura em nossa vida. Se você nunca estudou ou leu a Bíblia, então está extremamente exposto ao malogro e ao desespero. Você não tem defesa; nada para erguer contra essas forças que estão em movimento. Portanto, aprenda a ler regularmente a Bíblia.<sup>24</sup>

*6. Não devemos dar lugar ao Diabo ao permitir que a nossa ira permaneça em relação a alguém, em nosso coração (Ef 4.26,27). O excesso de raiva em nosso coração dá oportunidade para que o Diabo aja em nossa vida.*

*7. Devemos orar por nós e pelos outros. Jesus estabeleceu um exemplo para nós na Oração do Pai Nosso, quando nos ensina a orar: "Mas livra-nos do mal" (Mt 6.13). Essa devia ser uma oração diária. Jesus também estabeleceu um exemplo de como orar pelos outros em sua oração a favor de Pedro: "Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo. Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça" (Lc 22.31,32).*

*8. Por fim, o crente não deve nunca se envolver com o ocultismo. Atividades ligadas ao ocultismo (inclusive, coisas como ler horóscopo, buscar*

respostas nos búzios e nas cartas de taro) dão ao Diabo oportunidade de agir em nossa vida (Dt 18.10,11; veja também Rm 16.19). Não faça isso! Ao seguir normas como essas, obteremos vitória sobre Satanás e seu bando de demônios que tentam nos derrubar. E quanto mais vitórias obtivermos, menos sofrimentos esses espíritos malévolos nos causarão.



## Capítulo 7

### A Disciplina Divina e o Sofrimento

Alguém que estude bastante a Escritura não pode fugir do fato de que alguns dos sofrimentos experimentados pelos cristãos são conseqüências da disciplina divina. Naturalmente, punição e disciplina são coisas bem distintas. A punição implica retribuição por mau procedimento. Isso inclui o pagamento da penalidade pelos atos cometidos. As Escrituras, de maneira enfática, ensinam que Jesus pagou na cruz o preço por nossos pecados.

Jesus tomou sobre si nossa punição (2 Co 5.21). Se Deus puniu Jesus por nossos pecados e depois nos punisse também, então Ele estaria exigindo um pagamento duplo. Isso é algo que Deus jamais faria. Deus não pune seus filhos por seus pecados. Antes, Ele os disciplina, e o motivo para tal é o amor, não a raiva. Se mantivermos esse fato fundamental em mente, teremos uma atitude totalmente distinta ao olhar para nossas experiências.<sup>1</sup>

O capítulo 12 de Hebreus nos esclarece que Deus disciplina aqueles a quem ama. Nesta narrativa, que se estende do versículo 7 ao 11, lemos:

Se suportais a correção, Deus vos trata como filhos; porque que filho há a quem o pai não corrija? Mas, se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois, então, bastardos e não filhos. Além do que, tivemos nossos pais segundo

a carne, para nos corrigirem, e nós os reverenciamos; não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos, para vivermos? Porque aqueles, na verdade, por um pouco de tempo, nos corrigiam como bem lhes parecia; mas este, para *nosso* proveito, para sermos participantes da sua santidade. E, na verdade, toda correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas, depois, produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela.

Esse texto nos relata que quando Deus disciplina seus filhos, Ele não age movido pela raiva ou desforra, mas por seu incomensurável amor e zelo. Deus nos ama demais para permitir que fiquemos impenitentes em nosso pecado. Devido ao cuidado que tem conosco, Ele nos pune. Warren Wiersbe explica isso desta maneira: "A punição não é obra de um juiz raivoso que pune um criminoso. É a obra de um Pai amoroso que deseja aprimorar o filho".<sup>2</sup>

Não agimos da mesma maneira com nossos filhos? Se observo meu filho engajado em um estilo de vida pecaminoso que o prejudica, a atitude mais desprovida de amor que poderia ter seria deixá-lo sozinho e permitir que continuasse naquela vereda de destruição. A coisa mais amorosa que poderia fazer, seria confrontá-lo com seu pecado. Se ele resistisse, então, só poderia optar por discipliná-lo. O tempo todo, minha motivação seria o amor sincero, não a vingança ou a desforra. Eu apenas quero o melhor para meu filho. Da mesma maneira, Deus quer apenas o melhor para nós, e, por essa razão, Ele nos disciplina como seus filhos. Seu desejo é afastar algumas coisas (por exemplo, o pecado), para que depois Ele possa pôr

algo melhor no lugar (santidade). Como um jardineiro poda a videira para que produza mais frutos, também o Pai poda seus filhos para que frutifiquem mais (Jó 15.2). Deus trabalha na vida de cada crente para "cortar" tudo que é mal a fim de que produza frutos mais espirituais.

Eis um princípio básico que deve ser observado: para minimizar a disciplina divina, minimize os pecados impenitentes. Para evitar alguma dor que é causada pela disciplina, devemos ter a iniciativa de julgar nossos pecados. Depois de tudo, as Escrituras ensinam que se julgarmos a nós mesmos, não seremos julgados (1 Co 11.31).

Isso não quer dizer, é claro, que os virtuosos jamais são disciplinados por Deus. A maioria deles, com certeza, é corrigida pelo Pai. Ele molda constantemente *todos* os seus filhos à imagem de Cristo. Portanto, Deus pode disciplinar um crente que não esteja necessariamente envolvido em desobediência consciente, mas que ainda tenha áreas em sua vida que não atingiram o ideal para Deus. Ou Deus pode disciplinar um crente para que se desembarace de sua perspectiva mundana, e, dessa maneira, Ele possa substituí-la por uma perspectiva celeste (eterna).

Certa vez, Martyn Lloyd-Jones sugeriu que "a grande e fundamental preocupação de Deus para conosco não é nossa felicidade, mas nossa santidade. Seu grande amor por nós está determinado a nos trazer para a santidade e empregar diferentes meios para alcançar esse fim".<sup>3</sup> Deus sabe precisamente que tipos de circunstâncias deve permitir em nossas vidas para nos disciplinar. E o resultado da disciplina de Deus em nossa vida é que compartilhamos sua santidade. Em outras palavras, começamos a parecer uma família.



Quero enfatizar que, quando Deus permite circunstâncias dolorosas em nosso caminho com o propósito de nos disciplinar, sua motivação é o amor. Algumas pessoas questionam o caráter de Deus em razão de permitir o sofrimento em nossa vida. Um teólogo perguntou: "Será que uma pessoa deve acreditar que Deus não existe ou é cruel, indiferente, impotente a fim de lidar com a realidade de que o mal existe no mundo?".<sup>4</sup> É evidente que a resposta é negativa.

A tolerância de Deus em relação ao sofrimento é perfeitamente compatível com seu amor e não lança qualquer dúvida sobre Ele. C.S. Lewis, certa vez, comentou que gostaria muito de viver em um universo governado por Deus em que "todos usufríssem de bons momentos". Mas evidentemente, como observamos, nem todos usufruem desses bons momentos, e como Lewis, apesar disso, acredita que Deus é amor, ele conclui: "Minha concepção de amor precisa ser corrigida".<sup>5</sup>

Voltando à metáfora de pais e filhos, um filho poderia concluir que devido ao fato de seu pai o disciplinar, ele é desamoroso. No entanto, isto não é a verdade. O pai disciplina seu filho justamente por que o ama. O mesmo acontece com Deus. Assim, se reconhecemos que seu amor está por trás de todo o relacionamento que tem conosco, nosso conceito sobre o amor de Deus deverá expandir-se.



Como forma de disciplinar seus filhos rebeldes, Deus permitiu que Israel fosse exilado na hostil Babilônia, governada por Nabucodonosor em 597 a.C. Jerusalém e o templo foram destruídos (Lm 1.1-7). Contudo, depois de realizar seu propósito divino, Deus libertou Israel do exílio.

O pano de fundo para tudo isso é encontrado no livro de Deuteronômio, em que Deus, por intermédio de Moisés, prometeu grande bênção se a nação vivesse em obediência à aliança que Deus fez com ela. Deus também advertiu que, havendo desobediência, a nação poderia sofrer disciplina — inclusive o exílio de sua terra (Dt 28.15-68).

Israel, de maneira consistente, desobedeceu à lei de Deus, e no primeiro capítulo de Isaías, encontramos a nação no tribunal. O Senhor acusou Judá (por intermédio do profeta) de violação de contrato ao quebrar a aliança do Sinai que Deus deu aos israelitas, na saída para o Egito. Nessa cena de tribunal, o Senhor recorre ao céu e à terra para testemunhar a acusação que Ele levanta contra a nação (Is 1.2). Todo o universo deu testemunho de que o julgamento de Deus é justo.

O Senhor acusou Judá por se rebelar contra Ele. A palavra hebraica para "rebelde", em Is 1.2, era, com frequência, usada entre os anciões em relação à situação de violação do pacto, a saber, qualquer nação subordinada que rompesse o tratado estabelecido com a nação soberana. Em Isaías 1, a palavra aponta para a ostensiva violação da aliança de Deus praticada por Judá. Desta forma Israel entra no cativeiro.

Nesse caso, o cativeiro da Babilônia era a maneira de Deus punir Judá. É óbvio que essa disciplina foi aplicada como um corretivo. Ao longo do Antigo e Novo Testamento vemos que Deus disciplina seus filhos para os purificar. Da mesma maneira que um pai mundano disciplina seu filho, Deus, o Pai, disciplina seus filhos para ensiná-los e educá-los (Hb 12.1-5). Deus amava demais aos israelitas para ficar impassível quando eles se desgarraram de seu compromisso com Ele. A falta de ação por parte de Deus poderia significar que Ele não amava seus filhos.

Há algumas revelações muito interessantes sobre o amor de Deus no salmo 107, escrito logo após o retorno de Israel do exílio na Babilônia, e podemos aprender com elas. Na verdade, em Salmos 107.1-3 afirma que o amor de Deus dura para sempre, a despeito do fato de que Ele, propositalmente, tenha permitido que Israel fosse cativo na Babilônia:

Louvai ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua benignidade é para sempre.

Digam-no os remidos do Senhor, os que remiu da mão do inimigo e os que congregou das terras do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul.

O salmo mostra o Deus amoroso respondendo ao clamor de seu povo. Na verdade, o versículo 6 nos informa que os israelitas clamaram a Deus logo que foram para o exílio, como as crianças choram quando os pais as disciplinam. Então, de acordo com os versículos de 6 a 9, Deus respondeu a suas lágrimas com grande compaixão:

E clamaram ao Senhor na sua angústia, e ele os livrou das suas necessidades. E os levou por caminho direito, para irem à cidade que deviam habitar. Louvem ao Senhor *pela* sua bondade e *pelas* suas maravilhas para com os filhos dos homens! Pois fartou a alma sedenta e encheu de bens a alma faminta.

Depois de um tempo apropriado de sofrimento sob suas mãos disciplinadoras, Deus libertou o povo e o restabeleceu totalmente. Em meio a disciplina, Deus pretendia, em todo o tempo, restabelecer Israel. Deixe-me repetir de novo, Deus *nunca* disciplina para tirar desforra de seus filhos. Deus permite o sofrimento para restabelecer seu povo. Deus o quer reabilitado, revitalizado e revigorado. O amor de Deus e sua disciplina são perfeitamente compatíveis.



Davi era um homem segundo o coração de Deus (At 13.22), mas na meia idade, ele caiu e *permaneceu* no pecado por quase um ano inteiro. Deus não teve escolha, a não ser discipliná-lo. Logo depois em desespero, Davi confessa seu pecado e arrepende-se.

Veja como aconteceu:

E aconteceu que, tendo decorrido um ano, no tempo em que os reis saem para a guerra, enviou Davi a Joabe, e a seus servos com ele, e a todo o Israel, para que destruíssem os filhos de Amom

e cercassem Rabá; porém Davi ficou em Jerusalém. E aconteceu, à hora da tarde, que Davi se levantou do seu leito, e andava passeando no terraço da casa real, e viu do terraço a uma mulher que se estava lavando; e *era* esta mulher mui formosa à vista. E enviou Davi e perguntou por aquela mulher; e disseram: *Porventura*, não é esta Bate-Seba, filha de Eliã e mulher de Urias, o heteu? Então, enviou Davi, mensageiros e a mandou trazer; e, entrando ela a ele, se deitou com ela (e *já* ela se tinha purificado da sua imundície); então, voltou ela para sua casa. E a mulher concebeu, e enviou, e fê-lo saber a Davi, e disse: Pejada estou" (2 Sm 11.1-5).

Como é fácil e rápido para um grande homem cair. E que dor essa queda causa, quando um grande homem fracassa em se arrepender! Davi teria se livrado de muitos problemas e dores por meio do arrependimento e da confissão imediata de seus pecados a Deus. Ele ainda teria de lidar com as conseqüências, mas pelo menos, teria alcançado imediatamente a vereda da cura em vez de esperar quase um ano.

Á passagem de 2 Samuel 11.6-17 indica que Davi aumentou seu problema, ao tornar mais fundo seu buraco — causando, assim, mais dor para si:

Então, enviou Davi a Joabe, dizendo: Envia-me Urias, o heteu.

E Joabe enviou Urias a Davi. Vindo, pois, Urias a ele, perguntou Davi como ficava Joabe, e como ficava o povo, e como ia a guerra. Depois, disse Davi a Urias: Desce à tua casa e lava



os teus pés. E, saindo Urias da casa real, logo saiu atrás dele iguaria do rei. Porém Urias se deitou à porta da casa real, com todos os servos do seu senhor, e não desceu à sua casa. E o fizeram saber a Davi, dizendo: Urias não desceu à sua casa. Então, disse Davi a Urias: Não vens tu *de uma* jornada? Por que não desceste à tua casa? E disse Urias a Davi: A arca, e Israel, e Judá ficam em tendas; e Joabe, meu senhor, e os servos de meu senhor estão acampados no campo; e hei de eu entrar na minha casa, para comer e beber e para me deitar com minha mulher? Pela tua vida e pela vida da tua alma, não farei tal coisa. Então, disse Davi a Urias: Fica cá ainda hoje, e amanhã te despedirei. Urias, pois, ficou em Jerusalém aquele dia e o seguinte. E Davi o convidou, e comeu e bebeu diante dele, e o embebedou; e, à tarde, saiu a deitar-se na sua cama, como os servos de seu senhor; porém não desceu à sua casa.

E sucedeu que, pela manhã, Davi escreveu uma carta a Joabe e mandou-lha por mão de Urias. Escreveu na carta, dizendo: Ponde Urias na frente da maior força da peleja; e retirai-vos de detrás dele, para que seja ferido e morra. Aconteceu, pois, que, tendo Joabe observado bem a cidade, pôs a Urias no lugar onde sabia que *havia* homens valentes. E, saindo os homens da cidade e pelejando com Joabe, caíram *alguns* do povo, dos servos de Davi; e morreu também Urias, o heteu.

Durante esse episódio, Deus acabou desobedecendo quatro dos dez mandamentos: "Não matarás" (Êx 20.13), "não adulterarás" (v. 14), "não

furtarás" (v. 15), "não cobiçarás a mulher do teu próximo" (v. 17).<sup>6</sup> Essas proibições não estão na Bíblia para tornar nossa vida mais infeliz. Elas estão lá para nosso bem. Deus nos criou, e se vivermos como Ele quer que vivamos (obedecendo seus mandamentos), estamos no caminho das bênçãos e da vida abundante. No entanto, se escolhermos nos afastar desse caminho, e, em vez disso, escolhermos um caminho cheio de espinhos, não podemos culpar ninguém, além de nós mesmos, quando formos dolorosamente atormentados.

Como Davi permaneceu em pecado por mais de um ano, Deus não teve outra escolha a não ser discipliná-lo. Após essa disciplina, por fim Davi se arrependeu e confessou seu pecado a Deus. O arrependimento de Davi está relatado no Salmo 51. Observe esses doze primeiros versículos:

Salmo de Davi para o mestre de música, escrito quando o profeta Natã veio falar com ele, depois que este cometeu adultério com Bate-Seba

Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias.

Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado.

Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim.

Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que a teus olhos é mal, para que sejas justificado quando falares e puro quando julgares.

Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe.

Eis que amas a verdade no íntimo, è no oculto me fazes conhecer a sabedoria.

Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve.

Faze-me ouvir júbilo e alegria, para que gozem os ossos que tu quebraste.

Esconde a tua face dos meus pecados e apaga todas as minhas iniquidades.

Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto.

Não me lances fora da tua presença e não retires de mim o teu Espírito Santo.

Torna a dar-me a alegria da tua salvação e sustém-me com um espírito voluntário.

Parece que a disciplina de Deus na vida de Davi foi severa. Davi fala "os ossos *que* tu quebraste" (v. 8). Seu sofrimento envolveu algum tipo de aflição física. Davi também pede a Deus que torne a lhe dar a alegria da salvação (v. 12), o que pressupõe que, como resultado de seu pecado e da subsequente disciplina de Deus, ele havia perdido a alegria. Assim, observamos que o pecado acarreta conseqüências físicas, emocionais e espirituais.

Meu pastor, certa vez, disse-me: "Você prestará contas ou à *luz de* Deus, ou à sua *fúria*". Seu ponto de vista era que ou respondemos à

Palavra de Deus e a seguimos de maneira voluntária ou seremos forçados a responder à fúria da disciplina de Deus. Davi fez a escolha errada! Aprendamos com seu erro.



De acordo com o que aprendemos sobre a disciplina de Deus na vida dos crentes é fácil concluir que sempre que vemos irmãos no sofrimento é pelo fato de Deus estar disciplinando-os por seus pecados. *Não sejamos apressados em julgar, pois não conhecemos todos os fatos.* Lembre-se o que disse em uma passagem anterior deste livro: algumas vezes as pessoas sofrem por que usaram seu livre arbítrio de maneira inadequada, porém, elas também sofrem em consequência da livre escolha feita por outras pessoas. E outras vezes ainda, as pessoas sofrem devido a lutas espirituais ou qualquer outra coisa.

Espero que quando você vir uma irmã com câncer (por exemplo), não conclua de imediato que Deus a está disciplinando por seus pecados. Afinal de contas, vivemos em um mundo caído, cheio de doenças e dor. Millard Erickson disse: "Devemos estar atentos para o fato de que se Deus manda os raios solares e a chuva tanto para os injustos quanto para os justos, então, em um mundo para o qual o pecado trouxe a destruição da natureza e a doença, o infortúnio também pode vir tanto sobre os justos quanto para os injustos".<sup>7</sup> Portanto, *não julgue! Em vez disso, canalize suas forças para ministrar aos que sofrem (2 Co 1.4).*



Quando ponderei sobre a verdade de que Deus nos disciplina como filhos, observei que algumas vezes permitimos que a dor da disciplina desvie nossa atenção impedindo que percebamos a verdade mais ampla e confortante, a saber, que estamos *para sempre* na família de Deus. Acredito que uma das maiores bênçãos da salvação é a de que os crentes foram adotados para sempre pela família de Deus. De maneira literal, tomamo-nos "filhos de Deus" (um termo bíblico que, em geral, significa "meninos de Deus") (Rm 8.14).

Usufruímos um relacionamento privilegiado e de responsabilidade, pois fomos adotados para sempre pela família de Deus. Como filhos dEle, somos chamados a viver de uma maneira que reflita nosso novo relacionamento familiar. Somos chamados a mostrar a similitude familiar (Mt 5.48). A disciplina amorosa de Deus nos ajuda a alcançar essa semelhança.

Como meninos de Deus, não precisamos ter medo de nos aproximar dEle. As Escrituras nos asseguram que podemos nos aproximar com ousadia do trono de Deus e dizer: "*Aba, Pai*" (Rm 8.15). *Aba* é um termo aramaico que traduz grande afeição e intimidade — similar ao "papai" do português. Perceba Deus como Ele é: não o *severo disciplinador divino*, mas o *divino pai amoroso* que disciplina a partir de seu profundo amor.

Devido a esse novo relacionamento familiar com Deus, os crentes são chamados de "herdeiros de Deus" e "co-herdeiros de Cristo" (Rm 8.17). Em uma família típica, cada filho recebe uma parte da herança dos

pais. Isso torna cada filho um herdeiro, e todos os filhos são co-herdeiros. Como filhos de Deus somos seus herdeiros e, coletivamente, somos co-herdeiros com Cristo (Gl 4.7).

As Escrituras nos informam que os crentes herdaram "todas as bênçãos espirituais" em Cristo (Ef 1.3). E a partir de nossa admissão no céu, herdaremos todas as riquezas do glorioso reino de Deus (1 Co 3.21-23). *Que futuro magnífico nos aguarda!* Seria sábio, durante os momentos de sofrimento, ter em mente esse magnífico futuro. Ao ter conhecimento de como acabará nossa história pessoal, temos esperança durante as provações da vida.

Nunca esqueça que sua identidade original é a membresia eterna na família de Deus. Isso pode afetar sua atitude, seu comportamento — tudo em sua vida. Deixe sua identidade de filho de Deus ser uma fonte de força e encorajamento para você.

## Capítulo 8

### Deus Pode Extrair o Bem do Mal?

A primeira vez que levei meu filho caçula, David, ao dentista, ele não gostou nada da idéia de ter aberto sua boca para que o higienista bucal pudesse limpar seus dentes com instrumentos pontudos. Ele não gostou do processo de tirar raios-X. E, em especial, ele não gostou da idéia de seus dentes serem perfurados com uma broca.

Quando voltamos para casa, ele disse a minha esposa que jamais voltaria ao dentista. Acho que ele ficou realmente chocado com o fato de seus pais permitirem que ele passasse por tão horrível provação. No entanto, como você pode imaginar, continuei a levá-lo ao dentista, ano após ano, apesar de suas objeções e a despeito do desconforto que isso pudesse lhe causar.

É óbvio que, em longo prazo, o benefício advindo das visitas ao dentista excede de longe a dor em curto prazo. Com frequência, a mesma coisa é verdade na maneira como Deus lida conosco. Algumas vezes, Deus permite que soframos em curto prazo em vista dos benefícios em longo prazo.<sup>1</sup>

Depois que me tornei cristão, aos dezessete anos, uma das primeiras biografias de cristãos que li foi *Joni*, de Joni Eareckson. Esse livro marcou profundamente a maneira como via a dor e o sofrimento do ser humano. O

livro também me ensinou como Deus pode fazer surgir um enorme benefício de algo que parecia ser um horror absoluto.

A história dela é famosa. Joni mergulhou nas águas da baía Chesapeake e sua cabeça bateu em algo sólido e duro. Seu corpo moveu-se sem controle, enquanto ela ouvia um zumbido alto. Era uma sensação estranha, como um choque elétrico. Ela disse que não sentiu dor e também não podia mexer nenhum músculo. Ela não tinha certeza do que acontecera.

Mais tarde, ela se lembrou de como começou a entrar em pânico e de como tentou livrar-se de qualquer coisa que a estivesse mantendo-a lá embaixo, mas nada saía do lugar. A única coisa que movia seu corpo era a força da maré que gentilmente a levantou e fez rodar um pouco.

Os pensamentos inundaram sua mente. Ela se perguntava se estava consciente. Se alguém a veria ou se afogaria. *Ela precisava respirar.* Então, ela ouviu uma voz. Sua irmã, Kathy, estava chamando seu nome, perguntando se ela estava bem. Se ela pudesse falar, teria gritado: "Tire-me daqui!" *Ela precisava desesperadamente respirar.* Ela ouviu sua irmã perguntar se havia ousado mergulhar naquela água rasa. Sua irmã Kathy, debatendo-se, cambaleando e fazendo o seu melhor, conseguiu tirar Joni da água. E quando a cabeça de Joni apareceu na superfície da água, ela inspirou uma grande quantidade de ar para dentro do pulmão.

Enquanto a ambulância levava rapidamente Joni para o hospital, ela orou a Oração do Pai Nosso, olhando através da janela enquanto eles passavam por carros e pedestres. Ao chegar ao hospital, ela foi imediatamente levada através de uma porta onde se lia: "Emergência — Entrada".



Logo a seguir, contaram a Joni que ela estava tetraplégica — em consequência da fratura diagonal entre a quarta e a quinta vértebra cervical.<sup>2</sup> Ela também foi informada de que o dano era permanente. Isso não era algo que apresentaria melhoras e ela pudesse "ficar bem".<sup>3</sup> De início, quão esmagador e devastador isso deve ter sido!

É natural que alguém pense que esse evento trágico possa ter marcado o fim de uma vida significativa para Joni Eareckson. No entanto, esse não foi o caso. Longe disso! Devido ao que aconteceu, ela agora tem um ministério — Joni e Amigos — que alcança milhões de pessoas ao redor do mundo. Esse ministério existe para "comunicar o evangelho e ajudar igrejas que honrem a Cristo, espalhadas pelo mundo inteiro, a evangelizar e discipular pessoas afetadas por deficiências".<sup>4</sup> Se não fosse o acidente de Joni, esse importante ministério poderia não existir.

Mesmo em relação ao seu frágil corpo, as palavras dela me inspiram: "A Bíblia indica que nosso corpo é temporal. Portanto, minha paralisia é temporal. Quando meu foco desloca-se para essa perspectiva eterna, toda minha preocupação em estar em uma cadeira de rodas torna-se trivial".<sup>5</sup> No caso de Joni, Deus fez surgir um grande benefício através da terrível desgraça que ela sofreu.



Ouvi a história de um filósofo cristão sobre um caçador e um urso, e ela mostra como devemos confiar em Deus mesmo quando Ele parece propositalmente permitir que sofram. A história mostra como o sofrimento pode facilmente ser mal compreendido:

Imagine um urso preso em uma armadilha, e um caçador que, por compaixão, quer libertá-lo. Ele tenta conquistar a confiança do urso, mas não consegue fazê-lo. Portanto, ele enche o urso de drogas. O urso, no entanto, pensa que isso é um ataque e que o caçador está tentando matá-lo. Ele não sabe que isso está sendo feito por compaixão. Assim, o caçador, a fim de tirar o urso da armadilha, precisa empurrá-lo mais para dentro da armadilha a fim de conseguir soltar a tensão na mola da armadilha. Se, a essa altura, o urso estivesse semiconsciente, poderia ficar ainda mais convencido de que o caçador era seu inimigo e queria lhe causar sofrimento e dor. Mas o urso poderia estar errado. O urso chega a essa conclusão equivocada por que não é um ser humano.<sup>6</sup>

Considere essa pequena história como uma analogia entre nós e Deus. Às vezes, não compreendemos por que Deus permite que passemos por tais circunstâncias. Da mesma maneira como o urso questionou os motivos do caçador, nós, algumas vezes, questionamos a motivação de Deus. Entretanto, da mesma maneira como o caçador queria fazer um grande bem para o urso, por intermédio de manobras dolorosas e difíceis, também Deus quer trazer um grande benefício por meio de nosso sofrimento. Exatamente como o urso deveria ter confiado no caçador, também nós devemos confiar em Deus em meio a nossas provações.<sup>7</sup>

O grande problema para a maioria das pessoas é que elas tendem a responder aos cinco sentidos. Já que o mundo espiritual não é objeto de nenhum deles, a fé de muitas pessoas, com frequência, é frágil e impotente. *Costumamos focar as circunstâncias externas.*

O olhar da fé, no entanto, percebe a realidade invisível em que Deus se movimenta. Todo o mundo espiritual encontra-se a nossa volta, circundando-nos, abraçando-nos, todo ele ao nosso alcance. O próprio Deus está aqui, aguardando nossa resposta a sua presença. Ele está aqui para nos confortar. E esse mundo espiritual se tornará vivo para nós no momento em que nos apoiarmos em sua realidade e acreditarmos no que Ele prometeu em sua Palavra (Hb 11.1; 2 Co 5.7).



Grandes pensadores cristãos dizem que a fé é como um músculo. O músculo tem que ser repetidamente estendido até seu limite de resistência para que se torne mais forte. O músculo simplesmente não se desenvolverá se não houver aumento de tensão no treinamento.

Da mesma maneira a fé deve ser testada até seu limite de resistência para que se expanda e desenvolva. Deus permite que seus filhos tenham experiências a fim de que desenvolvam seus músculos de fé (1 Pe 1.7). Os filhos de Deus precisam aprender a confiar nEle (como também o urso precisa aprender a confiar no caçador). Esse processo de aprendizagem tem lugar na escola da vida real — com todas suas difíceis provações e tribulações.

Esse fato salta diante de meus olhos no livro de Êxodo. Depois de libertar Israel do jugo do Egito, Deus primeiro os guiou para Mara, um lugar onde tinham de confiar em Deus caso quisessem água potável. Observe que Deus os conduziu a Mara, antes de conduzi-los a Elim um

grandioso oásis cheio de água potável (Êx 15.22-27). Se Deus quisesse, poderia ter passado ao largo de Mara e os levado direto para Elim. No entanto, como é característico de Deus, de propósito guiou-os pela rota que permitiria um maior condicionamento de seus músculos da fé, em que teriam de confiar em sua promessa de lhes dar mantimentos. Deus faz a mesma coisa conosco. Ele guia nossas circunstâncias para que elas dêem o máximo de condicionamento aos nossos músculos de fé (1 Pe 1.7). Deus nos põe na dura escola do revés para nos ensinar a confiar nEle.

Com certeza, isso é retratado na vida de José que foi vendido como escravo pelos próprios irmãos (Gn 38—39). Ele sofreu, mas Deus sempre esteve no controle. Deus usou essas circunstâncias negativas para levar José ao Egito, onde Ele o elevou à posição de grande autoridade (Gn 41). No entanto, devemos nos lembrar de que José durante esse tempo de sofrimento, *não tinha idéia* de qual seria a intenção de Deus. Ele não sabia que Deus usava essas circunstâncias horrorosas para pô-lo em uma posição proeminente. A história de José ilustra por que é tão importante confiar em Deus, independente das circunstâncias que estejamos vivendo. Deus verdadeiramente realizou um grande bem por meio de sua dor. José resume o assunto quando, mais tarde, ele conta a seus irmãos: "Vós bem intentastes mal contra mim, *porém* Deus o tornou em bem" (Gn 50.20). Nossa fé deve sempre apoiar-se em Deus, que extrai grande bem de qualquer mal que nos aconteça.

Também vemos isso na vida do apóstolo Paulo, que confiou em Deus como poucos o fizeram. Paulo, de tempos em tempos, era mandado para a prisão durante seu ministério (At 16.23-37; Ef 3.1; Fp 1.7; Cl 4.10; Fm 9).

Na época em que esses eventos ocorreram, eles devem ter sido dolorosos, mas Paulo escreveu Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon (quatro importantes livros do NT) enquanto estava na prisão. Na verdade, Deus trouxe um grande bem por meio do sofrimento de Paulo. Não é de admirar que Paulo tenha escrito: "E sabemos que todas *as coisas* contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus" (Rm 8.28).

E o que dizer da morte de Jesus na cruz, no Calvário? No momento em que Jesus foi crucificado, seria plausível que um observador não visse nenhum bem em uma execução injusta. Ainda mais, que o tempo todo, Deus revelava seu notável plano de redenção, realizando o grande bem de salvação da humanidade por meio dessa morte na cruz (2 Co 5.21; 1 Pe 2.24; 1 Jó 2.2). O que parecia ser a maior tragédia de todas, tornou-se a maior bênção de todas.

Devemos ter em mente que se Deus pôde fazer acontecer coisas boas do mal, assim como aconteceu nas vidas de José, Paulo e Jesus, Ele pode fazer o mesmo em nossa vida. Deus nos faz um convite: "Confie em mim". Como responderemos a esse convite?

PRESERVANDO A FÉ EM DEUS  
MAIORES BENS

Posso pensar em uma outra maneira que Deus, muitas vezes, utiliza para extrair grande bem por meio do sofrimento das pessoas. Refiro-me ao sofrimento que, com frequência, faz com que as pessoas preservem a fé em Deus. Cada um de nós pode pensar em incrédulos que suportaram terríveis horas de sofrimento e que, como resultado, finalmente confiaram em Deus

para os salvar. Infelizmente as pessoas não se voltam para Deus a não ser quando sentem necessidade dEle.

Conheço um homem que era incrédulo (o chamarei de Tim) e que era decidido, teimoso, orgulhoso e independente. A personalidade de Tim era do "tipo A": *a* que está sempre no controle das coisas. Quando não estava satisfeito com alguém, ele era brusco e ríspido. Ficar próximo dele quando ficava raivoso — e ele ficava com raiva muitas vezes — era algo nada agradável. Não era prazeroso estar por perto.

Finalmente, a esposa de Tim decidiu divorciar-se dele e pediu a custódia dos filhos. Toda a vida de Tim caiu por terra. Com os procedimentos do divórcio alongando-se mês após mês, ele afundou em desespero, mais e mais fundo. Eu estava com ele, quando orou e verbalizou para Deus sua fé em Jesus Cristo por sua salvação. Foi a primeira vez que vi Tim chorar.

Não apenas Tim tornou-se um cristão, mas pela graça de Deus, sua família foi restaurada. Tim e sua esposa cancelaram os procedimentos para o divórcio. Jamais tive a presunção de tentar discernir os pensamentos e os métodos do Todo-poderoso, mas nesse caso, aparentemente, Deus sabia que a única coisa que chamaria a atenção de Tim seria a possibilidade de perder sua família. Deus ocasionou um tremendo bem do que parecia ser um mal horrível.

Ao reconhecer que, algumas vezes, Deus usa circunstâncias dolorosas para salvar o homem, um estudioso sugere que o objetivo superior de Deus é fazer com que as pessoas, de maneira livre e não-coercitiva, o conheçam. Talvez, seja um fato de que só em um mundo com sofrimento ingênito, inato, e sem propósito as pessoas se voltassem para

Deus. Quem sabe? Pode ser que Deus tenha criado um mundo com maus ingênitos que não contribuem para nenhum bem maior nesta vida, mas os quais fornecem o contexto no qual Ele sabia que as pessoas creriam e confiariam nEle.<sup>8</sup>

Quer esse estudioso esteja correto quer não, muitas pessoas não escolhem confiar em Deus e segui-lo *até* que se deparem com o sofrimento em sua vida. Sem dúvida, cada vez que uma pessoa sofredora vem para Deus em fé, do mal resultou um bem.



Enquanto viver, não esquecerei isso. Eu estava em acampamento de escoteiros durante os meses de inverno, em Nova Jersey. Estava muito, muito frio do lado de fora. Uma noite, aconteceu de eu estar designado para cuidar do jantar, portanto, alguns companheiros escoteiros e eu estávamos ocupados cozinhando.

Estava fazendo um guisado de carne em uma panela de metal com um cabo de metal simples. Eu fiquei perto daquele fogo aceso por cerca de quinze minutos ou por volta disso, quando, descuidadamente, decidi pegar a panela para mexer o guisado de carne. Em menos de um segundo o guisado e a panela estavam no chão e eu uivava em agonia com a dor da queimadura que feriu minha mão. Ainda não acredito que fui tão estúpido a ponto de fazer aquilo. Mas posso lhe dizer que, em momentos assim, a pessoa pensa o seguinte: *Nunca mais farei isso de novo*. Aprendi minha lição de uma vez por todas. Aquele pequeno "mal" serviu para evitar que

eu cometesse qualquer erro similar no futuro que poderia, até mesmo causar maiores males.<sup>9</sup>

Nossa capacidade de experimentar dor por meio dos nervos que Deus criou no corpo humano é uma bênção. Perder a sensibilidade desses nervos — e, portanto, a capacidade de sentir dor, um sinal de advertência — seria terrível. Isso pode ser ilustrado com as pessoas que têm lepra. Os leprosos geralmente perdem os pés e dedos, não em consequência direta da doença, mas em razão da perda da sensibilidade dos nervos que causam a dor e serve como advertência. Eles não podem sentir nenhuma dor em suas extremidades. O leproso, inadvertidamente, pode pegar uma panela quente, como eu fiz, mas no caso dele o fato de não sentir a dor em suas mãos poderia causar um grande estrago em suas mãos, sem que ele percebesse isso. Devemos louvar a Deus pela dor que traz o grande bem de nos ajudar a evitar dor e estragos maiores em nosso corpo.<sup>10</sup> Nosso Deus é sábio, um sábio Deus!



Charles Durham, em seu livro *Temptations: Help for Struggling Christians*, conta uma história espantosa sobre a importância dessa batalha:

Uma vez, um homem achou um casulo de mariposa-rainha e guardou-o com a finalidade de ver o aparecimento do belo inseto. Por fim, chegou o dia em que começou o esforço em meio ao pequeno orifício localizado em uma das extremidades do casulo.



O esforço continuou por horas, mas a mariposa não conseguia forçar seu corpo, para fora, além de um certo ponto.

Finalmente, o homem, acreditando que alguma coisa estava errada e que a abertura poderia não ser grande o bastante, pegou a tesoura e, com cuidado, cortou rente ao filamento do casulo. A mariposa saiu com facilidade e arrastou-se para o peitoril da janela. Ele supôs que em poucas horas as asas se transformariam no bonito objeto pelo qual esperava. Mas isso não aconteceu. A mariposa que poderia ter sido um ser de grande beleza, livre para planar e voar, passou sua curta vida arrastando, em círculos, seu corpo inchado e suas asas murchas. A contração do filamento e o esforço necessário para passar pelo pequeno orifício do casulo é o método utilizado por Deus para forçar que os fluídos do corpo vão para a asa. A incisão "piedosa" no filamento era a coisa mais cruel possível a ser feita.<sup>11</sup>

Meu amigo, Deus tem uma razão muito boa para permitir que cada um de nós tenha lutas. No final das contas, essas lutas trazem mudanças em nós que não ocorreriam de outra maneira. Nossas batalhas podem ajudar os fluídos a entrar em nossa asa para que finalmente possamos voar.<sup>12</sup>

É claro, de nossa limitada perspectiva, podemos não estar cientes do propósito de Deus para permitir que passássemos por uma dificuldade específica. No entanto, em sua inescrutável obra providencial, Ele invariavelmente permite tais aflições apenas para trazer algum bem maior.

Você está passando por um momento de sofrimento, agora? *Confie em seu Pai divino.* Deus sabe o que está fazendo. Em seu coração, Ele quer

o que é melhor para você. Se você não sabe por que algumas coisas estão erradas em sua vida, simplesmente confie nEle (Sl 5.11; 37.5; 40.4; 50.15; 62.8; 118.8; Pv 3.5,6; 28.25; 28.26; Jó 14.1; Hb 4.15; 10.35). Não insista em querer entender tudo. Isso lhe trará apenas frustração, pois desse lado da eternidade *nunca* entenderemos tudo. Além disso, siga o conselho do sábio Salomão: "Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu *próprio* entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas" (Pv 3.5,6). Confie no Senhor de todo o seu coração sabendo que Ele está realizando algo importante em sua vida por intermédio da batalha atual.

## Capítulo 9

### A Escola do Sofrimento

No capítulo anterior, exploramos a idéia de que Deus pode tirar coisas boas do mal. Agora, um passo mais adiante veremos o uso que Deus faz do sofrimento como ferramenta de ensino. Observaremos a narrativa da morte de Lázaro (Jó 11), onde há algumas perspectivas surpreendentes.

Em João 11.3, Jesus soube que seu querido amigo Lázaro estava doente. No versículo 4 tomamos conhecimento de que a situação de Lázaro poderia resultar em muita glória para Deus. Até aqui, tudo bem.

Mas depois uma coisa muito interessante acontece. Jesus não se apressou para estar ao lado de Lázaro tão logo soube que seu querido amigo estava seriamente doente. Antes, Ele esperou alguns dias (Jó 11.6), *apesar* do intenso amor que dedicava a Lázaro e suas irmãs, Maria e Marta. Um princípio que tiramos disso é que Deus, algumas vezes, permite que seus filhos passem por um período de sofrimento, mesmo amando-os profundamente, para que no fim, após o tempo de sofrimento, Ele venha a ser, de alguma maneira, glorificado.

Enquanto você medita sobre essa passagem, tente pôr-se no lugar de Maria e Marta. Elas não tinham idéia do motivo pelo qual Jesus decidiu esperar vários dias antes de ir ver Lázaro. Elas devem ter pensado que Jesus ignorara aquela situação difícil. Naturalmente, o tempo todo Jesus sabia o que estava fazendo e qual seria o desfecho da situação. Igualmente,

quando Deus parece silenciar em meio aos nossos momentos de sofrimento, devemos lembrar que Ele sabe o que está fazendo e pode estar planejando um futuro promissor no qual seremos surpreendidos no final — e isto certamente glorificará seu nome. Precisamos ter em mente que nosso tempo não é necessariamente o mesmo tempo de Deus, e que o tempo de Deus é sempre o melhor.

Preste atenção especial às palavras de Jesus aos apóstolos em João 11.4: "Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela". Observe que Jesus não disse que Lázaro não morreria, mas apenas que o *resultado final* da doença não seria a morte. Esse episódio era uma maneira de trazer grande glória para Jesus (ou demonstrar sua divina perfeição). Embora ninguém soubesse qual o exato propósito dEle quando professava as palavras relatadas no versículo 4, no fim Cristo ressuscitou Lázaro dos mortos — algo que apenas Deus pode fazer. Todas as pessoas que presenciaram isso foram confrontadas com a deidade de Cristo.

Sem dúvida, o amor humano teria corrido para o local em que estava o doente. No entanto, o amor divino — o amor de Jesus — age com sabedoria divina. Cristo, deliberadamente, esperou. Ele tinha algo para realizar que ninguém mais poderia fazer. O amor de Jesus e seus dois dias de espera são perfeitamente compatíveis em vista do propósito divino.

Outra jóia que podemos extrair dessa passagem é que Deus sabe muito bem tudo o que nos acontecerá. Em João 11.7,11 Jesus informou a seus discípulos que, de fato, Lázaro morreria. Ninguém lhe contou isso. Antes, Jesus em sua divina onisciência — que tudo conhece — apenas sabia que Lázaro havia morrido. Saliento esse fato por que algumas vezes

podemos achar que Deus não sabia o que aconteceria. Tenha certeza, Ele sabe tudo que acontece em nossa vida. Ele é onisciente, mas pode tardar ao responder nossas orações por livramento, porque tem um propósito maior em mente. Lembre-se, somos apenas um fio na tapeçaria da vida e, ao mesmo tempo, não podemos ver toda a tapeçaria. Deus vê a tapeçaria inteira. Portanto, Ele pode exigir que confiemos nEle em meio a nossas tribulações, mesmo quando estamos incertos em relação ao porquê de certas coisas acontecerem em nossa vida.

Devemos também lembrar que Deus tem profunda preocupação em relação às mágoas com que nos deparamos. Em relação a essa narrativa bíblica, relata-se que quando Jesus afinal chegou à casa de Lázaro, Ele "moveu-se muito em espírito e perturbou-se" (Jó 11.33) e chorou (v. 35). As pessoas que testemunharam o choro de Jesus, disseram: "Vede como o amava" (v. 36). É importante que você saiba o que o magnífico amor de Deus suporta, mesmo quando Ele permite que seus filhos sofram ou retarda a libertação deles. O tempo de Deus está sempre fundamentado na sabedoria divina.

Observe, em João 11.38-44, o conflito da fé que é similar ao que muitos vivenciam hoje quando algo dá errado. Algumas pessoas dizem: "Não poderia Ele, que abriu os olhos ao cego, fazer também com que este não morresse?" (Jó 11.37) É evidente, que Jesus, propositalmente, permitiu que ocorresse esse conflito de fé, pois Ele pretendia ensinar aquelas pessoas a ter fé em Deus mesmo em face do conflito. Medite sobre as palavras a seguir:

Jesus, pois, movendo-se outra vez muito em si mesmo, foi ao sepulcro; e era uma caverna e tinha uma pedra posta sobre ela. Disse Jesus: Tirai a pedra.

Marta, irmã do defunto, disse-lhe: Senhor, já cheira mal, porque é *já* de quatro dias.

Disse-lhe Jesus: Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?

Tiraram, pois, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou, por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse *isso* por causa da multidão que está ao redor, para que creiam que tu me enviaste.

E, tendo dito isso, clamou com grande voz: Lázaro, vem para fora. E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto, envolto num lenço. Disse-lhes Jesus: Desligai-o e deixai-o ir (Jó 11.38-44).

O conflito de Marta era entre *andar pela visão e andar pela fé*. Pela visão, Marta admitiu que o corpo de Lázaro estava no sepulcro há quatro dias, e o corpo estava em decomposição e cheirando mal. Além disso, de acordo com a lei judaica, abrir o sepulcro envolvia o risco de maculá-lo. Mas Marta superou todas as dúvidas e, recuperando sua fé, obedeceu a Jesus.

A consequência final dessa provação é que Deus foi glorificado de maneira magnífica. No entanto, em meio à provação, as pessoas não

sabiam que esse seria o resultado. Por isso, é de extrema importância que confiemos em Deus quando as coisas estão dando errado. Deus pode estar planejando um glorioso final do qual você não tem conhecimento. Aprendi a não ficar desencorajado com o que parece ser um retardamento da parte de Deus. Como ficou evidenciado na história de Lázaro, Ele tem a perfeita noção do tempo.

É claro, que nossa muito desejada libertação pode não acontecer deste lado da eternidade. Mesmo assim, devemos manter nossa fé em Deus, sabendo, com toda segurança, que Ele está ao nosso lado como nosso fiel companheiro sustentador em meio a todas as provações. Nunca passaremos sozinhos por isso. Ele é nosso divino Confortador. Ele nunca falha ao nos dar a graça que precisamos em todas nossas provações (2 Co 12.9).



Devemos afastar o mito de que o objetivo primordial de Deus para a humanidade é a felicidade.<sup>1</sup> Gordon R. Lewis e Bruce A. Demarest estão corretos quando observam que o maior bem na vida do cristão *não é* estar livre da dor, mas a semelhança com Cristo. Deus planejou juntar todas as coisas para o bem, não para nossa comodidade, mas para que tenhamos características em conformidade com as de Cristo. Portanto, Ele planejou admitir a disciplina (para *nosso* benefício), para que aqueles que são treinados nela possam desfrutar "um fruto pacífico de justiça" (Hb 12.10,11).<sup>2</sup>

Deus preocupa-se muito mais com a nossa integridade de caráter do que os meros confortos da vida. Afinal de contas, nosso caráter tem ramificação eterna. Mas nosso conforto pessoal, não!

Nosso problema é que tendemos a interpretar os acontecimentos de nossa vida de uma perspectiva estritamente mundana. O mal às vezes é devastador, pois parece que a nossa mente estabeleceu que o propósito de Deus para nós é a felicidade. Se esse fosse o propósito de Deus, poderíamos perguntar: então, por que essa coisa horrível acontece comigo?<sup>3</sup>

Devemos entender que Deus age a partir da perspectiva da eternidade. Ele se preocupa mais com santidade do que com felicidade.<sup>4</sup> Paul Powell, autor cristão, sugere que "o objetivo primordial de Deus não é nos deixar confortáveis, mas nos moldar à imagem de seu Filho, Jesus Cristo. E na busca por esse objetivo Ele pode e usa todas as experiências da vida".<sup>5</sup> Portanto, Deus pode permitir que passemos por um tempo de provação que não tem benefícios terrenos aparentes, mas que traz imenso benefício para a eternidade. Miles Stanford escreve que "Deus não tem pressa no desenvolvimento da nossa vida cristã. Ele trabalha a partir da eternidade e para ela".<sup>6</sup> Deus é infinitamente sábio ao permitir eventos em nossa vida que nos moldam a fim de otimizar nossa vida futura no céu. Deus tem um programa de trabalho e age em nossa vida para cumprir esse programa.

Eis aqui uma pequena história para ilustrar o que estou dizendo:

Certa vez, uma pequena peça de madeira queixou-se com amargor, pois seu dono a esculpia, cortando-a e enchendo-a de buracos. Contudo, aquele que a estava cortando sem remorso algum, não prestava atenção a sua lamúria. Ele estava



transformando aquela peça de ébano em uma flauta e era muito inteligente para desistir disso, ainda que a madeira se queixasse de maneira amarga. Ele parecia dizer: "Pequeno pedaço de madeira, sem esses buracos e sem esse trabalho de cortar, você sempre será um graveto preto — apenas um imprestável pedaço de ébano. O que estou fazendo agora pode parecer que vai destruí-lo, mas se, em vez disso, eu o transformar em uma flauta, sua doce música encantará a alma dos homens e confortará muitos corações aflitos. Esse corte que estou fazendo é para  *moldá-lo*, pois só assim poderá ser uma bênção para o mundo."<sup>7</sup>

Devemos sempre lembrar de que quando Deus nos corta, permitindo que passemos por tempos de sofrimento, Ele está nos mudando e moldando para o nosso próprio bem. Embora, no momento, possamos sofrer, o consolo é que nos tornamos mais semelhantes a Cristo. Como Charles Swindoll explica:

Deus trabalha em nosso ser e cinzela tudo que não se parece com Cristo — a impaciência, o temperamento explosivo, o orgulho, os impulsos emocionais que nos levam para longe de nosso Pai. Ele nos está amoldando à sua imagem. Esse é seu plano pré-estabelecido. E Ele está comprometido com isso. Ele permanece nisso. Ele é implacável. E Ele nunca foge das idéias criativas.<sup>8</sup>

## Curando nosso coração

### Como são seus e sua Jesus

Neste capítulo, alguns parágrafos atrás, falei sobre como Deus usa o sofrimento em nossa vida como uma ferramenta de ensino. Nesta seção "Curando nosso coração", quero expandir o que disse sobre o objetivo de Deus desejar para nós a *santidade* e não a *felicidade*. Em Marcos 8.34 temos o versículo que mais de perto se relaciona com isso onde Jesus Instrui seus discípulos: "Se alguém quiser vir após mim, negue-se *a si* mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me". Como veremos, tal vida pode envolver sofrimento, mas também é uma vida de profundo deleite.

Jim Elliot foi um missionário que trabalhou entre os índios Auca e, por cujas mãos, é provável que tenha sido morto. Depois de sua morte, Elisabeth, sua esposa, continuou o trabalho e fez um contato bem-sucedido com a tribo. Jim aceitou o que Jesus disse em sua Palavra, quando afirmou: "Se alguém quiser vir após mim, negue-se *a si* mesmo, e tome a "sua cruz, e siga-me" (Mc 8.34; Mt 16.24; Lc 14.27). Em obediência a essas palavras, Jim entregou sua vida física, mas ele considerou isso um sacrifício pequeno em vista da vida eterna que tinha diante de si. Uma vez, ele meditou: "Definitivamente, não é tolo aquele que entrega o que não pode guardar para ganhar o que não pode perder nunca".<sup>9</sup>

Corrie Ten Boom falava no culto da igreja, em Munique, quando viu um ex-policia nazista — um de seus antigos carcereiros — na congregação. Após o culto, ele veio até Corrie e disse: "Estou agradecido por sua mensagem, senhorita. E pensar que Ele, conforme você disse, lavou meus pecados!" Ele estendeu a mão para apertar as mãos dela. Ela

manteve as mãos ao lado de seu corpo. Como ela poderia perdoá-lo? Contudo, ela lembrou-se que Jesus tinha morrido também por esse homem — enquanto refletia que o chamado de Cristo incluía negar a si mesma e perdoar esse homem — e, desse modo, orou silenciosamente para que o Senhor a capacitasse para perdoá-lo. Após uma imensa batalha interna, ela decidiu responder de acordo com a maneira de Deus e, depois disso, sentiu o amor de Cristo inundar todo seu ser. Ela estendeu o braço para um antigo inimigo. Ela aprendeu a lição de que tomar sua cruz, com frequência, é algo muito difícil de fazer.<sup>10</sup>

O teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, que foi executado por ordem direta do nazista Heinrich Himmler, em abril de 1945, certa vez afirmou: "Quando Cristo chama um homem, Ele lhe ordena, venha e morra". Ele disse que o sofrimento é o símbolo do verdadeiro discipulado. O discípulo não está acima de seu mestre [...] É por isso que Lutero considerou que o sofrimento está entre as marcas da verdadeira igreja [...] Discipulado significa sujeição ao sofrimento de Cristo e, portanto, não é de surpreender que os cristãos sejam obrigados a sofrer".<sup>11</sup>

Jesus faz afirmações revolucionárias. E muitas vezes, suas palavras servem para revolucionar a vida daqueles que escolhem segui-lo. Com certeza, suas palavras sobre alguém tomar sua cruz e segui-lo (Mc 8.34) fez mais sentido para seus ouvintes dos primeiros séculos do que para os modernos, pois a cruz era uma ferramenta de execução bastante comum naqueles dias. Quando um homem era condenado à morte, e o momento da execução chegava, os carrascos romanos faziam com que o homem carregasse sua cruz até o lugar da execução. O mesmo aconteceu com Jesus quando chegou o momento de sua execução: "E, levando ele às

costas a sua cruz, saiu para o lugar chamado Calvário, que em hebraico se chama Gólgota" (Jó 19.17).

O que significa tomar nossa cruz e seguir Jesus? O ponto de vista de Jesus, o originário, parecia se relacionar com o viver uma vida de autonegação e submissão a Jesus Cristo em todas as coisas. A idéia é essa: se você realmente quer me seguir, não o faça apenas por meio de palavras, mas ponha sua vida na linha e siga-me na vereda da cruz — um caminho que envolve sacrifício, autonegação e é provável que também envolva sofrimento e morte por minha causa.

Os discípulos ficaram bastante ocupados em contar aos judeus, em todas as cidades, que a salvação estava disponível apenas por meio de Jesus Cristo. Sem dúvida, nesse processo, eles encontraram resistência e sofreram escárnio. Afinal de contas, eles desistiram de seus empregos para seguir um revolucionário. Algumas pessoas podiam considerá-los loucos por fazer isso. No entanto, Jesus lhes assegurou que eles haviam feito a coisa certa. A pessoa deve negar a si mesma — inclusive o anseio pela aprovação dos outros e o desejo da auto-exaltação diante dos outros — e seguir para sempre Jesus.

Antes de ir mais adiante, devo esclarecer a distinção entre vir a ser salvo e, como discípulo, seguir para sempre Jesus. A Bíblia é clara ao afirmar que somos salvos quando pomos nossa fé pessoal em Jesus Cristo. O Novo Testamento diz cerca de duzentas vezes, que a salvação é alcançada apenas pela fé — sem nenhuma obra visível (Jó 5.24; 11.25; 12.46). Antes, não devemos esquecer o fato de que as palavras de Jesus sobre alguém tomar sua cruz e segui-lo são direcionadas a seus discípulos (já salvos, conforme Mt 16.24 deixa claro). Estaríamos errados, portanto,

em concluir que Jesus disse que a condição para a salvação final é a pessoa ter uma vida de abnegação e cruz. Além disso, não devemos esquecer que a pessoa está em um processo contínuo — uma progressão —, mas a permissão para entrar na família de Deus é um evento singular que se inicia no renascimento e o qual depende da fé em Cristo. Portanto, embora a salvação seja gratuita, o discipulado é custoso. Cristo, na salvação, pagou o preço (na cruz); no discipulado o crente paga o preço (ao tomar sua cruz e seguir Jesus). A salvação envolve o renascimento; o discipulado envolve uma existência de crescimento *que segue* esse renascimento.

Jesus chama seus seguidores para uma vida de sacrifício e comprometimento. O discípulo deve negar a si mesmo. Dessa maneira, o cristão não anseia viver sua vida com o *egoísmo* no trono de seu coração; *Cristo* deve ser o rei supremo. William Lane, estudioso bíblico, afirmou: "Jesus estipulou que aqueles que quiserem segui-lo, devem se preparar para mudar o centro de gravidade de sua vida, a saber, da preocupação consigo mesmo para o abandono indiferente aos desejos de Deus. O pensamento central da autonegação é a recusa de qualquer reivindicação que possa ser inspirada pelo egoísmo, a fim favorecer a disposição para dizer: "Não!", para si mesmo para estar apto a dizer: "Sim", para Deus".<sup>12</sup> Assim, Jesus exige a denúncia radical de toda auto-idolatria e de toda tentativa de estabelecer a vida em concordância com os ditames do egoísmo (Rm 14.7-9; 15.2,3).

Devemos ter cuidado em não confundir autonegação com asceticismo, por meio do qual a pessoa publicamente nega coisas a si mesma, como também a alegria da vida que Deus planejou. Jesus não fala sobre a negação de objetos, mas certamente, sobre a autoridade sobre a

vida de alguém. Jesus chama seus seguidores para abandonar a idolatria autocentrada.

Observe os três verbos-chave em Marcos 8.34 — *negar*, *tomar* e *seguir*. Os dois primeiros verbos são aoristos imperativos que indicam uma ação decisiva. Devemos negar a nós mesmos e levar a nossa cruz! O verbo *segue*, no entanto, é um imperativo presente. O presente do indicativo indica uma ação contínua. Devemos perpétua e incessantemente seguir Jesus, dia após dia. (Não é coisa para se fazer apenas aos domingos.) Seguir Jesus é um processo, não um simples evento. O imperativo indica um comando. Isso não é meramente opcional. Aqueles que procuram ser discípulos de Jesus *devem* tomar sua cruz e diariamente seguir Jesus. Aqueles que assim o fazem, podem contar com a presença de Cristo em sua vida, mesmo em meio às piores tempestades da vida. E essa presença faz toda a diferença.

De maneira irônica, e até paradoxal, a Escritura indica que o gozo da boa vida — a verdadeira vida abundante — exige que tomemos nossa cruz e, de maneira abnegada, sigamos Jesus, dia após dia. A vida que é dada por intermédio de Jesus é a verdadeira vida jubilosa, indiferente às circunstâncias externas que alguém encontra em sua vida. Você busca a paz interior em meio às tempestades da vida? Meu amigo, entregue-se inteiramente a Jesus e isso será seu.

## Capítulo 10

### Quando Deus Diz: "Não!"

Você leu recentemente o livro de Deuteronômio? Se você o fez, tenho certeza de que se lembra que depois de Deus proibir Moisés de atravessar o Jordão em direção à Terra Prometida, como resultado de sua desobediência em Meribá (Nm 20.12), Ele pleiteou junto ao Senhor para Ele mudasse de idéia. Mas Deus respondeu: "Basta; não me faleis mais neste negócio. [...] porque não passaras este Jordão" (Dt 3.26,27). Moisés, um dos maiores gigantes da história da raça humana, recebeu o maior: "Não!", de Deus.

Muitos cristãos recebem um "não" de Deus com mais frequência do que gostariam de admitir. Deus é como os pais humanos que agem em benefício de seus filhos quando dizem: "Não!" Quando Deus diz: "Não!", Ele sempre tem em mente o melhor para seus filhos. Além disso, Ele sempre lhes dá a graça de aceitar isso. O pastor Blaine Allen está certo quando diz que

nunca o Senhor dirá: 'Não!' para uma petição sem, ao mesmo tempo, nos prover a graça para aceitar a resposta [...] Ele não estocará antecipadamente essa graça em nós, mas também não permitirá que se esgote. Qualquer que seja o ônus com que nos onere, ele cuidará de nós momento após momento.<sup>1</sup>

O apóstolo Paulo também recebeu um grande: "Não!" de Deus e aprendeu tudo sobre a graça a respeito da qual Allen fala. Pense sobre essas palavras de 2 Coríntios 12.2-9:

Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos (se no corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe), foi arrebatado até ao terceiro céu. E sei que o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar. De um assim me gloriarei eu, mas de mim mesmo não me gloriarei, senão nas minhas fraquezas. Porque, se quiser gloriar-me, não serei néscio, porque direi a verdade; mas deixo *isso*, para que ninguém cuide de mim mais do que em mim vê ou de mim ouve. E, para que me não exaltasse pelas excelências das revelações, foi-me dado um espinho na carne, *a saber*, um mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de não me exaltar. Acerca do qual três vezes orei ao Senhor, para que se desviasse de mim. E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo.

Aparentemente, o apóstolo Paulo viu o "terceiro céu", a beleza resplandecente da moradia de Cristo e dos santos. Seria plausível que essa experiência gloriosa, estimulante e reverente o tentasse a vangloriar-se, de forma arrogante, especialmente quando alguém na cidade de Corinto desafiava seu apostolado. Portanto, Deus lhe deu um "espinho" para mantê-lo humilde. Deus tinha um propósito ao permitir que ele sofresse.



O texto especifica que esse espinho estava "na carne" (2 Co 12.7). A palavra *carne*, na língua grega, é a palavra usual para se referir à substância física da qual o corpo é composto. Aparentemente, o sofrimento de Paulo era de natureza física. E isso *doía*.

A palavra "espinho" transmite a idéia de "uma seta de madeira pontuda", "uma estaca" ou "um estilhaço". Isso nos dá, pelo menos, uma idéia do sofrimento que Paulo foi obrigado a suportar — uma dor que Deus não afastaria. O comentar bíblico O J. Dwight Pentecost, observa:

Quando Paulo falou sobre o espinho na carne, isso não era como um espinho que encontramos em uma roseira. Ele não mencionaria o fato de ter sido esbofeteado, se isso tivesse sido algo insignificante. Esse era um sofrimento muito sério e atroz. Isso se estendeu por um período de tempo, pois ele orou três vezes, pedindo ao Senhor para que, se assim fosse possível, tirasse aquele espinho dele; mas Deus escolheu negar esse pedido.<sup>2</sup>

Muitos estudiosos acreditam que Paulo pode ter sofrido uma grave doença nos olhos que durou um tempo considerável. Todos nós sabemos como é desconfortável um pequeno cisco nos olhos, mas talvez a idéia de um espinho nos olhos dê uma idéia melhor do tipo de dor da qual Paulo padecia. Essa desgraça em seus olhos talvez tenha sido o motivo pelo qual Paulo não viajou sozinho através da Ásia Menor (veja At 15.40; 16.1-3). Aparentemente, ele precisava de um guia.

Quer seja esse o caso ou não, um outro relato nos informa que um mensageiro de Satanás estava por trás desse espinho que atormentava Paulo (2 Co 12.7). A palavra grega para "tormento" significa literalmente "atacar", "esbofetear", "atormentar" ou "afligir". Essa é a mesma palavra usada em relação aos soldados que, de maneira violenta, davam murros e esbofeteavam Jesus durante seu julgamento (Mt 26.67). A doença física de Paulo estava abatendo-o. Apesar disso, Deus respondeu com um: "Não!", ao pedido de Paulo para remover o espinho. A recusa de Deus não se devia a nenhum pecado de Paulo e tão pouco a falta de fé dele. Na verdade, o tormento não era para *punir*, mas para *proteger*— isto é, a proteção para que não ficasse cheio de si, envaidecido. Por isso, Paulo, sem hesitação, aceitou o veredicto de Deus em relação a esse assunto.

Podemos especular que antes de Paulo tornar-se um cristão, é provável que ele se gabasse de ser o hebreu dos hebreus, além de ser provável que se gloriasse de guardar a lei. Mas agora, enquanto estava fraco como apóstolo de Cristo, ele ostenta em sua debilidade o fato de que Cristo manifesta, de maneira mais abundante, seu poder por meio da fraqueza dele. Experiências que antes ele abominaria (como seu presente tormento físico), agora, de modo sobrenatural, são bem-vindas, pois a evidência do poder de Cristo em meio a eles traz glória para Deus, não para Paulo.

Assim, Paulo disse: "Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando estou fraco, então, sou forte" (2 Co 12.10). A palavra grega nesse versículo, traduzida por *sinto prazer*, significa "aprovar" ou "ter prazer em". Refere-se a um deleite constante nos

caminhos de Deus, indiferente às circunstâncias externas da vida. Veja bem, Paulo, por meio de seu sofrimento, aprendeu tudo sobre a plena suficiência de Deus em relação a todas as coisas. Como Deus pretendia, o "espinho" criou em Paulo uma dependência que revela o poder de Cristo.

Será que posso sugerir que, embora estejamos todos engatinhando espiritualmente, quando comparados com o apóstolo Paulo, Deus faz o mesmo conosco em algumas ocasiões? Deus pode permitir que você e eu passemos por circunstâncias dolorosas com o único propósito de nos tornar dependentes de seu poder. Deus pode permitir que sofram para que sejamos humildes e, assim, seu poder se manifesta por meio de nossa fragilidade.

Isso, com certeza, foi verdade em minha vida. Na realidade, quanto mais cresço e amadureço como cristão, mais vividamente fico consciente de minha fragilidade e necessidade de depender de Deus e de seu poder. A verdade sobre esse assunto, é que a vida cristã é uma vida de dependência — e muitas vezes Deus constrói nossas circunstâncias para nos ensinar essa verdade crucial.



A partir das muitas vezes em que, ao longo dos anos, recebi um: "Não!", de Deus, aprendi uma importante lição: Deus não nos salva *de* uma circunstância dolorosa, mas Ele nos conforta *em* nossa circunstância dolorosa. Paul Powell, pastor cristão, disse, certa vez, que "apesar de Deus não nos eximir do sofrimento e não nos explicar o porquê do sofrimento, Ele

participa dessa experiência conosco e nos ajuda com elas. Deus não nos salva *do* problema; Ele nos salva *no* problema".<sup>3</sup> Penso que Powell está certo.

Observe o caso de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego em Daniel 3. Esses três companheiros de Daniel se recusaram a adorar a imagem de ouro erigida pelo rei Nabucodonosor. O rei, portanto, ameaçou lançá-los no forno de fogo ardente (Dn 3.15). Os três corajosos jovens informaram ao rei que Deus era totalmente capaz de resgatá-los (v. 17). Isso deixou o rei tão bravo, que ele mandou aquecer a fornalha sete vezes mais quente que o usual e selecionou seus soldados mais fortes para jogar os três amigos de Daniel nas chamas (vv. 19,20).

Enquanto o rei observava o que seria uma incineração instantânea, ele repentinamente se espantou com o que via e exclamou: "Vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, e nada há de lesão neles; e o aspecto do quarto é semelhante ao filho dos deuses" (Dn 3.25). Nesse momento, o rei disse aos três que saíssem da fornalha e depois de ver que estavam ilesos, disse: "Bendito *seja* o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que enviou o seu anjo e livrou os seus servos, que confiaram nele, pois não quiseram cumprir a palavra do rei, preferindo entregar os seus corpos, para que não servissem nem adorassem algum *outro* deus, senão o seu Deus" (v. 28).

É claro que se Deus quisesse poderia ter intervindo mais cedo e evitado que os três jovens fossem lançados na fornalha. No entanto, Ele escolheu não fazer isso. Ele permitiu que os três fossem maltratados! No entanto, Ele *não* permitiu que eles passassem sozinhos por essa provação. Na verdade, Deus enviou seu anjo — talvez, o Anjo do Senhor que muitos teólogos interpretam como a aparição pré-encarnada de Cristo<sup>4</sup> — para

confortá-los em meio às chamas. Esse relato ilustra meu ponto de vista de que Deus muitas vezes não isenta seus filhos *do* sofrimento, mas Ele os conforta *no* sofrimento. Os filhos de Deus nunca estão sozinhos em suas provações. As Escrituras estão repletas de outros exemplos similares:

- Deus não impediu que Agar fosse maltratada por Sarai, mas Ele estava com Agar em seu momento de sofrimento (Gn 16).
- Deus não impede que José seja vendido como escravo e seja enviado ao Egito, mas Ele estava com José em suas circunstâncias injustas (Gn 27—50).
- Deus não impediu que Moisés fosse maltratado pelos egípcios, mas Ele estava com Moisés em suas provações (Hb 11.24-27).
- Deus não impediu que Davi fosse severamente perseguido por Saul, mas Ele o sustentou nessa perseguição e preservou sua vida (1 Sm 19.1—26.25).
- Deus não impediu que Daniel fosse lançado na cova dos leões, mas Ele estava com Daniel na naquele local (Dn 6).
- Deus não impediu que o apóstolo Paulo fosse preso, mas Ele estava com Paulo em sua experiência na prisão (Ef 3.1; Fp 1.7; Cl 4.10).

Deus não impediu que o apóstolo João fosse exilado na ilha de Patmos, mas Ele estava com João no momento de seu exílio (Ap 1.9,10).

Fica óbvio que o padrão de Deus é salvar *no* sofrimento, não *do* sofrimento. Isso significa que você e eu não estamos isentos de provações, mas devemos ter certeza de que Deus está conosco em meio a todas elas.

Isso nos traz à mente o Salmo 23.4, no qual Davi refletiu: "Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu *estás* comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam". O "vale da sombra da morte" refere-se a um lugar traiçoeiro e horrível. De fato, muitos estudiosos acreditam que a maneira mais acurada de traduzir a frase seria como "o vale da treva profunda". Pode ser que Davi estivesse se referindo a um lugar real da Palestina — "um precipício entre as colinas, um profundo desfiladeiro, escarpado, suavemente iluminado, com precipícios laterais e caminho estreito".<sup>5</sup> Esse lugar de dia é a casa de abutres, e de noite é o abrigo de lobos e hienas. Fica evidente o perigo que ele representa para as ovelhas indefesas.

Enquanto passava pelo vale da sombra da morte, Davi não temia o mal, porque sabia que o Senhor estava com ele. A verdade que Davi delineou por meio desse salmo é que, embora Deus não impeça que passemos por circunstâncias negras, Ele está ao nosso lado nessas circunstâncias e não precisamos jamais ter medo. Exatamente como um pastor que, com seu bastão e cajado, conforta suas ovelhas, Deus — ou mais especificamente, Cristo nosso Pastor — conforta-nos mesmo em meio às circunstâncias desoladoras.

Os instrumentos utilizados por um pastor ancião são muito eficientes. A *vara* é um bastão de carvalho, com cerca de sessenta centímetros de comprimento, e cuja cabeça arredondada é revestida com um pedaço cortante de metal. O uso específico dessa vara era para proteger as ovelhas dos animais selvagens. "Um pastor esperto não apenas brande a vara para esmagar a cabeça do atacante, como também arremessa esse bastão, como se fosse um projétil, por sobre as cabeças de seu rebanho para atingir algum lobo que espreite a distância".<sup>6</sup>

O *cajado* era curvo ou tinha um gancho em uma das extremidades. Era usado muitas vezes para impedir que as ovelhas se afastassem do rebanho ou para segurar suas pernas e tirá-las de algum buraco. Em outras ocasiões, o pastor usava o cajado para tirar os galhos quando a ovelha ficava emaranhada em moitas. O pastor, ao usar a vara e o cajado, trazia "conforto" para as ovelhas (Sl 23.4). A palavra hebraica para "conforto" significa literalmente "dar força" ou "capacitar". A ovelha ficava forte e capacitada, pois sabia que estava segura com a presença de seu pastor.

O mesmo é verdade para cada um de nós, como ovelhas de Cristo. Ao saber que Ele está conosco em cada passo de nosso caminho, e que nunca estamos sozinhos, temos força para enfrentar o que quer que seja. Nunca nos encontraremos em situações das quais o Senhor não tenha conhecimento, e Ele nunca nos abandonará nem desampará (Hb 13.5). O divino Pastor não nos isentará de tais situações, mas Ele sempre estará conosco nessas situações.



Toda vez que escuto essa história, meu coração se enche de louvor a Deus por sua fidelidade.

Horatio Gates Spafford era amigo pessoal do grande evangelista, Dwight Moody. Spafford e sua família, em novembro de 1873, decidiram ir para a Inglaterra para juntar-se a Moody e Ira Sankey, em uma cruzada evangelista, e depois viajar pela Europa. Spafford teve de se dedicar a alguns negócios de última hora antes de viajar, portanto, ele mandou sua família, em um grande navio, para ir na sua frente — um navio a vapor francês chamado Ville de Havre.

De maneira trágica, o navio nunca chegou a seu destino. Ele colidiu com outro navio ao largo da costa da ilha da Terra Nova, a província mais oriental do Canadá, e rapidamente submergiu. Apenas 47 dos 226 passageiros sobreviveram. Um dos sobreviventes foi Anna, esposa de Spafford. Suas quatro jovens filhas — Maggie, Tanetta, Annie e Bessie — se afogaram e pereceram naquelas águas cruéis e geladas. Tenho dificuldade em imaginar o que Spafford sentiu ao receber um telegrama de sua desolada esposa informando: "Salva sozinha".

Spafford, de imediato, largou todos os negócios e tomou o navio seguinte para ir ao encontro de sua esposa. Após se reunirem, eles se encontraram com Moody. Spafford lhe disse: "Tudo bem. O desejo de Deus foi feito".



Não sabemos com exatidão quando, mas em algum momento após essa esmagadora tragédia pessoal, Spafford redigiu o poema lírico de um dos mais amados hinos da história cristã, "Sou feliz". Suas palavras agitam a alma:

Se paz a mais doce me deres gozar,  
Se dor a mais forte sofrer,  
Ô Seja o que for,  
Tu me fazes saber  
Que feliz com Jesus sempre sou!  
Sou feliz, sou feliz, com Jesus, com Jesus  
Sou feliz com Jesus, meu Senhor!  
Embora me assalte o cruel satanás  
E ataque com vis tentações;  
Ó certo eu estou,  
Apesar de aflições  
Que feliz eu serei com Jesus!  
Sou feliz, sou feliz, com Jesus, com Jesus Sou feliz com  
Jesus, meu Senhor! Meu triste pecado, por meu Salvador Foi pago  
em modo cabal; Valeu-me o Senhor, Ó mercê sem igual!

Sou feliz graças dou a Jesus  
Sou feliz, sou feliz, com Jesus, com Jesus  
Sou feliz com Jesus, meu Senhor!

A vinda anseio do meu Salvador

Em breve virá me levar;  
Ao céu onde vou  
Para sempre morar  
Com remidos na luz do Senhor

Horatio Gates Spafford experimentou a realidade de que Deus, apesar de não nos isentar do sofrimento, sempre está conosco em nossos momentos de sofrimento e os atravessa conosco. Spafford experimentou a paz e o conforto sobrenaturais que apenas Deus pode dar.

Pode ser que você esteja enfrentando águas profundas e amargas provações em sua vida. Querido amigo saiba que Deus caminha com você, lado a lado. Independentemente do que esteja enfrentando, a tranquilidade e a paz sobrenaturais estão disponíveis para você. Cabe a você apenas apossar-se delas. Modele-se em Deus e em sua promessa; confie de maneira verdadeira nEle, e essa paz será sua. O apóstolo Paulo nos conta: "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus" (Fp 4.6,7).

Não esqueça que o próprio Jesus era "homem de dores, experimentado nos trabalhos" (Is 53.3). Jesus sabe o tipo de dor que você está sentindo. Ele é nosso solidário sumo sacerdote (Hb 4.15). E, Ele sempre estará lá, bem ao seu lado, em meio a toda provação que enfrentar. Confie, e Ele o ajudará.

## Capítulo 11

### Parte do Problema: Crenças Mal-Orientadas

Ao ler muitos livros e artigos sobre o problema do mal, fiquei surpreso com o fato de que poucos estudiosos e escritores tratem do assunto a respeito das falsas crenças que trazem sofrimento significativo para nossa vida. Afinal de contas, os teólogos enfatizam bastante o fato de que a crença doutrinária de uma pessoa, invariavelmente, influencia a maneira como essa pessoa vive e se relaciona com os outros. A seguir, apresento cinco estudos de casos, bastante divergentes, que mostram a grande extensão de danos que podem ser causados pelas falsas crenças.



A evolução é uma teoria naturalista que propõe que as formas de vida simples evoluíram em formas de vida complexas por meio da variação aleatória e acidental onde as espécies deram origem a novas espécies ao longo de bilhões de anos.<sup>1</sup> No final das contas, isso significa que todas as coisas vivas — inclusive o ser humano e os símios — estão relacionados entre si por meio de um ancestral comum.<sup>2</sup> Dylan Evans e Howard Selina, evolucionistas, declaram: "Por fim, todas as espécies sobre a Terra descendem de um único ancestral comum, como todos os ramos de uma árvore brotam de um único tronco".<sup>3</sup>

Na teoria evolucionista, a seleção natural, as mutações e os longos períodos de tempo têm papel significativo. J. Willian Scropf define a seleção natural como "sobrevivência preferencial de indivíduos que apresentam variações favoráveis em relação a outros membros de sua população ou espécie".<sup>4</sup> Deixe-me simplificar isso para você. Os

evolucionistas acreditam que cada espécie produz uma descendência muito maior do que é possível que tenha condição de sobreviver. Essa descendência, devido à limitação de recursos, deve competir entre si pela sobrevivência. Nessa competição, haverá vencedores e perdedores. Os vencedores são aqueles que estão melhores preparados para sobreviver em seu meio ambiente; os perdedores são os menos preparados. Os sobreviventes transmitem seus traços superiores de sobrevivência a sua descendência, portanto, ela também pode sobreviver. Enquanto esse processo continua por muitas gerações, os perdedores são continuamente eliminados, e os traços superiores dos vencedores são transmitidos para sua descendência por meio de mutações positivas, e, assim, a evolução ocorre. "Depois da ocorrência de muitas gerações, os genes favoráveis (e seus traços correspondentes) serão encontrados em uma grande parcela dos indivíduos".<sup>5</sup>

O que tudo isso tem que ver com o mal e o sofrimento? A resposta pode surpreendê-lo. Você sabia que há uma conexão entre a teoria evolucionista e a filosofia de Adolf Hitler? O próprio Hitler era um adepto do evolucionismo darwinista, e ele pretendia implantar filosofia da "sobrevivência do mais forte" na Alemanha.<sup>6</sup> É irônico que tenha sido aparentemente provado que, na batalha pela sobrevivência dos mais fortes, Hitler e seus assassinos nazistas fossem os mais fracos.<sup>7</sup>

Os evolucionistas são rápidos em contestar que não podemos criticar a teoria de Darwin sobre a seleção natural apenas por que algumas pessoas a desvirtuaram.<sup>8</sup> Isso pode ser verdade, mas permanece o fato de que a teoria da evolução propicia fundamento filosófico para tais abusos.

A teoria evolucionista também favoreceu o racismo nos Estados Unidos. Certa vez, o Congresso dos Estados Unidos passou um projeto de lei que autorizava o Departamento de Censo a contar cada escravo como três quintos de uma pessoa. Esse documento do Congresso resultou no que, na década de 1890, um escritor afro-americano chamou "de Teoria da Raça Inferior", a colocação do negro em algum lugar entre o curral de animais e os seres humanos".<sup>9</sup> Essa afronta racista aconteceu apenas duas décadas depois de Darwin publicar *A Origem das Espécies*.

Naquela época, alguns brancos tentaram argumentar que os negros eram menos do que os outros seres humanos. Buckner H. Payne, em seu livro *The Negro: What Is His Ethnological Status?* (publicado na década seguinte à de *A origem das Espécies*), argumenta que "como hoje há negros entre nós, eles deviam estar na arca. Havia apenas oito almas salvas na arca; contudo, elas são consideradas como a família de Noé. Portanto, como um dos animais da arca, o preto não tem alma para ser salva".<sup>10</sup>

Essa atitude claramente racista é evidente nos escritos de numerosos evolucionistas, inclusive do conhecido Thomas Huxley. Mesmo Charles Darwin, em algum momento, acreditou que em um futuro não muito distante as raças mais inferiores de homens seriam eliminadas pela raça civilizada superior.<sup>11</sup>

A visão evolucionista de Darwin também é sexista. Ele argumenta que os homens têm um poder mental substancialmente superior ao das mulheres; os homens, portanto, atingem grande superioridade em qualquer empreendimento em que se aventurem.<sup>12</sup>

É óbvio, que o nazismo, o racismo e o sexismo causaram incalculáveis sofrimentos entre milhões de pessoas no mundo. O darwinismo não é o único responsável pelo surgimento dessas atitudes deformadas, mas inquestionavelmente teve um papel eminente nisso. Além disso, podemos dizer legitimamente que o próprio darwinismo foi uma fonte de sofrimento para as pessoas.



Quem pode esquecer as centenas de pessoas que morreram na tragédia de Georgetown? Essa seita, liderada por Jim Jones, que obrigou todos seus adeptos a concordar com as crenças que ele abraçou. Um casal de pais, que tentou tirar seu filho de cinco anos, John Victor, de Georgetown, pode nos contar, em primeira mão, o quanto essas crenças

errôneas — como o são aquelas associadas a seitas destrutivas — pode ser danosas. Em uma carta para a revista *Newsweek*, o pai lamenta:

Quando tentei tirá-lo de Georgetown, Jones recusou. Grace e eu gastamos meses recorrendo à justiça e viajando para as Guianas para libertar nosso menino. Em novembro de 1978, acompanhamos o Rep. Leo Ryan, em sua missão na Guiana, para investigar possíveis abusos aos direitos humanos. Quando Jones soube que estávamos com Ryan, ele impediu especificamente nosso acesso ao complexo. Por isso, estou vivo hoje. Enquanto esperávamos em nosso hotel, ouvimos que Ryan e seus quatro acompanhantes foram mortos no campo de pouso de Georgetown. Imediatamente, percebemos que poderia se tratar de um suicídio coletivo. Sabíamos que nosso filho, junto com as outras 918 pessoas no complexo, morreria. Não podíamos fazer nada. Aquela foi a noite mais horrível de minha vida.<sup>13</sup>

Esses indivíduos que estavam em Georgetown pagaram o preço mais alto (suas vidas). Devo salientar, no entanto, que várias outras pessoas filiadas a diversos outros grupos de seitas sofrem prejuízo espiritual, emocional e psicológico. Dr. Paul Martin, diretor do Wellspring Retreat and Resource Center (que fornece aconselhamento e ajuda para ex-participantes de seitas), registra diversas histórias de angústias relatadas por milhares de antigos participantes de seitas.<sup>14</sup> Martin nos conta que "as estimativas mais conservadoras avaliam, baseado em uma série de levantamentos, que a cada ano, só 185 mil pessoas entre os americanos, ingressam em seitas destrutivas. Desses 185 mil, pelo menos 25% sofrerão dano irreversível e duradouro que afetará sua capacidade de atuar de maneira adequada nos domínios emocional, social, familiar e ocupacional".<sup>15</sup> *As crenças falsas podem causar grande sofrimento.*

## ESTUDO DE CASO ARREBATAMENTO COREANO

Em 1990, um anúncio de página inteira do *USA Today* proclamava que o Arrebatamento aconteceria logo, aquele evento em que todo verdadeiro cristão seria arrebatado da terra por Jesus Cristo.<sup>16</sup> Esse anúncio foi veiculado pelo movimento Hyoo-go ("Arrebatamento") ou Jong Mal Ron ("teoria da hora final") — uma "conexão indefinida das seitas coreanas misturada com fanatismo, misticismo e fervor apocalíptico".<sup>17</sup>

Um relatório especial sobre esse movimento, publicado no *Christian Research Journal*, observou que "conforme o vaticinado dia do juízo universal se aproximava, os seguidores do Hyoo-go provocaram sublevações sociais na Coréia". O relatório documenta que,

pelo menos, quatro suicídios e muitos abortos estão relacionados com o movimento — estes últimos ocorreram, pois as mulheres tinham medo de estar 'pesadas demais' e, portanto, não pudessem ser alçadas ao céu. Numerosos estudantes da escola fundamental e de ensino médio abandonaram as aulas. Os pais e as famílias dos seguidores do movimento temiam que se não houvesse o Arrebatamento como predito, poderia haver suicídio coletivo.<sup>18</sup>

Por fim, chegou o dia esperado. Os crentes leais se reuniram na igreja, em Seul, Coréia, para esperar pelo Arrebatamento. Mais de mil policiais foram colocados dentro e fora da igreja para o caso de os adeptos da seita se tornassem violentos ou tentassem cometer suicídio. Quando passou a hora estabelecida, sem que nada acontecesse, muitos seguidores da seita simplesmente choraram. Um seguidor, devastado, comentou: "Deus mentiu para nós".<sup>19</sup>

Depois de ler esse relato, será que alguém pode duvidar do fato de que as falsas crenças trazem grande sofrimento? Nesse caso, o fervor apocalíptico — separado da apropriada compreensão das Sagradas Escrituras — causou incalculável sofrimento.



As Testemunhas de Jeová sofreram de várias maneiras o resultado das falsas crenças doutrinárias adotadas pela seita. Por exemplo, em 15 de novembro de 1967, a edição de *A Sentinela*, revista das Testemunhas de Jeová, disse que o transplante de órgãos equivalia a canibalismo e não era apropriado para os cristãos.<sup>20</sup> No ano seguinte, uma edição da revista *Despertai!* concordou que todo transplante de órgãos é canibalismo.<sup>21</sup> O transplante de órgãos, por treze anos, foi proibido pela Sociedade da Torre de Vigia — durante esse período de tempo, muitas Testemunhas de Jeová morreram ou sofreram muito em consequência dessa proibição. É óbvio que, nesse caso, as falsas crenças causam não apenas sofrimento, como também a morte.

É surpreendente o fato de que a Sociedade da Torre de Vigia mudou sua posição quando foram comprovados os benefícios médicos decorrentes do transplante de órgãos. A edição de 15 de março de 1980, da revista *A Sentinela*, publicou que o transplante de órgãos *não* era *necessariamente* um tipo de canibalismo e, a partir daí, começaram a permiti-lo.<sup>22</sup>

O mesmo aconteceu em relação à vacinação. Uma publicação da seita Testemunhas de Jeová, disse que "a vacinação é uma violação direta da aliança perpétua que Deus fez com Noé após o dilúvio".<sup>23</sup> Por vinte anos a vacinação foi proibida pela Sociedade da Torre de Vigia. No entanto, a Sociedade da Torre de Vigia, na década de 1950, derrubou essa proibição e desde essa época as crianças da seita têm sido vacinadas.<sup>24</sup> A revista *Despertai!* até admitiu que parecia que a vacinação havia ocasionado um decréscimo nas doenças.<sup>25</sup> Pode-se imaginar como os pais das crianças que morreram em consequência dessas proibições devem ter se sentido, quando a Sociedade da Torre de Vigia, de repente, reverteu sua posição.



A Sociedade da Torre de Vigia continua a ensinar que as Testemunhas de Jeová devem recusar a transfusão de sangue em qualquer circunstância — até mesmo quando os médicos dizem que a morte é inevitável se a transfusão não for feita.<sup>26</sup> A Sociedade da Torre de Vigia também exige que os pais não permitam que seus filhos recebam transfusão de sangue. A seita Testemunhas de Jeová, erroneamente, acredita que a referência bíblica à prática paga de comer sangue é uma proibição à transfusão de sangue (Lv 7.26,27; 17.11,12). Por essa razão, muitas Testemunhas de Jeová levam consigo um cartão com a indicação de que, caso haja algum evento em que estejam inconscientes, eles não devem receber transfusão de sangue.<sup>27</sup>

Leonard e Marjorie Chretien, ex-Testemunhas de Jeová, comentam:

Certo homem foi obrigado a decidir entre a religião e a vida de seu filho. O menino nasceu com uma grave hérnia. Era necessária uma operação urgente para salvar a vida da criança, porém teria de ser feita uma transfusão de sangue. As Testemunhas de Jeová são ensinadas que isso é contra a lei de Deus e que a penalidade para essa desobediência é ser expulso da organização e isolado de todos os amigos e familiares adeptos da seita. O pai de coração partido escolheu obedecer à "lei de Deus", e dois dias mais tarde, seu filhinho morreu.<sup>28</sup>

Muitas Testemunhas de Jeová, e, também, seus filhos, morreram em conseqüência de depositar sua convicção nessa horrorosa e errônea interpretação que a Sociedade da Torre de Vigia faz da passagem sobre "sangue" na Bíblia. A proibição da Sociedade da Torre de Vigia à transfusão de sangue para o bebê, a história mencionada acima, lembra-nos a inclinação cruel e insensível dos fariseus que condenaram e se enfureceram com Jesus, pois Ele curou alguém no sábado (Lc 6.6-11).<sup>29</sup>

Um último exemplo de como as Testemunhas de Jeová, da Sociedade da Torre de Vigia, podem causar sofrimentos em decorrência de

falsas profecias divulgadas pela organização. Por exemplo, Charles Taze Russell, fundador da seita Testemunhas de Jeová, profetizou que 1914 seria o ano em que Deus destruiria todos os governos mundanos e estabeleceria seu governo na terra.<sup>30</sup> Ao ver que o ano de 1914 se aproximava rapidamente, Russell convocou e conseguiu a ajuda de centenas de evangelistas que iam de porta em porta, distribuindo as revistas, livros e tratados que Russell e seus associados publicavam. Esse trabalho era realizado com grande fervor. O ano de 1914 veio e se foi, e muitas Testemunhas de Jeová ficaram com o coração partido, pois o Reino de Deus não foi estabelecido conforme a promessa feita. Eles trabalharam arduamente para espalhar a palavra por todo o mundo e estavam amargamente desiludidos, pois nada acontecera.

O juiz Rutherford que liderou a Sociedade da Torre de Vigia após a morte de Russell, também lançou mão de uma profecia bíblica, focando sua atenção sobre o ano de 1925.<sup>31</sup> Não apenas deveria desaparecer a "velha ordem das coisas" naquele ano, como também os patriarcas do Antigo Testamento — Abraão, Isaque e Jacó — deveriam ressuscitar e anunciar o justo governo de Jeová. Na expectativa desse evento, uma magnífica residência, chamada Beth Sarim, foi construída em São Diego, Califórnia.<sup>32</sup> E óbvio que os patriarcas do Antigo Testamento não apareceram em 1925 e isso levou muitas Testemunhas de Jeová ao mais amargo desapontamento. O juiz Rutherford acabou se mudando para Beth Sarim nos meses de inverno.

Infelizmente, a Sociedade ainda não havia aprendido nada com os erros de suas profecias passadas e, depois, lançou uma especulação profética sobre o ano de 1975. A Sociedade disse a seus seguidores que os 6 mil anos de história da humanidade (a partir do tempo de Adão e Eva) acabaria no fim do ano de 1975.<sup>33</sup> O Armagedom ocorreria naquele ano, e Cristo estabeleceria o paraíso terrestre. Essa profecia levou muitas Testemunhas de Jeová a vender suas casas e a abandonar seus empregos a fim de dedicar toda sua energia para testemunhar para outras pessoas. Muitas Testemunhas de Jeová, como já acontecera com as outras falsas profecias anteriores da Sociedade da Torre de Vigia, decepcionaram-se

quando o ano de 1975 veio e se foi, sem que nada acontecesse. De 1976 a 1978, cerca 390 mil Testemunhas de Jeová abandonaram a Sociedade da Torre de Vigia.<sup>34</sup> Essas 390 mil pessoas podem afirmar como estas falsas crenças causam sofrimento.



A frase "Determine e afirme isso" tornou-se familiar em muitas casas através dos Estados Unidos. Os pregadores do Movimento da Fé ensinam essa doutrina em rede nacional de televisão. Quase todas as noites, pode-se sintonizar e aprender como ganhar saúde e riqueza ao seguir as fórmulas de prosperidade dos pregadores do Movimento da Fé. Essas fórmulas, entretanto, são não-bíblicas e sempre têm conexão com seitas metafísicas.

Na realidade, os ensinamentos da Palavra de Fé anunciam um evangelho de ganância e avareza. O "milagre" principal desse evangelho é o da carteira recheada. Esse não é o evangelho da Bíblia (veja 1 Co 15.1-4). O evangelho deles é comumente conhecido como o "evangelho da prosperidade", o qual ensina que o desejo de Deus é que todos os cristãos sejam prósperos. Estes são alguns dos elementos-chave dessa teologia desviada:

*Deus deseja que seus filhos sejam prósperos.* Dizem que não apenas Deus quer livrar os crentes da pobreza, como também quer que seus filhos tenham os melhores alimentos, as melhores vestimentas, dirijam os melhores carros e tenham o melhor de tudo.<sup>35</sup>

*Ser pobre é pecado.* Os pregadores do Movimento da Fé geralmente ensinam que ser pobre é pecado.<sup>36</sup> Tenho curiosidade em saber se eles leram recentemente a Bíblia! Jesus não disse: "Bem-aventurados vós, os pobres" (Lc 6.20)?

*Jesus é nosso exemplo, e Ele não é pobre.* O tema favorito entre os pregadores do Movimento da Fé é a suposta prosperidade de Jesus.<sup>37</sup> Eles dizem que Jesus usava vestimentas desenhadas<sup>38</sup> e tinha uma casa bastante grande.<sup>39</sup> É óbvio que as Escrituras não ensinam nada disso.

*Deus anuncia leis de prosperidade na Bíblia.* Os pregadores do Movimento da Fé dizem que há certas leis na Palavra de Deus que determinam a prosperidade. A fé motiva o funcionamento dessas leis. As fórmulas de sucesso que se encontram na Palavra de Deus, quando usadas conforme indicado, produzem, supostamente, resultados financeiros milagrosos.<sup>40</sup>

*A confissão positiva é a chave para alcançar a prosperidade.* Se quisermos prosperidade, tudo que temos de fazer é determinar verbalmente para que as coisas aconteçam. Essa é a chave para o milagre financeiro. Eles dizem que a confissão traz a posse.<sup>41</sup>

*Dar dinheiro para a obra de Deus pode centuplicar seu rendimento.* Fundamentados em uma completa distorção de "Marcos 10.30, eles dizem que receberemos um milagroso retorno centuplicado quando dermos dinheiro para os ministérios.<sup>42</sup> Asseguram que se investirmos pesado em Deus, o retorno financeiro será inacreditável.<sup>43</sup> (A pessoa poderia se perguntar por que os pregadores do Movimento da Fé não dão todo *seu* dinheiro para os ministros a fim de ter um retorno centuplicado. Em vez disso, eles constantemente pedem dinheiro pela televisão.)

*O restabelecimento está garantido na salvação.* Os pregadores do Movimento da Fé anunciam que o restabelecimento físico foi-nos garantido na salvação e que se você permanecer doente é por que não tem fé suficiente para ser curado, ou, talvez, haja algum pecado em sua vida, ou, talvez, você tenha feito uma "confissão negativa". (Muitos pregadores do Movimento da Fé sugerem que o próprio Jó atraiu o sofrimento para si ao professar uma "confissão negativa".<sup>44</sup>) Com frequência, eles fundamentam a Idéia de que a saúde está garantida na salvação em Isaías 53.3-5, uma passagem profética sobre Jesus:

*Era* desprezado e o mais indigno entre os homens, homem de dores, experimentado nos trabalhos e, como um de quem os homens escondiam o rosto, *era* desprezado, e não fizemos dele caso algum. Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele *foi* ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras, fomos sarados.

Infelizmente, milhões de cristãos têm sido atraídos por esse falso evangelho da saúde e prosperidade. Fui pessoalmente avisado de que muitos cristãos idosos deram as economias de toda a vida para os ministros que aparecem na televisão, na esperança de atrair bênçãos financeiras para si mesmos em seus anos finais de vida. Em vez disso, eles acabam na bancarrota. Eles terminam com *nada*. É impossível, agora mesmo, calcular quantas vidas foram destruídas como resultado dessa teologia cruel e desviada que promete o "milagre financeiro".

Deus nunca prometeu tal milagre financeiro. Em Marcos 10.30, que fala do retorno centuplicado, não diz respeito ao dinheiro ou às riquezas materiais. Essa passagem fala, de maneira específica, daqueles que renunciam a sua casa e família por causa de Jesus e do evangelho. Esses indivíduos recebem um retorno centuplicado no sentido de que se tornam parte de uma comunidade maior, a dos crentes. Nessa nova comunidade, eles têm uma multiplicação de seus relacionamentos através do qual são espiritualmente mais íntimos e mais significativos do que os relacionamentos de parentesco (Mc 3.31 -35; At 2.41-47; 1 Tm 5.1,2).

Essa idéia dos ensinamentos do Movimento da Fé, a saber, de que a saúde está garantida na salvação, é lamentável e desvirtuada. Alguns anos atrás Larry Parker escreveu um livro intitulado *We Let Our Son Die*. Nesse livro Parker documenta como ele e sua esposa foram influenciados por uma fé curadora e decidiram não dar insulina para Wesley, seu filho diabético de onze anos. Nos três dias seguintes a saúde de Wesley

deteriorou-se muito rapidamente. Ele entrou em coma diabética e ninguém chamou um médico. Conforme determinado pela fé curadora, eles continuaram a fazer confissões positivas. Chamar um médico equivaleria a fazer uma confissão negativa. Wesley morreu. Após sua morte, as confissões positivas *continuaram* - essas confissões objetivavam ressuscitar Wesley dos mortos. Os Parkers foram levados a juízo e condenados por homicídio culposo. Eles aprenderam de uma maneira trágica que as falsas crenças podem levar a um grande sofrimento.

A verdade sobre a questão é que Deus nunca garantiu que haveria saúde na salvação. Embora a cura física *final* seja garantida na salvação (uma saúde que usufruiremos em nosso ressurreto futuro corpo), a saúde de nosso corpo mortal (antes de nossa morte e ressurreição) não está garantida na salvação.

É importante que entendamos que a palavra hebraica para "cura, restabelecimento" (*napha*) pode se referir não apenas a cura física, como também à cura espiritual. O contexto em Isaías 53 indica que se refere à cura espiritual. No versículo 5 afirma-se de maneira explícita: "Mas ele *foi* ferido pelas nossas *transgressões* e moído pelas nossas *iniquidades*; [...] pelas suas pisaduras, fomos sarados" (grifo do autor). As palavras "transgressões" e "iniquidades" determinam o contexto que se refere à cura espiritual da miséria do pecado do homem.

Além disso, inúmeros versículos das Escrituras evidenciam que a cura física na vida mortal não é garantida pela salvação e que não é sempre que Deus efetuará curas. Por exemplo, o grande apóstolo Paulo não pôde curar o problema estomacal de Timóteo (1 Tm 5.23), nem pôde curar Trófimo, em Mileto (2 Tm 4.20), nem Epafrodito (Fp 2.25-27). Paulo falou "em fraqueza da carne" (Gl 4.13-15). Ele também sofreu um "espinho na carne" que Deus permitiu que se mantivesse nele (2 Co 12.7-9). Com certeza, Deus permitiu que Jó passasse por um tempo de sofrimento físico (Jó 1—2).

Por fim, numerosos versículos da Bíblia revelam que nosso corpo físico está em contínua deterioração e sofre várias indisposições. Nosso corpo presente é perecível e fraco (1 Co 15.42-44). Paulo disse: "Ainda

que o nosso homem exterior se corrompa" (2 Co 4.16). A morte e a doença fazem parte da condição humana até que recebamos nosso corpo ressurreto que será imune a tais fragilidades (1 Co 15.51-55).

É uma tragédia que a interpretação distorcida das Escrituras, feita pelos pregadores do Movimento da Fé, tenha causado tanto sofrimento para tantas pessoas. Algumas pessoas enviaram, pelo correio, seu dinheiro para os *shows* de televisão do Movimento da Fé, esperando por algum retorno miraculoso de dinheiro para apenas acabar na bancarrota. Algumas pessoas continuaram sem a cura de seu câncer e ficaram deprimidas, com culpa e decepcionadas por sua aparente falta de habilidade para fazer a confissão positiva. Algumas pessoas, quando algum ente querido morre, perguntam-se o que poderia ter ocorrido, se eles apenas tivessem usado corretamente os princípios do evangelho da saúde. Enquanto isso, os pregadores do Movimento da Fé deliciam-se com o dinheiro enviado para seus ministérios.



Se pudermos tirar uma aplicação positiva deste capítulo, é que todos devemos nos empenhar em conhecer tanto a Bíblia quanto à teologia. A doutrina bíblica nos possibilita desenvolver uma visão de mundo realista, sem a qual estamos destinados a uma vida inútil (veja, por exemplo, Mt 22.23-33; Rm 12.3; 2 Tm 4.3,4). Além disso, a doutrina bíblica pode nos proteger contra falsas doutrinas que podem conduzir a comportamentos destrutivos (veja, por exemplo, 1 Tm 4.1-6; 2 Tm 2.18; Tt 1.11). *Aprenda com sua Bíblia e poupe-se de algumas aflições!*

Qual o melhor caminho para aprender a verdade da Bíblia? Não tenho certeza se existe um caminho melhor, mas um ótimo meio para isso é usar uma Bíblia de estudo indutivo. Essa Bíblia não tem notas explicativas no fim de cada página. Além disso, essa Bíblia o ensina como interpretá-la corretamente por você mesmo, fornecendo-lhe as palavras-chave e os conceitos-chave aos quais você deve dedicar especial atenção

enquanto você estuda cada livro bíblico. Esse ensinamento bíblico o ensina como assinalar sua Bíblia com marcadores coloridos e oferece margens maiores para que você possa fazer muitas anotações. Se você não estiver familiarizado com o estudo bíblico indutivo, a introdução dessa Bíblia explica tudo que você precisa saber. Por que não tentar? Essa Bíblia o ajudará a ser letrado na Bíblia.



## Capítulo 12

### O Mal É uma Ilusão?

Tudo bem, eu admito isso. Costumo assistir à versão original da série *Jornada nas Estrelas*, com o capitão Kirk, Spock e todos os outros. Décadas mais tarde, quando estreou *Jornada nas Estrelas: a próxima geração* estreou, eu também assisti. Como cristão, discordo da filosofia humanista que, algumas vezes, fica evidente nesse seriado, mas me diverti com as aventuras espaciais e toda parafernália eletrônica de ponta.

A tripulação da *Interprise* no seriado *Jornada nas Estrelas: a próxima geração* contava com uma sala de recreação holográfica chamada *Holo Deck*, que podia reproduzir naquele ambiente qualquer cenário — o Grand Canyon, uma praia quente e ensolarada do sul da Flórida, uma cena de clube noturno tirada de alguma novela popular ou, talvez, um pôr-do-sol em um planeta totalmente diferente — poderia ser reproduzido com absoluto realismo. A plataforma holográfica poderia criar uma réplica exata de qualquer ambiente imaginável. Os membros da tripulação visitavam essa sala com a finalidade de buscar recreação. No entanto, tudo isso era uma ilusão. Todas as coisas que os cinco sentidos percebiam, não eram reais. Na verdade, ao fim do período de recreação, os membros da tripulação poderiam simplesmente dizer: "Computador, encerrar o programa", e tudo sumiria. O mundo de fantasia que os membros da tripulação usufruíram, simplesmente desaparecia.

Isso me lembra alguns grupos religiosos de hoje que argumentam que o mundo presente, conforme o percebemos com os cinco sentidos, é uma ilusão. O que percebemos não é real. E o modo de reconhecer e dominar essa ilusão é seguir certos ensinamentos religiosos. Estou falando do hinduísmo e da Ciência Cristã. Neste capítulo, de maneira breve, focarei a atenção nesses grupos, dando atenção especial à visão que têm de que o mal é apenas uma ilusão.



Uma história detalhada do hinduísmo é algo que está muito além do escopo deste capítulo. Gostaria de observar que o hinduísmo não tem um fundador definido, nem uma data específica que estabeleça seu surgimento. O estudioso Bruce J. Nicholls observa que

de todas as grandes religiões do mundo, o hinduísmo é a mais difícil de definir. Ela não tem um fundador [...] Existem muitas Escrituras autorizadas, mas nenhuma que seja exclusivamente considerada a oficial. O hinduísmo é mais como uma árvore que cresce gradualmente do que um prédio que foi erigido por algum grande arquiteto, em algum momento específico da história.<sup>1</sup>

O hinduísmo é uma religião monista ("tudo é um") e panteísta ("tudo é Deus"), os hinduístas, portanto, acreditam, em última análise, que a distinção entre as coisas é irreal. Elas não são nada mais do que uma ilusão mental (*maya*). Assim, você e eu, ao contrário do que parece ser o caso da vida diária, não somos indivíduos distintos do deus impessoal, chamado de Brama, pelos hinduístas, que está por trás de toda realidade. Conforme Mark Albrecht, acadêmico, observa: "O hinduísmo defende que o mundo, na verdade, é 'Brama disfarçado' — todos os assuntos, em especial a vida humana e biológica, são meramente uma manifestação ilusória e temporária desse espírito universal".<sup>2</sup> Em outras palavras, "tudo é Deus".

O grande problema para o ser humano, de acordo com o hinduísmo, é que eles ignoram sua natureza divina. As pessoas esqueceram-se que são extensão de Brama. "Os seres humanos têm um falso conhecimento (*maya*) quando crêem que esta vida, como também que nossa separação em relação à Brama, é real".<sup>3</sup> De forma equivocada,

eles ligaram-se aos desejos de seus "eus" (ou egos) individuais. Por essa razão, as pessoas tornaram-se objeto da lei do carma, que é basicamente uma lei cósmica de causa e efeito. Na próxima vida, você colhe (por meio da reencarnação) o que semeou nesta vida. Em outras palavras, se você faz boas coisas nesta vida, nascerá em uma situação melhor na próxima vida (por meio da reencarnação). Da mesma forma, se fizer coisas más nesta vida, nascerá em pior posição na próxima vida.

A libertação desse ciclo contínuo de renascimentos (*samsara*) é chamada de *mocsa*. Essa libertação vem por meio do entendimento esclarecedor de que a própria idéia do "eu" individual é *maya* (uma ilusão) e de que apenas a indistinguível unidade com Brama é real. Quando alcançamos o verdadeiro conhecimento sobre a ilusão da vida, estamos livres do cativeiro da vida (e do ciclo contínuo de renascimento) e conquistamos a completa unidade com Brama.

Os hinduístas escolhem o esclarecimento por meio de três caminhos. São eles: (1) *carma marga* (o caminho da ação e do ritual — determina as cerimônias, obrigações e ritos religiosos); (2) *jnana marga* (o caminho do conhecimento e da meditação — dissipa a ignorância e traz o conhecimento experimental de que Brama é a única realidade); e (3) *bhatki marga* (o caminho da devoção — atos públicos e privados de adoração). Qualquer que seja o caminho pelo qual se alcance o esclarecimento, o objetivo é que o "eu", ou ego, perca sua identidade individual para tornar-se um com Brama, ou a Alma Universal.

Isso pode soar complicado, e é provável que eu tenha usado algumas palavras que você nunca ouviu antes. A principal coisa que quero enfatizar é que aquilo que percebemos por meio de nossos sentidos físicos é considerado uma ilusão ou um sonho. Além disso, devido ao fato de que "tudo é um" e de que "tudo é Deus", não há uma diferenciação real entre o bem e o mal. E se não há distinção entre o bem e o mal, então nem mesmo devemos nos preocupar com a existência do mal.



A Igreja da Ciência Cristã foi fundada por Mary Baker Eddy. Ela nasceu em uma fazenda em New Hampshire, em 1821. Ela foi educada por seus pais como congregacionista e, até a adolescência, participou da Igreja Congregacional. Entretanto, ela estava muito consciente do fato de que não gostava dos ensinamentos dos congregacionistas, especialmente os que se referiam à predestinação e ao inferno.

Quando jovem Eddy tinha uma aparência delicada e frágil, com pés e mãos extremamente pequenos. Durante sua infância, sofreu devido a sérias doenças, inclusive convulsões. "Desde a infância, ela estava sujeita às convulsões de natureza histérica" e teve muitos ataques nervosos.<sup>4</sup> Essas doenças a tornaram altamente neurótica. Os ataques na vida de Eddy continuaram até uma idade bem mais avançada.

Logo, o ocultismo ocuparia lugar de destaque na vida de Eddy. Depois de adulta, ela desenvolveu poderes clarividentes e envolveu-se com o espiritualismo. Algumas vezes, ela entrava em transe e as pessoas buscavam conselhos com ela enquanto estava em tal estado. Às vezes, ela ouvia batidas misteriosas à noite e afirmava "que tinha visto 'espíritos' de mortos, em pé, ao seu lado e que recebera mensagens escritas dos mortos".<sup>5</sup>

Mais tarde, Eddy interessou-se por teologia metafísica. (A metafísica é a ramificação da filosofia que indaga sobre a natureza última da realidade.) Ela tirou a maior parte de sua teologia de Phineas P. Quimby, escritor metafísico cujas visões, finalmente, deram origem ao movimento do Novo Pensamento. Eddy ficou interessada em Quimby devido a sua crescente fama como curandeiro. Quimby acreditava que o pecado e a doença existem apenas na mente. Ele acreditava que ao seguir as técnicas do Novo Pensamento, as pessoas podiam corrigir seu pensamento errôneo e erradicar essas coisas de sua vida. Quimby referia-se a seu sistema de Crença metafísico de várias maneiras, inclusive como

Ciência da Saúde e, até mesmo, Ciência Cristã.<sup>6</sup> Eddy não era uma pensadora original, mas emprestou os conceitos de Quimby, desenvolveu-os e popularizou-os em um novo movimento que chamou de Ciência Cristã.

Em 1862, Eddy teve seu primeiro contato com Quimby, pois estava em busca de um tratamento para uma inflamação na espinha vertebral. Ela afirmou que foi curada pelo tratamento de Quimby. Em consequência disso, ela começou a estudar e até mesmo a ensinar, o sistema de pensamento metafísico de Quimby. No entanto, a "cura" dela teve vida curta, uma vez que a dor logo retornou — contudo, ela continuou convencida de que a resposta para seu sofrimento estava nos ensinamentos metafísicos de Quimby.

Em 1875, cerca de nove anos mais tarde, Quimby morreu, e Eddy publicou seu livro *Science and Health With Key to the Scriptures* onde apenas menciona Quimby de passagem. Nesse livro, Eddy revela os princípios metafísicos que aprendeu com ele, mas não dá crédito a Quimby. Ela apresenta suas idéias como se fossem uma nova revelação, apesar de elas serem originadas das dele.<sup>7</sup> Mais tarde, esse plágio se tornou público. Eddy negou que tenha roubado suas idéias de Quimby, mas um artigo publicado no *New York Times*, em 1904, apresentava um relatório detalhadamente documentado.<sup>8</sup>

Eddy replicou e disse que ela mesma descobriu a técnica da cura metafísica miraculosa três dias após uma queda que sofreu em um pavimento congelado. Ela afirma que as autoridades médicas lhe deram três dias de vida, porém por meio das técnicas de cura metafísica que descobrira sozinha, ela teve sua saúde restaurada. Dr. Alvim Cushing, o médico que a tratou, contradisse a afirmação dela atestando em uma declaração juramentada, que ela nunca esteve em condição crítica ou correndo algum risco maior, e que ele nada sabia sobre tal milagre.<sup>9</sup>

Em seu livro, *Science and Health With Key to the Scriptures*, um dos principais ensinamentos de Eddy é que o pecado, o mal, a doença e a morte são meras ilusões que podem ser subjugadas ao ser negadas. Ela afirma que o mal, a doença e a morte são "circunstâncias de crenças fal-

sas".<sup>10</sup> A única realidade que existe de verdade é Deus, ou a "Mente Divina". Na verdade, nada não-espiritual existe, a não ser na mente ou nos pensamentos da pessoa. A matéria não existe de verdade, portanto nem a doença, a dor, a morte e o mal podem existir. "A causa de tudo que chamamos de doença é de origem mental, um temor fatal, uma crença errônea ou convicção da necessidade e do poder da relação enfermidade-saúde".<sup>11</sup> Ao seguir as técnicas da Ciência Cristã, Eddy diz que esses erros mentais (e as doenças e a morte) podem ser subjugadas.

Supostamente, esse é o motivo por que Jesus veio ao mundo. Na verdade, ele diz que Jesus veio para resgatar os seres humanos "da ilusão que chamam de pecado real e de que o pecador precisa de um Salvador; da ilusão que chamam de doença real e de que o homem é inválido e precisa de um médico; da ilusão de que a morte é tão real quanto à vida. Cristo Jesus veio para salvar o homem desses pensamentos — das invenções mortais, de todas elas".<sup>12</sup>



Ao contrário do que o hinduísmo e a Ciência Cristã pregam, o mal é real. Sugerir que o pecado e o mal não são reais, é em si mesmo um mal, pois isso ilude as pessoas. Abaixo, apresento resumos de seis problemas a respeito da visão do mal do hinduísmo e da Ciência Cristã.



De onde vem a ilusão do pecado, da enfermidade, da morte e do mal? Se tudo é Deus, e a substância não é real, então, quando e de onde emerge essa tão difundida ilusão? Qual é a fonte desse "erro mental"?<sup>13</sup> Se, conforme a Ciência Cristã afirma, tudo é Deus, então é lógico que esse erro deva fazer parte do próprio Deus. Contudo, como pode ser isso? E se

isso não é de Deus, então, é claro, que toda realidade não é de Deus. Essas graves inconsistências minam a teoria da ilusão.



Apesar de Mary Baker Eddy ter dito que o mal da enfermidade física e a morte são ilusões, em seus últimos anos ela esteve sob cuidados médicos, recebeu injeções de morfina para amenizar suas dores, usava óculos, extraiu dentes e por fim morreu, demonstrando assim que tudo em que ela disse acreditar e que ensinou, eram inverdades.<sup>14</sup> E se Mary Baker Eddy morreu, que esperança há para todos os cientistas cristãos de menor importância? Afinal de Contas, se fosse para alguém ter domínio desse aprendizado, a saber, de que o pecado, a morte e o mal eram ilusões, esse alguém seria ela. No entanto, seu coração parou de bater, seus pulmões pararam de respirar e seu corpo continua morto até hoje. A enfermidade e a morte são reais!

Apesar de a Ciência Cristã ensinar que o pecado, a morte e a doença são causados por erros mentais ou falsas crenças, a realidade é que a própria Ciência Cristã é uma falsa crença que pode causar exatamente esse sofrimento que os cientistas cristãos se empenham em negar. Há mais de uma década, um exemplo disso foi manchete nacional em o país. O caso envolvia David e Ginger Twitchell, pais adeptos da Ciência Cristã, que deixaram de dar tratamento médico a seu filho moribundo, Robin (de dois anos). Robin tinha obstrução intestinal congênita e morreu depois de sofrer por cinco dias. Esses pais escolheram pôr sua fé na Ciência Cristã, em vez de em tratamento médico que, com facilidade, poderia ter corrigido a obstrução intestinal por meio de cirurgia. O Sr. e a Sra. Twitchell foram acusados de homicídio culposo. O Sr. Twitchell lamentou o fato de ter "falhado" em sua fé na Ciência Cristã.<sup>15</sup>

O MAL DO CÔRPO  
E O MAL DA MENTE

Quando alguém enfrenta a dor genuína na vida — quer física (com o Câncer corroendo o corpo), quer emocional (tal como a dor que se sente quando a esposa morre), quer mental (pensamentos negativos) —, o simples fato de afirmar-se, conforme postula a Ciência Cristã, que tudo está enraizado em erros fatais da mente, não traz nenhum conforto à pessoa. Como um teólogo diz: "Enquanto a Ciência Cristã afirma que a doença não existe, que não passa de uma ilusão, a ilusão da doença *ainda está presente* e produz uma ilusão de dor bastante genuína".<sup>16</sup> A Ciência Cristã, como filosofia de vida, não possui o anel da verdade.

Antes, quando as pessoas afirmam que o mal é uma ilusão, devemos perguntar se, à noite, trancam a porta da frente de sua casa. (Se sim, por que o fazem?) Eles deixam a chave do carro na ignição quando estacionam no centro ou em uma avenida central? Eles afivelam o cinto de segurança do carro? Eles vão ao dentista? Eles vestem colete salva-vidas em seus filhos quando elas nadam no mar? Eles advertem suas crianças para não chegar muito perto do fogo da churrasqueira? Eles apoiam as leis contra a pedofilia? Se o mal é uma ilusão, então essas coisas são totalmente desnecessárias e não deveriam preocupar ninguém.

O MAL DA MENTE  
E O MAL DO CÔRPO

Quando Francis Schaeffer falou para um grupo de estudantes da Universidade de Cambridge, um hindu começou a criticar o cristianismo. Schaeffer disse: "Estou correto ao dizer que no fundamento de seu sistema de crença, a crueldade e a clemência são, em última instância, iguais, que não há distinção intrínseca entre eles?" O hindu concordou.

Um dos estudantes embarcou imediatamente na direção para a qual Schaeffer estava encaminhando o assunto. Ele pega uma chaleira com



água fervendo com a qual fazia um chá e segurou a panela fumegante acima da cabeça do hindu.

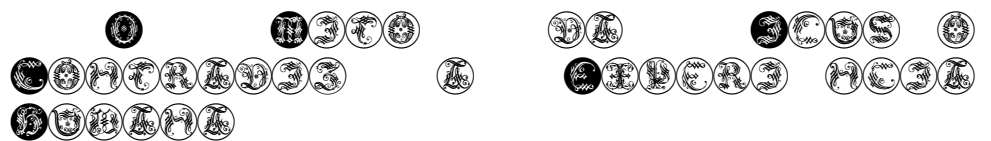
O jovem hindu olhou para cima e perguntou ao estudante o que ele estava fazendo.

O estudante disse com impassível determinação, embora fosse gentil: "Não há diferença entre a crueldade e a clemência". Logo após, o hindu foi embora e sumiu na escuridão da noite.<sup>17</sup> Apesar da afirmação do jovem hindu, sua visão de mundo não soube lidar de maneira adequada com o problema do mal genuíno na vida real.

Tive oportunidade de conversar com o ex-guru hindu, Rabi Maharaj. Ele falou longamente sobre o desagrado ético que, como hindu, sentiu em relação à visão de mundo do monismo ("tudo é um") e do panteísmo ("tudo é Deus"), em especial, no que se refere ao problema do mal:

O crescimento de minha conscientização, a saber, de que Deus, o Criador, é separado e distinto do universo que criou, contradizia o conceito hindu de que Deus era tudo, de que o Criador e a criação eram um e o mesmo. Se havia apenas Uma realidade, então [Deus] era tanto o mal quanto o bem, tanto a morte quanto à vida, tanto o ódio quanto o amor. Isso tornava tudo sem sentido, a vida passava a ser um total absurdo. Não é fácil manter a sanidade e sustentar a visão de que o bem e o mal, o amor e o ódio, a vida e a morte são Uma Mesma Realidade.<sup>18</sup>

O Rabi fez a única escolha lógica, tornou-se cristão!



A explicação de que o mal é uma "ilusão" vai pelos ares em face da experiência e da razão do ser humano. O simples negar a existência do mal não anula a realidade. A explicação de que o mal é uma "ilusão", em si mesma, é uma ilusão em sua pior versão. Jesus certamente acreditava na realidade do mal. Na Oração do Pai Nosso, Ele não nos ensina a orar: "Livra-nos da ilusão do mal", mas antes: "Livra-nos do mal" (Mt 6.13).

Para aceitar a visão da Ciência Cristã, a saber, de que o mal é uma ilusão, teríamos de negar nossos sentidos e nossa experiência pessoal. Isso fica ainda pior quando observamos que as Escrituras frequentemente nos exorta a prestar atenção às evidências empíricas por meio de nossos cinco sentidos. Jesus disse ao incrédulo Tome para pôr o dedo em suas feridas, as da crucificação, como uma maneira de provar a ele que, na verdade, ressuscitara dos mortos (Jó 20.27). Em Lucas 24.39, Jesus, ressurreto, disse a seus seguidores: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho". Lemos em 1 João 1.1: "O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida". O mesmo sentido, que tão convincentemente testifica o Cristo ressurreto, testifica a realidade do mal em nosso mundo — não apenas para algumas pessoas, mas de forma universal e ao longo de todos os tempos.

Deparei-me com a surpreendente história, abaixo, que ilustra como o mito de que "o mal é uma ilusão" contradiz a experiência humana:

Havia, certa vez, um garotinho que era cientista cristão [...] Esse garotinho chegou ao pregador da Ciência Cristã e pediu-lhe que orasse por seu pai que estava muito doente. O pastor replicou: "Menino, você não entende. Seu pai apenas pensa que está doente. Vá e conte isso a ele. Diga-lhe para ter fé". O garotinho obedeceu e, no dia seguinte, encontrou-se com o pastor. Este lhe perguntou: "Como está seu pai, garoto?"; "Ah, ele pensa que está morto".<sup>19</sup>



No *New York Sun*, em 19 de dezembro de 1898, Mary Baker Eddy "desafiou o mundo a contestar" que ela tenha curado várias doenças sérias, inclusive o câncer. Dr. Charles A. Reed, que posteriormente tornou-se o presidente da Associação Médica Americana, ofereceu-se para apresentar casos similares para a Srta. Eddy a fim de que ela efetuasse a cura. Ele afirmou: "Se por intermédio da sua Ciência Cristã, ela curar ao menos um deles, proclamarei de cima do telhado a onipotência dela; e se ela curar todos eles, ou mesmo a metade deles, com satisfação eu engatinharei sobre minhas mãos e joelhos, com muita satisfação a fim de tocar a bainha do seu traje de passeio".<sup>20</sup> Eddy recusou a oferta do Dr. Reed.



Por favor, faça minha vontade por um momento. Apenas como ilustração, digamos que você vá a um médico devido a uma séria dor de cabeça, perda de audição, cegueira parcial e vertigens que você vem sentindo. O médico sorri, dá uma batidinha em suas costas e diz: "Tenho certeza de que é só sua imaginação. Vá para casa. Pense positivo. Preencha sua mente com pensamentos alegres. Você ficará bem". Você conclui que esse cara é um louco, certo?

Apresentei essa cena boba, apenas para marcar a posição de que *uma cura acurada exige um acurado diagnóstico*. Se você recebe um diagnóstico inexato de seu problema, a cura sugerida estará errada e não será de pouca ajuda. No entanto, se o diagnóstico for preciso, acurado, então você pode rapidamente encontrar a cura correta.

Meu amigo, a única maneira para você experimentar algo semelhante à "cura do coração" é se tiver um diagnóstico correto do sofrimento humano. O diagnóstico correto, apenas pode ser feito nas páginas da Bíblia, escritas pelo próprio Grande Médico (Deus). E é a partir

da Bíblia que, neste livro, tenho procurado fornecer um diagnóstico acurado. De acordo com a Bíblia, vimos que o mal surgiu pela primeira vez entre os seres humanos depois que Adão e Eva fizeram mau uso do livre arbítrio. Desde aquele momento, cada um de nós — infectados com uma natureza pecaminosa que nos foi passada por Adão — continua a sofrer por fazer escolhas erradas. Como também sofremos, com frequência, pelas escolhas erradas feitas pelos outros a nossa volta. (Lembra-se das ondulações?) Sofremos até pelas escolhas que os espíritos maus fazem quando procuram nos enganar de qualquer maneira. Ainda mais, vimos que as falsas crenças podem contribuir para o sofrimento. Todos esses fatores (e mais alguns outros) fazem parte do diagnóstico bíblico em relação às razões pela qual nossa vida sofre danos.

A cura derradeira e final nos aguarda no céu. Lá teremos corpos perfeitos (corpos ressurretos que não estarão sujeitos à dor e à morte), um ambiente perfeito (sem pecado nem Satanás) e confraternização perfeita (isto é, confraternização com o Deus santo e com seus filhos redimidos e plenos de santidade). Nesse meio tempo, com certeza, podemos minimizar os sintomas dolorosos de nossa atual enfermidade ao seguir a sabedoria da Bíblia (e procurei inserir neste livro muito dessa sabedoria — em especial, ao fim de cada capítulo, na seção "Curando nosso Coração").

Uma coisa, em especial, me ajudou muito em épocas de sofrimento. Já falei muitas vezes sobre isso neste livro, mas isso merece ser repetido: o que me ajudou foi reconhecer que Jesus Cristo está ao nosso lado em cada provação por que passamos. Nunca estamos sozinhos em nossas provações. Jesus sempre está conosco, exatamente como um bom pastor sempre está junto de suas ovelhas.

O texto de Salmos 23.2,3, uma de minhas passagens favoritas da Bíblia, fala sobre o bom pastor: "Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranqüilas. Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome".

Exatamente, como o pastor guia suas ovelhas até verdes pastos e águas tranqüilas, aqueles que seguem o Senhor Jesus não sentem falta de

nenhum alimento e refrigério espirituais. Por isso, o contentamento é a marca daquele que pôs suas questões nas mãos do Senhor.

O termo "águas tranqüilas" pode ser traduzido como "águas calmas". Davi, na maior parte desse salmo, referia-se a um incidente que ocorrera na vida de pastoreio da Palestina. Veja bem, as ovelhas têm profundo medo da água corrente. Elas percebem instintivamente que se a água penetrar em sua cobertura de lã, elas ficariam encharcadas e submergiriam na água. Por isso, se o rebanho estiver cansado e sedento, irão até um rio corrente e depois ficarão em pé ao lado dele, olhando. O medo as impede de usufruir a água refrescante.

O pastor ciente do medo de suas ovelhas — talvez, segurando seu bastão e cajado — tente extrair alguma pedra grande a fim de represar um lugar de águas tranqüilas em que suas ovelhas possam beber. Em meio a uma corrente de água impetuosa, ele providencia refrigério para o rebanho com a água que represou.

Um bom pastor, do Oriente, não medirá esforços para suprir seu rebanho com o pasto mais perfeito e a água mais limpa. Ele faz tudo que está a seu alcance para assegurar a mais alta qualidade de vida possível para elas. Da mesma maneira, nosso Pastor Jesus considera a certeza de que seus seguidores tenham alimento e refrigério espirituais como sua responsabilidade pessoal.

Ao longo das Escrituras, a água simboliza o refrigério espiritual. Por exemplo, Jesus disse à mulher samaritana que Ele poderia lhe dar "água viva" (Jó 4.10). Jesus informou-a que "aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna" (v. 14). Mais adiante, no Evangelho de João, lemos que "no último dia, o grande *dia* da festa, Jesus pôs-se em pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, que venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre" (Jó 7.37,38).

O objetivo de Jesus, nosso Pastor, é que estejamos nutridos espiritualmente e tenhamos uma vida mais abundante. No entanto, existe um porém. Cristo não insiste em se impor a nós, forçando-nos a seguir sua

liderança. Ele não anula nossos desejos. Ele não irrompe em nossas experiências diárias, impondo seu estilo em nossa vida. Para nos tornarmos semelhantes a Ele — e ao mesmo tempo sermos agentes autônomos capazes de escolher o que querem — depende, em última instância, de nossa escolha, a saber, seguir ou não sua liderança. Todos nós nos confrontamos com essa decisão.

Se escolhermos seguir a liderança de Cristo, nossa alma se refrescará e será guiada pelas veredas da retidão por causa de seu nome (Sl 23.3). Cristo, nosso Pastor, nunca nos desencaminhará nem nos conduzirá pelas veredas errôneas. Seus caminhos conduzem ao alimento e ao refrigério espiritual.

Se nos encontrarmos em solo espiritualmente estéril, não é por que Ele nos levou para lá, mas sim por que escolhemos abandonar sua liderança. Sem um esforço consciente de permanecer perto de nosso divino Pastor terminaremos dilacerados e sangrando, em algum lugar no deserto da vida — como os infelizes israelitas em sua experiência no deserto.

Talvez você sinta que sua vida espiritual está estagnada e não passe de uma terra seca e estéril. Se assim for, entregue seu coração para que nosso Pastor consiga sua total restauração. Suas mãos estão abertas, esperando para cingi-lo com o amor incondicional. Seu amor é incomensurável como o oceano. Vire-se para Ele sem demora e, como Davi, você poderá exultar: "O Senhor é o meu pastor; nada me faltará" (Sl 23.1).

## Capítulo 13

### O Mal Está todo em nossa Mente?

Quando estive no sul da Califórnia, tive oportunidade de visitar The Boddhi Tree, a megalivraria da Nova Era, localizada em Hollywood, a cidade das estrelas do cinema. Pedi ao gerente da loja para que me mostrasse seus livros mais vendidos. Um deles era *Empowerment: The Art of Creating Your Life As You Want It*, escrito por David Gershon e Gail Straub. Ele disse que, mal conseguia ter em estoque cópias suficientes deste livro. Eles "sumiam das prateleiras".

Como pesquisador de fenômenos relacionados às seitas, comprei um exemplar do livro e nos li nos três dias posteriores. O livro pergunta: "Você gostaria de ter poder para alcançar tudo que sempre desejou em sua vida? Como você poderia realizar seus próprios milagres?"<sup>1</sup> O livro garante que você pode alcançar isso ao seguir os princípios apresentados no livro. Gershon e Straub dizem que a "capacitação" é a chave por meio da qual, com o poder da mente, você poderia realizar sua própria realidade. O que se "manifestará" em sua vida é o resultado direto dos pensamentos que você aceita e confirma — seja no consciente ou no inconsciente.

A idéia central de Gershon e Straub é que a capacitação "o libertará de suas restrições que o limitaram no passado e lhe mostrará seu poder para modelar o próprio destino. Nessa jornada, você aprenderá a arte de realizar sua vida como você a quer".<sup>2</sup> Eles explicam sua teoria desta maneira:

De todo conhecimento concernente à evolução da condição humana que veio à luz nesta época extraordinária em que vivemos, nenhum é mais promissor do que esta idéia: nós fazemos e modelamos nosso caráter e as condições de nossa vida pelo que pensamos. O que você pensa e aquilo em que crê se manifestarão

em sua vida. Ao se tornar conhecedor do direcionamento inteligente de seu pensamento, você está habilitado para realizar sua vida como quiser. Você pode tomar as rédeas de seu destino.<sup>3</sup>

Gershon e Straub observam que "não podemos nos furtar a criar nossa realidade; e cada vez que temos um pensamento, estamos fazendo isso. Cada verdade que abraçamos molda o que experimentamos em nossa vida".<sup>4</sup> Em vista disso, "se aceitamos a premissa básica de que nossos pensamentos criam nossa realidade, isso significa que precisamos assumir a responsabilidade de criar *toda* nossa realidade — as partes que gostamos e as que não gostamos".<sup>5</sup> Por fim, isso significa que as coisas ruins acontecem para nós apenas por que nossa mente criou uma realidade ruim.



Gershon e Straub oferecem-nos um plano de atuação para alcançar a capacitação que alimenta o efetivo uso de *afirmações* (conversa positiva consigo mesmo) e *visualizações* (imagem mental do que se crer criar). Esse é o caminho para alcançar a mudança miraculosa em nossa vida. Gershon e Straub, por meio do uso dessas afirmações e visualizações, asseguram que atrairemos os "nutrientes" mundanos necessários para que nossa "semente mental" cresça em "realização".<sup>6</sup>

Essa equipe da Nova Era também fornece uma lista de "crenças limitativas" associada às "reviravoltas". Dizem que ao afirmar as reviravoltas podemos nos desembaraçar das crenças prejudiciais que nos limitam. Eis aqui alguns exemplos:

*Crença limitante:* Deus é uma figura masculina com muito poder que me pune se eu não fizer a coisa certa.



*Reviravolta:* Crio Deus como um amigo amoroso, amável, divertido, sábio e poderoso. Atuamos junto na co-criação deste universo.<sup>7</sup>

*Crença limitante:* Meios espirituais que passam o controle de minha vida para algum poder superior que está fora de mim.

*Reviravolta:* O desejo de Deus, neste momento, corresponde a minha mais alta percepção.<sup>8</sup>

*Crença limitante:* Para ser espiritual devo seguir um código de conduta prescrito por uma religião/guru/escritor em um livro espiritual.

*Reviravolta:* Minha espiritualidade brota do meu conhecimento a acerca de mim mesmo. Creio nisso e fundamento minhas ações nessa verdade.<sup>9</sup>

*Crença limitante:* O mundo está cheio de pessoas corruptas, más que o guiam para o caminho da destruição.

*Reviravolta:* Tenho a responsabilidade de tornar o mundo um lugar bonito e sagrado, cheio de seres comprometidos com a evolução pessoal e a do planeta.<sup>10</sup>

Ao usar afirmações positivas como essas — combinadas com a visualização — nossos pensamentos, supostamente, começam a mudar a realidade a nossa volta. Ao usar nossa mente, temos o "verdadeiro poder".

Ao usar nossa mente, podemos realizar as "mudanças miraculosas" em nossa vida.



De maneira similar aos ensinamentos de Gershon e Straub, há alguns outros seminários sobre potencialidade humana da Nova Era que

nas últimas décadas se tornaram muito populares nas empresas da Fortune 500. Esses seminários, de forma bem característica, ensinam os participantes que: (1) você é seu deus; (2) você pode criar sua realidade; e (3) você tem potencial ilimitado. Esses seminários são muito influenciados pelo misticismo oriental e prometem dar esclarecimentos em relação ao verdadeiro potencial de cada um.

Acho que esses seminários, de maneira característica, tentam fragmentar a visão de mundo que a pessoa tinha anteriormente e substituí-la por uma visão de mundo oriental, mística. Esses seminários, algumas vezes, tentam induzir os participantes a uma alteração no estado de consciência — não o estado de consciência normal, mas um estado que varie de em um sentido moderado de transcendência até o transe profundo, que são induzidos por meio de exercícios espirituais, como a meditação ou o controle imaginário. Essa experiência mística leva o participante a questionar sua antiga compreensão da realidade. Com frequência, essa experiência leva o participante a procurar uma nova compreensão da realidade — tal como a visão de mundo da Nova Era — que possa explicar a experiência.

Dentre as razões pelas quais muitas companhias que aparecem na revista Fortune 500 se tornam ávidas por usar os seminários da Nova Era encontra-se o seguinte fato: elas prometem um incremento da produtividade, melhor relacionamento entre os funcionários, maior criatividade entre os trabalhadores e — o ponto principal — aumento das vendas. Afinal de contas, se é verdade que você é seu deus e pode criar sua realidade, então cada empregado deve ser capaz de criar muitas vendas.



Shirley MacLaine, celebridade da Nova Era, certa vez, afirmou: "Você é ilimitado. Só que você não percebe isso".<sup>11</sup> O inglês George Trevelyan, da Nova Era, disse que cada ser humano é "uma gotícula eterna do oceano

divino e que isso, potencialmente, pode significar que a criatura possa ser co-criador com Deus".<sup>12</sup>

O livro escrito por Levi Dowling *O Evangelho Aquariano de Jesus, o Cristo*, afirma que o próprio Jesus ensinava que o ser humano tinha potencial ilimitado e podia realizar seus próprios milagres. Na verdade, o Jesus desse evangelho nos diz: "Por que eu tenho o poder para fazer essas coisas, nada é estranho. Todos os homens podem conquistar esse poder de fazer essas coisas... Portanto, o homem é Deus na terra, e todo aquele que honra a Deus, deve honrar o homem".<sup>13</sup> Dowling também cita que esse Jesus falou: "Eu vim para mostrar as possibilidades do homem; o que eu fiz todos os homens podem fazer, e o que eu sou todos os homens podem ser".<sup>14</sup> E de novo: "O que eu faço todos os homens podem fazer. Deus anuncia o evangelho da onipotência do homem".<sup>15</sup> Enfim, isso significa que o homem tem o poder de criar a vida perfeita que deseja.



Hoje, muitos adeptos da Nova Era acreditam que a chave para superar a doença e manter a saúde é o uso apropriado da mente. Os mais populares êxitos de venda da Nova Era que concordam com essa visão, incluem livros de Andrew Weil, Bernie Siegel e Deepak Chopra.

Consideraremos, brevemente, os ensinamentos de Deepak Chopra. Chopra acredita que nosso corpo é uma mera manifestação do campo de energia universal e que nossa mente tem a capacidade de controlar essa energia de maneira que ela produza saúde.<sup>16</sup> Enfim, formamos uma "unidade" com essa energia universal. Chopra também acredita que nosso corpo é uma projeção de nossa consciência. Em vista disso, uma consciência "não-saudável" e "ignorante" necessariamente causa doença no corpo. Além disso, no sistema de pensamento de Chopra, a consciência, que supostamente regula esse processo invisível, é o verdadeiro curandeiro.<sup>17</sup> Ele vê a meditação como a mais importante ferramenta nesse processo.<sup>18</sup>

Não devemos esquecer, no entanto, que Chopra afirma que "a mente e o corpo formam uma unidade inseparável"<sup>19</sup> e que "a mente exerce a mais profunda influência no corpo".<sup>20</sup> Ele diz: "Nossas células escutam constantemente nossos pensamentos e mudam por causa deles".<sup>21</sup> Na verdade, "a mente pode ir tão fundo a ponto de mudar o verdadeiro feitio do desenho do corpo. Ela pode apagar os enganos do projeto e, por assim dizer, pode aniquilar qualquer doença — câncer, diabetes, doença coronária — que esteja perturbando o desenho".<sup>22</sup> Na verdade, "devido ao fato de que a mente influencia cada célula do corpo, o envelhecimento humano é fluido e variável. Ele pode ser acelerado, retardado, parado por um tempo e, até mesmo, revertido por si só",<sup>23</sup>

De acordo com Chopra, o corpo humano "é um produto da consciência".<sup>24</sup> "O mundo em que você vive, incluindo as experiências de seu corpo, é totalmente determinado pela maneira como você aprendeu a entendê-lo. Se você mudar sua percepção, muda o conhecimento de seu corpo e de todo o mundo".<sup>25</sup> Ele afirma: "A cada segundo, impulsos de inteligência criam seu corpo de uma nova forma. Você é a somatória desses impulsos, e ao mudar seus padrões, você mudará".<sup>26</sup> Em suma, ao aprender a usar sua mente de maneira correta, mediante a meditação, você pode alcançar a perfeita saúde para seu corpo.



É provável que você perceba onde quero chegar com tudo isso. Hoje, em nosso mundo, há muitas pessoas que acham que o mal é exclusivamente culpa dos seres humanos que criaram suas próprias realidades. Os ensinamentos da Nova Era torna o ser humano responsável por *tudo* que se "manifesta" em sua vida — tanto as coisas boas quanto as más. Se vivemos na pobreza, devemos assumir a responsabilidade por isso, através do poder da mente criamos essa realidade para nós. Se temos câncer, devemos assumir a responsabilidade por isso, pois com o poder da mente também criamos essa realidade. Todo o mal que existe no mundo,

de uma maneira ou de outra, está enraizado no processo de pensamento errôneo do ser humano. Voltando para aquele exemplo de minha família, algo mais papável em minha vida, tanto meu irmão Paul quanto seu filho Greg devem assumir a derradeira responsabilidade pela morte prematura de Greg, pois essa "realidade negativa", de alguma maneira, foi criada pelo poder de suas mentes. Não só **Isso**, mas também o pesar que eu *mesmo* sofri, em meio a essa provação foi de alguma maneira, criado por meu processo falho de pensamento.



A idéia de que criamos nossa respectiva realidade pelo poder de nossa mente apresenta problemas importantes. Farei uma breve crítica a essa idéia, ao mostrar sua fragilidade tanto como visão de mundo quanto como explicação para o problema do mal.



Um problema crítico em relação à visão de criar sua própria realidade é que, conforme argumenta a Nova Era, se o homem (como um deus) cria sua realidade, a consequência lógica disso é que ninguém pode culpar o indivíduo que infligi mal aos outros. Por exemplo, concluímos que os milhões de judeus que foram executados pelos assassinos nazistas de Hitler criaram essa realidade para si mesmos. As ações de Hitler não foram, sob o aspecto ético, erradas, pois ele apenas fazia parte na realidade que os próprios judeus criaram. Ninguém, da mesma forma, pode condenar os terroristas que explodiram os passageiros dos aviões a jato, pois as pessoas que morreram e sofreram com esse incidente criaram essa realidade para si mesmas. Ninguém pode condenar os terroristas que

jogaram os aviões nas Torres Gêmeas, na cidade de Nova York, pois as pessoas que estavam naqueles prédios simplesmente criaram sua própria realidade.

Sob esse ponto de vista, portanto, não devemos, na realidade, preocupar-nos quando vimos coisas ruins acontecer para pessoas boas, pois elas mesmas criaram essa realidade. Além disso, quando vemos pessoas ruins fazerem coisas ruins para as pessoas, não devemos nos sentir moralmente ultrajados por essas pessoas más, pois elas apenas são parte da realidade criada pelas, assim denominadas, suas vítimas.

Acho que você concordará que essa visão de mundo não oferece uma explicação satisfatória para o problema do mal no mundo. Quando li sobre um menino que, por acidente, foi atropelado por seu pai que saía da garagem com seu carro, tenho muita dificuldade em acreditar que essa realidade foi criada pela mente deles.



Eis aqui alguns "esclarecimentos" para os seguidores da Nova Era: os seres humanos *não são* deuses onipotentes que podem criar a própria realidade. Essa é uma afirmação ridícula, além de cômica. Se os seres humanos fossem deuses onipotentes, seria de esperar que exibissem qualidades similares às de Deus. No entanto, quando comparamos os atributos da humanidade com os de Deus, encontramos um amplo testemunho da verdade afirmada por Paulo em Romanos 3.23, a saber, de que os seres humanos "destituídos estão da glória de Deus". Não se esqueça que Deus é:

- *Onisciente* (Is 40.13,14), mas o homem é limitado em seu conhecimento (Jó 38.4).

- *Todo-poderoso* (Ap 19.6), mas o homem é fraco (Hb 4.15).
  - *Onipresente* (Sl 139.7-12), mas o homem está confinado a um único espaço a cada momento (Jó 1.50).
  - *Santo* (1 Jó 1.5), mas mesmo as justiças do homem não passam de trapos de imundícia para Deus (Is 64.6).
  - *Eterno* (Sl 90.2), mas o homem foi criado em um momento do tempo (Gn 1.1,26, 27).
  - *Verdadeiro* (Jó 14.6), mas o coração do homem é, acima de tudo, enganoso (Jr 17.9).
- Justo* (At 17.31), mas o homem é iníquo (1 Jó 3.4, veja também Rm 3.23).
- *Amoroso* (Ef 2.4,5), mas o homem está contaminado por numerosos vícios, como os ciúmes e a rivalidade (1 Co 3.3).

*Se o homem é deus, ninguém fundamentado em seus atributos poderia dizer isso!*

A ignorância do homem a respeito de sua suposta divindade também prova que ele não é Deus. Se o ser humano, em essência, é Deus, e se Deus é um ser infinito e imutável, então como é possível para o homem (se ele for uma manifestação divina) passar por um processo em que há mudança em seu entendimento e pelo qual descobre sua divindade? "O fato de que o homem 'venha a perceber' que é Deus prova que ele não o é. Se ele fosse Deus, certamente nunca precisaria passar de um estado de desconhecimento para o estado de conhecimento para saber quem ele é".<sup>27</sup> Deixe-me expor isso de outra maneira: "Deus não pode germinar. Não pode florescer. Deus sempre esteve em completa florescência. Quer dizer, Deus é e sempre foi Deus".<sup>28</sup>



Se na realidade, conforme argumenta a Nova Era, somos parte da divindade, por que compramos livros da Nova Era a fim de descobrir isso? Se fôssemos Deus, conforme observado acima, será que já não saberíamos isso? E se, conforme argumentam os defensores dessa visão, tudo no universo é verdadeiramente "um", em primeiro lugar, como a doença e a saúde poderiam coexistir? Como o bem e o mal poderiam coexistir? Se tudo é verdadeiramente um, não deveria ser tudo *bom* (como também tudo deveria ser *Deus*)? Além disso, se somos parte da divindade, por que ficamos doentes? Alguma parte de Deus pode ficar doente? A visão de mundo que a Nova Era quer nos vender parece conter inúmeras inconsistências lógicas. Apenas esses fatos já nos deixam com muitas suspeitas sobre a explicação da Nova Era em relação à presença do mal no mundo.



Aqueles que pensam que podem acabar com as circunstâncias más por meio do poder da mente devem reconsiderar sua posição, uma vez que a participação em tais exercícios mentais pode conduzi-los diretamente para o mundo do ocultismo e, dessa maneira, expô-los a uma carga ainda maior de maldade (espíritos demoníacos). Existe uma inegável e forte conexão entre o ocultismo e a idéia da Nova Era, a saber, de que a mente pode controlar a energia universal a fim de trazer saúde para o corpo. Elliot Miller, crítico da Nova Era, aponta:

De onde quer que isso [crença na energia universal] tenha se originado — do paganismo da antigüidade, do ocultismo moderno ou da pesquisa parapsicológica — essa "força de vida" foi acompanhada de estados alterados de consciência, fenômenos



físicos e contato com espíritos. Em acréscimo, aqueles que são perceptivos experientes e adeptos da manipulação dessa força, invariavelmente, são feiticeiros (e.g., doutores em feitiçaria), "sensitivos" ou médiuns, totalmente imersos no paganismo/ocultismo.<sup>29</sup>

Encontramos essas afirmações ao examinar os escritos de Chopra, Siegel, Weil e outros escritores da Nova Era. Por exemplo, observe o trecho a seguir, retirado do livro *Love, Medicine & Miracles*, em que Siegel fala como encontrou seu guia espiritual:

Os Simontons [uma equipe formada por um casal, marido e esposa, adepto da Nova Era] ensinaram-nos como meditar. Acerta altura, eles nos conduziram para uma meditação direta para que achássemos e tivéssemos um com nosso guia interno. Iniciei esse exercício com todo ceticismo que se poderia esperar de um doutor mecanicista. No entanto, sentei-me, fechei os olhos e segui as instruções que nos foram dadas. Não acreditava que isso fosse funcionar, mas se funcionasse, eu esperava ver Jesus ou Moisés. Quem mais viria à cabeça de um cirurgião? Em vez disso, encontrei George, um jovem barbudo, de cabelos longos, vestindo uma toga esvoaçante e imaculadamente branca e um gorro. Isso foi um incrível despertar para mim, pois esperava que nada acontecesse. Enquanto os Simontons ensinavam como nos comunicar com quem quer que seja que tivéssemos trazido de nosso inconsciente, pensei que conversar com George seria como jogar xadrez comigo mesmo, sem, no entanto, saber qual seria o próximo movimento do meu segundo ego. George era espontâneo, consciente de meus sentimentos e um excelente conselheiro... Tudo que sei é que ele tem sido uma companhia inestimável desde sua primeira aparição. Minha vida está muito mais fácil agora, pois ele faz a trabalho pesado.<sup>30</sup>

Isso é puro ocultismo! Ainda mais, quando expresso nessa linguagem, aparentemente inócua e benéfica, a qual parece transmitir o fato de que o que Siegel encontrou poderia ser experimentado por todos nós.

Andrew Weil também fala de maneira bastante positiva sobre as práticas do ocultismo. Weil, durante sua viagem à América do Sul, Ásia e Índia, admitiu abertamente que trabalhou com feiticeiros e curandeiros espirituais.<sup>31</sup> Em seu livro, *Natural Health, Natural Medicine*, ele refere-se, com franqueza, à meditação *zen* e ao uso de mantras para a meditação profunda.<sup>32</sup> Essas são práticas claramente não-cristãs que podem levá-lo direto ao ocultismo.

Os apologistas cristãos, John Weldon e John Ankerberg, acertadamente observaram que "a maioria de todos os outros tipos de meditação, que não a bíblica e as quais desenvolvem poderes físicos, apresentam uma visão do ocultismo, não-bíblica, e podem abrir a porta para o contato com os espíritos".<sup>33</sup> Isto é o tipo de coisa que pode acontecer com quem se engaja nesse tipo de meditação adotada por Siegel, Weil e Chopra.

A visualização também pode levar a pessoa a ter contato direto com o ocultismo:

A quantidade de pessoas bem-intencionadas que embarcaram no programa de visualização a fim de alcançar a saúde física, entendimento psicológico ou progresso espiritual e acabaram por se envolver com o ocultismo é muito grande. Muitos livros sobre visualização trazem muitas anedotas sobre como, até mesmo, pessoas bem-intencionadas e aparentemente não-adeptas do ocultismo, que usaram a visualização, foram impulsionadas para o movimento Nova Era, cujo foco é o desenvolvimento psíquico e/ou contato espiritual.<sup>34</sup>

A Escritura adverte-nos sobre a persuasiva influência de Satanás neste sistema mundano atual. Na verdade, "todo o mundo está no maligno"

(1 Jô 5.19). Não deve nos surpreender o fato de que milhões de americanos participam das práticas ocultistas da Nova Era. Os cristãos devem estar atentos!



Encerraremos este capítulo substituindo a meditação oriental pela bíblica, pois a meditação bíblica é a verdadeira chave para curar nosso coração. As formas de meditação oriental, em geral, envolvem "focar" ou "centrar" em vários objetos tirados do hinduísmo ou do budismo. Esse último exige que a pessoa abandone sua personalidade e individualidade ao se fundir com o "Um". A meditação bíblica, ao contrário, envolve meditar sobre a Palavra de Deus e sua fidelidade (Js 1.8; S1119.148). Esvaziar a mente de alguém para meditar sobre nada é algo bem distinto que enchê-la com a Palavra de Deus para meditar sobre o Deus vivo (veja Sl 48.9; 77.12; 143.5).

Muitas palavras hebraicas são ricas em nuances de significados que, algumas vezes, faltam à tradução para o português. O termo hebraico para meditação é uma dessas palavras. Em contextos distintos a palavra *meditar* pode ter o sentido de expressar, imaginar, falar, bradar, fugir, murmurar, cogitar ou refletir. Por exemplo, essa palavra é usada em Isaías 31.4 para expressar o rugido de um leão. De maneira similar, em Isaías 38.14, ela é usada em relação ao som lamentoso dos pombos. Em ambos os casos, a idéia parece ser a exteriorização resultante de emoções e pensamentos fortes e íntimos.

O termo parece transmitir a idéia de murmuração. Retrata uma pessoa que está envolvida em profunda meditação, murmurando com os lábios como se estivesse conversando consigo mesmo. É como se fortes sentimentos crescessem no recôndito mais profundo de sua alma e, por fim, a premência desses sentimentos saíssem em expressões verbais. Quando Davi medita sobre a Palavra de Deus, ele se concentra tanto que, sem dúvida, enquanto lê ele murmura com os lábios.

Você e eu devemos nos engajar nesse tipo de meditação bíblica. Posso dizer, por experiência própria, que essa pode ser uma grande fonte de força e bênção. Como as Escrituras declaram: "Bem-aventurado o varão que [...] *tem* o seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite" (Sl 1.1,2). Observe a referência ao "de dia e de noite". A verdadeira bênção é recebida quando, em base contínua, meditamos *perpetuamente* sobre a Palavra de Deus.

Recomendo que você inicie por meditar sobre os Salmos. Em Salmos, vemos os seres humanos que batalham honestamente com a vida e se comunicam de forma sincera com Deus, sem deixar nada para trás. Devido ao fato de batalharmos com o mesmo tipo de problemas e emoções que os homens de Deus da antigüidade, o livro de Salmos é um dos mais relevantes e queridos do cristianismo moderno em toda a Bíblia. Portanto, mergulhe em Salmos e prepare-se para as bênçãos!

## Capítulo 14

### A Reencarnação e o Problema do Mal

A palavra *reencarnação*, em seu sentido literal, significa "voltar de novo em carne". Ela representa a crença de que a alma, depois da morte, passa para outro corpo.<sup>1</sup> Você nasce de novo, e de novo, e de novo, vida após vida após vida.

Muitos cristãos, que afirmam acreditar na Bíblia, estranhamente, também dizem acreditar na reencarnação. Atualmente, 21% dos protestantes e 25% dos católicos confessos dizem que acreditam na reencarnação.<sup>2</sup>

Por que hoje tantas pessoas optam por acreditar na reencarnação? Uma das razões para isso é o grande crescimento de um segmento da população que está preocupado com a perspectiva da morte. As estimativas atuais são de que, pelo menos, 50 milhões de pessoas morrem todos os dias no mundo. A qualquer momento, apenas nos Estados Unidos, um milhão de pessoas, aproximadamente, estão enfrentando processo da morte iminente.<sup>3</sup> Com o envelhecimento dos americanos — com um crescente percentual de americanos alcançando idade avançada —, a questão da morte, compreensivelmente, tornou-se bastante relevante.

Tive acesso a um relatório que diz que "cerca de 80 milhões de pessoas da geração pertencente à prosperidade econômica — um terço da população norte-americana — atingem uma idade em que têm de confrontar a morte — por meio da morte de uma dos pais, a perda de uma irmã ou amigo ou dores no peito, sintomáticas de um enfarto". O relatório prossegue com a seguinte observação: "Impelido por essa experiência maciça, tanto quanto pelos avanços médicos que possibilitam que os médicos prolonguem o processo da morte — se não o da vida —, o assunto proibido, a morte, torna-se um tópico nacional de conversação".<sup>4</sup>

Esse prospecto de morte fez com que muitas pessoas se sentissem atraídas pela crença da reencarnação.

Da mesma maneira, muitas pessoas acham a reencarnação muito mais simpática do que a crença cristã de que os incrédulos sofrerão para sempre no inferno. O pastor Douglas Connelly resume esse ponto de vista da seguinte maneira: "É mais fácil pensar que você voltará à vida de novo do que encarar o fato de que terá de prestar contas desta vida para Deus, o qual tem o poder de lançar as pessoas para viver eternamente separadas dEle".<sup>5</sup>

Além disso, a reencarnação ganhou mais popularidade resultante do modismo em relação às coisas orientais que, na década de 1960, varreram os Estados Unidos. Como Os Guinness expõe: "O Oriente ainda é o Oriente, mas o Ocidente não é mais o Ocidente. As respostas ocidentais não mais parecem se ajustar aos questionamentos. Com a desintegração da cultura cristã e o malogro do humanismo em fornecer uma alternativa, muitas pessoas estão buscando o Oriente antigo".<sup>6</sup>

James Sire, autor de *The Universe Next Door*, acredita que o que ocasionou a abertura às idéias orientais, principalmente entre os jovens ocidentais dos anos de 1960, foi uma grande reação contra os valores ocidentais tradicionais. Esses valores incluem a alta tecnologia, a razão e o racionalismo, o materialismo, a economia e coisas semelhantes.<sup>7</sup> Sire observa que "o Oriente tornou-se muito atraente com seu anti-racionalismo, sincretismo, quietismo, ausência de tecnologia, estilo de vida simples e estrutura religiosa totalmente distinta". Muitos americanos concluíram que o Oriente "tem a resposta para nossa ânsia por propósito e significado".

Como resultado da explosão oriental da década de 1960, os americanos ficaram saturados das idéias orientais. Apesar de os americanos do novo milênio não mais demonstrarem fascinação pelos gurus do mundo oriental, muitos dos *ensinamentos* desses gurus ainda permanecem entre nós.<sup>8</sup> Os ensinamentos sobre a reencarnação e o carma certamente afetam os nervos dos americanos. Entre em uma livraria atual, como a Barnes e a Noble ou Borders, e encontrará muitos livros sobre

esses assuntos. Por quê? Porque hoje o mercado para esse tipo de livros é *enorme!*



O processo da reencarnação (renascimento contínuo), supostamente, continua até que a alma alcance um estado de perfeição e desaparece de novo com esta fonte (Deus ou a Alma Universal). O carma se refere à "dívida" que a alma acumula devido às boas ou más ações que cometeu durante a vida da pessoa (ou vidas passadas). A palavra *karma* provém da raiz "fazer ou agir"; portanto, o carma envolve a idéia de que cada ação acarreta uma conseqüência.<sup>9</sup> Se uma pessoa acumula um bom carma, supõe-se que ela reencarnará em uma situação mais desejável na próxima vida. Se a pessoa acumula um mau carma, supõe-se que reencarnará em uma situação pior na próxima vida. Por fim, após muitas reencarnações, conforme se supõe, o carma pode livrar a pessoa de todos os desejos egoístas.

Shirley MacLaine, em seu livro *Minhas vidas*, relata que a "reencarnação é como um *show business*. Você apenas continua ensaiando até que consiga desempenhar seus movimentos e ações da maneira correta".<sup>10</sup> Ela afirma: "Sei que fui muitas pessoas distintas em épocas distintas".<sup>11</sup> MacLaine relata que em outras vidas passadas ela foi prostituta, um bobo da corte que foi decapitado por Luis XV da França e um afamado professor apaixonado por sua esposa. Aparentemente, ela ainda está trabalhando para "desempenhar seus movimentos e ações da maneira correta"! No entanto, ela não precisa ter pressa, pois a reencarnação pode levar bilhões de anos para enfim, alcançar definitivamente sua forma correta. No processo da reencarnação, é preciso muito tempo para que o ouro se separe do refugo!

A reencarnação está enraizada no hinduísmo, e a história deste revela alguns fatos interessantes em relação ao aparecimento da reencarnação. À medida que a sociedade indiana se desenvolveu, começou a segregar-se em classes, e esse sistema de classificação era conhecido

como *varna* (que significa cor). Essas classes incluíam os Brâmanes (sacerdotes), *Kshatriyas* (guerreiros e governantes), *Vaisyas* (mercadores) e Sudra (operários e escravos). Os "Intocáveis" eram pessoas que estavam proibidas de ter qualquer contato com as outras castas, pois eram considerados impuros. Por fim, isso evoluiu para o presente sistema de castas, que é prevalente na Índia. A divisão da sociedade em várias classes ou castas é fundamentada na crença da reencarnação do hinduísmo. A posição social da pessoa é determinada pela lei do carma.<sup>12</sup> Acumule um bom carma e melhorará sua posição na próxima vida. Acumule um mau carma e renascerá em uma casta mais baixa.

No hinduísmo, o contínuo ciclo de morte e renascimento é conhecido como *samsara* (transmigração).<sup>13</sup> O significado literal de *samsara* é "vaguear através". Lewis M. Hopfe, estudioso, conta-nos que "as religiões indianas crêem que a energia da vida de um indivíduo não morre com a morte do corpo. Já que ela 'vagueia através. A energia da vida move-se para outro tempo e outro corpo no qual continua a viver".<sup>14</sup> John H. Hick, estudioso, explica que, "na morte, o corpo físico morre, e a alma sobrevive como uma entidade mental chamada 'corpo sutil' (*lingua shasrira*)... Esse corpo sutil é o elemento contínuo, para dentro e fora, no processo de reencarnação, até que a salvação aconteça. A alma, como o corpo sutil, carrega o carma das vidas passadas".<sup>15</sup> A idéia é que os pensamentos, as palavras e as ações têm conseqüências definitivas e determinantes no destino da pessoa para a próxima vida. A posição na presente vida depende totalmente do carma acumulado na vida anterior.<sup>16</sup>

Quando a pessoa morre — de acordo com esse ponto de vista — seu "corpo sutil", conforme é denominado, faz um "cálculo cármico" e depois designa para si mesmo um embrião em desenvolvimento. Se a pessoa era virtuosa, seu corpo misterioso entra em um "útero agradável" e nasce em uma classe socioreligiosa melhor. Se a pessoa teve uma vida corrupta, seu corpo sutil entra em um "útero conspurcado e fétido" e nascerá em uma classe mais baixa ou, talvez, como um vegetal ou mineral.<sup>17</sup> Certa vez, conversei com um adepto da Nova Era que, devido a



seu estilo de vida nada virtuoso, estava preocupado com o fato de que poderia vir na próxima vida como um mero pedaço de freixo.

Entretanto, de acordo com os hindus, a salvação finalmente virá. Cada pessoa é um elo de vida, e a salvação envolve soltar esse elo de vida por meio da encarnação. O objetivo é quebrar o ciclo de carma e *samsara* e ficar livre do peso da vida. Essa salvação vem quando a pessoa consegue que sua alma individual (o *atmã*) seja idêntica à Alma Universal (o Brama ou Brâman). Por meio desse aparente ciclo sem-fim de mortes e renascimentos, a pessoa consegue finalmente que seu *atmã* seja como o Brama.



Os seguidores da reencarnação particularmente acreditam que sua visão é plausível, pois pensam que ela lida com o problema do mal efetivamente. Um advogado expôs isso desta maneira: "O maior incentivo para a reencarnação é a feliz solução para o problema moral da desigualdade, e da injustiça, e do mal que de outra maneira nos esmagaria no momento em que avaliássemos o mundo".<sup>18</sup> Aparentemente, a reencarnação apresenta uma resposta mais racional e satisfatória para o problema do mal do que a visão cristã, em que todos nós temos apenas uma vida, seguida pelo céu ou pelo inferno. Contam-nos que a lei do carma garante que, no fim — após o tempo necessário (que pode levar bilhões de anos) —, todas as injustiças serão retificadas e todos obterão o que está reservado a eles. Para os seguidores da reencarnação, "a lei do carma absolve por completo Deus da responsabilidade pelo sofrimento humano, e o homem assume total responsabilidade por sua vida".<sup>19</sup> Portanto, por exemplo, uma criança que sofre e depois morre de leucemia, aparentemente está sofrendo as conseqüências do mau carma que acumulou em uma vida anterior e, portanto, o sofrimento da criança é justo, merecido e contribuirá em um futuro distante (daqui muitas vidas) para o bem dessa criança.

Em conformidade com essa visão, Gary Zukav, popular escritor da Nova Era, que recebeu grande auxílio do programa de televisão de Oprah Winfrey, diz que não devemos ousar julgar quando a pessoa sofre crueldade, "pois não sabemos o que está sendo curado [por meio do carma] nesse sofrimento".<sup>20</sup> O que Zukav chama de "justiça sem juízo" livra-nos de ser juízes e júri em relação ao mal aparente; a lei do carma, no final, nos levará à justiça. Portanto, o que parece ser um sofrimento horrível, na verdade, é um benefício para a pessoa, pois traz cura de muitas maneiras para essa alma sofredora.<sup>21</sup>



De maneira típica, o hinduísmo e a Nova Era argumentam que a igreja cristã primitiva — e mesmo a Bíblia cristã — ensinam a reencarnação e a lei do carma.<sup>22</sup> (Oprah Winfrey dedicou um programa inteiro a essa afirmação.) Por exemplo, em João 3.3, Jesus disse: "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus" (a Nova Era interpreta que "nascer de novo" quer dizer "nascer em outro corpo"). Em Mateus 11.14, afirma-se que João Batista é "o Elias que havia de vir" (isto é, João deve ser a reencarnação de Elias). E Jeremias 1.5 parece ensinar que a alma pré-existe ao nascimento e, portanto, advoga a reencarnação. Os seguidores da reencarnação acreditam que a solução que encontraram para o problema do mal é bíblica.



A esperança de salvação do hinduísmo e da Nova Era, por meio da reencarnação, é problemática por inúmeros fatores e, em última instância,

é Insatisfatória como uma explicação para o problema do mal. A seguir, um breve sumário dos problemas mais críticos.



A pessoa pode perguntar: por que alguém é punido, via carma, por alguma coisa que não se lembra de ter feito em uma vida anterior? E como uma pessoa, ao ser punida por um pecado do qual não lembra, pode se tornar *melhor*? Para ser mais preciso, se uma criancinha desenvolve um câncer e morre, que cura possível pode advir para a alma dela? A criança não tem lembrança dos pecados cometidos na vida anterior e, mesmo que tivesse algum tipo de lembrança, ela não teria o discernimento para ter consciência do sofrimento antes de morrer. Onde está a justiça divina nisso?



Se o propósito do carma é libertar a humanidade dos desejos egoístas, por que, mesmo assim, não vemos uma notável melhoria na natureza humana depois de todos esses milênios de reencarnação? Além disso, conforme a concepção dos hindus, se a reencarnação e a lei do carma são tão benéficas no aspecto prático, de que forma então eles explicam a intensificação e eterna piora dos problemas sociais e econômicos — inclusive a propagação da pobreza, inanição, doença e horríveis sofrimentos — na Índia, onde a reencarnação tem sido sistematicamente ensinada ao longo da história?

Ainda mais, como William L. de Arteaga, estudioso, observou: "Talvez, a mais importante e freqüente objeção cristã ao conceito de carma seja que os teólogos cármicos tendem a tornar as pessoas passivas em

relação às injustiças e aos males sociais e pessoais".<sup>23</sup> Acredito que Arteaga está certo. Na verdade, acredito que a reencarnação serve como uma poderosa motivação para que as pessoas *não* sejam um "bom vizinho" nem forneçam auxílio umas às outras. Afinal de contas, a pessoa sofre exatamente por que ainda não pagou a penalidade cármica prescrita para os pecados cometidos em uma vida passada. Se alguém ajudar essa pessoa em meio a seu sofrimento, isso apenas garantirá que a pessoa nascerá em pior situação na próxima vida, a fim de pagar a penalidade cármica que deveria ter pago na vida presente. Antes, o "bom vizinho" também poderia acumular mais dívida de carma ruim por interferir com a lei do carma na vida do sofredor. Esse é um cenário que certamente acabará em desapontamento e derrota.



A visão de Gary Zukav, a saber, aquela em que afirma que não devemos ousar julgar quando a pessoa sofre crueldade, "pois não sabemos o que está sendo curado [por meio do carma] nesse sofrimento" é repulsiva, sob o aspecto moral. Quando os soldados do Ceilão atiraram em uma mãe em fase de amamentação, e depois atiraram nos dedos de seu bebê para praticar tiro ao alvo, será que Zukav poderia nos convencer que isso, de alguma maneira, traria "cura" para a alma dessa mulher ou de seu bebê? Ou quando, na União Soviética, os xiitas bêbados abriram o útero de uma armênia grávida e arrancaram os membros do feto (evento real, relatado no jornal), será que Zukav, realmente, espera que ponhamos nossa fé na "justiça sem juízo", em vez de nos sentir moralmente ultrajados? Onde está o divino e o sagrado nessas ocorrências?



A lei do carma garante que o que semeamos na vida presente, colheremos, invariavelmente, na próxima vida. Se plantarmos boas sementes na vida presente, teremos a melhor colheita (uma situação melhor) na próxima vida — isso é garantido! No entanto, se plantarmos sementes ruins na presente vida, teremos a pior colheita (uma situação pior) na próxima vida — isso é garantido! Nada podemos fazer para alterar a cadeia de eventos. Isso acontece infalível e inexoravelmente. Ninguém pode evitar o destino traçado pelas ações da vida presente. Isso também significa que Independentemente do sofrimento que se enfrenta na vida presente, o que realmente importa é o que se fez na vida passada. Tal filosofia fatalista pode levar ao desespero.



A reencarnação é inconsistente com a visão de mundo monista que o hinduísmo e a Nova Era aprovam. Afinal de contas, se tudo no universo é "um", então como podem haver almas individuais que passam pelo processo de reencarnação em que cada alma distinta entra em um diferente corpo? Os ensinamentos da unidade e de "almas individuais" não podem ser ambos verdadeiros ao mesmo tempo. É um ou outro. Falta coerência na visão de mundo do hinduísmo e da Nova Era.<sup>24</sup>



Não é possível deixar de observar que ser absorvido pelo Brama (a Alma Universal) e perder sua identidade pessoal tem pouca atração em comparação com a possibilidade da vida eterna ao lado do Deus vivo e

pessoal do universo (Ap 22.1-5). Em vez da absorção pela Alma Universal, as Escrituras afirmam que o cristão receberá um corpo ressurreto que nunca ficará doente nem velho, nunca sofrerá nem morrerá (1 Co 15.35-38). Não é uma perspectiva infinitamente melhor e mais atrativa?



O cristianismo, ao contrário da afirmação do hinduísmo e da Nova Era (e de Oprah Winfrey), *nunca* aderiu à crença da reencarnação. Nem mesmo os versículos bíblicos específicos, que eles alegam dar suporte à reencarnação, apoiam essa concepção.

O texto de João 3.3, não se refere à reencarnação. Nesse versículo, Jesus disse a Nicodemos: "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus". Ao mesmo tempo em que a Nova Era tenta argumentar que Jesus estava se referindo ao "renascimento cíclico" (reencarnação) nesse versículo, o contexto mostra claramente que Jesus se referia ao renascimento *espiritual* ou à regeneração. Na verdade, a frase "nascer de novo" traz a idéia de "nascer do alto" e, até mesmo, pode ser traduzida dessa maneira. Nicodemos não poderia entender a afirmação de Jesus de outra maneira. Além disso, Jesus deixou claro o que pretendia dizer ao afirmar que "o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito" (v. 6).

Tampouco Mateus 11.14, fala a respeito da reencarnação. Nesse versículo, Jesus afirma: "E, se quereis dar crédito, é este [João Batista] o Elias que havia de vir" (grifo do autor). Enquanto alguns afirmam que João Batista era a reencarnação de Elias, em Lucas 1.17, esclarece qualquer possível confusão que tenha havido na adequada interpretação desse versículo ao destacar que o ministério de João Batista é efetuado "no espírito e virtude de Elias". Em lugar algum a Bíblia diz que João Batista é a reencarnação de Elias. O hinduísmo e a Nova Era, convenientemente es-

quecem que João Batista, quando perguntado se era Elias, responde claramente que *não* (Jó 1.21). Além disso, Elias não se ajusta à reencarnação, pois ele não morreu. Ele arrebatado ao céu, como Enoque que não conheceu a morte (2 Rs 2.11; veja também Hb 11.5). De acordo com a reencarnação tradicional, a pessoa deve morrer antes de poder reencarnar em outro corpo.

Mais ainda, Jeremias 1.5 não ensina sobre a reencarnação. Nesse versículo, Deus diz para Jeremias: "Antes que eu te formasse no ventre, eu te conheci; e, antes que saíesses da madre, te santifiquei e às nações te dei por profeta". Esse versículo apenas fala de Deus chamando e separando Jeremias para o ministério muito antes de ele ter nascido. A expressão "eu te conheci", não se refere à pré-existência da alma, mas à pessoa antes de seu nascimento. Deus já conhecia Jeremias enquanto ele ainda estava no útero (Jr 1.5; compare com Sl 51.6; 139.13-16). A palavra hebraica para *conhecer* (*yada*) implica uma ligação especial de compromisso (veja Am 3.2). Isso é fundamentado por palavras como *santifiquei* (separado) e *ordenado* as quais revelam que Deus tinha uma indicação especial para Jeremias, mesmo antes de ele nascer. A palavra *conhecer*, nesse contexto, Indica que Deus age para tornar Jeremias o objeto especial de sua escolha soberana.



As Escrituras indicam que cada ser humano vive uma vez sobre a terra, como ser mortal, e depois enfrenta o julgamento (veja Hb 9.27). Ele não tem uma segunda chance por meio da reencarnação em outro corpo. As Escrituras indicam que, com a morte, os crentes no Senhor Jesus vão para o céu (2 Co 5.8), e os incrédulos vão para um lugar de punição (Lc 16.19-31). Além disso, Jesus ensinou que a pessoa decide seu destino eterno em uma única vida (Mt 25.46). É precisamente por isso que o

apóstolo Paulo enfatizava que "eis aqui agora o dia da salvação" (2 Co 6.2).

Além disso, os seguidores da reencarnação subestimam a seriedade do problema do pecado. Jesus ensinou que o ser humano tem um grave problema, o pecado, cuja solução está totalmente além de seus meios. Ele ensinou que os seres humanos são, por natureza, maus (Mt 12.34; Lc 11.13) e que o homem é capaz de grande perversidade (Mc 7.20-23; Lc 11.42-52). Além disso, Jesus disse que o homem está totalmente perdido (Lc 19.10), que é um pecador (Lc 15.10) e que precisa se arrepender diante do Deus santo (Mc 1.15; Lc 15.10).

Jesus freqüentemente falava sobre o pecado do homem por meio de metáforas que ilustram a devastação que o mesmo pode causar à vida de uma pessoa. Ele descreveu o pecado humano como uma cegueira (Mt 15.14; 23.16-26), uma doença (Mt 9.12), uma escravidão (Jó 8.34) e uma vida na escuridão (Jó 3.19-21; 8.12; 12.35-46). Além disso, Jesus ensinou que essa é uma condição universal e que as pessoas são culpadas diante de Deus (Lc 7.37-48). Jesus também ensinou que não apenas os atos externos tornam uma pessoa culpada de pecado, mas também os pensamentos íntimos (Mt 5.28). Ele ensinou que, no âmago, do coração humano, emanam os pensamentos maus, a imoralidade sexual, os roubos, os assassinatos, o adultério, a cobiça, a malícia, as fraudes, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Jesus disse: "Todos estes males procedem de dentro e contaminam o homem" (Mc 7.21-23). Além disso, Jesus afirmou que Deus está plenamente ciente do pecado de cada pessoa — atos externos e pensamentos íntimos; sua atenção não deixa escapar nada (Mt 10.26; 22.18; Lc 6.8; Jó 4.17-19).

A crença dos seguidores da reencarnação — a saber, de que o homem pode resolver seu problema do pecado com uma pequena ajuda do carma (ao longo de muitas vidas) — é, em si mesma, uma manifestação da cegueira, que faz parte e representa uma parcela do pecado humano. Nosso problema é tão grave que precisamos de ajuda externa — a ajuda de um Salvador divino. Não precisamos de uma mera retificação cármica;



precisamos de um mecanismo novinho em folha (a nova vida por meio de Jesus — Jó 3.1-5).

Por fim, embora os seguidores da reencarnação tenham afirmado que sua visão prove uma explicação plausível para o problema do mal, demonstrei que a reencarnação, como um sistema de crença, é totalmente implausível. A explicação cristã para o mal faz muito mais sentido. O plano de Deus para a humanidade, quando Ele concedeu aos seres humanos a livre escolha, tinha um potencial para o mal. No entanto, a atual origem do mal decorre do fato de o homem pôr seu desejo distante Deus para seguir seus desejos egoístas.<sup>25</sup> "Considerando que Deus criou o *fato* da liberdade, os seres humanos executam os *atos* de liberdade. Deus tornou o mal *possível*; as criaturas o tornam *real*."<sup>26</sup> Desde que Adão e Eva, no jardim do Éden, tornaram o mal real naquela primeira ocasião, a natureza pecaminosa passou para todos os seres humanos (Rm 5.12; 1 Co 15.22); e é devido a essa natureza pecaminosa que hoje continuamos a usar nosso livre arbítrio para tornar o mal real (Mc 7.20-23).



A alternativa cristã para a reencarnação, de modo claro e simples, é a ressurreição. O dia futuro de nossa ressurreição é um dia pelo qual podemos aguardar ansiosamente! Meditar habitualmente a respeito da verdade de nossa futura ressurreição é só o que precisamos quando somos confrontados por doenças severas ou pela perspectiva da morte.

As Escrituras indicam que em nossa mortalidade — isto é, em nossos corpos humanos terrestres — simplesmente não podemos viver na presença desvelada de Deus, que está no céu. O Senhor vive em luz inacessível (1 Tm 6.16), e nosso corpo atual não pode existir em sua presença. O apóstolo Paulo nos afirma: "E, agora, digo isto, irmãos: que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção" (1 Co 15.50).

No entanto, tudo isso mudará um dia. Quando recebermos nosso glorioso corpo ressurreto, estaremos prontos para habitar na presença desvelada de Deus. Exatamente como a lagarta precisa de se transformar em uma linda borboleta a fim de herdar o ar, também nós temos de mudar para herdar o céu. Paulo afirma que

num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória (1 Co 15.52-54).

Uma vez que estejamos mudados, estaremos aptos a confraternizar, face a face, com Deus. Que dia glorioso será esse!

Penso que você concordará comigo, quando afirmo que a semente da doença e da morte está sempre sobre nosso corpo atual. Repelir infecções perigosas é uma batalha constante. Ficamos, com frequência, doentes. E, por fim, todos nós morremos — é só uma questão de tempo. Nosso novo corpo ressurreto, entretanto, se levantará imortal (1 Co 15.42,43). Todas as desvantagens da doença e da morte se irão para sempre. Nunca mais nos preocuparemos a respeito das infecções ou da morte.

Nosso corpo atual é caracterizado pela fragilidade. Desde o momento em que nascemos, "o nosso homem exterior" está se corrompendo (2 Co 4.16). A vitalidade descrese, a doença vem, e depois a idade avançada, com suas rugas e decrepitude, chega. Por fim, já velhos, nos tornamos totalmente incapacitados, incapazes de andar em qualquer direção e de fazer a mais simples tarefa.

Em contraste, nosso corpo ressurreto terá grande poder. Nunca mais nos sentiremos cansados, fracos ou incapacitados. As palavras são inadequadas para descrever a incrível diferença entre nosso corpo atual e nosso futuro corpo ressurreto. No entanto, o apóstolo Paulo, pelo menos, nos dá uma dica dessa diferença ao comparar nosso atual corpo terreno e nosso futuro corpo ressurreto com "uma casa não feita por mãos" (2 Co 5.1-9).

Encerro com uma exortação. Comprometa-se a memorizar 1 Co 15.50-54 — todos os cinco versículos. Precisamos ter as preciosas verdades dessa passagem sempre diante de nossa mente. Em tempos de crise, essas palavras serão uma poderosa fonte de força — isso sim é garantido!

## Capítulo 15

### O Paraíso Restaurado

A Bíblia inicia-se com o paraíso perdido em que, pela primeira vez, o tempo de dor, sofrimento e morte se fez presente para a raça humana. A Bíblia termina com o paraíso recuperado, em que o tempo de dor, sofrimento e morte ficarão no passado.

Assim que estivermos no céu, os sofrimentos que experimentamos durante nossa vida não passarão de um incômodo momentâneo. Como o teólogo John Wenham comentou: "Não apenas é certo que esta vida terminará, como também é certo que, da perspectiva da eternidade, ela passará como um relâmpago. As labutas que parecem sem-fim serão vistas como bastante transitórias e bastante vantajosas".<sup>1</sup> É com isso em mente que Philip Yancey, escritor cristão, comentou: "No esquema cristão, este mundo e o tempo gasto aqui não são tudo. A terra é um campo de provas em que ganhamos pontos para a eternidade".<sup>2</sup>

Neste capítulo, limitaremos nossa atenção à perspectiva eterna. De maneira resumida, já toquei nesse assunto anteriormente neste livro, mas é apropriado que me alongue sobre esse assunto neste capítulo final. Minhas razões são simples: acredito que essa perspectiva nos dê a força necessária para resistir aos golpes que, com frequência, a vida nos lança durante esse tempo em que "ganhamos pontos na eternidade".

Os escritos do apóstolo Paulo são de grande ajuda para nós, pois se houve alguém que tenha vivido com a perspectiva da eternidade, essa pessoa foi ele. Observe suas palavras:

Por isso, não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente, não atentando nós nas *coisas*

que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas (2 Co 4.16-18).

Esse "ganhar pontos para a eternidade" passa rapidamente. No entanto, nosso destino no céu é eterno. Viveremos lá, um ambiente livre de dor e morte, para sempre. *Isso* é algo que nos faz querer olhar para diante.

Paulo acreditava que nossa compreensão do que nos espera no futuro dá-nos coragem para o presente. Sem dúvida, essa é uma das razões que ele encontrou para comparar nosso frágil corpo mortal terreno com o sólido corpo ressurreto que teremos no céu:

Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre *deste* Tabernáculo se desfizer, temos de Deus *um* edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E, por isso, também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu; se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus. Porque também nós, os que estamos *neste* Tabernáculo, gememos carregados, não porque queremos ser despídos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, quem para isso mesmo nos preparou *foi* Deus, o qual nos deu também o penhor do Espírito (2 Co 5.1-5).

Encaremos isso. Nosso corpo atual está cansado. Ele foi infectado pela doença fatal do pecado. Um dia, ele simplesmente deixará de funcionar. Em contraste, nosso corpo ressurreto celeste jamais se cansará, nunca ficará doente nem morrerá. O pastor Paul Powell nos conta que "não haverá cegos no céu. Nem haverá braços e pernas deformados lá. Nem dor ou agonia. As lágrimas secarão. A morte não mais existirá. A separação terá fim. Essa será a última cura. Nesse momento, e apenas nesse momento estaremos, por fim, livres".<sup>3</sup> Ter essa verdade em mente, realmente pode inflar nosso veleiro quando estivermos abatidos no mar de sofrimentos.

Observe que Paulo, em 2 Coríntios 5.5, diz que Deus nos deu o Espírito Santo como uma garantia do que ainda está por vir. A palavra *garantia era* usada entre os gregos para se referir à caução que garantia a posse final de um bem material. Algumas vezes, esse termo era usado em relação ao anel de compromisso. O Espírito Santo é um "depósito", no sentido de que sua presença em nossa vida serve como garantia de nossa

transformação final e total e da glorificação, em semelhança ao corpo glorificado e ressurreto de Cristo (veja Fp 3.21). O Espírito Santo em nós é a garantia do que está por vir.

Quando você contempla as maravilhosas palavras de Paulo em 2 Coríntios, recomendo que imediatamente você volte sua atenção para Apocalipse 21, como uma poderosa referência à cruz. Pondere essas palavras do apóstolo João:

E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. E eu, João, vi a Santa Cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido. E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o Tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e *será* o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque *já* as primeiras coisas são passadas. E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve, porque estas palavras são verdadeiras e fiéis. E disse-me mais: Está cumprido; Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida. Quem vencer herdará todas as coisas, e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicadores, e aos feiticeiros, e aos idolatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre, o que é a segunda morte. E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do Cordeiro. E levou-me em espírito a um grande e alto monte e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu (Ap 21.1-10).



Um dos maiores evangelistas que já honrou este planeta foi Dwight Moody. Ele tinha uma perspectiva da eternidade e não temia o que se apresentaria do outro lado da porta da morte. Ele estava entusiasmado com seu destino celestial. Olhava em direção à vida na cidade eterna, na perfeita presença de Deus.

O dia em que Moody entrou no esplendor do céu é um dia para ser lembrado. Eis aqui a maneira como isso aconteceu:

Em um quente domingo de agosto de 1899, o grande evangelista exclamou para uma grande multidão: "Algum dia, você lera no jornal que Dwight Moody está morto. Não acredite em uma palavra dessa notícia! Nesse momento, estarei mais vivo do que estou agora [...] Nasci na carne em 1837; nasci no Espírito em 1855. Aquele que nasceu na carne pode morrer. Aquele que nasceu no Espírito viverá para sempre". Quatro meses mais tarde, Dwight Moody, exausto devido aos anos de pregação e trabalho árduo, morreu. Bem cedo, na manhã de 22 de dezembro, o filho de Moody, Will, assustou-se ao ouvir a voz do pai vinda da cama, através do quarto: "A terra desaparece, o céu se abre diante de mim!" Will correu para o lado de seu pai. "Isso não é sonho, Will. É bonito [...] Se isso é a morte, ela é doce. Deus está me chamando, e devo ir. Não me chame de volta!" Moody, poucas horas mais tarde, recobrou a consciência e viu a esposa e a família reunidas a sua volta. Ele disse para sua esposa: "Fui até o portão do céu. Ora sim! Isso é tão maravilhoso, e vi as crianças [Irene e Dwight que morreram na infância]". Poucas horas depois, o homem que levantou duas nações para Cristo tomou o último alento e, depois, entrou nos portões do céu".<sup>4</sup>

A entrada de Moody no esplendor do céu é uma ilustração perfeita do fato de que Cristo abrandou a morte para os cristãos (1 Co 15.55). A

antecipação da entrada no céu é também doce para aqueles que trazem nosso querido Cristo em seu coração. Portanto, querido santo, não tema a morte, o seu Salvador o tem nas mãos, tanto na vida quanto na morte.



O universo estelar não é indescritivelmente assombroso? Se você olhar para o céu à noite, poderá ver cerca de três mil estrelas — uma visão gloriosa. O espantoso é constatar que Cristo — aquele que construiu este universo luminoso (Cl 1.16; Jó 1.3; Hb 1.2) — é o mesmo que está construindo a cidade celestial em que habitaremos por toda eternidade (Jó 14.1-3).

Temos de fortalecer nossa mente para levar em consideração que o glorioso universo estelar é sombrio em comparação com a magnificência da morada divina. Na verdade, Eric Sauer, teólogo, afirmou:

A luminosidade em que Ele habita é maior do que a de todas as coisas visíveis; ela é algo distinto de todo esplendor do sol e das estrelas. Não é para ser observado por olhos terrenos; pois é "inacessível" (1 Tm 6.16), incomparável a todas as coisas deste lado (2 Co 12.4). Apenas os anjos no céu podem olhar para ele (Mt 18.10); apenas os espíritos dos glorificados em luz eterna podem olhar para ele (Mt 5.8; 1 Jó 3.2; Ap 22.4); apenas os puros e santos, assim como Ele próprio é puro (1 Jó 3.2,3).<sup>5</sup>

A cidade eterna é uma moradia de glória resplandecente. Deus habita lá. E, embora não possamos existir em nosso corpo mortal, nessa moradia divina, na presença de Deus; embora não possamos ver a luminosidade inacessível com olhos terrenos — nosso futuro corpo ressurreto, de forma especial, será ajustado para viver na presença de Deus. E, até o dia da ressurreição, se viermos a morrer antes do



arrebatamento, nosso espírito desencarnado irá direto para a presença de Deus e deleitar-se-á em sua companhia, enquanto esperamos o glorioso dia de nossa ressurreição.

### NOSSO DESTINO ETERNAMENTE FELIZ

Quanto melhor for sua compreensão de como é o céu, mais você olhará em direção a ele. E quanto mais você olhar em direção a ele, mais sua perspectiva eterna se fortalecerá, mesmo quando a vida lhe der duros golpes. Consideremos brevemente como a Bíblia descreve o céu.

### ESPLENDOR

Em Apocalipse 21 encontramos a descrição da cidade eterna de Deus. É uma cidade de grande esplendor à qual Jesus se refere durante seu ministério terreno, quando disse aos discípulos: "Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar. E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também" (Jó 14.2,3). Essa gloriosa moradia foi preparada pessoalmente por Cristo e seus seguidores.

O capítulo 21 de Apocalipse apresenta-nos uma cena de tal resplendor transcendente que é praticamente impossível para a mente humana assimilá-la. Essa é uma cena de alegria arrebatadora e de confraternização com anjos puros e seres humanos glorificados e redimidos. A voz de Alfa e Ômega, do Início e do Fim, faz uma declaração referente à mudança de ambientação: "Eis que faço novas todas as coisas" (Ap 21.5).

Millard Erickson, teólogo, comenta sobre o glorioso esplendor dessa cidade: "As imagens sugerem um tamanho imenso ou luzes brilhantes para descrever o céu como um lugar de inimaginável esplendor, magnificência, excelência e beleza... É provável que a visão de João

empregue essas referências como metáforas, referências às coisas que consideramos como as mais valiosas e bonitas, o verdadeiro esplendor do céu excede, de longe, qualquer coisa que já tenhamos experimentado".<sup>6</sup> Na verdade, como o apóstolo Paulo diz: "*As coisas* que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem *são* as que Deus preparou para os que o amam" (1 Co 2.9).

A passagem de Apocalipse 21.23 assegura-nos que "a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro *é* a sua lâmpada". Isso se ajusta à profecia de Isaías 60.19: "Nunca mais te servirá o sol para luz do dia, nem com o *seu* resplendor a lua te alumiará; mas o Senhor será a tua luz perpétua, e o teu Deus, a tua glória".

O comentário do Dr. Lehman Strauss sobre o esplendor do Cordeiro é merecedora de nossa meditação:

Naquela cidade que Cristo preparou para os seus, a luz não será criada, pois Cristo, que é a luz não-criada (Jó 8.12), estará lá... As luzes criadas por Deus e pelos homens são muito obscuras quando comparadas ao nosso Santo Senhor. A luz que Ele espalha ao longo da eternidade é o esplendor, límpido e sem sombras, da glória de sua Santa presença. Em consequência da plenitude de luz, não haverá noite.<sup>7</sup>



O Rol Bíblico da Fama é Hebreus 11. Nesse capítulo essencial, lemos sobre a perspectiva eterna de muitos dos maiores fiéis guerreiros da época bíblica:

Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas, mas, vendo-as de longe, e crendo *nelas*, e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra. Porque os que isso dizem claramente mostram que buscam uma pátria. E

se, na verdade, se lembrassem daquela de onde haviam saído, teriam oportunidade de tornar (Hb 11.13-15).

Essa passagem nos diz que os grandes guerreiros da fé, na época bíblica, não se satisfaziam com as coisas terrenas. Eles procuravam por "uma pátria melhor". E que gloriosa "pátria" é essa. John Gill, comentarista bíblico do século XVIII considera que o país celeste

é cheio de luz e glória; tem uma deliciosa brisa de amor divino e reconfortantes ventanias do Espírito abençoado; ali não tem a fúria da perseguição, nem indiferença, nem ausência de afeição; ali está cheio do mais deliciosos frutos, sem fome, sem sede; e ali há riquezas sólidas, satisfatórias, duráveis, seguras e confiáveis: muitos são os privilégios e as liberdades que gozamos aqui; ali está a libertação de um corpo sujeito a doenças e à morte, de um corpo de pecado e morte, das tentações de Satanás, de todas as dúvidas, medos e desconfianças e de todas as mágoas e aflições.<sup>8</sup>



Em Apocalipse 21.1,2, o céu é descrito como "a cidade santa". Essa é uma descrição adequada. Na verdade, nessa cidade não haverá pecado ou injustiça de nenhuma espécie. Apenas os puros de coração lá habitarão.

Isso não significa que você e eu devemos, pessoalmente, alcançar a perfeição moral a fim de habitar lá. Aqueles que crêem em Cristo foi dada a real justiça de Cristo. Devido ao que Cristo consumou para nós, por meio da cruz (pondo nossos pecados sobre si mesmo), fomos feitos santos (Hb 10.14). Ele é a razão por que teremos o privilégio de viver por toda a eternidade na cidade santa.

## MORADIA DA JUSTIÇA

A passagem de 2 Pedro 3.13 revela-nos que "segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça". Que ambiente perfeito para se viver. Em nossa vida terrena, temos de trancar nossa casa e tememos a possibilidade de ser arrombada por um intruso. A injustiça está em todo lugar. Contudo, o céu será a moradia da justiça. E, por conseguinte, esse será o ambiente perfeito para viver e está reservado àqueles que foram feitos justos por Cristo.

## O REINO DA LUZ

O texto de Colossenses 1.12 refere-se ao céu como o reino da luz. Cristo é a luz do mundo (Jó 8.12). O reino eterno, portanto, tem o caráter do Rei. Cristo, a "Luz do mundo", governa o reino da luz. Além disso, a própria luz divina de Cristo clareia a cidade santa da luz (Ap 21.23). Quão glorioso isso será!

## PARAÍSO DE DEUS

Literalmente, a palavra *paraíso* significa "jardim de prazeres" ou "jardim de delícias". O texto de Apocalipse 2.7 faz referência ao céu como o "paraíso de Deus". Em 2 Colossenses 12.4, o apóstolo Paulo menciona que ele "foi arrebatado ao paraíso" e "ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar".

Parece que esse paraíso de Deus é tão gloriosamente resplandecente, tão inefável, tão magnífico, que Paulo foi proibido de dizer qualquer coisa sobre o que vira para aqueles que ainda estão no reino terreno. No entanto, instilou-se no espírito de Paulo uma perspectiva eterna que o tornava capaz de enfrentar as provações que estavam à frente em seu caminho.



Talvez, na Bíblia, a descrição apresentada em Apocalipse 21 seja uma das mais elaboradas da cidade celestial, na qual lemos sobre a Nova Jerusalém. A cidade mede, aproximadamente, 2.200km x 2.200km x 2.200, o seu comprimento é igual a sua largura. A cidade eterna é tão grande que chegará a medir, mais ou menos, a distância entre o rio Mississipi e o oceano Atlântico.

Quando lemos a descrição que João faz da Nova Jerusalém, encontramos toda uma série de contrastes com a terra. Bruce Shelley apresenta um resumo disso:

Em contraste com a obscuridade da maioria das cidades da antigüidade, João diz que o céu está sempre iluminado. Em contraste com as excessivas doenças que havia no mundo antigo, ele diz que o céu tem árvores cujas folhas curam todo tipo de doenças. Em contraste com os áridos desertos do Oriente Próximo, ele descreve o céu com um rio sem-fim de águas claras e cristalinas. Em contraste com a escassa vida em um clima árido, João cita doze espécies de frutas que crescem nas árvores do céu. Em uma palavra, o céu é um destino maravilhoso, livre das deficiências e desconfortos desta vida.<sup>9</sup>

A passagem de Apocalipse 21.12 narra-nos que a Nova Jerusalém tem "um grande e alto muro com doze portas, e, nas portas, doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os *nomes* das doze tribos de Israel". Além disso, menciona que "o muro da cidade tinha doze fundamentos e, neles, os *nomes* dos doze apóstolos do Cordeiro" (v. 14).

Talvez os anjos que estejam em cada um dos doze portões não apenas como guardiões, mas também devido a seu papel de espíritos ministradores da herança da salvação (Hb 1.14). Talvez os nomes das doze tribos de Israel estejam escritos nos portões para nos lembrar que "a

salvação vem dos judeus" (Jó 4.22). Ou, talvez, os nomes dos apóstolos apareçam na fundação para nos lembrar que a igreja foi edificada sobre esses homens de Deus (Ef 2.20).

Desde o século I, a frase "rio da água da vida" tem intrigado os intérpretes da Bíblia. Em Apocalipse 22.1,2 lemos: "E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça e de uma e da outra banda do rio". Talvez uma das melhores explicações seja que o puro rio da água da vida, embora possa se tratar de um rio real e material, no entanto, é um simbolismo sobre a abundância de vida espiritual que caracteriza aqueles que vivem na cidade eterna.<sup>10</sup> A correnteza parece simbolizar o fluxo contínuo de bênçãos espirituais para todos os redimidos de todos os tempos que agora se deliciam no pleno calor da vida eterna. Que bem-aventurança espiritual usufruiremos nesse estado eterno.



Ao mesmo tempo em que exploramos o que a Bíblia diz a respeito das bênçãos do céu para os crentes, mantenhamos sempre diante de nós o que essa informação significa. O céu não é apenas uma doutrina, mas quando fizermos dele nosso objetivo, isso nos ajudará a viver como cristãos no presente e colocar o problema do mal, durante nossa curta permanência na terra, no seu devido lugar.



O Antigo Testamento promete que o Senhor Todo-poderoso acabará para sempre com a morte (Is 25.8). Paulo estabelece essa mesma realidade em relação à futura ressurreição: "E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória" (2 Co 15.54). Em Apocalipse 21.4, Deus nos garante

que "limpará de [nossos] olhos toda a lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque *já* as primeiras coisas são passadas" (grifo do autor).

Que impressionante bênção é essa: não haverá mais morte — acidentes fatais, doenças incuráveis, serviços funerários nem despedidas finais. A morte não mais existirá, não mais fará parte de nossa realidade, e nunca mais afligirá aqueles que habitam no céu. A vida na cidade eterna será indolor, sem lágrimas e sem morte.



Pode alguma coisa ser mais sublime e trazer mais completa satisfação para o cristão do que desfrutar o absoluto deleite de uma contínua confraternização com Deus, tendo acesso liberado imediato e completo ao esplendor divino (Jó 14.3, 2 Co 5.6-8; Fp 1.23,1 Ts 4.17)? Poderemos vê-lo "face a face" em todo seu esplendor e glória. Olharemos fixo para o semblante dEle e contemplaremos sua resplandecente beleza para sempre.

Com certeza nossa maior alegria, e a mais divertida sensação será olhar a face do divino Criador e nos confraternizarmos com Ele para sempre. "Aquele que tem, ele só, a imortalidade e habita na luz inacessível" (1 Tm 6.16) deverá habitar, com intimidade, entre os seus, e "eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles" (Ap 21.3).

Nossa união com o Senhor, após a morte, não será intermitente ou frustrada pelo pecado e pelo malogro. Em vez disso, nós nos deleitaremos em constante confraternização. A morte espiritual não deve nunca mais fazer com que os seres humanos percam a confraternização com Deus, pois os crentes não mais terão problema com o pecado. Quando entrarmos

no esplendor do céu não mais teremos conosco essa natureza pecadora. O pecado será banido de nosso ser.

A confraternização com Deus é a essência da vida celestial, a fonte e a origem de todas as bênçãos: "Far-me-ás ver a vereda da vida; na tua presença *há* abundância de alegrias; à tua mão direita *há* delícias perpetuamente" (Sl 16.11). Podemos ficar confiantes de que a coroação prodigiosa de nossa experiência na cidade eterna será uma perpétua descoberta da indizível beleza, majestade, amorosidade, santidade, poder, alegria e graça do próprio Deus.<sup>11</sup>

O texto de Apocalipse 21.3 assegura-nos: "Eis aqui o Tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e *será* o seu Deus". Deus, em sua infinita santidade, habitará entre os seres humanos redimidos, pois a maldição de Adão será removida. Satanás e os anjos caídos serão julgados, o pernicioso será punido e separado de Deus, e o universo não terá pecado (exceto no "Lago de Fogo") (Ap 20.15; 21.8; 22.15).



Um dos aspectos mais gloriosos de nossa vida celeste será nossa reunião com os entes queridos cristãos. Os cristãos tessalonicenses ficavam muito preocupados com seus entes queridos que morreram. Eles expressam sua preocupação ao apóstolo Paulo em 1 Tessalonicenses 4.13-17. Paulo faz uma explanação sobre os "mortos em Cristo" e os assegura haverá uma reunião com estes. E, é verdade, os crentes reconhecerão seus entes queridos em sua condição eterna.

Como reconheceremos os entes queridos? Além do claro ensinamento de 1 Tessalonicenses 4 e também Samuel 12.23, nos diz que Davi sabia que poderia encontrar-se com seu filho. Ele não tinha dúvidas de que o reconheceria. Quando Moisés e Elias (que há muito deixara a vida terrena) apareceram para Jesus, no monte da Transfiguração (Mt 17.1-



8), todos os presentes os reconheceram. Além disso, na história que Jesus contou sobre o homem rico e Lázaro, cada um deles reconheceu o outro em seu estado intermediário.

Não apenas isso, mas 1 Coríntios 13.12 afirma que "agora, vemos por espelho em enigma; mas, então, veremos face a face; agora, conheço em parte, mas, então, conhecerei como também sou conhecido". O espelho, na antigüidade, era feito de metal polido e eram bem inferiores aos que temos hoje. As imagens eram escuras e indistintas. De modo similar, nosso conhecimento atual é um débil reflexo do conhecimento pleno que teremos na vida por vir. Dessa forma reconheceremos nossos entes queridos cristãos em sua condição eterna.

## SATISFAÇÃO DE TODAS AS NECESSIDADES

Às vezes, em nossa vida presente aqui na terra ficamos famintos e sedentos. Nossas necessidades nem sempre são satisfeitas. No entanto, em nossa condição eterna, Deus, de maneira abundante, satisfará cada uma de nossas necessidades.

Conforme lemos em Apocalipse 7.16,17: "Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles, porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda lágrima".

## DOCE E PLÁCIDO DESCANSO

As Escrituras indicam que o aspecto-chave da vida celeste é o descanso (Ap 14.13). Não mais teremos prazos finais de trabalhos, nem hora extra a fim de acabar com as reuniões. Ninguém mais trabalhará arduamente. Apenas descanso — doce e plácido descanso. E nosso

descanso, em especial será doce, pois no final das contas, esse será o verdadeiro descanso na presença de Deus, aquele quem satisfaz todas nossas necessidades.



Por mais difícil que isto seja de compreender, as Escrituras indicam que os crentes em sua condição eterna compartilharão a glória de Cristo. Em Romanos 8.17 afirma-se: "E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com *ele* padecemos, para que também com *ele* sejamos glorificados".

Isso não significa que nos tornaremos deidades. Mas que você e eu, como cristãos, estaremos em nosso estado glorificado, compartilhando a completa glória de Cristo, graças ao que Ele consumou para nós. Teremos nosso glorioso corpo ressurreto e vestiremos as vestes resplandecentes da imortalidade, da integridade e do esplendor.



Quando pensamos de novo na cena do jardim do Éden, onde Adão e Eva pecaram contra Deus (o início do mal entre os seres humanos), lembramos que Deus amaldiçoou a terra (Gn 3.17,18). Antes que o reino eterno pudesse surgir, Deus precisou lidar com esta terra amaldiçoada. Na verdade, a terra — juntamente com o primeiro e o segundo céus (a atmosfera terrestre e o universo estelar) — deveria ser renovada. O antigo deve dar lugar ao novo.

As Escrituras mencionam a passagem do antigo céu e da antiga terra. Em Salmos 102.25,26, por exemplo, diz o seguinte a respeito da terra e do universo estelar: "Eles perecerão, mas tu [Ó Deus]

permanecerás; todos eles, como *uma* veste, envelhecerão; como roupa os mudarás, e ficarão mudados" (grifo do autor). Em Isaías 51.6, lemos: "Levantai os olhos para os céus e olhai para a terra de baixo, porque os céus desaparecerão como a fumaça, e a terra se envelhecerá como *uma* veste, [...] mas a minha salvação durará para sempre, e a minha justiça não será quebrantada". Isso nos traz à lembrança as palavras de Jesus, em Mateus 24.35: "O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar".

Talvez, o trecho mais extenso da Bíblia que trata da passagem do antigo céu e da antiga terra seja 2 Pedro 3.7-13:

Mas os céus e a terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro e se guardam para o fogo, até o Dia do Juízo e da perdição dos homens ímpios. Mas, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor *é* como mil anos, e mil anos, como um dia. O Senhor não retarda a *sua* promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas *é* longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. Mas o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite, no qual os céus passarão com *grande* estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão. Havendo, pois, de perecer todas estas *coisas*, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade, aguardando e apressando-*vos* para a vinda do Dia de Deus, em que os céus, em fogo, se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça.



Em Isaías 65.17, Deus falou de maneira profética: "Porque eis que eu crio céus novos e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passa-

das, nem mais se recordarão". No livro de Apocalipse, lemos: "E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. [...] E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas" (21.1-5). Você e eu estamos destinados a um novo céu e uma nova terra!

Os estudiosos bíblicos dizem que a palavra grega usada para designar a novidade cósmica não é *neos*, mas *kainos*. *Neos* significa novo no tempo ou novo na origem. No entanto, *kainos* significa novo em essência ou novo em qualidade. A frase "novos céus e nova terra" se refere não a um cosmos totalmente distinto, mas ao cosmos atual. Além disso, o novo cosmos permanecerá em continuidade ao presente cosmos, mas será reformado e renovado por completo.<sup>12</sup> Em Mateus 19.28 fala sobre a "renovação de todas as coisas". Em Atos 3.21 cita a "restauração de tudo". Nosso planeta será alterado, mudado e renovado, substituindo o antigo para sempre.

A nova terra se adaptará às várias mudanças morais e físicas que são necessárias à condição eterna. Tudo é novo na condição eterna. Tudo está em concordância com a natureza gloriosa de Deus. O novo céu e a nova terra serão guiados em sagrada conformidade com tudo que Deus é — em um estado de alegria constante e absoluta perfeição.

A nova terra, com certeza, passará por mudanças geológicas, pois não haverá mais mar (Ap 21.1). Atualmente, cerca de três quartos da superfície terrestre são cobertas com água e, portanto, são inabitáveis. Na nova terra, com o desaparecimento dos oceanos, haverá um incrível aumento da área terrestre. A humanidade glorificada habitará a terra recriada e glorificada, a qual será adaptada às condições eternas.

É inacreditável, mas na próxima vida, o céu e a terra não serão mais reinos separados. Os crentes estarão no céu ao mesmo tempo em que estarão na nova terra.<sup>13</sup> A nova terra será totalmente pura, banhada e inundada na luz e esplendor de Deus, e não será obscurecida por nenhum tipo de mal nem manchada por nenhum malfeitor. O "céu", portanto, será rodeado pelo novo céu e pela nova terra. E a Nova Jerusalém — a cidade santa que mede 2.200km x 2.200km x 2.200 — aparentemente descenderá e des-

cansará sobre a nova terra renovada (veja Ap 21.2). Essa cidade, como já foi citado, será o local da moradia eterna dos santos de todos os tempos. Como o novo céu e a nova terra serão gloriosos! Encontramos, mesmo em nossa terra atual, deslumbrantes áreas intocadas e um ocasional e glorioso amanhecer. Quando o tempo está praticamente perfeito e desfrutamos o mundo natural a nossa volta, chegamos até a nos perguntar: como alguém pode aperfeiçoar um dia assim?

E até o mais excelente dia terrestre parecerá nada, diante "*as coisas* que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem *são* as que Deus preparou para os que o amam" (Co 2.9).



A incrível glória da vida após a morte deve motivar cada um de nós a viver de maneira fiel durante nosso curto espaço de tempo na terra. Em especial, quando ocorrem momentos difíceis devemos lembrar que somos peregrinos a caminho de outra região — o país escondido, a fronteira final do céu em que o próprio Deus habita.

J. I. Packer, certa vez, disse que "a ausência de pensamentos convincentes e de longo alcance sobre nossa prometida esperança de glória é a maior causa de nosso estilo de vida penoso e sem brilho".<sup>14</sup> Packer aponta os puritanos como um exemplo a ser seguido por nós, pois eles acreditam que "o cristão celestial é o cristão cheio de vida". Assim, Packer afirma que "corremos tão devagar e trabalhamos tão preguiçosamente que prestamos pouca atenção ao prêmio... Portanto incentive os cristãos, todos os dias, para que corram a carreira da vida posta diante deles, para praticar a meditação espiritual".<sup>15</sup>

Comecei a apreciar os puritanos quando procurei imitar o exemplo deles! Os puritanos "se vêem como peregrinos de Deus, viajando para casa através de um país acidentado; como guerreiros de Deus, combatendo o mundo, a carne e o mal; como servos de Deus, debaixo de ordens para

adorar, confraternizar e fazer todo o bem que puderem conforme prosseguem em seu caminho".<sup>16</sup> Todos devemos ter essa atitude.

Fiquei particularmente impressionado com os escritos do puritano Richard Baxter. Na verdade, ele tinha alguns hábitos excelentes a ser imitados. Seu primeiro hábito era "avaliar tudo — valores, prioridades, posses, relacionamentos, afirmações, tarefas — da forma como essas coisas se apresentam quando a pessoa está para morrer".<sup>17</sup> Afinal de contas, nossa vida na terra é curta; nossa vida no céu é eterna. Se trabalharmos apenas para as coisas desta terra, que benefício eterno tudo isso terá?

O segundo hábito de Baxter era "habitar na glória da vida celeste para a qual a pessoa caminha" e praticar "a segurança do céu diante de seus pensamentos e desejos".<sup>18</sup> A esperança do céu lhe trazia alegria, e a alegria lhe dava força. Baxter, certa vez, afirmou: "Uma mente celestial é uma mente jubilosa; essa é a maneira mais próxima e verdadeira de viver uma vida de conforto... O coração no céu é a melhor proteção contra as tentações, é uma maneira poderosa de acabar com suas corrupções".<sup>19</sup>

Gary R. Habermas e J. P. Moreland, apologistas cristãos, inventaram um termo do qual gosto muito: a perspectiva "de cima para baixo". É precisamente disso que precisamos durante nossa peregrinação terrena em nossa passagem em direção ao destino celestial:

O Deus do universo nos convida a ver a vida e a morte a partir de seu superior ponto de vista eterno. E se assim fizermos, veremos como a realidade pode revolucionar nossa vida: as ansiedades diárias, as dores emocionais, tragédias, nossas respostas e responsabilidades em relação aos outros, posses, saúde e mesmo as dores físicas e a morte. Tudo isso, e muito mais, pode ser informado e influenciado pelas verdades do céu. O testemunho reiterado do Novo Testamento é no sentido de que os crentes deveriam ver todos os problemas, na verdade, toda a existência, a partir do que chamamos de a perspectiva "de cima para baixo":

Primeiro, Deus e seu reino, a seguir, os vários aspectos de nossa existência terrena".<sup>20</sup>

O texto de Mateus 6.19-34 é uma passagem-chave da perspectiva "de cima para baixo". Aqui, Jesus nos informa que a ansiedade não mudará nada. Por certo, ela não aumentará a extensão de nossa vida (veja v. 27). Além disso, nosso objetivo deveria ser guardar tesouros no céu. Isso nos ajudará a livrar nossa vida da ansiedade. Observe esse princípio: *nosso coração será de acordo com o que consideramos nossos tesouros*.

Se ficarmos habitualmente ansiosos em relação aos problemas temporais, nosso coração não está centrado no que, apropriadamente, deveria ser nosso primeiro amor. Se ficarmos sempre ansiosos, estamos mais ocupados com as realidades transitórias do que Jesus queria que ficassemos. Portanto, em relação a isso temos esse teste adequado, que já foi elaborado e por meio do qual podemos acessar o âmago de nossa crença.<sup>21</sup>

Nosso objetivo, portanto, deveria manter a perspectiva "de cima para baixo". Essa é uma perspectiva de amor radical a Deus e que põe o Senhor no primeiro e principal lugar em todos os aspectos de nossa vida. "Pensai nas *coisas que são* de cima e não nas *que são* da terra" (Cl 3.2). E, quando fazemos isso, Deus, como parte do pacote, prometeu satisfazer todas suas necessidades terrenas (Mt 6.33)!

## Epílogo

Muitos anos se passaram desde a morte de Greg. Paul, meu irmão, também já passou para a eternidade. Pai e filho se encontraram no céu. Na verdade, no céu houve uma reunião do pai, do filho e do avô, pois exatamente um ano depois de meu irmão, Paul morrer, meu pai também morreu. Estar com ele, segurando sua mão no momento em que passou desta vida para a próxima foi algo precioso.

Iniciei a introdução deste livro com as palavras: "A vida, às vezes, pode ser cruel". Penso que essa afirmação é verdadeira. No entanto, posso lhe dizer, baseado em minha experiência dos últimos anos, que a graça de Deus é maior do que *qualquer* crueldade que esta vida possa me trazer.

Posso não ter todas as respostas. Mas tenho um relacionamento pessoal e íntimo com aquEle que tem todas as respostas. Ele é quem me mantém todos os dias. Ele é quem me dá paz em meio à tempestade. Ele é quem me informa, por meio de sua Palavra, sobre meu glorioso futuro com Ele.

*Sou feliz com Jesus meu Senhor.*

O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz

Números 6.24-26



## Apêndice: Justiça no Fim

Observei que as pessoas freqüentemente caem na armadilha de pensar que pelo fato de Deus ainda não ter acabado com o mal, Ele não está de maneira alguma se preocupando. O fato de Ele não eliminar o mal definitivamente não significa que nunca o fará.

Um dia, Cristo retornará e arrancará todo poder que esteja nas mãos dos iníquos e responsabilizará todos os seres humanos, homens e mulheres, pelo que fizeram durante sua vida na terra (Mt 25.31-46; Ap 20.11-15). Por fim, a justiça prevalecerá. Aqueles que entraram na eternidade sem depositar sua fé em Cristo para a salvação apenas compreenderão quão efetiva foi a maneira como Deus lidou com o problema do mal.

Devo observar, no entanto, que os cristãos também entenderão quão efetiva foi a maneira como Deus lidou com o problema do mal. Refiro-me ao fato de que não apenas os pecadores enfrentarão julgamento. As Escrituras indicam que os cristãos também enfrentarão julgamento — não para determinar se estão ou não salvos, mas para conceder ou negar o prêmio para eles, de acordo com o grau de fidelidade que tiveram para com Cristo durante sua jornada na terra. Neste breve apêndice, resumirei o que as Escrituras dizem sobre o julgamento dos cristãos, dos pecadores e o destino final dos pecadores no inferno. Falei desse destino final dos cristãos (céu) no capítulo 15.



Um dia, todos os crentes comparecerão diante do tribunal de Cristo (Rm 14.8-10). Nesse momento, Deus examinará as obras que cada cristão realizou enquanto estava aqui na terra. Também serão avaliados os motivos pessoais e as intenções do coração.

A idéia de "tribunal" vem dos jogos atléticos da época de Paulo. O dignitário ou, talvez, o próprio imperador, quando os jogos e competições eram iniciados, sentava-se em um trono que ficava em um local mais elevado na arena. Depois, um a um, os atletas vencedores se aproximavam do trono para receber o prêmio — em geral, uma guirlanda de folhas ou uma coroa de vencedor.<sup>1</sup> Cada cristão ficará diante de Cristo, o Juiz, e receberá (ou perderá) o prêmio.

O julgamento de Cristo não será coletivo, como uma grande classe, onde os alunos são aplaudidos ou repreendidos por um professor. Ao contrário, o julgamento será pessoal e individual. "Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo" (Rm 14.10). Cada um de nós será julgado individualmente.

Esse julgamento não tem nada que ver com a salvação dos cristãos, isto é, se serão ou não salvos. Aqueles que puseram sua fé em Cristo *estão* salvos, e nada pode ameaçar isso. Os crentes podem ficar para sempre seguros de sua salvação (Rm 8.30; Ef 4.30). Contudo, esse julgamento diz respeito a ganhar ou perder prêmios.

As Escrituras indicam que, no tribunal, alguns cristãos podem ter alguma perda e sofrer algum grau de privação e humilhação. Na verdade, certos prêmios, que poderiam ser recebidos, podem ser confiscados, e isso poderá envolver um sentido de perda. O fato é que os cristãos diferem muito em relação à santidade na conduta e à fidelidade no serviço. Deus, em sua justiça e santidade, leva tudo isso em consideração. Por isso, 2 João 1.8 nos alerta: "Olhai por vós mesmos, para que não percamos o que temos ganhado; antes, recebamos o inteiro galardão". Em 1 João 2.28, fala sobre a possibilidade de um crente ser humilhado com a vinda de Cristo.

Portanto, devemos manter tudo isso em perspectiva. O prospecto de uma vida eterna com Cristo no céu é algo que deve trazer alegria para cada um de nós. E nossa alegria durará por toda a eternidade. Como podemos conciliar essa alegria eterna com a possível perda de prêmio e, talvez, com algum tipo de humilhação que podemos ter de enfrentar diante do tribunal de Cristo?

Acho que a explicação de Herman Hoyt é a melhor que já li;

O tribunal de Cristo deve ser comparado com uma cerimônia de formatura. Na graduação, há algum grau de desapontamento e remorso por alguém não ter feito o seu melhor e se esforçado mais. Apesar disso, a emoção dominante é a alegria, não o remorso. Os graduandos não deixam o auditório chorando, porque não obtiveram a melhor colocação. Antes, estão felizes pela graduação e agradecidos pelo que conquistaram. Exagerar o aspecto do arrependimento em relação ao tribunal de Cristo é transformar o céu em um inferno. Exagerar esse aspecto é tornar a fidelidade irrelevante.<sup>2</sup>

A passagem de 1 Coríntios 3.11-15 descreve o julgamento futuro dos crentes comparando-os a materiais de construção — "ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha" — utilizado ao longo de sua vida:

Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que *já* está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará; na verdade, o Dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo.

Observe que os materiais que Paulo menciona nessa passagem são altamente inflamáveis. É óbvio, que o feno e a palha são muito inflamáveis. Depois vem a madeira. E os metais e pedras preciosas não são combustíveis.

Alguns desses materiais são usados em construções, ao passo que outros, não. Se você construir uma casa feita de feno e palha, com certeza, ela não resistirá por muito tempo. No entanto, uma casa construída com materiais sólidos, como pedras e metais, ficará de pé e durará por muito tempo.

O que esses materiais de construção representam? O pastor Douglas Connelly, de maneira criteriosa, sugere que "ouro, prata e pedras

preciosas referem-se ao fruto do Espírito em nossa vida; aos motivos que honram a Cristo, à obediência santa e à integridade transparente. A madeira, o feno e a palha são coisas perecíveis — atitudes carnis, motivos pecaminosos, ações cheias de orgulho, ambição egoísta".<sup>3</sup>

Nas Escrituras o fogo geralmente representa a santidade de Deus (Lv 1.8; Hb 12.29). E a Bíblia, usa o fogo para retratar o julgamento de Deus sobre aqueles que sua santidade condenou (Gn 19.24; Mc 9.43-48). Deus examinará nossas obras e as testará diante do fogo de sua santidade. Se tivermos construído com bons materiais — como metais preciosos e pedras —, nossas obras serão duradouras. No entanto, se construirmos com materiais menos valiosos — madeira, feno e palha —, elas serão destruídas.



O julgamento dos cristãos focará a administração pessoal dada aos dons, talentos, oportunidades e responsabilidades que lhe foram concedidos nesta vida. O caráter real da vida e do trabalho de cada um dos cristãos ficarão totalmente desnudos diante da visão infalível e onisciente de Cristo, cujos "olhos, [são] como chama de fogo" (Ap 1.14).

Vários versículos das Escrituras revelam que cada uma de nossas ações serão julgadas diante do Senhor. O salmista disse que o Senhor retribuirá "a cada um segundo a sua obra" (Sl 62.12; compare com Mt 16.27). Em Efésios 6.7,8 lemos que "cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, *seja livre*".

O julgamento de Cristo, referente a nossas ações, é infalível. Não haverá confusão da parte dEle. Ele entende todas as circunstâncias em que vivemos e trabalhamos. Como John Wesley, certa vez, afirmou: "Depois, Deus trará à luz todas as circunstâncias que acompanham cada palavra e ação. Ele julgará se elas diminuirão ou aumentarão a bondade ou a maldade delas".<sup>4</sup>

## O ESCUDO DO SUCCUBO SHCCOS OS PENSAMENTOS

No tribunal de Cristo, nossos pensamentos, assim como nossas ações, sofrerão minucioso exame. Em Jeremias 17.10, Deus afirmou: "Eu, o Senhor, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isso para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas ações". O Senhor "trará à luz as coisas ocultas das trevas e manifestará os desígnios dos corações" (1 Co 4.5). O Senhor é aquele "que sonda as mentes e os corações" (Ap 2.23).

## O ESCUDO DO SUCCUBO SHCCOS AS PALAVRAS

Certa ocasião, Jesus disse que "de toda palavra ociosa que os homens disserem não de dar conta no Dia do Juízo" (Mt 12.36). Esse é um importante aspecto do julgamento, pois a língua pode trazer grande prejuízo (veja Tg 3.1-12).

John Blanchard lembra-nos que "se até mesmo as palavras que pronunciamos com desatenção são cuidadosamente gravadas, como podemos suportar o pensamento de que nossas afirmações feitas com orgulho proposital, com crítica mordaz, as piadas inconvenientes e os comentários indelicados também serão levadas em consideração? Mesmo as palavras murmuradas à distância e ditas em confidências, ou quando pensamos que estávamos 'a salvo', serão ouvidas de novo".<sup>5</sup>

## DA MENSAGEM

Que tipos de prêmios os crentes receberão no tribunal de Cristo? As Escrituras falam de coroas. Na verdade, os inúmeros tipos de coroas simbolizam as várias realizações e prêmios da vida cristã.

A coroa da vida é dada àqueles que perseveraram quando estavam sob provação e, principalmente, àqueles que sofreram a ponto de morrer (Tg 1.12; Ap 2.10). A coroa da glória é dada àqueles que, com fidelidade e sacrifício, ministraram a Palavra de Deus ao rebanho (1 Pe 5.4). A coroa da incorruptibilidade é dada àqueles que venceram a competição pela temperança e autocontrole (1 Co 9.25). A coroa da justiça é dada àqueles que anelaram pela Segunda Vinda de Cristo (2 Tm 4.8).

O texto de Apocalipse 4.10, fala sobre os crentes lançando suas coroas diante do trono de Deus em um ato de adoração e veneração. Isso nos ensina algo muito importante. Deus adverte-nos que as coroas não são para nossa glória, mas para sua própria glória. As Escrituras nos dizem que os crentes são redimidos a fim de trazer glória para Deus (1 Co 6.20). A ação de pôr nossa coroa diante do trono de Deus, parece ser uma demonstração disso.

Eis aqui algo mais para se pensar a respeito. Quanto maior o prêmio ou coroa que alguém receber, maior é sua capacidade de trazer glória para o Criador. Quanto menor prêmio ou coroa que alguém receber, menor é sua capacidade de trazer glória para o Criador. Os crentes receberão prêmios ou coroas distintas no tribunal de Cristo e, em virtude disso, eles terão capacidades distintas de trazer glória para Deus.

Não obstante, não devemos considerar que isso signifique que certos crentes terão consciência de deficiência ao longo da eternidade. Afinal de contas, cada crente, na vida por vir, glorificará a Deus com toda sua capacidade. Cada um será capaz de anunciar "as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pe 2.9).<sup>6</sup>



Os ímpios, de maneira distinta dos crentes, cujo julgamento lida apenas com o recebimento ou perda de prêmios, enfrentarão um julgamento horrível, onde serão lançados no Lago de Fogo. O julgamento dos ímpios é chamado de julgamento do grande trono branco (Ap 20.11-15). Cristo é o Juiz divino, e aqueles que não o aceitaram serão julgados. O julgamento acontecerá no final do reino milenial, o Reino de Cristo no planeta terra, cuja duração é de mil anos.

Os que enfrentarem Cristo nesse julgamento serão julgados a partir de suas ações (Ap 20.12,13). É difícil entendermos a razão desse julgamento, pois eles *já* se encontram perdidos. Esse julgamento não separará os santos dos ímpios, pois todos que enfrentarem esse julgamento já escolheram rejeitar, durante sua vida aqui na terra, a salvação em Jesus Cristo. Uma vez diante do Juiz divino, eles serão julgados de acordo com suas obras, não apenas para justificar sua condenação, como também para determinar o grau de punição que cada pessoa sofrerá ao longo da eternidade.



Todos aqueles que participarem do julgamento do grande trono branco serão ressuscitados para o julgamento. O próprio Jesus foi quem afirmou que "vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação" (Jó 5.28,29).

Precisamos enfatizar, entretanto, que Jesus não quis dizer que apenas uma ressurreição geral terá lugar no fim dos tempos. Em oposição a essa idéia as Escrituras indicam que há dois tipos de ressurreição mencionadas respectivamente como a "primeira ressurreição" e a "segunda ressurreição" (Ap 20.5,6, 11-15). A primeira ressurreição é a dos cristãos; a segunda, a dos ímpios.

A segunda ressurreição será um acontecimento terrível. Aqueles que não se encontram escritos no livro da vida, de todas as épocas, ressuscitarão no fim do reino milenial de Cristo, e serão julgados no grande trono branco para depois serem lançados vivos no Lago de Fogo (Ap 20.11-15). Os seres estarão sujeitos à dor e ao sofrimento para sempre.

### GRaus DE DOmE

As Escrituras indicam que todos aqueles que serão julgados no grande trono branco terão um destino terrível pela frente. Na verdade, seu destino inclui lamentação e ranger de dentes (Mt 13,41,42), condenação (Mt 12.36,37), destruição (Fp 1.28), punição eterna (Mt 25.46), separação da presença de Deus (2 Ts 1.8,9) e transtornos e aflições (Rm 2.9). Além disso, as Escrituras também se referem a graus de punição no inferno. E esses graus de punição serão determinados no julgamento do grande trono branco, quando Cristo examinar cada pessoa com seus olhos penetrantes.

Vale a pena observar que os ímpios diferenciam-se tanto quanto os salvos em sua qualidade de vida. Alguns salvos são espirituais e caridosos (por exemplo), e outras são carnis e desamorosos. Alguns ímpios são terrivelmente maus (como Hitler), ao passo que outros, como os moralistas incrédulos, são menos maus.

Da mesma maneira que os crentes diferem em como respondem à lei de Deus e, portanto, em seu prêmio no céu, também os incrédulos diferem em sua atitude em relação à lei de Deus e, portanto, em sua punição no inferno. Da mesma maneira que há graus de premiação no céu, também os há em relação à punição no inferno (veja Mt 10.15; 16.27; Lc 12.47,48; Ap 20.12,13; 22.12).

### INFERNO DOS MORTOS



O inferno é tão terrível quanto o céu é maravilhoso. As Escrituras nos asseguram que o inferno é um lugar real. No entanto, o inferno não faz parte da criação original de Deus, a qual Ele chama de "boa" (Gn 1). O inferno foi criado posteriormente para acomodar o banimento de Satanás e seus seguidores, os anjos caídos, que se rebelaram contra Deus (Mt 25.41). Os seres humanos que rejeitaram a Cristo se unirão a Satanás e os anjos caídos em seu lugar infernal de sofrimento.

No Novo Testamento, uma das palavras mais importantes para se referir ao inferno é *Geena* (Mt 10.28; 2 Rs 23.10). Essa palavra tem uma história interessante. No antigo Israel, por muitas gerações, foram cometidas muitas atrocidades no vale do filho de Hinom — atrocidades que incluíam sacrifícios humanos, até mesmo o sacrifício de crianças (2 Cr 28.3; 33.6;

Jr 32.35). Essas desafortunadas vítimas eram sacrificadas em nome de Moloque o falso deus moabita. Jeremias apropriadamente chamou aquele local de "vale da Matança" (Jr 7.31-34).

Algumas vezes, o vale foi usado como o lugar público para jogar os refugos de lixo no qual toda sujeira de Jerusalém era despejada. Não apenas lixo, como também os corpos de animais mortos e os cadáveres de criminosos eram lançados no monturo em que poderiam ser queimados junto com todo o resto do lixo. O fogo nunca deixou de queimar, e os vermes famintos sempre encontraram uma boa refeição.

O lugar era originalmente chamado (em hebraico) de *Ge[gen]hinnom* (o vale dos filhos de Hinom). Às vezes, usava-se a forma abreviada de *Ge-Hinnom*. A tradução grega dessa palavra hebraica é *Geena*. Esse termo torna-se apropriado para descrever real e vividamente a realidade do inferno. Jesus usa metaforicamente onze vezes esta palavra para descrever o lugar de sofrimento eterno dos seres humanos que não foram remidos.

As Escrituras usam grande variedade de palavras para descrever os horrores do inferno:

*Lago de Fogo e de Enxofre.* Um dia, os ímpios ressuscitarão para enfrentar o julgamento do grande trono branco e depois serão lançados no lago de fogo e enxofre. Aqueles que lá acabarem serão atormentados dia e noite para sempre (Ap 19.20; 20.14,15).

*Fogo Eterno.* Jesus disse que o destino eterno dos ímpios seria o "fogo eterno". Depois de sua Segunda Vinda, quando Ele separar as ovelhas (crentes) dos bodes (ímpios), dirá às cabras: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos" (Mt 25.41).

O que é, especificamente, o "fogo" do inferno? Algumas pessoas acreditam que seja algo literal, fogo real. E pode até ser o caso. Outros acreditam que o "fogo" é uma maneira metafórica para indicar a grande indignação de Deus. A Bíblia nos diz: "Porque o Senhor, teu Deus, é um fogo que consome, um Deus zeloso" (Dt 4.24). "Deus é um fogo consumidor" (Hb 12.29). "A sua cólera se derramou como um fogo" (Na 1.6). "E quem subsistirá, quando ele aparecer? Porque ele será como o fogo do ourives" (Ml 3.2). Deus afirma: "Minha indignação não venha a sair como fogo e arda de modo que não haja quem a apague, por causa da malícia das vossas obras" (Jr 4.4). Quão horrorosa deve ser a flamejante indignação de Deus!

*Fornalha Fumegante.* As Escrituras referem-se ao destino dos ímpios como "fornalha fumegante". Jesus disse que no fim dos tempos os santos anjos reunirão todos os malfeitores e "lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali, haverá pranto e ranger de dentes" (Mt 13.42). A palavra "pranto" traz a idéia de lamento, como uma expressão que designa a manifestação exterior de profundo pesar. Esse pranto poder ser causado pelo ambiente, pela companhia, pelo remorso e culpa e pela humilhação que fazer parte do inferno, como também é um quinhão desse terrível lugar.

*Destruição.* A passagem de 2 Tessalonicenses 1.8,9 relata que os ímpios "por castigo, padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a

glória do seu poder". Nesse versículo, a palavra grega traduzida por "perdição" significa "súbita destruição" ou "perda de tudo que dá sentido à existência". A palavra refere-se não à aniquilação, mas indica mais separação de Deus e perda de tudo que vale a pena na vida.

*Punição Eterna.* Jesus afirmou que os ímpios irão "para o tormento eterno, mas os justos, para a vida eterna" (Mt 25.46). Observe que a eternidade da punição do ímpio equivale à da vida eterna do justo. Uma é tão longa quanto a outra.

*Exclusão da Presença de Deus.* A maior dor por parte daqueles que estão no inferno é a de que estão excluídos para sempre da presença de Deus. Já que encontramos uma alegria arrebatadora na presença de Deus(S116.11), então sua ausência eterna significa absoluto assombro e angústia intensa.



Ao contrário do que muitos pensam hoje, *justiça retardada* não significa *justiça negada*. Chegará o dia em que o Deus Todo-poderoso acertará contas com cada ser humano, e este será um dia solene. Eles serão responsabilizados por cada maldade que já cometeram. E, a cada dia, estamos mais próximos da justiça final de Deus.

## Notas

### **Introdução - Um Exame Austero da Realidade**

1. Citado por Lee Strobel, "Why Does God Allow Suffering?", mensagem lida na Saddleback Valley Community Church, El Toro, Califórnia, em 26 de fevereiro de 2000.
2. "Car Strikes Praying High School Runners, Killing 1", *The Associated Press*, 12 de outubro de 2003.
3. John W. Wenham, *The Enigma of Evil: Can We Believe in the Goodness of God?* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1985), p. 8.
4. William Lane Craig, *No Easy Answers* (Chicago, IL: Moody Press, 1990), pp. 73-74.
5. Tadeusz Borowski, *This Way for the gas, Ladies and Gentlemen* (Nova York, NY: Penguin, 1992), pp. 15, 16, 20, 22, 24-25, 31, 32, 39, 40, 43, 54, 85, 93, 108, 118, 131, 144, 159.
6. Wenham, p. 8.
7. Citado em Ron Rhodes, *When Servants Suffer: Finding Purpose in Pain* (Wheaton, IL: Harold Shaw Publishers, 1989), p. 5.
8. Craig, pp. 77, 78; veja também Peter Kreeft, *Making Sense Out of Suffering* (Ann Arbor, MI: Servant Books, 1986), p. W/7.
9. Kreeft, p. 5.
10. 2000 *Uniform Crime Report* (Federal Bureau of Investigation). Disponível online em [www.fbi.gov/ucr/ucr.htm](http://www.fbi.gov/ucr/ucr.htm); citado em Gannon Murphy "God and the Problem of Evil" (Minnesota Apologetics Project). Disponível online em [www.geocities.com/mnapologetics/art12.htm](http://www.geocities.com/mnapologetics/art12.htm).
11. Cornelius Plantinga, Jr., *Not the Way It's Supposed to Be: A Breviary of Sin* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1995), p. 1.
12. Paul W. Powell, *When the Hurt Won't Go Away* (Wheaton, IL: Victor Books, 1976), p. 41.
13. Citado em Gary Phillips, "The Problem of Evil: A Pastoral Approach", adaptado de W. Gary Phillips e William E. Brown, *Making Sense of Your World* (Chicago, IL: Moody Press, junho de 1991), citado em Michigan Theological Journal, vol. 2, no. 1 (primavera de 1991). Inserido no suplemento.

14. Epicurus, citado em Lee Strobel, *The Case for Faith* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2000), p. 25.
15. Citado em Charles R. Swindoll, *The Mystery of God's Will* (Nashville, TN: Word Publishing, 1999), p. 6.
16. Citado em Swindoll, p. 7.
17. *Ibid.*
18. Citado em Rhodes, p. 5.

**Capítulo 1 - O Mal Prova que Deus não Existe?**

1. Alvin C. Plantinga, *God, Freedom, and Evil* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 2002), p. 7.
2. Millard Erickson, *Introducing Christian Doctrine* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1996), pp. 138, 139
3. Erickson, *Introducing Christian Doctrine*, p. 139.
4. Norman L. Geisler e Ronald M. Brooks, *When skeptics ask* (Wheaton, IL: Victor Books, 1990), pp. 59-60.
5. Ken Boa e Larry Moody, *I'm Glad You Asked* (Colorado Springs, CO: Victor Books, 1994), p. 122.
6. Erickson, *Introducing Christian Doctrine*, pp. 138, 139.
7. Roberto Morey, *The New Atheism and the Erosion of Freedom* (Minneapolis, MN: Bethany House Publishers, 1986), p. 153.
8. Morey, p. 153. *Suplemento anexo.*
9. Morey, p. 153.
  
10. Peter Kreeft, *Making Sense Out of Suffering* (Ann Arbor, MI: Servant Books, 1986), p. 30.
  11. William Lane Craig, *No Easy Answers* (Chicago, IL: Moody Press, 1990), p. 86.
  12. Craig, p. 86.
  13. Boa e Moody, p. 129.
14. Norman L. Geisler, *Baker Encyclopedia of Christian Apologetics* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1999), p. 220.
15. William A. Dembski, *Intelligent Design: The Bridge Between Science and Theology* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999), p. 263.
  16. Geisler, *Baker Encyclopedia of Christian Apologetics*, p. 220.
17. Jimmy H. Davis e Harry L. Poe, *Designer Universe: Intelligent Design and the Existence of God* (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 2002), p. 221. *Grifo do autor.*
18. Gordon R. Lewis e Bruce A. Demareset, *Integrative Theology, vol. 1* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996), p. 243. *Suplemento anexo.*
  19. R. T. France, *The Living God* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1972), p. 25.

20. Robert Lightner, *The God of the Bible* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1973), p. 77.
21. James Montgomery Boice, *The Sovereign God* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1978), p. 151.
22. Jerry Bridges, *Trusting God Even When Life Hurts* (Colorado Springs, CO: NavPress, 1988), p. 39.
23. Bridges, p. 48.
24. Judy Salisbury, *A Christian Woman's Guide to Reasons for Faith: Understanding Why You Believe* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 2003), p. 125.
25. Charles R. Swindoll, *The Mystery of God's Will* (Nashville, TN: Word Publishing, 1999), p.91.
26. Swindoll, p. 91.

#### **Capítulo 2 - O Mal Prova que Deus não É Bom?**

1. Citado em Ron Rhodes, *When Servants Suffer: Finding Purpose in Pain* (Wheaton, IL: Harold Shaw Publishers, 1989), p. 5.
2. James Montgomery Boice, *The Sovereign God* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1978), pp. 229, 230.
3. Millard Erickson, *Introducing Christian Doctrine* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1992), p. 139.
4. A maioria dos calvinistas concorda com cinco princípios-chave: depravação total, bem-aventurança incondicional, redenção limitada, graça irreprimível e perseverança dos santos. Veja Ron Rhodes, *The Complete Book of Bible Answers* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1997), p. 197.
5. Gordon Clark, *Religions, Reason, and Revelation* (Filadélfia, PA: Presbyterian and Reformed, 1961), p. 206.
6. Clark, p. 206.
7. Veja Millard Erickson, *Christian Theology* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1987), p. 417.
8. Erickson, *Christian Theology*, p. 418.
9. Clark, p. 222.
10. Clark, pp. 237, 238.
11. Erickson, *Christian Theology*, p. 418.
12. Clark, pp. 239, 240.
13. Erickson, *Christian Theology*, p. 418.
14. Clark, p. 241.
15. AbdiyahAkbarAbdul-Haqq, *Sharing Your Faith with a Muslim* (Mineápolis, MN: Bethany, 1980), p. 159.
16. Kenneth Cragg, *The Call of the Minaret* (Nova York, NY: Oxford University Press, 1964), pp. 42, 43.
17. Citado em Haqq, p. 152.

18. Citado em Gerhard Nehls, *Christians Ask Muslims* (Bellville: SIM International Life Challenge, 1987), p. 21.
19. Lewis M. Hopfe, *Religions of the World* (Nova York, NY: Prentice Hall, 2000), p. 410.
20. Bruce A. McDowell e Anees Zaka, *Muslims and Christians at the Table* (Phillipsburg, NY: Presbyterian and Reformed Press, 1999), p. 124.
21. John Gilchrist, *Quran: The Scripture of Islam* (*Muslim Evangelicalism Resource Contoi*, 1995), em *The World of Islam CD-ROM* (Global Mapping International, 2000). Suplo mento anexo.
22. Norman Geisler e Abdul Saleeb, *Answering Islam: The Crescent in the Light of the Cross* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1993), pp. 141, 142.
23. Geisler e Saleeb, pp. 137-38.
24. Norman Geisler, *Thomas Aquinas: An Evangelical Appraisal* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1991), cap. 10.
25. A. W. Tozer, *The Knowledge of the Holy*; citado em Charles R. Swindoll, *The Tale of the Tardy Oxcart* (Nashville, TN: Word, 1998), p. 240.
26. Veja Norman Geisler, "God, Evil, and Dispensations", Walvoord: *A Tribute*, ed. Donald K. Campbell (Chicago, IL: Moody Press, 1982), p. 98.
27. Norman Geisler e Thomas Howe, *When Critics Ask: A Popular Handbook on Bible Difficulties* (Wheaton, IL: VictorBooks, 1992), p. 271.
28. Frank E. Gaebelin, ed., *The Expositor's Bible Commentary*, ed. (Grand Rapids, MI: Zondervan). Disponível em *Accordance Bible Software CD-ROM* (Oak-Tree Software, Inc., 2003).
29. C. F. Keil e F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament in Ten Volumes*, vol. 6 (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company 1989), p. 337.
30. Joseph M. Stowell, *Eternity: Reclaiming A Passion for What Endures* (Chicago, IL: Moody Press, 1995), p. 27.
31. "Fear of Death", citado por Ray C. Stedman em "The Death of Death", The Ray C. Stedman Library (Discovery Publishing, 2003). Disponível online em 216.239.41.104/search?q=cache:VHrojoUcHsQJ:www.pbc.org/dp/Stedman/misc/pdf/0275.pdf.

#### **Capítulo 3-0 Mal Prova que Deus É Finito?**

1. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Rio de Janeiro: editora Objetiva, 2001).
2. Citado em Peter Kreeft, *Making Sense Out of Suffering* (Ann Arbor, MI: Servant Books, 1986), p. 6. Suplemento anexo.

3. Millard Erickson, *Christian Theology, edição integral de um volume* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1987), p. 415.
4. Citado em Herry Bridges, *Trusting God Even When Life Hurts* (Colorado Springs, CO: NavPress, 1988), p. 23.
5. Rabbi Harold Kushner, *When Bad Things Happen To Good People* (Nova York, NY: Schocken Books, 1981), p. 134.
6. Kushner, p. 43.
7. Walter A. Elwell, ed., *Evangelical Dictionary of Theology* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1984), p. 880. Grifo do autor.
8. Millard Erickson, *The Word Became Flesh* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1991), p. 244.
9. John B. Cobb, Jr., e David Ray Griffin, *Process Theology: An Introductory Exposition* (Filadélfia, PA: The Westminster Press, 1976), p. 56.
10. Veja Erickson, *The Word Became Flesh*, p. 248.
11. Cobb e Griffin, p. 69.
12. Cobb e Griffin, p. 57.
13. Cobb e Griffin, p. 69.
14. Clark Pinnock, et al. *The Openness of God: A Biblical Challenge to the Traditional Understanding of God* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994), p. 156.
15. Norman L. Geisler, H. Wayne House, com Max Herrera, *The Battle for God: Responding to the Challenge of Neotheism* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 2001), p. 56
16. John Sanders, *The God Who Risks* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 198.
17. Gregory Boyd, *God of the Possible: A Biblical Introduction to the Open View of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2000), p. 156.
18. Geisler, House, e Herrera, p. 49.
19. Boyd, p. 31.
20. Geisler, House e Herrera, p. 92.
21. Norman L. Geisler, "Neotheism: Orthodox or Unorthodox? A Theological Response to Greg Boyd", disponível online em [www.normgeisler.com/neotheism.htm](http://www.normgeisler.com/neotheism.htm).
22. Norman L. Geisler, *The Baker Encyclopedia of Apologetics* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2002). Disponível em the Norman Geisler CD-ROM Library.



23. John W. Wenham, *The Enigma of Evil: Can We Believe in the Goodness of God?* (Grand Rapids, MI: Zonderavan, 1985), p. 44.
24. Ken Boa e Larry Moody, *I'm Glad You Asked* (Colorado Springs, CO: Victor Books, 1994), p. 127.
25. R. C. Sproul, *Doubt and Assurance*, citado em Charles R. Swindoll, *THE Tale of the Tardy Oxcart* (Nashville, TN: Word Publishing, 1998), p. 578.
26. Erickson, *Christian Theology*, p. 280.
27. Isaac Asimov, "In the Game of Energy and Thermodynamics, You Can T Even Break Even", *Smithsonian* (junho de 1970), p. 10.
28. Norman Geisler, "Process Theology", *Tensions in Contemporary Theology*, ed. Stanley N. Gundry e Alan F. Johnson (Chicago, IL: Moody Press, 1976), p. 274.
29. Lewis Sperry Chafer, *Systematic Theology, vol. 1* (Dallas, TX: Dallas Seminary Press, 1947), p. 196.
30. Geisler, House, e Herrera, p. 24.
31. Geisler, "Process Theology", em *Tensions in Contemporary Theology*, p. 273.
32. Geisler, House e Herrera, p. 92.
33. *Foco ontológico na natureza do ser.*
34. Robert G. Gromacki, *The Virgin Birth: Doctrine of Deity* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1984), p. 107.
35. Gromacki, p. 106.
36. John F. Walvoord, *Jesus Christ our Lord* (Grand Rapids, MI: Moody Press, 1980), p. 115.
37. Robert P. Lightner, *Evangelical Theology* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986), p.82.
38. Walvoord, p. 115.
39. Geisler, "Process Theology", p.251.

#### **Capítulo 4- Por que Deus não Elimina o Mal imediatamente?**

1. Annie Besant, "Why I Do Not Believe in God", *The American Atheist*, vol. 35, nr. 4 (1997). Disponível online em <http://www.AmericanAtheist.org/>. Suplemento anexo.  
Billy Graham, *How to Be Bom Again* (Dallas, TX: Word Publishing, 1989), p. 118.
3. Paul E. Little, *Know Why You Believe* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1975), p. 81.
4. *Os cristãos exultam, pois, apesar de estarem maculados pelo pecado, Cristo, vicariamente, morreu por eles na cruz para que pudessem ser perdoados e viver para sempre com Deus no céu (veja 2 Co 5.21).*
5. Judy Salisbury, *A Christian WomarTs Guide to Reasons for Faith: Understanding Why You Believe* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 2003), p. 119.
6. Millard Erickson, *Christian Theology, edição de um volume completa* (Grand Rapids, MI: Baker Book

House, 1987), p. 425.

7. Sid Litke, "Why Is There Suffering?", disponível online em [www.bible.org/docs/splife/misc/suff.htm](http://www.bible.org/docs/splife/misc/suff.htm).
8. Peter Kreeft, Making Sense Out of Suffering (Ann Arbor, MI: Servant Books, 1986), p. 123.
9. Ibid.
10. Robert A. Morey, The New Atheism and the Erosion of Freedom (Minneapolis, MN: Bethany House Publishers, 1987), pp. 154, 155.
11. Dan Story Defending Your Faith (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1992), pp. 176, 177.

#### **Capítulo 5-0 Problema do Livre Arbítrio**

1. Cornelius Plantinga, Jr., Not the Way It's Supposed to Be: A Breviary Of Sin (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company 1995), p. 2.
2. Gregory Boyd, Is God to Blame? Beyond Pat Answers to the Problem of Suffering (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003), pp. 97, 98.
3. Rick Rood, "The Problem of Evil: How Can a Good God Allow Evil?" (Richardson, TX: Probe Ministries, 1996).
4. Sid Litke, "Why is there suffering?", disponível online em [www.bible.org/docs/splife/misc/suff.htm](http://www.bible.org/docs/splife/misc/suff.htm).
5. Ken Boa e Larry Moody, I'm Glad You Asked (Cobrado Spring, CO: Victor Books, 1994), p. 428.
6. Paul E. Little, Know Why You Believe (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1975), p. 81. Veja também Robert A. Morey, The New Atheism and the Erosion of Freedom (Minneapolis, MN: Bethany House Publishers, 1986), p. 155.

7. Little, p. 81.

8. Citado em Lee Strobel, The Case for Faith (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2000), p. 37.

9. Boyd, p 63.

10. Norman L. Geisier e Ronald M. Brooks, When Skeptics Ask (Wheaton, IL: Victor Books, 1990), p. 73.

11. Little, p. 87.

12. William Lane Craig, No Easy Answers (Chicago, IL: Moody Press, 1990), p. 80.

13. Norman L. Geisier, The Baker Encyclopedia of Apologetics (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2002). Disponível em The Norman Geisier CD-ROM Library.

14. Judy Salisbury, A Christian Woman's Guide to Reasons for Faith: Understanding Why You Believe (Eugene, OR: Harven House Publishers, 2003), pp. 119,120.

15. Norman Geisier, "Why Does God Permit Evil to Exist?", parte dois, entrevistado pelo dr. John Ankerberg. Disponível no Ankerberg Theological Research Institute, 1-8000-805-3030.

16. *Boa e Moody*, p. 131. Bruce Milne, em relação a esse aspecto, escreveu: "A desobediência consciente de Adão criou o 'caminho para' o mal e o sofrimento na vida humana (Gn 3.14-19; Rm 5.12-21). O pecado, como um ato de rebelião contra o Criador, só pode ter uma séria e extensa implicação no universo moral que reflete o santo caráter do Criador" (Bruce Milne, *Know the Truth* [Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1988], p. 83).
17. Norman L. Geisler e Jeff Amanu, "Evil", em *New Dictionary of Theology*, Sinclair B. Ferguson e David F. Wright, eds. (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1988), p. 242.
18. Gordon R. Lewis e Bruce A. Demarest, *Integrative Theology*, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996), p. 322.
19. Lewis e Demarest, p. 323.
20. Citado em Dan Story, *Defending Your Faith* (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1992), pp. 171-72. Suplemento anexo. Geisler e Brooks, p. 73. Veja também Alvin C. Plantinga, *God, Freedom, and Evil* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 2002), p. 27.

#### **Capítulo 6 - Satanás e o Sofrimento**

1. Donald Grey Barnhouse, *The Invisible War* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1965), pp. 26, 27.
2. C. Fred Dickason, *Angels, Elect and Evil* (Chicago, MI: Moody Press, 1978), p. 133.
3. Charles C. Ryrie, *Basic Theology* (Wheaton, IL: Victor Books, 1986), p. 145.
4. *Essa é a visão de Paul Enns*, *The Moody Handbook of Theology* (Chicago, IL: Moody Press, 1989), p. 294.
5. Citado em Henry Clarence Thiessen, *Lectures in Systematic Theology* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1981), p. 141.
6. Merrill, F. Unger, *Demons in the World Today* (Wheaton, IL: Tynbdale House Publishers, 1972), p. 28.
7. Thomas Ice e Robert Dean, *A Holy Rebellion* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1990), p. 46.
8. Dickason, p. 122.
9. Charles Hodge, *Systematic Theology*, ed., Edward N. Gross (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1988), p. 235.
10. Ray, C. Stedman, *Spiritual Warfare* (Waco, TX: Word Books, 1976), p. 22.
11. Thiessen, p. 142.
12. Lewis Sperry Chafer; citado em Ice e Dean, p. 60.
13. Thiessen, p. 142.
14. Charles C. Ryrie, *A Survey of Bible Doctrine* (Chicago, IL: Moody Press, 1980), p. 94.
15. Ryrie, *Basic Theology*, p. 147.

16. Charles C. Ryrie, *Balancing the Christian Life* (Chicago, IL: Moody Press, 1978), p. 124.
17. Enns, p. 297.
18. Millard J. Erickson, *Christian Theology* (Grand Rapids, IL: Baker Book House, 1983), p. 450.
19. *Bible Illustrations Hypercard*.
20. J. Dwight Pentecost, *God's Answers to Man's Problems* (Chicago, IL: Moody Press, 1985), p. 9.
21. Warren W. Wiersbe, *Strategy of Satan* (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1980), p.47.
  
22. *Baralho com ilustrações, Dallas Theological Seminary, 3909, Swiss Avenue, Dnllim, Texas, 75204.*
23. *Veja, por exemplo, Ice e Dean, cap 8.*
24. *Stedman, Spiritual Warfare, p. 114.*

#### **Capítulo 7-A Disciplina Divina e o Sofrimento**

1. J. Dwight Pentecost, *God's Answers to Man's Problems* (Chicago, IL: Moody Press, 1985), pp. 26,27.
2. Warren Wiersbe, *The Strategy of Satan* (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1980), p.45.
3. Martyn Lloyd-Jones, *Spiritual Depression: Its Causes and Cure* (Grand Rapids, IL: William B. Eerdmans Publishing Company, 1976), p. 235.
4. Norman Geisler, *The Roots of Evil* (Grand Rapids, IL: Zondervan, 1978), p. 12.
5. C. S. Lewis, *The Problem of Pain* (Nova York, NY: Macmillan, 1975), p. 40.
6. John W. Wenham, *The Enigma of Evil: Can We Believe in the Goodness of God?*, (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1985), p. 56.
7. Millard Erickson, *Christian Theology* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1983), p. 430.

#### **Capítulo 8 - Deus Pode Extrair o Bem do Mal?**

1. Millard Erickson escreve: "*Devemos considerar a dimensão do tempo e da duração. Na realidade, parte do mal que experimentamos causam perturbação em curto prazo; no entanto, um trabalho em longo prazo resulta em bem muito maior. A dor da broca do dentista e o sofrimento pós-operatório podem parecer um grande mal, mas na verdade, isso é muito pequeno à luz do resultado que traz em longo prazo*". (Millard Erickson, *Christian Theology* [Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1985], p. 426.)
2. Joni Eareckson, *Joni* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976), p. 27.
3. Eareckson, p. 50.
4. [www.joniandfriends.org](http://www.joniandfriends.org).
5. Eareckson, p. 152
6. Peter Kreeft, citado em Lee Strobel, *The Case for Faith* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2000), p. 32.

7. Kreeft, citado em Strobel, p. 32.
8. William Lane Craig, No Easy Answers (Chicago, IL: Moody Press, 1990), pp. 96,97.
9. John Wenham, teólogo, observa: "Nas circunstâncias de nossa vida atual, a dor não é, em seu todo, um mal... Normalmente, as dores físicas, em seu estágio inicial, são um aviso e um valioso meio de intimidação para o mau uso das coisas que, em si mesmas, são boas. É muito bom que as crianças logo se afastem quando seus dedos tocam alguma coisa quente". (John W. Wenham, The Enigma of Evil: Can We Believe in the Goodness of God? [Grand Rapids, MI: Zondervan, 1985], p. 54).
10. Norman L Geisler e Ronald Brooks, When Skeptics Ask (Wheaton, IL: Victor Books, 1990). Disponível em CD-ROM no The Norman Geisler CD-ROM Library.
11. Charles Durham, Temptation: Help for Struggling Christians, citado na Bíblia de Estudo Devocional de Max Lucado (Rio de Janeiro, Editora CPAD, 2005), pp. 17, 18.
12. William Lane Craig escreveu: "O fato é que em muitos casos permitimos que adore o sofrimento ocorram na vida da pessoa, a fim de resultar em um grande bem ou por que haja suficientes motivos para permitir isso. Todo pai conhece isso. Chega um momento em que os pais não podem mais proteger seu filho de cada dificuldade, injúria ou infortúnio: e há outros momentos em que o filho deve ser disciplinado para que possamos ensiná-lo a se tornar maduro, responsável, adulto. De maneira similar, Deus pode permitir o sofrimento em nossa vida para nos estruturar, ou testar, ou para estruturar e testar outras pessoas, ou para alcançar alguma outra sobrepujante finalidade". (Craig, p. 81.)

#### **Capítulo 9-A Escola do Sofrimento**

1. Judy Salisbury, A Christian Woman's Guide to Reasons for Faith: Understanding Why You Believe (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 2003), p. 117.
2. Gordon R. Lewis e Bruce A. Demarest, Integrative Theology, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996), p. 323.

*Não é de surpreender que haja pessoas que "optem por não participar" da idéia de que algum bem possa advir do fato de Deus permitir o mal em suas vidas. Rabi Kushner escreve: "Sou uma pessoa mais sensível, um pastor mais efetivo e um conselheiro mais solidário devido à vida e à morte de Aaron*

[meu filho] do que poderia ser sem isso. E, em um segundo, eu abriria mão de todos esses benefícios, se pudesse ter num filho de volta. Se pudesse escolher, eu renunciaria a todo crescimento e aprofundamento espiritual que tive em consequência das experiências que se puseram em meu caminho e voltaria a ser o que era a quinze anos atrás, um rabi mediano, um conselheiro indiferente que ajudava algumas pessoas e era incompetente para ajudar outras, como também era o pai de um brilhante e feliz menino. No entanto, não posso escolher" (suplemento anexado). (Rabbi Kushner, citado em W. Gary Phillips, "The Problem of Evil: A Pastoral Approach — part two: The Good News", adaptado de Making Sense of Your World por W. Gary Phillips e William E. Brown [Chicago, IL: Moody Press, junho de 1991], Michigan Theological Journal, vol. 2, nr. 1 [primavera de 1991], p. 5).

4. William Lane Craig, No Easy Answers (Chicago, IL: Moody Press, 1990), p. 90.
5. Paul Powell, When the Hurt WonT Go Away (Wheaton, IL: Victor Books, 1986), p. 62.
6. Miles Stanford, Principles of Spiritual Growth (Lincoln, NE: Back to the Bible, 1976), p. 11
7. M. R. Dehaan, "Broken things", citado em Charles Swindoll, The Tale of the Tardy Oxcart (Nashville, TN: Word Publishing, 1998), p. 547.
8. Charles Swindoll, The Mystery of God's Will (Nashville, TN: Word Publishing, 1999), p. 22.
9. Veja Elisabeth Elliot, Shadow of the Almighty: The Life and Testament of Jim Elliot (São Francisco, CA: HarperSão Francisco, 1989).
10. Veja John Sherril e Corrie Ten Boom, The Hiding Place (Nova York, NY: Bantam Books, 1984).
11. Citado em Swindoll, The Tale of the Tardy Oxcart, p. 549.
12. William L. Lane, The Gospel According to Mark (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company 1974), p. 307.

#### **Capítulo 10 - Quando Deus Diz: "Não!"**

1. BlaineAllen, When God Says No (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1981), p. 35.
2. J. Dwight Pentecost, God's Answers to Man's Problems (Chicago, IL: Moody Press, 1985), p. 34.
3. Paul Powell, When the Hurt WonT Go Away (Wheaton, IL: Victor Books, 1986), p. 34.
  
4. Veja Ron Rhodes, Christ Before the Manger: The Life and Times of the Preincarnate Christ (Eugene, OR:

Wipf and Stock Publishers, 2002).

5. Haddon W. Robinson, Psalm Twenty-Three (Chicago: Moody Press, 1979), p. 35.
6. Robinson, p. 43.

#### **Capítulo 11 - Parte do Problema: Crenças Mal-Orientadas**

1. Evolution: a Handbook for students by a Medical Scientist (Toronto: International Christian Crusade, 1951), p. 7.
2. Veja Chris Colby, "Evolution", The World and I, vol. II (1 de Janeiro de 1996), p. 294. Disponível online em [www.worldandi.com](http://www.worldandi.com).
3. Dylan Evans e Howard Selina, Introducing Evolution (Cambridge: Totem Books, 2001), p. 8.
4. J. William Schopf, Evolution: Facts and Fallacies (São Diego, CA: Academic Press, 1999), p. 146.
5. Jonathan Wells, "Issues in the Creation-Evolution Controversies", The World and I, vol. II (1 de Janeiro de 1996), p. 294. Disponível online em [www.world-and.com](http://www.world-and.com).
6. Hank Hanegraaff, The Face that Demonstrates the Farce of Evolution (Nashville, TN: W Publishing Group, 1998), p. 28.
7. Peter Hoffman, Hitlers Personal Security, p. 264, citado em Ken Ham, The Lie (El Cajon, CA: Master Books, 1991), p. 85.
8. Stephen Jay Gould, I Have Landed: The End of a Beginning in Natural History (Nova York, NY: Harmony Books, 2002), p. 336.
9. James W. English, "Could Racism Be Hereditary?", Eternity (setembro de 1970), p. 22.
10. Buckner H. Payne, The Negro: What Is His Ethnological Status?, 2d ed. (Cincinnati, OH: 1867), pp. 45,46; resumido por Millard J. Erickson, Christian Theology (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1983), p. 543.
11. Veja Hanegraaff, pp. 24,25.
12. Veja Hanegraaff, p. 29.
13. Carta do editor, Newsweek (7 de abril de 1997).
14. Paul R. Martin, "The Psychological Consequences of Cultic Involvement", Christian Research Journal (inverno/primavera de 1989). Disponível online em [www.equip.org](http://www.equip.org).
15. Paul R. Martin, "Cults and Health", Wellspring Messenger (inverno de 1996), p. 3.

16. B. J. Oropeza, "One More End-Time Scare Ends With a Whimper", *Christian Research Journal* (inverno de 1993), pp. 6, 43.
17. Oropeza, p. 43.
18. *Ibid.*
19. *Ibid.*
20. The Watchtower (15 de novembro de 1967), pp. 702-704.
21. Awake! (8 de junho de 1968), p. 21.
22. The Watchtower (15 de março de 1980), p. 31.
23. The Golden Age (4 de fevereiro de 1931), p. 293.
24. David Reed, How to Rescue Your Loved One from the Watch Tower (*Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1989*), p. 104.
25. Awake! (22 de agosto de 1965), p. 20.
26. Leia How to Rescue Your Loved One from the Watch Tower, p. 20.
27. David Reed, Jehovah's Witnesses Answered Verse by Verse (*Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1992*), p. 22.
28. Leonard & Marjorie Chretien, Witnesses of Jehovah (*Eugene, OR: Harvest house Publishers, 1988*), p. 14.
29. Veja Reed, Jehovah's Witnesses Answered Verse by Verse, p. 89.
30. The Truth Shall Make You Free (*Brooklyn, NY: Watchtower Bible and Tract Society, 1943*), p. 300.
31. David Reed, Blood on the Altar (*Amherst, MA: Prometheus Books, 1996*), p. 79.
32. The New World (*Brooklyn, NY: Watchtower Bible and Tract Society, 1942*), p. 104.
33. Our Kingdom Ministry (março de 1968), pp. 3, 4.
34. Veja Chretien, p. 58.
35. Kenneth Hagin, citado em D. R. McConnell, A Different Gospel (*Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1988*), p. 175.
36. Robert Tilton, no programa de televisão Success-N-Life (27 de dezembro de 1990).
37. Frederick Price, no programa de televisão Ever Increasing Faith (9 de dezembro de 1990).
38. John Avanzini, no programa de televisão Believers Voice of Victory (20 de janeiro de 1991).
39. Avanzini, Believer's Voice of Victory.



40. *Kenneth Copeland, citado em McConnell, p. 171.*
41. *Marilyn Hickey; veja Hank Hanegraaff, Cristianismo em Crise (Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2004), pp. 31, 36, 63, 79, 203, 207, 238, 249, 351, 352, 417.*
42. *Kenneth Copeland, citado em McConnell, p. 172.*
43. *Kenneth Copeland, Laws of Prosperity (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Publications, 1974), p. 67.*
44. *Robert M. Bowman Jr., "The Book of Job: God's Answer to the Problem of Evil". Disponível online em [http://www.apologetics.com/default.jsp?bodycontent=/articles/doctrinal\\_apologetics/bowman-job.html](http://www.apologetics.com/default.jsp?bodycontent=/articles/doctrinal_apologetics/bowman-job.html).*

#### **Capítulo 12-0 Mal É uma Ilusão?**

1. *Bruce J. Nicholls, "Hinduism", em The World's Religions (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1974), p. 136.*
2. *Mark Albrecht, "Hinduism", em Evangelizing the Cults, ed. Ronald Enroth (Ann Arbor, MI: Servant Publications, 1990), p. 22.*
3. *Lewis M. Hopfe, Religions of the World (Nova York, NY: Macmillan, 1991), p. 98.*
4. *Willa Cather e Georgine Milmine, The Life of Mary Baker, G. Eddy and the History of Christian Science (Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1993), p. 12.*
5. *Cather e Milmine, p. 30.*
6. *Quimby Manuscripts, 389, citado em Todd Ehrenborg, Mind Sciences (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996), p. 8.*
7. *Orville Swenson, The Perilous Path of Cultism (Briercrest, CN: Briercrest Books, 1987), p. 160.*
8. *Veja Walter Martin, The Kingdom of the Cults (Minneapolis, MN: Bethany house Publishers, 1985), pp. 128-33.*
9. *Todd Ehrenborg, Speaking the Truth in Love to "The Mind Sciences" (publicação independente), p. 50.*
10. *Mary Baker Eddy, Unity of Good (Boston, MA: Trustees under the Will of Mary Baker G. Eddy, 1908), p. 50.*
11. *Mary Baker Eddy, Science and Health With Key to the Scriptures (Boston, MA: Trustees under the Will of Mary Baker G. Eddy, 1934), p. 377.*
12. *Eddy, Unity of Good, p. 60.*

13. Millard Erickson, *Christian Theology (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1983)*, /> 421.
14. Martin, *The Kingdom of the Cults*, pp. 40,41.
15. Veja James Walker, "Christian Science: Couple Found Guilty of Manslaughter", *The Watchman Expositor*, vol. 7, nr. 9 (1990).
16. Erickson, *Christian Theology*, p. 421.
17. Norman Geislere YutakaAmano, *Reincarnation Sensation (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1986)*, p. 20.
18. RabiMaharaj, "Death of a Guru", *Christian Research Newsletter*, vol. 3, nr. 3, p. 2.
19. Peter Kreeft, *Making Sense out of Suffering (AnnArbor, MI: Servant Books, 1986)*, p. 43.
20. Walter Martin, *Martin Speaks Out on the Cults (Ventura, CA: Regai Books, 1983)*, p. 75.

**Capítulo 13-0 Mal Está todo em nossa Mente?**

1. David Gershon e Gail Straub, *Empowerment: The Art of Creating Your Life As You Want It (Nova York, NY: Delta, 1989)*, contra-capá.
2. *Ibid.*,p.5.
3. *Ibid.*, p. 21.
4. *Ibid.*,p.35.
5. *Ibid.*,p.36.
6. *Ibid.*,p.36.
7. *Ibid.*,p.200.
8. *Ibid.*, p. 199.
9. *Ibid.*, p. 199.
10. *Ibid.*, p 200.
11. Shirley MacLaine, *Dancing in the Light (Nova York, NY: Bantam, 1985)*, p. 133.
12. George Revelyan, *Operation redemption (Walpole, NH: Stillpoint Publishing, 1981)*, p. 83.
13. Levi Dowling, *The Aquarian Gospel of Jesus the Christ (Londres: L. N. Fowler & Co., 1947)*, p. 126.
14. Dowling, p. 15.
15. Dowling, p. 263.
16. David Van Biema, "Emperor of the Soul Combining Medicaí Advice with Indian Metaphysics", *Time (24 de*

junho de 1996), p. 64.

17. John Weldon e Stephen C. Myers, "A Summary Critique", *Christian Research Journal*, inverno de 1994, p. 43.
18. Chíp Brown, "Deepak Chopra has (sniff) a cold", *Esquire* (1 de outubro de 1995), p. 118.
19. Deepak Chopra, *Ageless body, timeless mind* (Nova York, NY: Harmony Books, 1993), p. 6.
20. Deepak Chopra, *Perfect Health: the Complete Mind/Body Guide* (Nova York, NY: Harmony Books, 1990), p. 6.
21. Chopra, *Ageless Body, Timeless Mind*, p. 5.
22. Deepak Chopra, *Quantum Healing: Exploring the Frontiers of Mind/Body Medicine* (Nova York, NY: Bantam Books, 1989), p. 2.
23. Doug Levy, "Deepak Chopra's Path Toward an 'Ageless Body'", *USA Today* (julho de 1994), p. 1.
24. Chopra, *Ageless Body, Timeless Mind*, p. 6.
25. *Ibid.*
26. *Ibid.*
27. Norman L. Geisler e Ronald M. Brooks, *Christianity under Attack* (Dallas, TX: Quest Publications, 1985), p. 43.
28. Norman L. Geisler e Jeff Amano, *The Infiltration of the New Age* (Wheaton, IL: Tyndale House, 1989), p. 20.
29. Elliot Miller, "The Christian Energetic Medicine and 'New Age Paranóia'", *Christian Research Journal* (inverno de 1992), p. 26. Suplemento anexo.
30. Bernie Siegel, *Love, Medicine & Miracles* (Nova York, NY: Harper and Row Publishers, 1986), pp. 19,20.
31. Cathy Hainer, "An Alternative Prescription for Health", *USA Today* (26 de março de 1997).
32. Andrew Weil, *Natural Health, Natural Medicine: a Comprehensive Manual for Wellness and Self-Care* (Boston, MA: Houghton Mifflin Company, 1990), pp. 124, 125.
33. John Weldon e John Ankerberg, "Visualization: God-Given Power or New Age Danger?", parte 1, *Christian Research Journal* (verão de 1996), p. 27.
34. John Weldon e John Ankerberg, "Visualization: God-Given Power or New Age Dangm!", parte 2, *Christian Research Journal* (outono de 1996), p. 21.

**Capítulo 14-A Reencarnação e o Problema do Mal**

1. Geoffrey Parrinder, Dictionary of Non-Christian Religions (Philadelphia, PA: Westminster Press, 1971), p. 286.
2. Veja Norman I. Geisler e J. Yutaka Amano, The Reincarnation Sensation (Wheaton, IL: Tundale House Publishers, 1987), p. 8.
3. "Death", em The 1995 Grolier Multimedia Encyclopedia. Disponível em CD-ROM (Grolier Electronic Publishing, Inc., 1994).
4. John Barry, "The changing American way of death", Orange County Register (4 de julho de 1994).
5. Douglas Connelly, Afterlife: What the Bible Really Says (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1995), p. 45. Suplemento anexo.
6. Os Guinness, The Dust of Death (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1973), p. 195.
7. A citação nesse parágrafo é de James Sire, The Universe Next Door (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1992), pp. 138,139.
8. Douglas Groothuis, Confronting the New Age (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1988), p. 19.
9. Walter Martin, The New Cults (Ventura: Regai Books, 1980), pp. 82,83.
10. Shirley MacLaine, Minhas Vidas (Rio de Janeiro, RJ: Record, 1987).
11. William Henry, "The Best Year of Her Lives", Time (14 de maio de 1984), p. 62.
12. Ken Boa, Cults, World Religions, and You (Wheaton, IL: Victor Books, 1979), p. 13.
13. John B. Noss, Man's Religions (Nova York, NY: Macmillan, 1974), p. 101.
14. Lewis M. Hopfe, Religions of the World (Nova York, NY: Macmillan, 1991), p. 100.
15. John H. Hick, Death and Eternal Life (Nova York, NY: Harper & Row, 1976), p. 315.
16. Veja Noss, p. 90.
17. Geisler e Amano, p. 30.
18. E. D. Walker; citado em Geisler e Amano, p. 92.
19. Geisler e Amano, p. 93.
20. Gary Zukav, The Seat of Soul (Nova York, NY: Simon and Schuster, 1989), p. 45.
  
21. Sukav, The Seat of Soul, p. 45 ff.
22. Paramahansa Yogananda, Autobiography of a Yogi (Los Angeles, CA: Self-Realization Fellowship, 1972),

p. 199.

23. William L. deArteaga, Past Life Visions: a Christian Exploration (Nova York, NY: Seabury Press, 1983), p.81.
24. Douglas Groothuis, "Evangelizing New Agers", Christian Research Journal, inverno/ primavera de 1987, p. 7.
25. Ken Boa e Larry Moody, I'm Glad You Asked (Colorado Springs, CO: Victor Books, 1994), p. 131.
26. Norman L. Geisler e Jeff Amana, "Evil", em New Dictionary of Theology, eds. Sinclair B. Ferguson e David F. Wright (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1988), p. 242.

#### **Capítulo 15-0 Paraíso Restaurado**

1. John Wenham, The Enigma of Evil: Can We Believe in the Goodness of God? (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1985), p. 55.
2. Philip Yancey, Where is God When It Hurts? (Grand Rapids, MI: Zonderan, 1977), p. 176.
3. Paul Powell, When the Hurt Won't Go Away (Wheaton, IL: Victory Books, 1986), p. 119.
4. Douglas Connelly, Afterlife: What the Bible Really Says (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1995), p. 92.
5. Eric Sauer, From Eternity to Eternity (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1995), p. 30.
6. Millard Erickson, Christian Theology (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1987), p. 1229.
7. Citado em Tim LaHaye, Revelation: Illustrated and Made Plain (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1975), p. 315.
8. John Gill, "Hebrews 11.13-15", em The Online Bible CD-ROM, versão 2.5.2.
9. Bruce Shelley, Theology for Ordinary People (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994), p. 212.  
John F. Walvoord, The Church in Prophecy (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1964), p. 164.
  
11. Bruce Milne, Know the Truth (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1982), p. 278.
12. Anthony A. Hoekema, The Bible and the Future (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1984), p. 280.
13. Hoekema, p. 285.

14. *J.I. Packer, ed. Alive to God: Studies in Spirituality (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1992), p. 162.*
15. *Packer, p. 171.*
16. *Packer, p. 163.*
17. *Packer, p. 164.*
18. *Packer, p. 165.*
19. *Citado em Packer, p. 167.*
20. *Gary R. Habermas e J. P Moreland, Immortality: the Other Side of Death (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1992), p. 185.*
21. *Habermas e Moreland, p. 186.*

**Apêndice: Justiça no Fim**

1. *Douglas Connelly, Afterlife: What the Bible Really Says (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1995), p. 119.*
2. *Citado em Charles C. Ryrie, Basic Theology (Wheaton, IL: Victor Books, 1986), p. 513.*
3. *Connelly, p. 118.*
4. *John Wesley, The Nature of Salvation (Minneapolis, MN: Bethany House, 1987), p. 135.*
5. *John Blanchard, Whatever Happened to Hell? (Durham, NC: Evangelical Press, 1993), p. 116.*  
*6 J. Dwight Pentecost, Things to Come (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1974), p. 226.*

## Bibliografia

Adams, Marilyn McCord e Robert Merrihew Adams, *The Problem of Evil*, Oxford, Londres: Oxford University Press, 1990.

Berkhof, Louis, *Annual of Christian Doctrine*, Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1983.

, *Systematic Theology*, Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1982.

Boice, James M., *The Sovereign God*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1978.

Bridges, Jerry, *Trusting God Even When Life Hurts*, Colorado Springs, CO: NavPress, 1988.

Bruce, E. F., *The Hard Sayings of Jesus*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1983.

Buswell, James O., *A Systematic Theology of the Christian Religion*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1979.

Calvin, John, *Institutes of the Christian Religion*, editado por John T. McNeill. Traduzido por Ford Lewis Battles, Philadelphia, PA: The Westminster Press, 1960.

Campbell, Donald K., ed. *Walvoord: A Tribute*, Chicago, IL: Moody Press, 1982.

Carson, D. A., *How long, o Lord? Reflections on Suffering and Evil*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1990.

Chafer, Lewis Sperry, *Systematic Theology*, Wheaton, IL: Victor Books, 1988.

Charnock, Stephen, *The Existence and Attributes of God*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1996.

Clouse, Robert G., ed. *War: Four Christian Views*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1991.

Cobb, John B. e David Ray Griffin, *Process Theology: An Introductory Exposition*, Philadelphia, PA: The Westminster Press, 1976.

Craig, William Lane, *No Easy Answers: Finding Hope in Doubt, Failure, and Unanswered Prayer*, Chicago, IL: Moody Press, 1990.

Davids, Peter, *More Hard Sayings of the New Testament*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1991.

Eareckson, Joni, *Joni*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976.

Elwell, Walter A., ed., *Evangelical Dictionary of Theology*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1984.

—, ed. *The Concise Evangelical Dictionary of Theology*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1991.

Enns, Paulo, *The Moody Handbook of Theology*, Chicago, IL: Moody Press, 1989.

Erickson, Millard J., *Christian Theology*, edição completa de um volume, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1987.

Erickson, Millard J., *Introducing Christian Doctrine*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1996.

Feinberg, John S., *The Many Faces of Evil: Theological Systems and the Problem of Evil*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994.

Geisler, Norman, *Baker Encyclopedia of Christian Apologetics*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1999.

, *Christian Apologetics*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1976.

, *Philosophy of Religion*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1974.

, *The Roots of Evil*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1978.



Geisler, Norman e Ronald Brooks, *When Skeptics Ask*, Wheaton, IL: Victor Books, 1990.

Geisler, Norman e Thomas Howe, *When Critics Ask: A Popular Handbook on Bible Difficulties*, Wheaton, IL: Victor Books, 1992.

Geivett, R. Douglas, *Evil and the Evidence for God: The Challenge of John Hick's Theodicy*, Philadelphia, PA: Temple University Press, 1993.

Grudem, Wayne, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrines*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994.

Gundry, Stanley, e Alan F. Johnson, eds., *Tensions in Contemporary Theology*, Chicago, IL: Moody Press, 1976.

Henry, Carl F. H., ed., *Baker's Dictionary of Christian Ethics*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1978.

, ed. *Basic Christian Doctrines*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1983.

Hick, John, *Evil and the God of Love*, Nova York, NY: Harper & Row Publishers, 1966.

Hodge, Charles, *Systematic Theology*, edição resumida. Editada por Edward N. Gross, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1988.

Howard-Snyder, Daniel, ed., *The Evidential Argument from Evil*, Indianapolis, IN: Indiana University Press, 1996.

Kaiser, Walter, *Hard Sayings of the Old Testament*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1988.

, *More Hard Sayings of the Old Testament*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1992.

Kreeft, Peter e Ronald Tacelli, *Handbook of Christian Apologetics*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994.

Kreeft, Peter, *Making Sense Out of Suffering*, Ann Arbor, MI: Servant Books, 1986.

Leibniz, G. W., *Theodicy*, Chicago, IL: Open Court, 1990.

- Lewis, C. S., *The Screwtape Letters*, Londres, Inglaterra: Fontana Books, 1973.
- Lewis, Gordon e Bruce Demarest, *Integrative Theology*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996.
- Lightner, Robert, *Evangelical Theology: A Survey and Review*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986.
- , *The God of the Bible; An Introduction to the Doctrine of God*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1973.
- McDowell, Josh, e Don Stewart, *Answers to Tough Questions Skeptics Ask About the Christian Faith*, Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1988.
- , *Reasons skeptics should consider Christianity*, Mheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1988.
- McGill, Arthur C, *Suffering a Test of Theological Method*, Philadelphia, PA: The Westminster Press, 1982.
- Milne, Bruce, *Know the Truth: A Handbook of Christian Belief*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1982.
- Moreland, J. P. e Kai Nielsen, *Does God Exist?*, Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1990.
- Morey, Robert, *The New Atheism and the Erosion of Freedom*, Minneapolis, MN: Bethany House Publishers, 1986.
- O'Brien, David, *Today's Handbook for Solving Bible Difficulties*, Minneapolis, MN: Bethany House Publishers, 1990.
- Packer, J. I., *Knowing God*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1979.
- Pentecost, J. D., *Gods Answer to Man's Problems*, Chicago, IL: Moody Press, 1985.
- Pink, A. W., *The Attributes of God*, Alexandria, LA: Lamplighter Publications, n.d.
- , *The Sovereignty of God*, Londres, Inglaterra: The Banner of Truth Trust, 1972.

Plantinga, Alvin C, *God, Freedom, and Evil*, Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1974.

Plantinga, Cornelius Jr., *Not the Way It's Supposed to Be: A Breviary of Sin*, Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1995.

Ramm, Bernard, *Protestant Biblical Interpretation*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1978.

Rhodes, Ron, *Angels Among Us: Separating Truth From Fiction*, Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1994.

, *Christ Before the Manger: The Life and Times of the Preincarnate Christ*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1992.

, *Heaven: the undiscovered country—exploring the wonder of the afterlife*, Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1996.

, *Quick-Reference Guide to Angels*, Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1997.

, *The Heart of Christianity: What it Means to Believe in Jesus*, Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1996.

, *When Servants Suffer: Finding Purpose in Pain*, Wheaton, IL: Harold Shaw Publishers, 1989.

Ryrie, Charles C, *Basic Theology*, Wheaton, IL: Victor Books, 1986. Salisbury, Judy, *A Christian Woman's Guide to Reasons for Faith*, Eugene, OR: Harvest House Publishers, 2003.

Sauer, Erich, *From Eternity to Eternity*, Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1979.

, *The Dawn of World Redemption*, Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1977.

, *The Triumph of the Crucified*, Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1977.

Smith, David L., *A Handbook of Contemporary Theology*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1992.

Story, Dan, *Defending Your Faith: How to Answer the Tough Questions*, Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1992.

Stowell, Joseph M., *Eternity: Reclaiming a Passion for What Endures*, Chicago, IL: Moody Press, 1995.

Strobel, Lee, *The Case for Faith*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 2000. Swinburne, Richard, *Providence and the Problem of Evil*, Oxford, Inglaterra: Clarendon Press, 1998.

Swindoll, Charles R., *The Mystery of God's Will*, Nashville, TN: Word Publishing, 1999.

, *The Tale of the Tardy Oxcart*, Nashville, TN: Word Publishing, 1998.

Thiessen, Henry Clarence, *Lectures in Systematic Theology*, Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1981.

Tozer, A. W., *The Knowledge of the Holy*, Nova York, NY: Harper & Row Publishers, 1961.

Voord, John F. e Roy B. Zuk, eds., *The Bible Knowledge Commentary: New Testament*, Wheaton, IL: Victor Books, 1983.

, eds, *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*, Wheaton, IL: Victor Books, 1985.

Wenham, John W., *The Enigma of Evil: Can We Believe in the Goodness of God?*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1985.

Yancey, Philip, *Pain: The Gift Nobody Wants*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1993.

## *Sobre o Autor*

**Dr. Ron Rhodes**

*Reasoning from the Scriptures Ministries*

P. O. Box 2526

Frisco, TX 75034

Web site: [www.ronrhodes.org](http://www.ronrhodes.org)

e-mail: [ronrhodes@earthlink.net](mailto:ronrhodes@earthlink.net)

Boletins gratuitos disponíveis mediante pedido.

